

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA**  
**Departamento de Sociologia**

**DESENVOLVIMENTO E MUDANÇA NOS**  
**TERRITÓRIOS RURAIS DEPRIMIDOS**  
**O caso dos Jovens da Freguesia de Cachopo (Tavira)**

**Vanessa Sofia Duarte Alcântara de Sousa**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Planeamento e Avaliação de Processos de Desenvolvimento**

**Orientadora:**  
**Prof. Doutora Isabel Guerra**

**Agosto de 2006**

## **Resumo**

Esta investigação pretende dar um contributo para a compreensão das mudanças em curso nos espaços rurais. A partir de um estudo de caso sobre os jovens da freguesia de Cachopo no interior da Serra do Caldeirão, procura-se analisar as suas racionalidades e estratégias de permanência e abandono do território. Este é considerado como um dos que apresenta uma situação mais frágil no contexto regional: ao nível demográfico, económico e qualificacional. É desenvolvida uma reflexão que visa perceber quais os factores de atracção e repulsão do território. Os resultados apontam para um maior entrosamento entre o meio rural e urbano, traduzido nas mobilidades espaciais crescentes e na multiplicidade de referências identitárias que caracterizam estes jovens.

Identificam-se descontinuidades entre o modelo de desenvolvimento projectado pelos jovens e aquele que é preconizado localmente, podendo ser um, entre outros, dos elementos justificativos do abandono.

Os apelos da modernidade e do modo de vida urbano – tidos como modelo de referência – são estruturantes na definição dos percursos de vida dos jovens e, conseqüentemente, nas representações que têm dos espaços rurais. Mas os processos de mudança têm vindo a mostrar-se tão rápidos e com impactos tão significativos, que o futuro deste e de outros territórios em iguais condições fica entreaberto e reticente.

**Palavras-Chave:** Rural; Urbano; Desenvolvimento; Juventude.

## **Abstract**

The present research work intends to contribute to a better understanding of the ongoing changes in the rural areas. Starting from a case study based on the youngsters from Cachopo, a village located in the heart of the Caldeirão Sierra, it proceeds to analyse their *Anschauung* and strategies as regards staying in or leaving the territory. This specific zone is one, among others, that reveals a particularly vulnerable situation - concerning demographic, economic and educational factors - within the regional context of the Algarve. The study tries to single out and examine the factors that condition people in order to either attract them to, or repel them from, rural localities like this one. The results show a much closer connection, than before, between the rural and the urban areas, which is reflected in increasing spatial mobility and in the multiple identity references that characterize these young people.

Several discontinuities between the development model that is conceptualised by the youngsters and the one that is actually going on in the territory are here detected. This fact is certainly one of the elements, among others, that incite their exodus.

The appeal of modernity and the urban way of life – seen as models of reference – act as determinants upon the definition of the life projects of the young people and, consequently, upon their own representations of the rural society.

The recent processes of change have been so rapid and generated such important impacts that the future of the Cachopo village and other similar territories remains uncertain and ambiguous.

**Keywords:** Rural; Urban; Development; Youth.

*Aos meus Mestres  
Germano, Idalina, Isabel, Isolina e Nelson*

## AGRADECIMENTOS

Um trabalho de pesquisa sociológica é sempre resultado do contributo de um conjunto de pessoas. É devido esse agradecimento como forma de reconhecimento do apoio científico, profissional, institucional e, principalmente, emotivo, que foi dado ao longo dos anos que permearam a realização desta dissertação.

Este trabalho não teria sido possível sem a autorização dos promotores da pesquisa, que dá origem a este texto: Dra. Priscila Soares, Presidente da Direcção da Associação In Loco, e Eng<sup>o</sup>. Macário Correia, Presidente da Câmara Municipal de Tavira. Às colegas do trabalho de campo, Dra. Teresa Custódio e Elsa Gonçalves, também é devido o reconhecimento pelo seu apoio e colaboração. Mas o suporte fundamental, sem o qual não se poderia ter alcançado qualquer resultado, foi dado por todos os jovens de Cachopo que colaboraram e se envolveram em todo o projecto. É ainda de sublinhar todo o apoio prestado pelas instituições e individualidades locais.

Do ponto de vista científico, é de destacar o papel da orientadora deste trabalho, Prof. Doutora Isabel Guerra, que foi sempre incansável no incentivo e no apoio disponibilizado. Mais do que profissional e mestre, revelou-se sempre uma grande amiga. Foram, igualmente, dados contributos pontuais que não podem ser menosprezados. Um agradecimento especial à Dra. Aida Valadas de Lima, ao Prof. Doutor António Fragoso de Almeida, ao Prof. Doutor Machado Pais e ao Dr. Alberto Melo.

Aos colegas da Universidade do Algarve é devido um grande agradecimento. Em particular, à Prof. Doutora Maria das Mercês Covas, à Prof. Doutora Teresa Carreira e ao Prof. Doutor João Filipe Marques, por terem sido incansáveis no apoio para que esta dissertação se tornasse uma realidade. Aos meus colegas, Bernardete Sequeira e João Martins, devo gratidão pelas luzes que me foram dando na reflexão sobre os meus caminhos da pesquisa. Os alunos revelaram-se mais do que um incentivo, são a razão da realização deste trabalho.

Mas a família e os amigos foram essenciais, quer no apoio ao trabalho a desenvolver, quer no equilíbrio emotivo que tanto é carecido nos momentos de qualquer processo de investigação. À Beta e ao Pedro, um grande agradecimento pela excepcional amizade. À colega e amiga Otilia fico muito grata pelo seu companheirismo, pelo seu respeito e pelo seu carinho. Mãe, marido, avó, irmãs, cunhados, sobrinhos, sogros, todos se revelaram um suporte fundamental. Sem vocês, nada faria sentido!

A todos, obrigada.

*“Eles não sabem que o sonho  
é uma constante da vida...  
Eles não sabem nem sonham  
que o sonho comanda a vida  
e que sempre que o homem sonha  
o mundo pula e avança...”*

*António Gedeão*

## ÍNDICE

Introdução.....	11
1. O rural em abandono e depressão: políticas e tendências .....	15
1.1. Políticas para os espaços rurais.....	18
1.2. Dinâmicas territoriais.....	23
2. Cachopo como estudo de caso.....	30
3. As mobilidades como elementos estruturantes da mudança .....	44
4. O urbano como apelo identitário .....	57
5. Visão e práticas amorfas sobre o desenvolvimento local.....	66
6. O perfil dos que ficam e dos que vão .....	73
Conclusão .....	85
Bibliografia.....	97
ANEXOS .....	105
ANEXO 1. Nota Metodológica referente ao trabalho de campo.....	106
ANEXO 2. Informação sobre a Base de Dados dos Territórios do Algarve.....	110
ANEXO 3. Guião de Entrevista .....	117
ANEXO 4. Sinopses das Entrevistas.....	121

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Análise do PROT Algarve à luz das prioridades estratégicas para o Interior/ Serra .....	21
Figura 2. Tipologia de Territórios no Algarve .....	29

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Indicadores demográficos no Algarve e no País, em 1991 e 2001.....	24
Quadro 2. População, População Urbana e Rural nos concelhos do Algarve, em 1991 e 2001 .....	26
Quadro 3. Indicadores demográficos de Cachopo, Tavira e Algarve (1991 e 2001) .....	32
Quadro 4. Indicadores de Actividade e Inactividade em Cachopo, Tavira e Algarve (1991 e 2001).....	34
Quadro 5. Jovens segundo o tipo de residência e lugar de origem e jovens estudantes residentes habituais segundo o lugar de origem .....	37
Quadro 6. Jovens trabalhadores segundo a profissão exercida e tipo de residência .....	42
Quadro 7. Jovens segundo o tipo de residência e opção de residência futura.....	47
Quadro 8. Jovens segundo o sexo e opção de residência futura.....	47
Quadro 9. Tipos de posições face a um futuro residencial em Cachopo.....	49
Quadro 10. Meio de deslocação utilizado no quotidiano .....	55
Quadro 11. Avaliação da rede viária para fora de Cachopo.....	56
Quadro 12. Tipos de Ocupação dos Tempos Livres.....	59
Quadro 13. Jovens segundo o tipo de residência, o estado civil e a situação face ao trabalho (valores absolutos).....	75
Quadro 14. Jovens segundo o tipo de residência, a tipologia de famílias e o nº de elementos do agregado familiar.....	76
Quadro 15. Jovens segundo a origem do(a) namorado(a)/ cônjuge e tipos de posições face a um futuro residencial em Cachopo .....	78
Quadro 16. Jovens segundo a expectativas quanto ao local de trabalho .....	83

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Pirâmides etárias de Cachopo (1991 e 2001) .....	32
Gráfico 2. Estrutura da população segundo as habilitações literárias, Cachopo e Tavira (1991 e 2001).....	33
Gráfico 3. Estrutura da actividade económica da população residente em Cachopo, Tavira, Algarve e Portugal (2001) .....	35
Gráfico 4. Jovens segundo o sexo e tipo de residência (%) .....	38
Gráfico 5. Jovens segundo a situação escolar, o sexo e as habilitações literárias (%).....	39
Gráfico 6. Jovens segundo o estado civil e tipo de residência (V.A. e %).....	74
Gráfico 7. Jovens trabalhadores segundo o grupo etário e tipo de residência (V.A. e %) ..	79
Gráfico 8. Jovens segundo as habilitações literárias e o tipo de residência (V.A. e %).....	81

## ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1. Freguesias do Algarve segundo a tipologia das dinâmicas territoriais emergentes .....	27
Mapa 2. Localização da freguesia de Cachopo no contexto do Município de Tavira e da Região do Algarve .....	30
Mapa 3. Fluxos residenciais dos jovens que já abandonaram a freguesia (não resistentes) e daqueles que perspectivam o abandono futuro (resistentes cépticos) .....	51
Mapa 4. Movimentos pendulares dos jovens (casa- trabalho/ casa-escola) .....	53

## Introdução

Num momento em que se discutem as opções estratégicas do país para os próximos anos no quadro dos financiamentos comunitários, há territórios que verão diminuídas as oportunidades de investimento. Mas, independentemente disso, é certo que o país sofreu mudanças positivas profundas ao nível social, económico e cultural nas últimas décadas. No entanto, se o que se vai almejando é a coesão territorial e social, não é menos verdade que se criam, mantêm ou agudizam algumas das desigualdades. Interessa aqui, em particular, um olhar sobre o que, por via de um facilitismo analítico e terminológico, se vão denominando de espaços rurais. A análise dual que se vai fazendo entre litoral/ interior, inequívoca do ponto de vista de conclusões generalizantes sobre as dinâmicas de ocupação e de desenvolvimento do território português, deixa por «terra» uma interpretação mais refinada que se exige na análise da coesão sócio-territorial.

Não se pode pensar que para todo o território rural português se identificam dinâmicas idênticas. Por um lado, porque os contextos históricos, sociais, culturais e económicos são diferenciados e, por outro, porque a maior ou menor proximidade a centros urbanos pode, igualmente, ser indutora de dinâmicas espaciais bem distintas. Generalizar, a este nível, é também bastante redutor. Mas há, sem dúvida, um conjunto de espaços rurais que se vão mantendo em situação «deprimida»<sup>1</sup>, ou seja, que vão manifestando perdas continuadas de população, com a conseqüente elevação significativa dos índices de envelhecimento e que vão perdendo dinâmica empresarial e económica – principalmente no que concerne à função agrícola e produção alimentar. Estes espaços rurais enquadram-se na tipologia apresentada no Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT), sendo denominados de “*territórios socialmente fragilizados e com predomínio de espaços florestais*”<sup>2</sup>. Esta situação-tipo “*assume uma dimensão especialmente crítica dado que corresponde a territórios com condições*

---

<sup>1</sup> Utilizou-se recentemente a expressão de «baixa densidade» num estudo que abrange parte significativa do barrocal e serra algarvia que não nos parece reflectir as dinâmicas que são objecto desta investigação. As baixas densidades podem corresponder territórios dinâmicos, ou seja, que não se encontram em situação de depressão económica e social. Vide a este respeito Delegação Regional do Algarve – INE (2003). Tal é expressão igualmente utilizada nas versões disponíveis de programação regional dos fundos estruturais, não fazendo distinção – que se julga necessária – entre o barrocal e a serra que demonstram dinâmicas bem diferenciadas (Correia, 2005).

<sup>2</sup> Procurando captar a diversidade dos espaços rurais nacionais são definidas, nesse relatório, as seguintes situações-tipo: i) “*Presença relevante da agricultura competitiva*”; ii) “*Domínio da agricultura extensiva com potencial agro-ambiental*”; iii) “*Agricultura diversificada e multifuncional em zonas interiores*”; iv) “*Agricultura em áreas peri-urbanas*”; e, por fim, aquela em que se enquadra o território em análise, v) “*Territórios socialmente fragilizados e com predomínio de espaços florestais*” (MAOTDR, 2006b: 47)

*naturais adversas, por vezes de difícil acessibilidade, com tecidos económicos e sociais frágeis*” (MAOTDR, 2006b: 48). A investigação aqui apresentada incide, então, sobre um desses territórios, a saber, a freguesia de Cachopo, situada na área serrana do concelho de Tavira.

Há uma dimensão que, naturalmente, não aparece evidenciada no quadro das políticas públicas e que não deixa de ser de somenos importância. Transpondo a análise das relações sociais, para a das relações espaciais, podemos entender os espaços como dotados diferenciadamente de recursos e, conseqüentemente, com níveis de poder e de negociação bem distintos. Se se equacionam “*as relações sociais como relações de poder*” (Guerra, 2000: 39), o mesmo se pode deduzir para as relações espaciais que compreendem igualmente relações sociais de âmbito complexo e alargado. Ora, os espaços rurais deprimidos estarão também numa situação em que esse desprovemento de poder, advindo de recursos limitados para a acção, tem um papel fundamental para o seu futuro.

No seio destas relações complexas entram diferentes tipos de actores: públicos, privados e o conjunto dos seus residentes. Se é certo que muitas das soluções podem passar pela intervenção pública não é menos verdade que o futuro destes territórios não pode depender exclusivamente dessa. Quando há um amorfismo generalizado sobre o território, seja ao nível empresarial ou da dinâmica individual, a actuação pública – de nível central, regional ou local – pode não ser suficiente e, por vezes, pode tornar-se completamente ineficaz e ineficiente.

Quais são, então, os factores de atracção e de repulsão dos territórios rurais deprimidos? Através da «voz» daqueles que podem ou não preconizar o futuro destes territórios – os jovens – procuraremos perceber quais as racionalidades conducentes a estratégias de abandono e de fixação nestes territórios. Utiliza-se como contexto territorial de análise a freguesia de Cachopo, situada na parte serrana do concelho de Tavira. Considera-se que a racionalidade dos actores é fundamental para a explicação dos processos de reorganização territorial em curso. Não sendo pretensão a concepção de generalizações para esta tipologia de espaços ao nível nacional, certo é que as representações e práticas juvenis locais serão bem elucidativas sobre o seu futuro. Se haverá conclusões muito contextualizadas outras serão bem passíveis de utilização para a compreensão dos percursos que aí estão a ser traçados.

Opta-se por uma «sociologia dos processos», ou seja, pretende-se passar de uma análise das regularidades – que apoia a investigação, numa primeira fase, enquanto elemento de enquadramento do território e do contexto em estudo – para uma análise dos

processos – centrada na racionalidade dos sujeitos<sup>3</sup>. Assume-se assim que o sujeito (individual ou colectivo) pode ser pensado como um actor capaz de cálculo e de escolha num contexto de «racionalidade limitada» (Guerra, *op.cit.*: 39). Partindo do reconhecimento da complexidade das relações sociais, não constitui objectivo a identificação de «leis da mudança» sejam essas absolutas (caso de Comte, Mills, Rostow e mesmo de Parsons, *cit. in* Boudon, 1990) ou condicionais (passível de identificação em Tocqueville e nas abordagens neomarxistas, *id. ibidem*). Embora seja tentadora a reflexão sobre o futuro que os espaços rurais podem vir a preconizar, certo é que a mudança é cada vez mais rápida e cada vez menos linear, o que apela a um centramento na forma como essa se está a produzir ao invés de um olhar de carácter historicista ou evolucionista. A mudança social é o resultado de uma teia complexa de relações colectivas mediadas por um conjunto de decisões individuais.

Algumas das dimensões analíticas utilizadas na operacionalização do conceito de modos de vida (Guerra, 1993) são aqui recuperadas, pese embora exista um enfoque sobre a racionalidade dos sujeitos conducente a práticas de abandono ou de continuidade nesse território. Procede-se a uma leitura assente na inter-relação entre sistema e actores considerando a existência de estruturas que se assumem como resultado das opções dos sujeitos face aos recursos e capacidades passíveis de mobilização. Por outro lado, procuram-se captar dimensões do quotidiano (lazer, consumo, vida familiar e profissional) que possam ser ou não explicativas dessas racionalidades. Por fim, constitui igualmente objecto a captação das dimensões objectivas e subjectivas identitárias, ou seja, a análise das «racionalidades» e dos «afectos», das «práticas» e dos «projectos».

O texto encontra-se estruturado em seis capítulos que acabam por perfilar o conjunto dos grandes questionamentos e conclusões face aos resultados encontrados.

A primeira parte contempla um enquadramento contextual da problemática em estudo. Apresentam-se as linhas normativas que orientarão a intervenção ao nível do planeamento e ordenamento nos próximos anos, dando enfoque ao conjunto de intencionalidades para o território em análise. Segue-se a leitura sobre as dinâmicas territoriais emergentes na região do Algarve. A partir de um conjunto variado de indicadores é possível identificar grupos de territórios com características similares. É dessa análise tipológica que se parte para a contextualização da freguesia de Cachopo ao nível regional, realizada no segundo capítulo deste trabalho. É empreendida uma análise

---

<sup>3</sup> Perspectiva veiculada por Touraine, 1984 *cit. in* Guerra, 2002.

das características do território e das tendências registadas ao nível de diferentes indicadores sócio-económicos. De seguida, procede-se a uma caracterização dos jovens entrevistados.

Os capítulos seguintes incidem sobre as dimensões estruturantes da mudança em curso. Em primeiro lugar, analisam-se as mobilidades espaciais como um factor central para a efectivação do abandono da freguesia. Essas mobilidades são elementos de mediação entre o rural e o urbano, bem exemplificativa da miscigenação dos modos de vida. O quarto capítulo centra-se na análise da importância da experimentação urbana que se conclui ser um dos factores explicativos do abandono do território. Dessas práticas e socializações urbanas resultam construções identitárias muito peculiares donde se evidencia a referência urbana como modelo para os jovens. O quinto capítulo centra-se sobre as representações que os jovens têm do seu território, que são, sem dúvida, consequência directa das constantes mobilidades e da experimentação urbana que medeia o seu quotidiano. Destacam-se, assim, visões de desvalorização do contexto local na medida em que este não dá resposta àquilo que os jovens querem para si, no presente e no futuro.

Por fim, na última parte do texto é elaborada uma análise mais exaustiva sobre as variáveis com influência nas práticas e estratégias de permanência e de abandono do território. Desta investigação ressalta o estudo de um caso que é emblemático do conjunto de mudanças sociais que são correntemente assinaladas para os espaços rurais. O que acontece em Cachopo explica-se fundamentalmente por todo o conjunto das dinâmicas urbanas envolventes.

## 1. O rural em abandono e depressão: políticas e tendências

O rural de hoje não é, com certeza, o mesmo de há décadas atrás, assim como o urbano que conhecemos tem vindo a sofrer mudanças rápidas com impactos em todas as esferas do social. É, portanto, inevitável associar a globalização<sup>4</sup> aos processos de reorganização territorial em curso.

A dualidade analítica, que foi predominando na diferenciação dos espaços, passa a fazer cada vez menos sentido. Na sua génese, a dicotomia rural-urbano traduzia dois modelos opostos em termos de organização social e espacial. À luz das teorias da modernização reproduzia a dicotomia tradicional-moderno. O rural estava associado ao tradicional e, paralelamente, ao subdesenvolvido, ao obsoleto, sendo um estágio inicial de desenvolvimento das sociedades. Por outro lado, o urbano surgia interligado ao moderno, reportando-se ao modelo que as sociedades ditas tradicionais deveriam seguir. Nas teorias da modernização identificam-se o progresso tecnológico e consequente crescimento económico como duas dimensões centrais do desenvolvimento, tratando-se dessas sociedades tradicionais serem apoiadas pelas sociedades modernas (Europa e EUA). O peso ideológico destas abordagens foi de tal modo significativo que associar o rural a tradicional ou periférico, e urbano a moderno ou central faz ainda parte da linguagem comum<sup>5</sup>. O êxodo rural que marcou e ainda vai marcando o palco das tendências demográficas ao nível mundial terá, em parte, relação com um imaginário narcisista das cidades ou espaços urbanos.

As mudanças significativas que se foram verificando nos espaços rurais estão fortemente associadas ao processo de globalização económica. Por um lado, a introdução de novas tecnologias na produção agrícola faz diminuir a necessidade do anterior efectivo de trabalhadores. Em paralelo, regista-se uma desvalorização social da actividade agrícola e uma desvalorização económica dos produtos agrícolas. O pequeno agricultor dificilmente se encontra capacitado para competir à escala global. Cria-se a ideia generalizada de que é

---

<sup>4</sup> De uma forma sintética poderíamos dizer que a globalização se refere “à multiplicidade de ligações e interconexões que caracterizam o presente sistema mundial. Descreve o processo pelo qual os acontecimentos, decisões e actividades levadas a cabo numa parte do mundo acarretam consequências significativas para os indivíduos e comunidades em zonas distantes do globo. A globalização compreende dois fenómenos distintos: alcance (ou extensão) e intensidade (ou profundidade)” (McGrew et al, 1992 cit. in Grupo de Lisboa, 1994: 49).

<sup>5</sup> A opção pela denominação de “territórios rurais deprimidos” prende-se com a necessidade de se evitar um posicionamento no quadro dessas abordagens. É comum a denominação de territórios periféricos ou ainda marginais, que nos parecem transpor a existência de um modelo a partir do qual se deve equacionar desenvolvimento dos territórios.

na cidade que repousam as oportunidades de emprego. É este êxodo rural à escala global que está na origem do crescimento acelerado que se regista nas cidades.

A crescente interpenetração territorial traduz um novo relacionamento entre rural e urbano, provocando novos desafios à análise sociológica. À Sociologia Urbana coube o pioneirismo na abordagem espacial e a Sociologia Rural tendeu a centrar-se sobre as estruturas agrárias. No entanto, dada a complexidade inerente a essa interpenetração espacial torna-se necessário associar estes dois campos analíticos e empreender uma abordagem centrada nos territórios como um todo (Barros, 1990). Muito do que acontece hoje nos espaços rurais é tradução das mudanças registadas nas cidades. Mas também tem sido à custa de um êxodo rural, muitas vezes massificado, que se vão verificando maiores fragmentações nas cidades, de que são exemplo o aumento dos fenómenos de exclusão social, o crescimento incontrolado de subúrbios desqualificados, o aumento do desemprego pela incapacidade de resposta a uma mão-de-obra que vai crescendo de forma incessante, etc.

“Hoje quando falamos do rural e das transformações que ele regista estamos, em grande medida, a falar tanto de urbanização (das ocupações profissionais, dos modos de vida e de consumo, das formas de locomoção, etc.) como de espaços de indústria; estamos, em grande medida, a falar quer de espaços de lazer, quer de processos de produção de valores simbólicos.” (Reis, 2003: 41)

“Ressalve-se, desde já, que estamos cientes de que o dito *mundo rural* português já não é rural nem mundo. É de todos conhecida a multiplicação real e simbólica das *cidades médias*, bem como a sua dilatação e influência sobre os povoados próximos. Trata-se amiúde de espaços numa marcha rotunda para a urbanidade faz-de-conta. Não menos importante, verifica-se ainda a assimilação pelos rurais dos estilos de vida citadinos.” (Portela, 2003: 9)

Temos, então, uma sociedade ocidental predominantemente urbana, não apenas ao nível das formas de ocupação dos espaços, mas também no que respeita aos modos de vida. Toda a sociedade tem vindo a passar por um

“(…) processo de urbanização, que, com a chamada revolução industrial, começou por alterar a fisionomia do mundo ocidental e continua hoje em dia a modificar as geografias, as mentalidades e as práticas sociais em todo o mundo.(…) Com efeito, enquanto em 1950 cerca de um quarto da população do globo vivia em aglomerados urbanos, em 1990 regista-se a existência de 270 cidades com mais de 1 milhão de habitantes (...) [estima-se que] no ano 2010, a população urbana possa ultrapassar os três quartos da população mundial.” (Fortuna, 1997:3).

Os processos de socialização dos indivíduos são marcados por essas interconexões espaciais que conduzem a uma apropriação múltipla de referências identitárias. Por isso, as

distinções que se vão fazendo são mais de carácter normativo<sup>6</sup> do que analítico. “*O rural perdeu especificidade nas dimensões social e económica e os critérios que o delimitam do mundo urbano ou que nele diferenciam tipos, resultam hoje mais das actividades da população e do modo como esta se distribui no espaço do que de decisivas diferenças sociológicas.*” (Baptista, 2003: 47) As associações que anteriormente eram feitas ao rural – sentido de comunidade, de coesão<sup>7</sup>, de conservadorismo – e ao urbano – impessoalidade, racionalidade, individualismo – são cada vez mais frágeis, na medida em que se vão diluindo as fronteiras de diferenciação.

O que se vai verificando é que, a par com o processo de urbanização acelerado se tendem a intensificar as desigualdades espaciais. Poderíamos aqui fazer um paralelismo com o que Castel (*cit. in* Costa: 2001b) elabora em termos de conceptualização da exclusão social para a exclusão territorial. Também nalguns territórios se identifica um processo contínuo de marginalização que, no limite, conduz à sua total exclusão face aos territórios envolventes. Nesse processo identificam-se um conjunto de rupturas em termos económicos, sociais, culturais e outros que podem conduzir, no limite, a essa exclusão. Trata-se à semelhança do enunciado pelo autor de um processo de decadência e de acumulação múltipla de situações de exclusão dos sistemas sociais básicos<sup>8</sup>. É mais fácil um território entrar em processo de exclusão do que ter condições para sair desse.

“O reconhecimento da relevância do domínio *territorial* no estudo da exclusão social, é recente, e tem a ver com o facto de existirem certas situações em que a exclusão diz respeito não apenas às pessoas e famílias, mas a todo um território. É este o caso dos bairros de lata e outros tipos de bairros degradados, e de certas freguesias ou concelhos rurais, em que as condições de vida das famílias dificilmente podem melhorar se não se tomarem medidas que promovam o progresso de todo o espaço nos domínios da habitação, dos equipamentos sociais, das acessibilidades, e até de actividades económicas. É uma situação em que todo o território está excluído da cidade (no caso de um bairro) ou do país (caso do concelho) a que pertence.” (Costa, 2001b:16).

Não se pode apontar a irreversibilidade do processo de exclusão de alguns espaços, mas não é menos verdade que o processo de integração se torna deveras complexo quer

---

<sup>6</sup> Ao nível oficial português são definidas a este nível três tipologias espaciais, a saber: Áreas Predominantemente Rurais (APR's); Áreas Medianamente Urbanas (AMU's); e, Áreas Predominantemente Urbanas (APU's). Para cada uma dessas áreas são definidos diferentes critérios relacionados com a densidade e funcionalidade dos espaços.

<sup>7</sup> Almeida (2002: 1048) critica o sentido de coesão que é muitas vezes associado aos espaços rurais, afirmando que, pelo contrário, existem significativas fragmentações e conflitualidades. O mesmo é referido por Voyé e Remi (1994: 28-29) aquando da análise do sistema social na aldeia não urbanizada, sublinhando a existência de clãs com líderes reconhecidos colectivamente e, em que, facilmente se podem revelar as conflitualidades internas.

<sup>8</sup> Vide a este respeito Costa (2001).

pelas múltiplas variáveis em presença quer pelo carácter contextual das situações de exclusão.

### *1.1. Políticas para os espaços rurais*

O futuro dos espaços rurais, em particular daqueles que se encontram em situação mais debilitada depende, em muito, do conjunto de opções estratégicas a serem tomadas. Há um conjunto de instrumentos de planeamento e ordenamento do território que podem ser decisivos para o território em análise.

As políticas públicas sobre os espaços rurais estão sempre a par com a intervenção prevista para a agricultura. Sem dúvida que a sua centralidade na subsistência e na organização da vida social destes espaços tem sido marcante razão pela qual não se dissocia a intervenção sobre os espaços rurais das políticas sobre a agricultura. No entanto, a perda continuada da importância da actividade agrícola em parte significativa desses espaços, pode inviabilizar qualquer estratégia que procure ligar uma dimensão a outra. Pode cair-se no vazio ao associar rural a agrícola quando se sabe que a função desses espaços é cada vez menos agrícola e que nem todos os espaços agrícolas são exclusivamente rurais. Disso é exemplo o fenómeno de «rurbanização», que traduz a diversidade na apropriação dos espaços rurais e uma maior inter-relação entre os espaços rurais e urbanos (Barros, 1990:47)<sup>9</sup>.

Essa relação entre agricultura e espaços rurais é claramente visível na análise do território empreendida no âmbito do PNPOT (MAOTDR, 2006b). Identificando-se a perda de centralidade da actividade agrícola, não deixa de se reconhecer a sua importância estratégica para o futuro dos espaços rurais, referindo que “*a resposta coerente aos desafios do ordenamento dos espaços rurais, da sustentabilidade ambiental e da viabilidade económica da agricultura deve envolver uma abordagem territorial que valorize a multifuncionalidade da agricultura e a diversificação das opções dos territórios*” (*id., ibidem*: 46). No entanto, para estes territórios social e economicamente fragilizados tais opções podem não ser suficientes para a sua sustentabilidade.

---

<sup>9</sup> A este respeito Barros (*op.cit.*: 48) identifica uma tipologia referente aos relacionamentos entre cidade e campo, a saber: i) “*viver no campo e trabalhar na cidade*”; ii) “*viver na cidade e trabalhar no campo*”; iii) “*viver e trabalhar na cidade e usar o campo para efeitos de tempos livres*”; iv) “*viver e trabalhar na cidade e manter relações regulares com familiares que vivem no campo e inversamente*”; v) “*viver e trabalhar no campo em articulação com a cidade*”.

O PNPOP procura explorar as dinâmicas territoriais intra-regionais. Tal é o caso da análise que é empreendida sobre a diferenciação das dinâmicas de desenvolvimento na Serra Algarvia e Barrocal/ Litoral, e que também fica reconhecida em termos de duas das opções estratégicas territoriais (*id., ibidem*: 109), a saber: i) “*reforçar a coesão territorial e a valorização integrada de todos os territórios, em particular promovendo um modelo de ocupação sustentável para a Serra com prioridade para uma rede de pólos de excelência atractivos de actividades e usos inovadores*”; ii) “*proteger os espaços agrícolas e as áreas beneficiadas por aproveitamentos hidroagrícolas e de emparcelamento rural*”. Na Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável (ENDS)<sup>10</sup>, tal diferenciação ao nível regional não é assinalada assim como também não são apresentadas quaisquer metas para os espaços rurais, em concreto. Na ENDS estabelece-se como finalidade “*fazer de Portugal, no horizonte de 2015, um dos países mais competitivos da União Europeia, num quadro de qualidade ambiental e de coesão e responsabilidade social*” (Mota *et al*, 2005: 4). No entanto, não são equacionadas as disparidades territoriais existentes, assim como não se evidencia uma estratégia relacional entre o mundo rural e o mundo urbano.

O reconhecimento dos problemas de um crescimento macrocéfalo e de um desordenamento, que se estende a todo o território nacional, faz com que a atenção sobre os espaços rurais se amplie para além da dimensão agrícola mencionada. Essa necessidade de conectividade dos espaços como elemento de coesão e de maior equilíbrio na sua utilização e apropriação, exige outras componentes passem a integrar o quadro das políticas públicas. O ambiente e a paisagem são dois dos recursos recorrentemente assinalados.

*“A paisagem é também um recurso, com valor intrínseco e de usufruto para todos aqueles que habitam ou visitam os territórios. Elemento dinâmico do território, ela assume-se hoje como uma mais-valia que, associada a formas de turismo e lazer, pode constituir um motor de desenvolvimento, nomeadamente, em áreas remotas mais sujeitas à depressão demográfica e económica.”* (MAOTDR, *op.cit.*: 68)

Tal advém da identificação da urgência na promoção de um desenvolvimento sustentável<sup>11</sup>, que integra três dimensões fundamentais: “*o desenvolvimento económico, a*

---

<sup>10</sup> Um dos veículos para a operacionalização da ENDS é a AGENDA 21 Local. Traduzir-se-á num desafio a todos os municípios, na medida em que lhes é incumbida a tarefa de pensar estrategicamente o seu território em termos de um futuro sustentável.

<sup>11</sup> Conceito que pode ser integrado numa corrente teórica designada de populismo e que vem reivindicar os limites ao crescimento económico, apelando à componente humana e ambiental que deve fazer parte de

*coesão social e a protecção do ambiente*” (Mota *et al*, *op.cit.*:9). Não há então desenvolvimento sustentável sem pessoas e, conseqüentemente, sem dinâmica económica. Estes são os grandes riscos que enfrentam os territórios deprimidos. Mas se a tendência for a de perda continuada das populações destes territórios, outros desafios se colocam ao nível da intervenção pública. Tais estarão associados à necessidade de manutenção de uma relação harmoniosa inter-territorial.

Acresce a esse olhar sobre os recursos locais a tendência de valorização do património e das identidades culturais. Quer no PNPOT, quer na ENDS, essas são dimensões que transparecem como prioridades de intervenção. Ao nível nacional, fala-se da necessidade da *“gestão eficiente e preventiva do ambiente e do património natural”* (*id. ibidem*: 103), e para o Algarve visa-se *“garantir níveis elevados de protecção dos valores ambientais e paisagísticos e preservar os factores naturais e territoriais da competitividade turística”*, assim como, *“proteger e valorizar o património cultural e estruturar uma rede regional de equipamentos tendo em vista o desenvolvimento de uma base relevante de actividades culturais”* (MAOTDR, *op.cit.*: 109).

Ao nível do contributo regional para o Quadro de Referência Estratégica Nacional<sup>12</sup> (QREN) prevê-se um *“Programa de Desenvolvimento Integrado das Áreas de Baixa Densidade”* que tem como objectivos: i) *“correção de assimetrias estruturais que comprometem quer a competitividade do território como um todo, quer a coesão social da região”*; ii) *“valorização dos recursos endógenos do barrocal e da serra: ambientais, turísticos, culturais e do património”*; iii) criação de uma *“rede de equipamentos estruturantes e serviços de proximidade”*; iv) *“integração das dinâmicas entre o litoral e o interior”*; v) apoio a *“micro, pequenas e médias empresas”*; e, por fim, vi) promoção da *“sociedade do conhecimento, inovação e modernização aplicadas às actividades tradicionais”* (Correia, 2005<sup>13</sup>).

O Plano Regional de Ordenamento do Território (PROT)<sup>14</sup> seguindo as linhas orientadoras do PNPOT e da ENDS, em estreita ligação com a construção do QREN, tem

---

qualquer processo de desenvolvimento. Neste domínio inscreve-se com grande ênfase o conceito de desenvolvimento sustentável lançado na Cimeira da Terra em 1992 e reafirmado no Relatório Brundtland como *“o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades”* (cit. in Mota *e tal*, 2005:9). Ulrich Beck é igualmente uma referência neste domínio com a sua obra sobre a sociedade de risco (1998). Para maior aprofundamento sobre o populismo leia-se Almeida (2002).

<sup>12</sup> Que vem substituir os anteriores Quadros Comunitários de Apoio, conhecidos por QCA's.

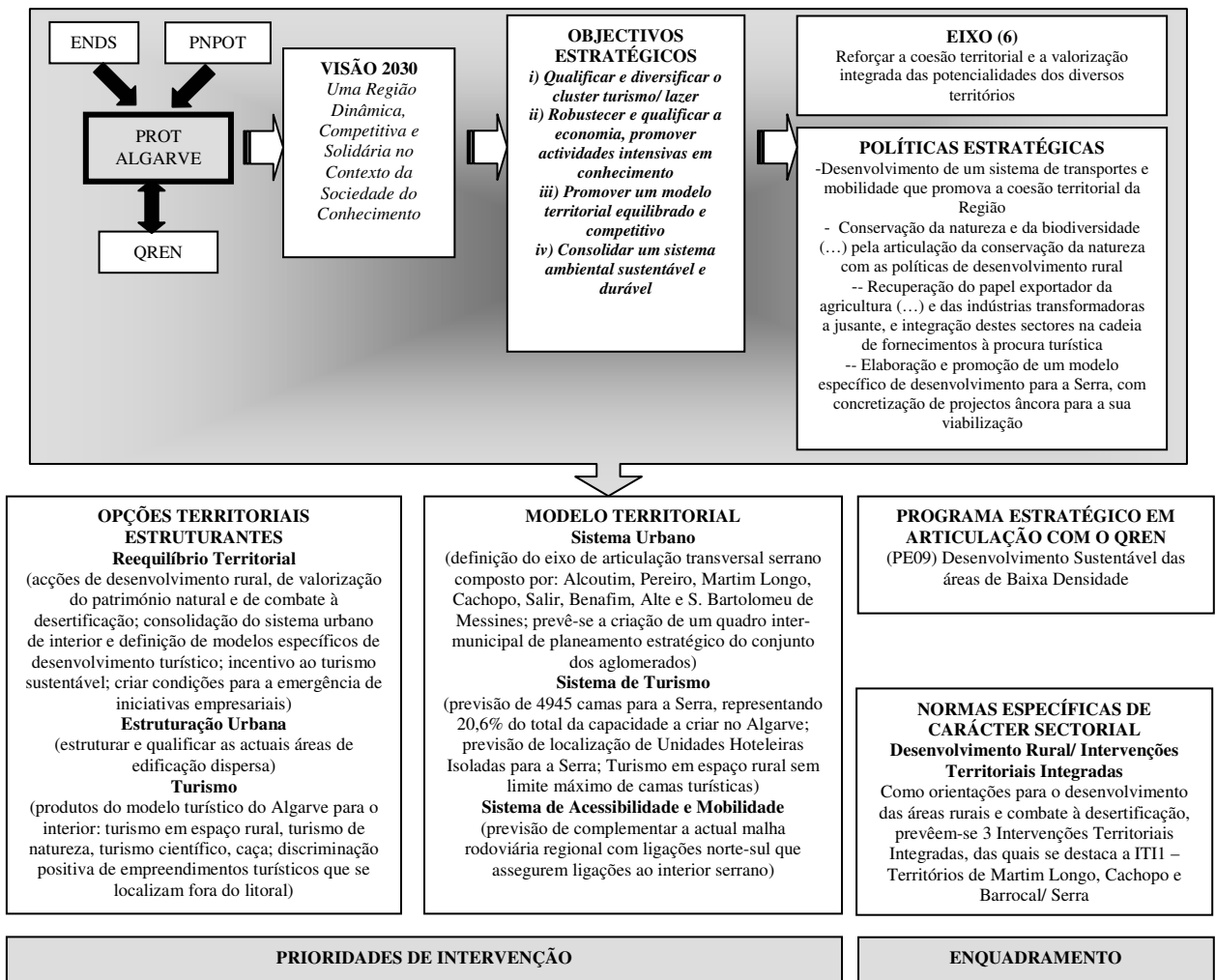
<sup>13</sup> É possível que, dado o período de negociações dos fundos estruturais, possam existir ligeiras alterações nestas intencionalidades.

<sup>14</sup> Actualmente em discussão pública.

previstas várias actuações sobre o interior algarvio, e em particular sobre a Serra. É de notar o reconhecimento das assimetrias regionais que se identifica na necessidade de actuação sobre os territórios em desertificação. No PROT não emerge um olhar exclusivamente, ou centradamente, agrícola sobre os espaços rurais, o que pode contribuir para uma multifuncionalidade que vai sendo veiculada como uma alternativa de futuro.

Da leitura do PROT ressaltam um conjunto de desafios para a Serra no decurso das próximas décadas. De evidenciar a procura de articulação das potencialidades serranas em termos produtivos com a actividade turística que continua a ser uma aposta para a região. Em termos de alojamento turístico, a Serra pode vir a ter 20,6% do total de camas a criar em todo o Algarve. Por outro lado, ainda se destaca a previsão de uma intervenção estratégica de carácter supra-municipal ou inter-municipal sobre a unidade territorial que é denominada de Eixo de Articulação Transversal Serrano (onde se incluem os territórios mais deprimidos do Sotavento Algarvio). Tudo isto é feito tendo por mote o combate à desertificação, a minimização das assimetrias regionais e a fixação de jovens nestes espaços rurais.

**Figura 1. Análise do PROT Algarve à luz das prioridades estratégicas para o Interior/ Serra**



Fonte: CCDRALG (2006). Adaptação própria.

De destacar ainda a necessidade de articulação de todas estas estratégias e acções com a Iniciativa Comunitária LEADER+<sup>15</sup> em fase de implementação até 2008. Cachopo integra-se no Plano de Desenvolvimento Local (PDL) “ARRISCA+ no Coração da Serra do Caldeirão”, que tem como tema forte a “qualificação do território através da qualificação dos seus recursos”. O PDL é operacionalizado através de uma equipa de animação para o desenvolvimento que mantém um contacto próximo com as populações e ausculta as suas necessidades. Desta forma, é possível encontrar as soluções mais adequadas para as pessoas. Este programa propõe alternativas de qualificação e de investimento que não são possíveis de encontrar noutros tipos de financiamento (de que são exemplo os apoios fornecidos a pequenas iniciativas empresariais). No quadro da sua estratégia de intervenção, o PDL ARRISCA+ contempla os seguintes objectivos: i)

<sup>15</sup> Ligação entre Acções de Desenvolvimento da Economia Rural.

“aumento, melhoria e, sempre que possível, certificação dos produtos com potencial de qualidade”; ii) “aumento, diversificação e qualificação da oferta de serviços aos visitantes”; iii) “preservação e valorização do património”; iv) “criação de serviços inovadores para as populações”; v) “qualificação dos recursos humanos do território” (Grupo de Acção Local ARRISCA+, 2001: 159-160).

Desta leitura do conjunto das políticas, é possível fazer um balanço reconhecendo a existência de intencionalidades de intervenção sobre os espaços rurais deprimidos. Nem sempre expressas objectivamente, ou nem sempre direccionadas em exclusivo para esses espaços, certo é que se vão reconhecendo as disparidades territoriais existentes, não apenas em termos de diagnóstico mas também através de projectos de desenvolvimento.

## *1.2. Dinâmicas territoriais*

Se a tendência actual é de crescente urbanização dos espaços, podendo pôr em risco a sobrevivência de outros incapazes de lidar com as rápidas mudanças que a modernidade acarreta, certo é que a história de ocupação do território português é marcado por grandes alterações. Portugal foi, tradicionalmente, um país de emigrantes, mas hoje já se fala da importância da imigração como forma de contenção do envelhecimento em curso. Como é óbvio as dinâmicas de ocupação do espaço estão claramente associadas às mudanças sociais e económicas que se foram registando no país.

No final do século XIX, já se registavam fenómenos migratórios para as colónias e ex-colónias portuguesas, nomeadamente para África e Brasil. O pólo de atracção demográfica situava-se no Entre Douro e Minho, e o Algarve era marcado por uma forte densidade rural a que se associava a ligação das ‘velhas cidades litorais’ de Faro, Olhão e Lagos.

No início do século XX regista-se um grande crescimento da população, mais acentuado nas vilas do país. Nesta altura intensifica-se a ocupação do espaço litoral algarvio.

No decurso da primeira metade do século XX mantém-se o crescimento rápido da população portuguesa assim como a densificação do Algarve. É entre a década de 60 e 70 do século passado que se registam as maiores perdas de população, devidas ao êxodo rural e emigração acelerados. “*Os campos pouco povoados esvaziam-se, mas também os mais explorados perdem um pouco da sua substância humana: Portugal recua de forma decisiva. A entrada da civilização urbana do mundo contemporâneo opera-se – mas não*

*sem desequilíbrios nem sofrimentos.*” (Guichard, 1982: 23). O Algarve, que tinha registado uma tendência de densificação dos espaços rurais, perde substancialmente essa população para o litoral, onde se começa a desenvolver a actividade turística. Este é um momento decisivo na transformação da ocupação do espaço regional.

De 1970 para 1980 regista-se um novo saldo positivo da população em resultado das migrações das ex-colónias, assim como das limitações por parte de países acolhedores da emigração portuguesa (caso da França e da Alemanha).

Nas últimas décadas torna-se cada vez mais visível a segregação humana no espaço: “(...) *uma viagem pelo continente português deixa a sensação de que, à medida que nos afastamos do Litoral e dos dois principais centros urbanos (Lisboa e Porto), as gentes sem espaço dão lugar a espaços sem gente.*” (Rosa et al, 2000: 455). De acordo com os últimos cenários demográficos lançados, o Algarve será a região do país que registará um maior crescimento demográfico (19,2% de 2003 a 2050), quando o país perderá 11% da sua população<sup>16</sup>. É certo, no entanto, que esse cenário está dependente da imigração que se tem vindo a registar, assim como da manutenção da sua posição enquanto motor de desenvolvimento turístico.

Actualmente, o Algarve apresenta índices de envelhecimento e de dependência total superiores aos valores registados para o país. No entanto, neste último indicador, nos Censos de 2001, regista-se uma diminuição por comparação a 1991, fruto da diminuição da representação dos jovens com menos de 15 anos no total da população. Traduz-se na terceira região do país mais envelhecida<sup>17</sup>. Obviamente que as estratégias de qualificação territorial, previstas nos diferentes instrumentos de política, poderão ter aqui um papel importante na mudança das tendências em curso.

**Quadro 1. Indicadores demográficos no Algarve e no País, em 1991 e 2001**

Indicadores (em %)	Portugal		Algarve	
	1991	2001	1991	2001
Índice de Dependência de Jovens	30,1	23,6	27,5	21,9
Índice de Dependência de Idosos	20,5	24,2	26,7	27,9
Índice de Dependência Total	50,6	47,8	54,2	49,8
Índice de Envelhecimento	68,1	102,2	96,9	127,5
Índice de Renovação da População em Idade Activa	90,2	91,0	73,5	82,2

Fonte: INE (2002); Cálculos próprios dos indicadores.

<sup>16</sup> Fonte: INE.

<sup>17</sup> As regiões com valores mais elevados são o Alentejo e Centro.

No entanto, relativamente às dinâmicas de crescente urbanização, tal é igualmente uma nota a destacar no quadro nacional e regional. Em Portugal, em 1950 cerca de 20% da sua população era urbana passando para quase o dobro em 1990 (Comissão Europeia, s/d). Em 2001, a população urbana no país cifrava-se em mais de 75% (MAOTDR, 2006). Mais uma vez, os dados estatísticos corroboram a afirmação segundo a qual as tendências no rural se vão explicando pelas dinâmicas no urbano. No I Recenseamento Geral da População, realizado em 1864, apenas 7 freguesias em todo o Algarve eram consideradas urbanas e registava-se uma taxa de urbanização de 17,2%<sup>18</sup>. Em 2001, a população urbana regional representava 71,9% do total da população e 29 freguesias eram consideradas APU's. Seguindo as tendências nacionais e mesmo mundiais, no último período intercensitário, a população urbana cresceu 22,9%, a população a viver em AMU's sofreu um aumento de 31,4% e a população rural sofreu uma perda de 15,1%. Se, em 1991, a população rural representava 21,2% do total da população regional, em 2001 passa a ser apenas de 15,5%.

Ao nível concelhio, o maior crescimento da população urbana no último período intercensitário deu-se no concelho de Albufeira (com uma variação de 73,3%), seguindo-se o concelho de Loulé (com um aumento de 41,5%). Em paralelo, Albufeira, Castro Marim, Lagoa e Portimão registaram perdas da população rural superiores a 50%.

---

<sup>18</sup> Fonte: INE. Cálculo próprio do indicador.

**Quadro 2. População, População Urbana e Rural nos concelhos do Algarve, em 1991 e 2001**

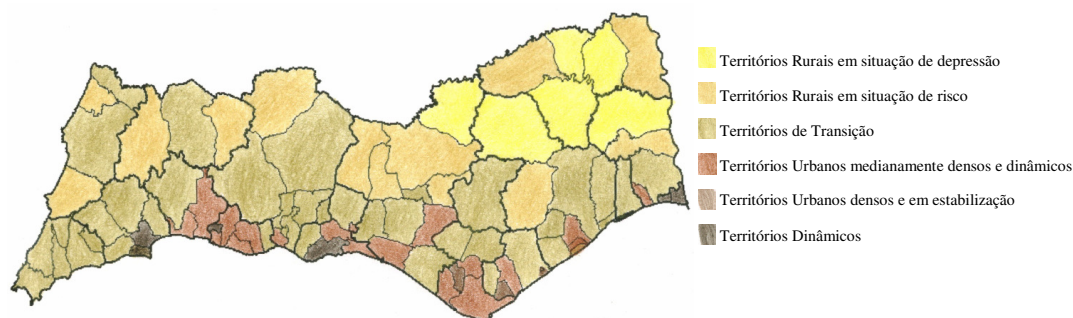
Unidade Territorial	População Residente		Variação da população 1991-2001	População Urbana (em %)		População Rural (em %)		Variação 1991-2001	
	1991	2001		1991	2001	1991	2001	População Urbana	População Rural
<b>Algarve</b>	<b>341404</b>	<b>395218</b>	<b>15,8</b>	<b>67,7</b>	<b>71,9</b>	<b>21,2</b>	<b>15,5</b>	<b>22,9</b>	<b>-15,1</b>
Albufeira	20949	31543	50,6	53,6	61,7	34,9	11,1	73,3	-52,0
Alcoutim	4571	3770	-17,5	0,0	0,0	72,5	70,8	0,0	-19,4
Aljezur	5006	5288	5,6	0,0	0,0	45,9	49,2	0,0	13,1
Castro Marim	6803	6593	-3,1	0,0	0,0	47,8	24,7	0,0	-50,0
Faro	50761	58051	14,4	78,1	80,3	6,1	6,1	17,6	14,1
Lagoa	16780	20651	23,1	53,7	51,9	22,8	9,2	19,0	-50,3
Lagos	21526	25398	18	66,8	68,8	21,5	19,1	21,5	5,1
Loulé	46585	59160	27	69,9	77,9	20,7	14,6	41,5	-10,6
Monchique	7309	6974	-4,6	72,4	77,1	27,6	22,9	1,6	-20,8
Olhão	36812	40808	10,9	85,0	81,4	15,0	18,6	6,1	37,6
Portimão	38833	44818	15,4	80,4	92,0	19,6	8,0	32,0	-52,7
São Brás de Alportel	7526	10032	33,3	100,0	100,0	0,0	0,0	33,3	0,0
Silves	32924	33830	2,8	67,8	68,1	19,8	19,0	3,2	-1,4
Tavira	24857	24997	0,6	61,8	65,4	30,8	27,7	6,5	-9,8
Vila do Bispo	5762	5349	-7,2	0,0	0,0	44,8	45,9	0,0	-4,9
Vila Real de Santo António	14400	17956	24,7	79,0	80,7	21,0	19,3	27,5	14,3

Fonte: INE (2002); Cálculos próprios dos indicadores.

Para além das dinâmicas de ocupação do espaço relacionadas com as dinâmicas demográficas, há um outro conjunto de mudanças em curso que permitem traçar perfis muito distintos em todo o território algarvio<sup>19</sup>. Sem dúvida que a distinção assente nas áreas naturais – litoral, barrocal, serra – continua a apoiar na clarificação das assimetrias regionais, mas não é suficientemente exaustiva para captar as dinâmicas de carácter mais localizado.

<sup>19</sup> Com o objectivo de captar essas diferenças territoriais criou-se uma base de dados com vários indicadores relacionados com as seguintes dimensões de análise: demografia, emprego, qualificação e acesso a equipamentos e serviços. A informação sobre as variáveis constantes dessa base de dados pode ser consultada no Anexo 2.

### Mapa 1. Freguesias do Algarve segundo a tipologia das dinâmicas territoriais emergentes



Fonte: Mapa – CCDRALG. Tratamento próprio dos dados.

Desse enfoque dado às dinâmicas territoriais regionais foi possível a identificação de seis territórios distintos, a saber:

*i) Territórios urbanos dinâmicos* – Aqui se incluem APU's (exceção feita a uma freguesia) com um crescimento positivo da população no último período intercensitário (a variar entre os 9% e os 52%). São áreas urbanas medianamente densas (entre 559 e 994 hab./km<sup>2</sup>). Têm os índices de dependência total e de envelhecimento mais baixos da região. Contempla as freguesias com taxas de analfabetismo mais baixas e as taxas de actividade mais elevadas. Revelam, igualmente, a maior capacidade de renovação da mão-de-obra.

*ii) Territórios urbanos densos e em estabilização* – Engloba apenas 3 freguesias, todas de litoral (à semelhança dos territórios anteriores). São os que revelam maior número de equipamentos e infra-estruturas de apoio à população. Têm performances semelhantes ao grupo anterior no que respeita à qualificação da sua mão-de-obra: com as mais baixas taxas de analfabetismo e com a maior proporção de população com escolaridade superior ao ensino obrigatório. Revelam taxas de actividade mais baixas do que o grupo anterior e índices de envelhecimento mais elevados.

*iii) Territórios urbanos medianamente densos e dinâmicos* – Tratam-se de APU's e AMU's, sendo que praticamente todos fazem fronteira com os territórios anteriormente descritos. A maior parte registou um crescimento positivo da população no último período intercensitário. Têm densidades populacionais mais baixas, assim como performances menos positivas em termos de qualificação e emprego, por comparação com os territórios referenciados anteriormente. No entanto, encontram-se numa posição mais favorável do que as áreas urbanas incluídas nos territórios de transição.

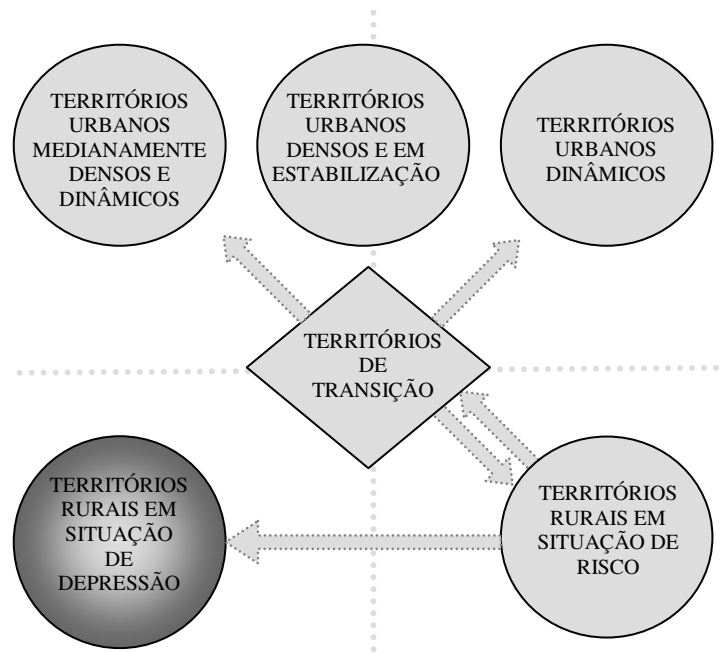
*iv) Territórios de transição* – inclui uma heterogeneidade de territórios em termos de tipologia espacial, sendo, em simultâneo, o grupo com maior número de freguesias.

Aqui se incluem as áreas rurais com performances mais positivas nos vários indicadores em análise, e as áreas urbanas com as performances mais frágeis. Em geral, têm valores muito similares nos vários indicadores. Assim, em termos de densidade populacional variam entre os 15 e os 158 hab./ km<sup>2</sup>. Têm índices de envelhecimento a variar entre os 82% e os 275% e os índices de dependência total de 41% a 69%. As taxas de actividade variam entre os 38% e 53%.

v) *Territórios rurais em situação de risco* – inclui APR's (excepção feita a uma freguesia - Alcoutim), a sua maioria situada no interior serrano (quer do Sotavento quer do Barlavento Algarvio). Registam performances mais negativas do que os territórios anteriores mas não tão gravosas como os territórios rurais em situação de depressão. Os índices de envelhecimento variam entre os 318% e 526% e os índices de dependência total tem uma amplitude que vai dos 71% aos 102%. Os índices de renovação da população em idade activa são baixos – situando-se entre os 35% e os 57%. Revelam performances muito negativas em termos de qualificação: com uma percentagem baixa de população que excede a escolaridade mínima obrigatória e com taxas de analfabetismo altas. Não são, no entanto, tão frágeis ao nível das taxas de actividade, que variam entre 31% e 50%.

vi) *Territórios rurais em situação de depressão* – São, sem dúvida, os territórios que revelam mais fragilidades ao nível regional, estando localizados na Serra do Caldeirão. Todos revelaram perdas populacionais superiores a 20% no último período intercensitário e todos têm densidades populacionais inferiores a 10 hab./ km<sup>2</sup>. Revelam ainda índices de dependência total superiores a 100% e índices de envelhecimento superiores a 700%. As taxas de actividade geral e feminina são as mais baixas da região. Em termos qualificacionais revelam as mais elevadas taxas de analfabetismo e menos de 11% da população atingiu a escolaridade mínima obrigatória. É neste grupo que se inclui Cachopo.

**Figura 2. Tipologia de Territórios no Algarve**



Fonte: Própria

A partir deste enquadramento torna-se então mais fácil perceber as características do contexto de análise em que incide esta investigação. Num quadro de grande diversidade de comportamentos espaciais, o Algarve, que para a maioria dos portugueses é entendido como o palco do descanso e do lazer (associado ao sol e praia), apresenta uma clara necessidade de reequacionamento do seu modelo territorial. Estes territórios deprimidos são já uma preocupação, mas há outros igualmente em risco que é necessário ter em consideração.



conjunto de acções de qualificação (do património, dos espaços públicos e de equipamentos), de melhoria das acessibilidades, de formação, e de desenvolvimento nas áreas do turismo, da habitação, da agro-silvo-pastorícia e da cinegética. É igualmente de sublinhar as suas potencialidades ao nível dos chamados produtos de qualidade (que congregam na sua produção os saberes e sabores tradicionais), assim como a existência de algumas iniciativas empresariais de sucesso que procuram valorizar os recursos endógenos (a produção em linho e, mais recentemente, a animação turística tendo como âncora antigas escolas primárias que foram reabilitadas para alojamento).

Apesar destas potencialidades e recursos, a freguesia apresenta uma situação demográfica e económica muito frágil.

Em todos os indicadores demográficos revela um agravamento da situação entre os períodos censitários de 1991 e 2001. É a freguesia que apresenta o mais elevado índice de envelhecimento<sup>20</sup> e o mais baixo índice de renovação da população em idade activa da região<sup>21</sup>. Em 2001, contabilizavam-se 1.026 habitantes, no entanto tal representava uma perda de cerca de 400 residentes face ao recenseamento anterior, correspondendo ao abandono, em média, de 3 pessoas por mês<sup>22</sup>. Ocupa a segunda posição no conjunto das freguesias com maior índice de dependência de idosos (113,1%, em 2001) e maior índice de dependência total (124%, no mesmo ano). É, igualmente, uma das freguesias que registava, no último recenseamento, a menor densidade populacional (5,2 habitantes por km<sup>2</sup>).

Se bem que representando 32% da área do concelho, não tem equivalente em termos demográficos, apresentando a freguesia de Cachopo apenas 4,1% do total da população concelhia (em 2001). A estrutura demográfica do concelho revela uma capacidade de rejuvenescimento, que é contrária às tendências registadas na freguesia. A análise mais exaustiva das pirâmides etárias de Cachopo, em 1991 e 2001, permite-nos avaliar de forma mais precisa o conjunto das mudanças em curso. Em 1991 já se denotavam fragilidades na capacidade de renovação da população, apresentando-se uma pirâmide tipo «urna», mais estreita na base e mais larga no topo. Em 2001, é evidente uma perda acentuada da população em idade activa e da população jovem. A população com menos de 30 anos representava 14% do total da população residente. Traduz-se já numa pirâmide com um formato de «árvore» – com uma base muito estreita e o topo muito largo

---

<sup>20</sup> Existem, em média, 10 pessoas com mais de 65 anos por cada uma com menos de 15.

<sup>21</sup> A população com idade entre os 20 e os 29 anos não chega a representar ¼ da população com idades compreendidas entre os 50 e 64 anos.

<sup>22</sup> Correspondendo a uma variação negativa no período inter-censitário de 27,7%.

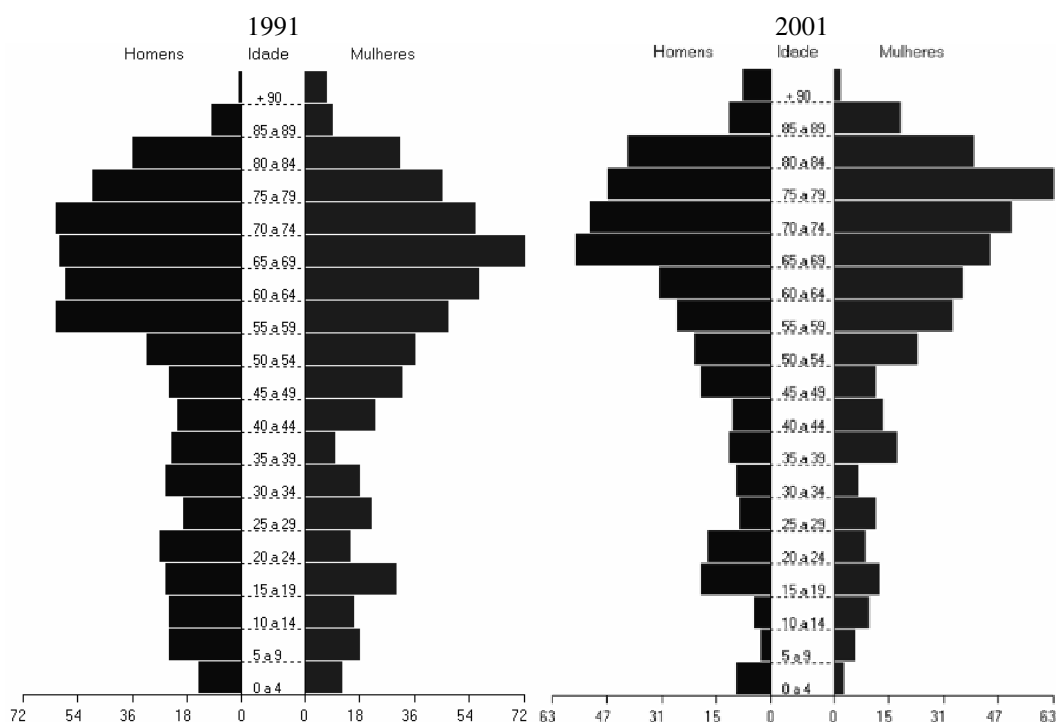
– ou seja, que evidencia uma situação de envelhecimento bem mais acentuado do que o registado uma década antes. Sublinha-se ainda o facto da população com idade superior a 65 anos representar mais de 50% da população nesse último ano.

**Quadro 3. Indicadores demográficos de Cachopo, Tavira e Algarve (1991 e 2001)**

Indicadores	Cachopo		Tavira	
	1991	2001	1991	2001
Varição da população residente (1991-2001)	-27,7%		0,6%	
Índice de dependência de Jovens (em %)	16,8	10,9	26,2	19,5
Índice de dependência de Idosos (em %)	67,9	112,7	32,0	36,5
Índice de dependência total	84,7	123,6	58,2	55,9
Índice de envelhecimento (em %)	404,7	1036,0	121,9	187,3
População Jovem – 15 a 29 anos (em %)	11,7	9,1	19,6	19,1
População com mais de 65 anos (em %)	36,7	50,5	20,2	23,4
Índice de Renovação da População em Idade Activa (em %)	26,1	24,7	64,6	69,8
Densidade populacional (hab./ km <sup>2</sup> )	7,1	5,2	40,8	41,1

Fonte: INE (2002); Cálculos próprios dos indicadores.

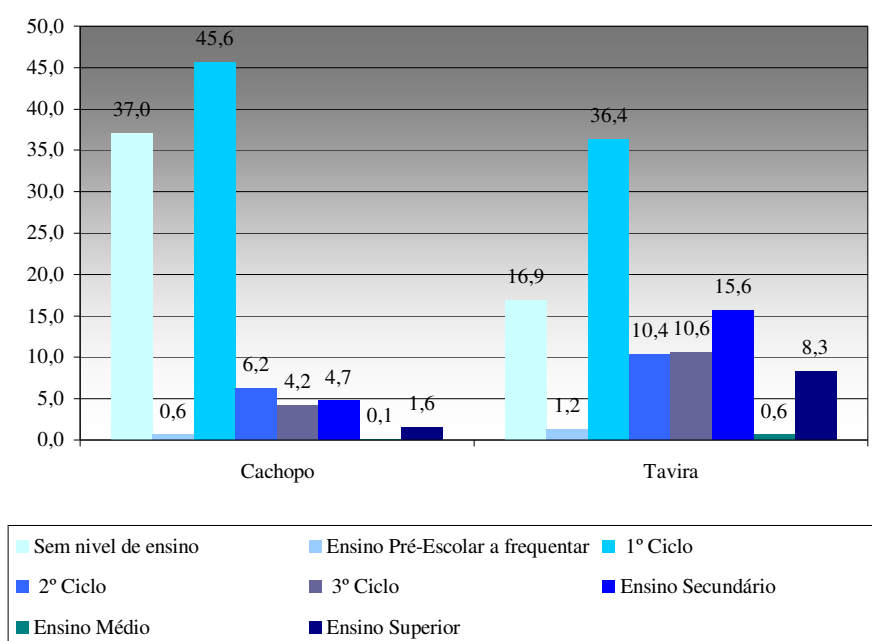
**Gráfico 1. Pirâmides etárias de Cachopo (1991 e 2001)**



Fonte: INE (2002)

Fruto das suas próprias características demográficas, a freguesia apresenta uma estrutura populacional com muito baixa escolarização. Em 2001, 83% da sua população apenas tinha atingido o 1º ciclo de ensino, quando em Tavira esse indicador se situava em 54%. A freguesia apresentava igualmente, no quadro regional, a quarta taxa de analfabetismo mais elevada – de 38,1% em 2001, apresentando o concelho um valor de 19,9% no indicador.

**Gráfico 2. Estrutura da população segundo as habilitações literárias, Cachopo e Tavira (1991 e 2001)**



Fonte: INE (2002)

A actividade económica é outra das dimensões em que Cachopo revela fragilidades. A taxa de actividade em Cachopo mantinha-se, em 2001, muito baixa e muito mais reduzida do que a registada ao nível concelhio, regional e nacional. O envelhecimento acentuado da população será uma das razões centrais para tais performances no indicador – de sublinhar que a população reformada representava, nesse ano, 51% da população residente. Registe-se ainda que a taxa de actividade em Cachopo era praticamente metade da verificada no concelho (23,7% no primeiro caso e 43,7% no segundo). As taxas de actividade feminina mantêm-se em níveis muito baixos – 10,8% em 1991 e 12,9% em 2001. As taxas de desemprego geral e feminino apresentam-se, no entanto, mais baixas do que as registadas a nível concelhio e regional. Tal poderá, eventualmente, ser justificado

pelo facto daqueles que são activos, e que vislumbram essa situação como uma possibilidade, procurarem trabalho fora da freguesia. Sabendo das fracas possibilidades de acesso ao emprego local, porque muito escasso e limitado em termos de diversidade de ofertas, aqueles que podem procurarão trabalho fora da freguesia – uma das razões que justifica o abandono que se tem vindo a verificar.

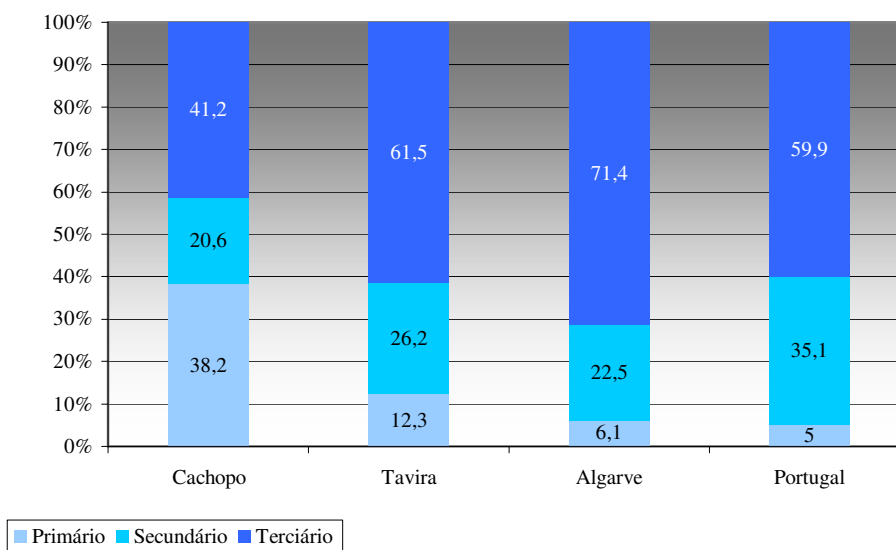
**Quadro 4. Indicadores de Actividade e Inactividade em Cachopo, Tavira e Algarve (1991 e 2001)**

Indicadores	Cachopo		Tavira		Algarve	
	1991	2001	1991	2001	1991	2001
Taxa de actividade geral	28,7	23,7	40,1	43,7	43,2	48,7
Taxa de actividade feminina	10,8	12,9	26,9	35,1	32,7	42,4
Taxa de desemprego	7,9	4,1	6,2	6,4	5,1	6,2
Taxa de desemprego feminino	26,7	6,1	13,1	10,1	7,7	8,1
Reformados na população total (%)	39,6	51,0	21,4	24,1	19,1	19,8
Estudantes na população total (%)	5,5	3,4	8,2	6,2	9,3	6,2

Fonte: INE (2002); Cálculos próprios dos indicadores.

A importância da agricultura na estrutura das actividades económicas locais ainda é bastante relevante. Apesar do sector terciário empregar, em 2001, mais de 40% da população residente, a freguesia mantém uma maior percentagem de população empregue no sector primário por comparação ao nível concelhio, regional e nacional. Em 2001, o sector primário ocupava cerca de 38% da população residente, quando em Tavira esse indicador se situava em 12,3%, na região em 6,1% e em Portugal em 5%.

**Gráfico 3. Estrutura da actividade económica da população residente em Cachopo, Tavira, Algarve e Portugal (2001)**



Fonte: INE, Censos 2001.

### *Os jovens da freguesia*

Não é, então, difícil assumir-se que há um grupo de risco de abandono da freguesia. Esse grupo situa-se nos jovens com idades entre os 15 e 30 anos. Em 2001, esse grupo etário era composto por um total de 97 indivíduos, representando cerca de 9% da população de Cachopo.

Constitui objectivo desta investigação perceber as razões por que os jovens abandonam a freguesia. É através deste grupo populacional que se poderão perceber as mudanças em curso no território. A incursão da equipa do projecto no terreno revelou a necessidade de distinguir os jovens em dois grupos<sup>23</sup> – um revelando a situação dos que aí ainda residem, o outro funcionando como ‘grupo de controlo’. Isto porque rapidamente se percebeu que os jovens que já saíram de Cachopo mantêm uma relação regular com a freguesia e delineiam as suas mobilidades espaciais em função de um retorno frequente à sua terra de origem. Assim, distinguiram-se dois grupos, a saber:

<sup>23</sup> Sobre a metodologia seguida no estudo vide anexo 1.

- ✓ *Residentes Habituais* – aqueles jovens que ainda residem na freguesia. As suas mobilidades quotidianas, quando existentes, são caracterizadas pela saída, por razões laborais ou escolares, e pelo retorno diário à freguesia;
- ✓ *Residentes de Fins-de-semana* – aqueles jovens que não residindo na freguesia mantêm uma relação de proximidade com essa, sendo as suas mobilidades caracterizadas pelo regresso frequente a Cachopo (fins de semana, férias).

Os jovens têm origem em lugares dispersos pela freguesia. Identificámos jovens a residir em 20 lugares distintos. Em 6 desses lugares apenas encontrámos 1 jovem a residir, em 7 apenas 2 jovens, e noutros 3 somente 3 jovens. São situações em que os jovens estão isolados ou praticamente isolados. Na maioria desses casos, os jovens ainda se encontram a estudar. Por um lado, essa situação é vantajosa em termos das redes de sociabilidade que podem ir mantendo na escola ultrapassando a lacuna do isolamento. No entanto, é bem indutora de um abandono que se vê expectável.

O lugar que mantém um maior número de jovens residentes habituais é Cachopo, sede de freguesia. Os Relvais e o Vale João Farto seguem-se na lista dos lugares com maior número de residentes habituais. Os Currais, onde se identificou o maior número de jovens, seguido de Cachopo, tem 1/3 a residir habitualmente. Curiosamente, os outros lugares, mais dispersos e em geral mais isolados, mantêm um maior peso dos residentes habituais face aos residentes de fins-de-semana. Não se dispõe de informação que permita aferir das razões desta tendência. Uma hipótese pode ser a de não retorno frequente dos antigos residentes jovens, daí não terem sido contabilizados. Pouco razoável seria pensar que há uma maior tendência para os jovens de lugares isolados ficarem a viver no lugar de origem.

Refira-se que, num dos lugares – Fonte do Corcho – à data da entrevista existiam duas jovens irmãs residentes habituais que recentemente abandonaram o lugar, tendo este ficado sem qualquer jovem. Nas Casas Baixas, o único jovem que se registava com origem no lugar e que à data da entrevista se encontrava temporariamente fora, acabou por regressar findo o serviço militar obrigatório. No entanto, outros abandonos se registaram na freguesia aquando do trabalho de campo. Dois jovens irmãos residentes habituais vieram viver para Faro com a sua família. Um casal à espera do seu primeiro filho ‘agarrou nas malas’ para Olhão. Uma das jovens que estava a tirar a sua licenciatura pouco tempo ficou por Cachopo, estando actualmente a viver em Loulé. Em 2 anos, registaram-se 7 abandonos e um regresso. Tal apenas vem corroborar as tendências demográficas que se vêm delineando nas últimas décadas. A situação aparenta ser dramática e os resultados do

estudo não revelam expectativas muito animadoras face ao futuro da aldeia – pelo menos no que aos jovens concerne.

**Quadro 5. Jovens segundo o tipo de residência e lugar de origem e jovens estudantes residentes habituais segundo o lugar de origem**

Lugar de origem	Fim-de-semana	Habituais		TOTAL
		Jovens estudantes	TOTAL	
Cachopo	13	8	13	<b>26</b>
Relvais	3	1	5	<b>8</b>
Vale João Farto	2	2	5	<b>7</b>
Currais	6	2	3	<b>9</b>
Feiteira	0	2	3	<b>3</b>
Mercador	1	0	3	<b>4</b>
Azinhosa	0	0	2	<b>2</b>
Carne de Serva	0	1	2	<b>2</b>
Fonte de Corcho	0	2	2	<b>2</b>
Graíño	0	2	2	<b>2</b>
Monte da Ribeira	1	2	2	<b>3</b>
Portela	1	1	2	<b>3</b>
Pulo de Cão	1	0	2	<b>3</b>
Alcaria do Cume	0	1	1	<b>1</b>
Alcarias Baixas	0	1	1	<b>1</b>
Benaflo	0	0	1	<b>1</b>
Garrobo	0	1	1	<b>1</b>
Medronheira	0	0	1	<b>1</b>
Valeira	0	1	1	<b>1</b>
Casas Baixas	1	0	0	<b>1</b>
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>27</b>	<b>52</b>	<b>81</b>

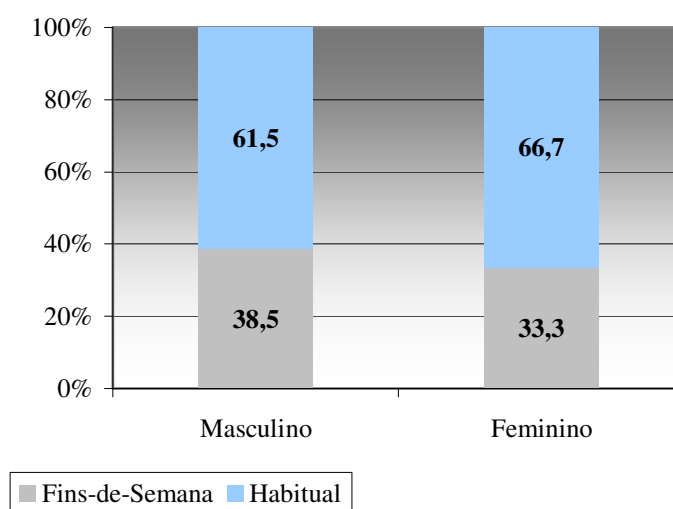
Fonte: Própria

De referir que dos dados recolhidos localmente se entrevistaram 52 jovens residentes habituais. Se se fizer a comparação com os Censos de 2001, que identificaram a existência de 97 jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 30 anos, tal significa que em dois anos se registou uma variação muito negativa na população inserida neste grupo etário (cerca de 46%). Tal é resultado da incapacidade de renovação da população, mas também de um abandono em crescendo que se continua a registar na freguesia. Do total dos jovens inquiridos, a maioria ainda permanece na freguesia. Os residentes habituais representam 64% do total dos jovens que constitui a amostra. A sua maioria é do sexo feminino (52%).

Denota-se uma diferenciação na estrutura dos jovens segundo o sexo e tipo de residência. Parece haver uma maior propensão para as raparigas se manterem mais tempo a residir na freguesia. Isto porque no conjunto das raparigas se regista uma maior

percentagem daquelas que residem habitualmente, por comparação com igual análise no conjunto dos rapazes. No conjunto das raparigas, 66,7% mantêm-se a residir habitualmente na freguesia. Já nos rapazes esse indicador diminui para 61,5%. É certo que não é uma diferença muito significativa, mas talvez seja sugestivo de uma autonomização mais precoce nos jovens rapazes.

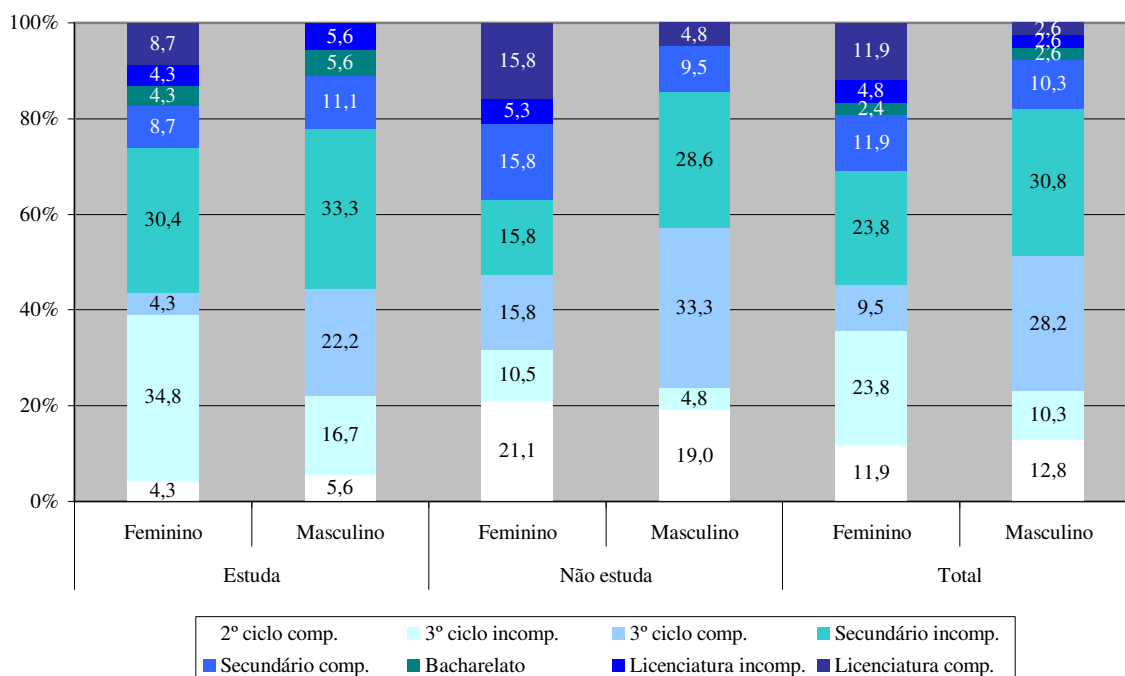
**Gráfico 4. Jovens segundo o sexo e tipo de residência (%)**



Fonte: Própria

Ao analisar a estrutura dos jovens segundo o sexo e habilitações literárias, facilmente se denota um maior investimento na qualificação por parte das raparigas. Ao passo que mais de metade das raparigas tem uma escolaridade superior ao 3º ciclo, nos rapazes regista-se o inverso – mais de metade tem escolaridade inferior ou igual ao 3º ciclo do ensino básico. Paralelamente, mais de 15% das raparigas investiu no ensino superior, com cerca de 12% a deter o ensino superior completo. Nos rapazes pouco mais de 5% acedeu ao ensino superior, tendo completado esse grau de ensino 2,6% dos jovens rapazes.

**Gráfico 5. Jovens segundo a situação escolar, o sexo e as habilitações literárias (%)**



Fonte: Própria

Por se tratar de um meio claramente rural, existirá um maior conservadorismo face às mulheres. A sua saída do seio familiar far-se-á<sup>24</sup> ou pelo casamento ou pelo acesso a um emprego fora da freguesia. Não quer dizer que tal não aconteça nos rapazes. Esses também saem pelo trabalho que encontram noutros locais. No entanto, o acesso ao mercado de trabalho por parte destes será mais facilitado do que nas mulheres. Daí que se denote um maior investimento na qualificação por parte das raparigas do que nos rapazes. Tal significa adiar o acesso ao mercado de trabalho. Vão ficando até mais tarde à «guarda» dos pais, na expectativa de encontrarem um emprego qualificado fora da freguesia, onde sabem não o poderem encontrar. O que se passa em Cachopo é igualmente similar ao que se passa um pouco por todo o país. Tais estratégias de maior qualificação por comparação ao percurso tido pelos seus pais demonstra

“(…) Que conscientes das dificuldades de inserção profissional, os jovens adoptarão duas estratégias convergentes: por um lado, alimentam elevadas expectativas na obtenção de um curso superior, na medida em que admitirão que, desse modo, melhor armados estarão para se enfrentarem com as vicissitudes do mercado de trabalho; por

<sup>24</sup> Tal análise será empreendida de forma mais aprofundada nos capítulos seguintes.

outro lado, ao alimentarem o desejo de atingirem elevados graus de ensino, adiam o enfrentamento imediato com o mercado de trabalho” (Pais, 2005: 5).

Independentemente do género, é bem visível o maior esforço qualificacional por comparação com as gerações anteriores. Nos espaços rurais esta tendência de maior escolarização dos jovens pode ser entendida como um «portão de saída» do trabalho agrícola e é grande o investimento feito pelos pais para que a escolarização se faça com os melhores resultados possíveis. Traduz-se numa expectativa dos pais por uma mobilidade social ascendente dos filhos. A luta pelas assimetrias sociais nos espaços rurais vai sendo então travada, na maior parte das vezes, pelos próprios pais que anseiam um futuro para os filhos longe da «vida dura» por que passaram (Portela, 2005: 209-213).

Alguns estudos parecem apontar para a existência de maiores fragilidades na estrutura qualificacional dos jovens de espaços rurais por comparação a outros espaços (Machado *et al*, 1998; Portela, 2005). No entanto, tal não parece evidenciar-se em Cachopo. Comparando a estrutura de habilitações dos jovens da freguesia com a do concelho, observa-se uma maior escolarização nos jovens em Cachopo. Apenas ao nível do ensino superior se registam diferenças - na freguesia 13,6% dos jovens terminaram ou frequentaram este nível de ensino, quando no concelho esse valor se eleva para 25,4%. No entanto, em Tavira 9,1% dos jovens não tem o 2º ciclo do ensino básico completo, quando na freguesia todos os jovens tinham, no mínimo, esse nível de ensino<sup>25</sup>.

Apesar da taxa de actividade na população ser muito reduzida – em muito resultado do envelhecimento acentuado verificado na freguesia – os jovens manifestam valores muito elevados nesse indicador. Assim a taxa de actividade jovem registada é de 60,5%, não se distanciando desse valor a taxa de actividade jovem feminina que é de 59,5%. Tal é revelador da pressão que o trabalho exerce nestes jovens como forma de emancipação no seio familiar – isto porque o trabalho não é apenas uma fonte de rendimentos, mas igualmente uma forma de acesso a uma vida mais independente da família de origem. No conjunto dos jovens que trabalham, é relevante a percentagem daqueles que complementa o exercício de uma actividade profissional com a situação de estudante – alguns trabalham a tempo parcial, outros estudam à noite (a importância que o trabalho ou estudo tem no seu quotidiano é diferenciada). Os trabalhadores estudantes representam 13,6% do total dos jovens trabalhadores. *“O começar a trabalhar cedo é, pode dizer-se, um traço estrutural da cultura juvenil da região algarvia. Mesmo aqueles que estão a estudar e não pensam*

---

<sup>25</sup> Os dados concelhios referem-se ao Recenseamento de 2001 – Fonte: INE.

*abandonar tão cedo a escola, utilizam frequentemente as férias para trabalhar e ganhar o seu dinheiro, o que é também estimulado e valorizado pelos seus pais.”* (Machado *et al*, *op. cit.*: 14). O número de jovens desempregados é muito reduzido – apenas três. Desses, apenas um é desempregado à procura de novo emprego. Os outros dois jovens haviam deixado a escola na altura da entrevista, pelo que iam começar a procurar emprego.

No conjunto dos jovens inquiridos, 49 encontram-se a exercer uma actividade profissional. No que respeita às profissões exercidas, os jovens enquadram-se em vários grupos profissionais. Tem maior preponderância o número de jovens enquadrados nos grupos profissionais do pessoal administrativo e dos serviços (16 jovens). Tal é reflexo da terciarização crescente que se verifica na região. No entanto, o grupo profissional em que se enquadra maior número de jovens ainda é o de pessoal não qualificado (9 jovens). Outro grupo profissional onde se encontra um maior número de jovens é o de operários e artífices – com destaque para aqueles que exercem actividade na construção civil (7 jovens). É ainda de referir a importância dos jovens que está empregado em profissões intelectuais e científicas ou quadros superiores da administração pública (7 jovens). Nestes grupos de profissões encontram-se os jovens locais que se licenciaram.

Apenas dois jovens mantêm-se a trabalhar na actividade agrícola, o que demonstra a sua fraca apetência para trabalho numa actividade que, durante muitos anos, foi a fonte de subsistência local. Ainda são os pais destes jovens que mais vão usufruindo do que a terra tem para lhes dar, pese embora o façam em regime de pluriactividade (18 jovens da aldeia tem pais agricultores, na maior parte o pai é agricultor e a mãe doméstica).

O trabalho fora da aldeia traduz-se numa inserção profissional tendencialmente mais qualificada do que aquela que o local pode oferecer. Como é óbvio, essa estará igualmente dependente dos níveis de habilitações escolares atingidos pelos jovens<sup>26</sup>. No entanto, comparando a estrutura de profissões dos jovens residentes habituais com a dos jovens residentes de fins-de-semana facilmente se conclui que os primeiros tendem a exercer profissões com menor nível de qualificação profissional – mais do que o perfil da procura, estará aqui em causa o próprio perfil da oferta de emprego local.

---

<sup>26</sup> Tal análise será desenvolvida em maior pormenor no capítulo 6.

**Quadro 6. Jovens trabalhadores segundo a profissão exercida e tipo de residência**

<b>Grupo de Profissões</b>	<b>Fins-de-semana</b>	<b>Habituais</b>	<b>TOTAL</b>
1.3. Quadros superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa - Directores e gerentes de pequenas empresas	1	0	1
2.2. Especialistas de profissões intelectuais e científicas - especialistas das ciências da vida	1	0	1
2.3. Especialistas de profissões intelectuais e científicas - docentes do ensino secundário e similares	2	0	2
2.4. Especialistas de profissões intelectuais e científicas - outros especialistas	2	1	3
3.1. Técnicos e profissionais de nível intermédio das Ciências FQ, Engenharia e Similares	2	0	2
3.3. Profissionais de nível intermédio do Ensino	1	1	2
3.4. Profissionais de nível intermédio - outros	1	0	1
4.1. Pessoal administrativo e similares - Empregados de escritório	1	4	5
4.2. Pessoal administrativo e similares - Empregados de recepção e similares	2	1	3
5.1. Pessoal dos serviços e vendedores - pessoal dos serviços directos e particulares, de protecção e segurança	2	4	6
5.2. Pessoal dos serviços e vendedores - Manequins, Vendedores e Demonstradores	2	0	2
6. Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura	0	2	2
7.1. Operários, artífices e trabalhadores similares - Operários da Construção Civil	1	5	6
7.2. Operários, artífices e trabalhadores similares - trabalhadores da metalurgia e da metalomecânica	0	1	1
8.3. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem - Condutores de veículos	2	1	3
9.1. Trabalhadores não qualificados - dos serviços e comércio	2	6	8
9.3. Trabalhadores não qualificados - da construção civil	0	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>22</b>	<b>27</b>	<b>49</b>

Fonte: Própria

Dado este panorama genérico sobre os jovens torna-se então fundamental perceber quais as suas estratégias face ao futuro e como se vai construindo a sua identidade por relação com uma experimentação da vida social em diferentes contextos espaciais. Se se entender o projecto como uma qualquer intenção de transformação do real que leva em consideração as condições reais (Boutinet, 1996:168) então poderá deduzir-se dos projectos dos jovens as suas vontades de mudança em termos pessoais, familiares e profissionais. Por outro lado, a partir das percepções sobre o contexto local é possível

analisar as conflitualidades e consensualidades com que os jovens se deparam no delinear desses mesmos projectos. Trata-se de perceber quem são os jovens que ficam e quais os que pretendem abandonar o território. Mais ainda, torna-se fundamental perceber quais as variáveis que influenciam essas opções.

### 3. As mobilidades como elementos estruturantes da mudança

A sociedade ocidental actual depara-se com o que denominamos de paradoxo da mobilidade espacio-temporal. Como é óbvio, a complexidade dos sistemas sociais comporta uma heterogeneidade que não se coaduna com generalizações. Essa é uma conclusão que deriva da análise dos processos de reorganização territorial em curso à escala global.

Por um lado, a maioria dos indivíduos anseia por dispor do máximo de bens e serviços à mínima distância de espaço e tempo. Essa distância vai sendo, no entanto, mediada pela posição que ocupam no seio da estrutura social. Mas é também essa distância que vai sendo marcante na reprodução de mecanismos de exclusão social. Numa lógica racional de análise de custo-benefício, a apropriação espacial é diferente em função das capacidades individuais de mobilização de recursos. Sem dúvida que os recursos materiais ocupam aqui um lugar determinante, quando se vive numa sociedade em que o capital económico é fulcral no acesso a esses bens e serviços.

Tornando-se o tempo numa variável central no quotidiano dos indivíduos, tudo é gerido de modo a que esse seja rentabilizado. Uma das formas de utilização eficaz desse tempo passa por uma escolha residencial de proximidade a espaços onde sejam satisfeitas as suas necessidades. Estas não são somente necessidades de carácter básico associadas à subsistência do ser humano, mas também de natureza imaterial. A necessidade de usufruto de bens e equipamentos de cultura e lazer é disso exemplo. A centralidade que o tempo disponível para o «não trabalho»<sup>27</sup> vai ocupando, faz com que se procurem diferentes estratégias para que esse tenha a maior duração possível. Tudo é feito para encurtar distâncias espacio-temporais na gestão do quotidiano.

Vivemos numa época em que os espaços de fluxos dominam sobre os espaços dos lugares (Borja e Castells, 2004:67). Não apenas os fluxos de informação, mas também os fluxos de pessoas, de bens, de serviços, etc. Mas se os espaços de fluxos estão integrados à escala global, os espaços de lugares, onde se dá o quotidiano dos indivíduos, emergem cada vez mais fragmentados (*idem, ibidem*). Como resultado da transnacionalização dos capitais, assistimos a um novo modelo de desenvolvimento que assenta na alta tecnologia, no conhecimento e na mobilidade (de pessoas, de capitais, de empresas, etc.). Aumentam de forma exponencial os fluxos, principalmente os de informação que permitem aumentar

---

<sup>27</sup> Termo que utilizamos para referir a todo o tempo de lazer e o tempo disponibilizado para família e amigos. Exclui-se desta aceção o tempo para actividades domésticas.

os conhecimentos das populações – mas tal pode ser usado para a fuga dos espaços rurais, como para o inverso se pensarmos num processo de emancipação local.

“Os fortes impactos da globalização sobre a economia e a sociedade rurais podem, tendencialmente, dar origem a dois grandes tipos de reacção. Uma reacção de desânimo que leva ao abandono, quando os agentes produtivos se sentem incapazes de se adaptar às novas condições, particularmente quando não existem apoios exteriores para facilitar essa adaptação. Inicia-se um processo em que as populações, já de si pouco preparadas para a mudança continuam a envelhecer sem esperanças ou, os mais voluntariosos, enveredam pelos caminhos do êxodo rural que, por seu turno, agrava ainda mais os efeitos mais desfavoráveis da globalização. A outra, em que os agentes económicos e as populações adoptam atitudes pró-activas de adaptação aos novos ventos esforçando-se por tirar partido de todas as novas oportunidades suscitadas pela globalização e dos apoios que lhes são dados do exterior enveredando pelo que se pode designar por reestruturação positiva.” (Moreira, 2001:166)

O homem ocidental é tendencialmente urbano, no que respeita aos modos de vida, às suas práticas quotidianas, às suas representações sociais. Se inicialmente a fuga para as cidades era marcada terminantemente por uma procura de trabalho como forma de subsistência, hoje a procura dessas é marcada por outro tipo de variáveis que não se reduzem à ocupação laboral. Essa continuará a ser importante, mas não determinante. O rural como o conhecemos e como se tem vindo a desenvolver não dá resposta às novas necessidades que vão emergindo. A problemática da desertificação dos espaços rurais de interior, pela importância que tem na reorganização do território nacional, vai-se mantendo na agenda da discussão política.

Mas ao mesmo tempo que se regista essa tentativa de proximidade no acesso a bens e serviços no quotidiano, denota-se uma maior procura de espaços de lazer cada vez mais distantes e recônditos. A procura do exótico, do diferente, do desconhecido, passa a ser mote para a utilização dos tempos de «não trabalho», principalmente aqueles destinados ao usufruto de tempo de férias. Podermo-nos deslocar para a Nova Zelândia ou para o Tibete torna-se um privilégio de alguns. É aqui que o rural parece ser uma alternativa do ponto de vista funcional. Se a componente produtiva tem vindo a perder importância, pelo menos no que diz respeito à ocupação da mão-de-obra, outras alternativas poderão ser equacionadas para dar resposta às necessidades de ocupação desses tempos de «não-trabalho».

Queremos então ter tudo mais perto, mas podermos ir cada vez para mais longe! Estão aqui claramente presentes características centrais do homem «moderno»: consumidor e individualista. Os espaços rurais são espaços de produção, enquanto que as zonas urbanas, em particular as cidades, são sobretudo espaços de consumo. Para o homem moderno consumidor as cidades são os espaços, por excelência, de inserção. Os jovens

acabam, então, por ser aqueles que melhor se vão apropriando destas características da modernidade. “*O que hoje em dia temos é, pois, uma juventude à margem da esfera produtiva. E, no entanto, o que verificamos é que, de maneira nenhuma, os jovens se encontram à margem da esfera de consumo.*” (Pais, 2005:5).

Liliane Voyé e Jean Rémi (1994) procuram demonstrar a importância da mobilidade na transformação dos espaços. Jenkins (1983, *cit. in* Bastos, 1993:106), na mesma linha de ideias, demonstra como a introdução de uma estrada foi determinante na mudança nos modos de vida de uma aldeia da Serra de Monchique. “*As estradas romperam isolamentos e a televisão padronizou comportamentos*” (Baptista, 2003:61). Relativamente aos espaços rurais a melhoria das acessibilidades proporcionou um aumento das mobilidades entre campo e cidade que foram estruturantes na sua mudança, quer em termos de relações de interdependência que se foram estabelecendo pela via de trocas comerciais, quer em termos de contacto mais constante das populações rurais com os meios urbanos. Tais relações tiveram um impacto determinante no percurso que os espaços rurais têm vindo a apresentar.

O êxodo dos espaços rurais foi uma das consequências dessa maior inter-relação com os espaços urbanos. Numa primeira fase bastante mais visível em percursos de emigração, mais tarde para as grandes cidades do país. Cachopo não foi excepção a esta tendência. A especificidade do contexto regional marcou e ainda marca os percursos daqueles que não resistiram à permanência na aldeia. Muitos foram aqueles que foram procurando o litoral algarvio como espaço de oportunidades não vislumbradas nos espaços de origem. Ainda hoje essa tendência é visível e para os jovens de Cachopo o anseio pela conquista dessas oportunidades é uma clara evidência.

### *Projectos e Mobilidades Residenciais*

A maior parte dos jovens prevê residir fora de Cachopo, no futuro. No entanto, verifica-se uma diferenciação da opção por tipo de residência actual. Para os jovens que se mantêm a viver em Cachopo, 27 em 52 assume que gostaria de continuar a viver na freguesia. Por seu lado, 8 dos jovens que só regressam aos fins-de-semana, assumem essa opção como uma possibilidade.

### Quadro 7. Jovens segundo o tipo de residência e opção de residência futura

Tipo de residente	Gostaria de continuar a viver em Cachopo		Total
	Sim	Não	
Habitual	27	25	52
Fins-de-semana	8	21	29
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>46</b>	<b>81</b>

Fonte: Própria

Também no que se refere à opção por género, se revelam diferenças significativas. Ao passo que a maioria das raparigas (29 em 41) assume que viver em Cachopo não faz parte dos seus projectos futuros, já a maioria dos rapazes assume que a residência na freguesia está nos seus projectos de (23 em 40). Tal poderá estar relacionado com as perspectivas face ao futuro. Denota-se um esforço qualificacional superior por parte das raparigas que não terá correspondente em termos de inserção profissional local. Por outro lado, a saída para fora de Cachopo será uma forma de emancipação face a uma estrutura local considerada pelos jovens como conservadora. O controlo das práticas juvenis por parte da comunidade é bastante referenciado.

### Quadro 8. Jovens segundo o sexo e opção de residência futura

Sexo	Gostaria de continuar a viver em Cachopo		Total
	Sim	Não	
Feminino	12	29	41
Masculino	23	17	40
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>46</b>	<b>81</b>

Fonte: Própria

Independentemente de ponderarem ou não uma hipótese futura de residência na freguesia, alguns jovens referenciaram que têm como projecto a construção de uma segunda habitação em Cachopo (18 dos jovens entrevistados). Apesar destas opções, o discurso dos jovens é, por vezes contraditório. Ou seja, por vezes identifica-se um futuro em aberto a que eles próprios não conseguem dar uma resposta concreta. É possível identificar 4 tipos de jovens por opções de futuro residencial projectado, a saber:

- **Resistentes convictos**

Jovens que apenas ponderam como futuro residencial Cachopo e que não colocam qualquer tipo de condição para ficar ou sair da freguesia. Neste grupo apenas se identificam 8 jovens.

- **Resistentes cépticos**

Jovens que, actualmente, ponderam um futuro residencial em Cachopo mas não excluem outras possibilidades. Tratam-se de jovens que colocam, essencialmente, como condição de permanência na freguesia a existência de um emprego. Se tal não se vier a verificar, então sair de Cachopo será uma opção real. É o tipo com maior representação, perfazendo, no total, 44 jovens. No entanto, se uns vislumbram nesse futuro uma nostalgia do abandono, outros aguardarão ansiosos para que «chegue o dia» em que sairão da freguesia.

“Se tivesse aqui trabalho ficava, foi aqui que nasci” (E60)

“Para mim está tudo mal. De momento, nada me faria mudar e ficar a viver aqui.”  
(E19)

- **Não resistentes convictos**

Jovens que tendo saído da freguesia não ponderam regressar, representando, 11 dos jovens inquiridos. Apontam a existência de um conjunto de condições no local de acolhimento de que não dispõem na freguesia, de que são exemplo: a existência de espaços comerciais em abundância, a existência de melhores condições para a educação dos filhos (actual ou futura), etc... Outro dos aspectos mais referenciados respeita à integração no mercado de trabalho.

- **Não resistentes cépticos**

Tratam-se de jovens que ‘carregam consigo’ alguma nostalgia do abandono. Embora não vislumbrem um regresso num futuro próximo para a freguesia, não colocam essa hipótese de parte. A condição para o regresso prende-se com o trabalho, mas também com o desenvolvimento da freguesia – tendo, principalmente, por referencial o tipo de actividades e de dinâmicas existentes no local de residência actual. Curiosamente, no conjunto dos não residentes, este é um grupo maioritário (18 jovens). Tal pode levar à conclusão que os que estão ponderam mais um abandono, mas dos que saíram são mais

aqueles que ponderam um regresso. Esta situação pode dever-se, a título hipotético, à experimentação da vivência no meio urbano que faz com que os jovens tendam a valorizar mais a aldeia de origem<sup>28</sup>. Essa descoberta por que os jovens residentes habituais procuram já foi passada pelos outros que já saíram. Nessa descoberta estes jovens terão igualmente encontrado mais facilmente o que a aldeia tem de “bom” para oferecer. Aqui ficam alguns exemplos da nostalgia vivida por este grupo de jovens:

“(…) ninguém me consegue tirar Cachopo” (E9)

“Daqui não quero sair. Se tivesse oportunidade gostaria de trabalhar em Cachopo porque é uma terra calma, pelo menos nos Currais.” (E56)

### Quadro 9. Tipos de posições face a um futuro residencial em Cachopo

Situação residencial actual		Perspectiva uma residência de futuro em Cachopo	
		Sim	Não
Vive actualmente em Cachopo	Sim	<b>RESISTENTES CONVICTOS</b> Permanência efectivada e continuada 8	<b>RESISTENTES CÉPTICOS</b> Abandono vislumbrado mas não efectivado 44
	Não	<b>NÃO RESISTENTES CÉPTICOS</b> Abandono efectivado, mas possível regresso no futuro 18	<b>NÃO RESISTENTES CONVICTOS</b> Abandono efectivado e permanente 11

Estas conclusões contradizem alguns resultados de um estudo anterior feito sobre jovens da Serra no concelho de Loulé (Machado *e tal*, 1998). Nesse parecia evidenciar-se uma tendência de permanência dos jovens no local de origem, marcada pela sua vontade expressa em aí continuar. Conclusão similar foi retirada por Cristiana Bastos (1993) sobre a freguesia de Martim Longo (que faz fronteira com a de Cachopo), argumentando que a Serra sempre fora caracterizada por abandonos – com «regresso marcado» – de alguns elementos dos agregados familiares e que tais eram condição de sustentabilidade das famílias que aí permaneciam. Como diz o velho ditado popular «mudam-se os tempos, mudam-se as vontades». Em primeiro lugar, há uma grande distância entre o que o campo das projecções e o das práticas sociais. Por outro, a referência é feita a territórios que são diferentes, o que pode justificar estas disparidades. Tal como Portela (2003:16) assinala

<sup>28</sup> A este respeito, ver aprofundamento no capítulo seguinte.

para os espaços rurais em geral, em Cachopo também “*os jovens estão em ruptura, quiçá irreversível com a agricultura e o meio rural enquanto espaços de vida e de trabalho*”.

É preciso ainda ter em consideração o processo de mudança rápida a que estes territórios têm estado sujeitos nos últimos anos.

“Portugal-Chão não é, evidentemente, um espaço de mansidão bovina e silêncio absoluto. O ritmo dos seus dias e ciclos, da vida e do trabalho repetido alimentam fugas inversas, rumo à cidade, muitas vezes a urbe europeia. Como lemos no texto reflexivo de C. Cavaco, «numa aldeia há só uma aldeia, mas numa cidade, cada pessoa cria o seu território, escolhe os seus lugares fortes e fracos, abstraindo-se do resto da cidade. Numa cidade há, pois, várias cidades»” (*idem, ibidem*: 19)

Um elemento central a sublinhar no quadro das estratégias de abandono é a tendência para a reprodução dessas práticas dentro do mesmo grupo social. Ou seja, os jovens de Cachopo tendem a reproduzir as práticas de abandono preconizadas por outros jovens. A experimentação positiva da vida fora da freguesia, por parte dos que já saíram, vai alimentando o campo das expectativas dos jovens que ainda aí permanecem.

“Os mais novos tomam como exemplo o que os mais velhos fazem e quando chega a altura vão-se embora.” (E2)

“Os mais jovens não ficam aqui.” (E29)

“(…) daqui a uns anos já não há cá ninguém, os jovens vão-se todos embora” (E49)

“(…) é um ciclo e vão todos embora.” (E54)

Aqueles que já abandonaram ou que perspectivam o abandono ponderam sempre, no entanto, o regresso à aldeia aos fins-de-semana e férias. Também aqui se denota uma reprodução das práticas dos jovens que já abandonaram a freguesia, por parte daqueles que projectam esse abandono.

“(…) mesmo que não vivesse cá, todos os fins-de-semana vinha cá, tenho cá a minha família.” (E4)

“Onde é que eu iria trabalhar aqui? Só no Lar. Não vejo outra coisa para trabalhar ou para fazer aquilo que gosto... ao fim-de-semana sempre cá. (...) Agora morar, não!” (E20)

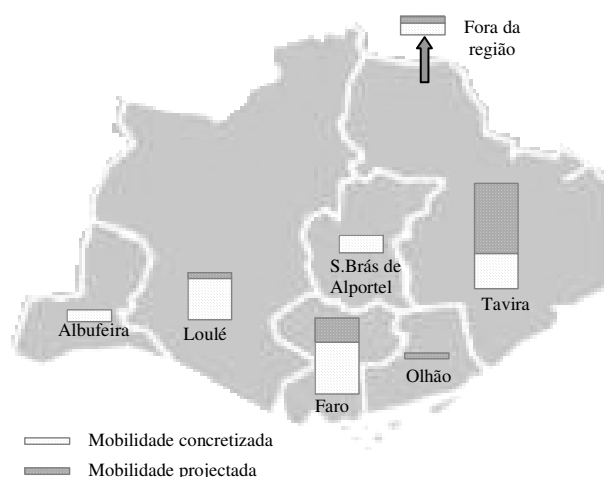
“Casa ali só para férias e para descansar do trabalho e mais nada, porque aqui não há nada para a gente fazer.” (E49)

Tais projecções e tais práticas de regresso frequente à aldeia são possíveis pelas mobilidades residenciais de proximidade que se registam entre os jovens. Torna-se então

importante analisar as características destas mobilidades residenciais, quer as efectivadas quer as perspectivadas. Para aqueles que já abandonaram a freguesia conclui-se que as mobilidades residenciais são regionais e muito próximas do local de origem. Com excepção dos dois jovens que na altura da inquirição se encontravam fora da região<sup>29</sup>, todos os restantes estão em concelhos que não distam mais de 80 km de Cachopo.

Para os jovens que já abandonaram a freguesia, os concelhos mais escolhidos para residir são: Faro (9 jovens), Loulé (7) e Tavira (6). O litoral e as cidades, em particular, continuam a ser atractivos em várias vertentes: quer como pólo habitacional, qualificacional, de dinamização sócio-cultural e de inserção profissional. A grande maioria escolhe para viver os concelhos limítrofes a Cachopo, talvez porque assim conseguirão facilmente manter contacto com os seus familiares. O tipo de opção residencial permite-lhes regressar regularmente ao lugar de origem, razão pela qual se encontra este grupo de jovens denominado de residentes de fins-de-semana. No conjunto dos resistentes cépticos, a opção residencial futura reproduz as actuais opções residenciais daqueles que já partiram da aldeia – as opções mais assinaladas recaem para Tavira e Faro, se bem que o façam sem grandes certezas e, nalguns casos, a referência é feita ao querer ir viver para “grandes cidades”.

**Mapa 3. Fluxos residenciais dos jovens que já abandonaram a freguesia (não resistentes) e daqueles que perspectivam o abandono futuro (resistentes cépticos)**



Fonte: Própria

<sup>29</sup> Uma jovem encontrava-se a estudar em Portalegre e o outro a cumprir o Serviço Militar Obrigatório.

As mobilidades residenciais traduzem um conjunto de transformações que vão ocorrendo neste espaço. Verifica-se o que Voyé e Remi (1994) assinalam que é a tendência de um maior contacto com os meios urbanos, visível pelos movimentos pendulares<sup>30</sup>, que se traduzem nos movimentos quotidianos de ida e retorno à residência. Tal contacto inicia-se com o percurso educativo e continua com a inserção no mercado de trabalho. Se o acesso ao 1º ciclo do ensino básico ainda vai sendo assegurado localmente, o mesmo não se pode dizer com o ensino básico mediatizado (2º ciclo) que terminou recentemente.

Assim, a partir dos 10/11 anos todos os jovens têm de se deslocar para fora – na sua grande maioria, para o centro de Tavira<sup>31</sup> – para poderem dar continuidade aos seus estudos. É a partir de muito cedo que o contacto com a vivência urbana se dá. Essa passa a ser a sua referência quotidiana, na medida em que a maioria dos jovens passa a maior parte do dia fora de casa<sup>32</sup>.

Dos jovens residentes habituais, uma parte importante não se desloca para fora da freguesia (15), no entanto, a maioria desloca-se para Tavira (24). Nestes movimentos para Tavira destaca-se o número de jovens que aí tem de se deslocar para levar a cabo o seu percurso escolar. Ainda se verificam movimentos para o concelho de Alcoutim, em particular para Martim Longo, igualmente por motivos de estudo. Um dos jovens desloca-se diariamente para Faro e os restantes 5 trabalham em Loulé. Registe-se que um destes jovens inquiridos trabalha no Barranco do Velho, uma localidade do concelho de Loulé, que limita com a freguesia, e os outros tratam-se de jovens que residem mais próximos de Loulé (exemplo dos residentes na Feiteira, Pulo de Cão e Medronheira). Apenas um dos jovens tem residência no lugar sede de freguesia e desloca-se diariamente para Faro.

A partir destes dados é possível concluir que os movimentos pendulares dos jovens são bem mais acentuados do que os registados pela população residente, em geral. Em 2001, segundo os dados dos Censos, 66,6% da população trabalhava e/ou estudava na freguesia de residência, quando apenas 13,8% se deslocava para outra freguesia do

---

<sup>30</sup> Considerou-se, para aqueles que trabalham e estudam apenas o local de trabalho, dado ser o movimento que efectuarão com maior frequência. Não foi possível identificar o local de trabalho e/ou estudo para todos os jovens dado não ter sido referenciado por estes.

<sup>31</sup> É curioso verificar que, apesar de existir uma escola de 2º ciclo a 16 kms de distância – em Martim Longo – a opção para acesso a este ciclo de ensino é Tavira, que dista a cerca de 40 kms.

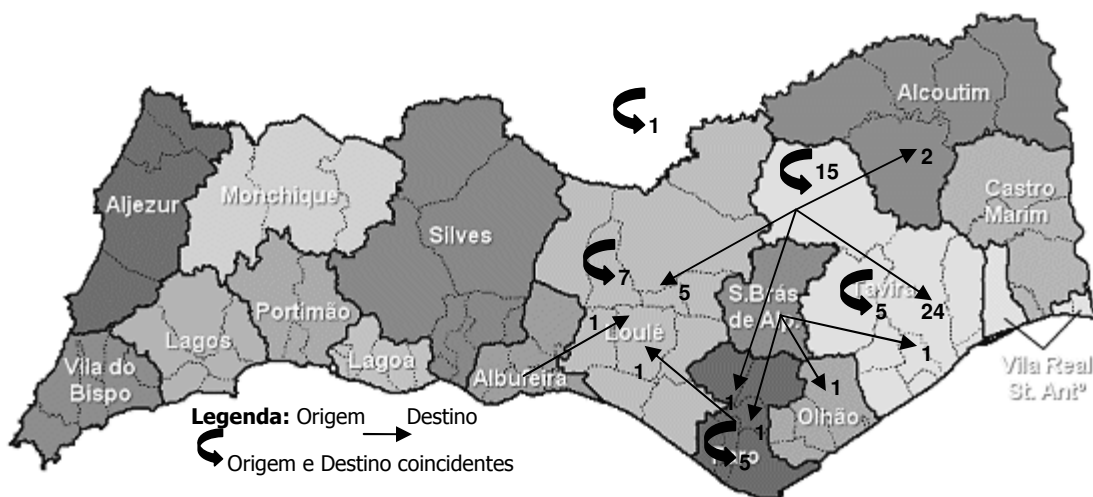
<sup>32</sup> Esta era uma tendência já evidenciada no estudo de Machado *et al* (1998: 7): “*Frequentar a escola aí significa, quase sempre, deslocações diárias longas e demoradas, com saídas muito cedo de casa e regresso tardio.*”

concelho e 18% para outro concelho. Tal significa que os jovens têm, sem dúvida, mais contacto com o meio urbano do que os adultos.

Nos jovens residentes de fins-de-semana as mobilidades quotidianas fazem-se para localidades mais próximas, por comparação com os percursos empreendidos pelos jovens residentes habituais. Os jovens que residem em S. Brás de Alportel trabalham ou estudam fora – Faro, Olhão e Tavira. Dos jovens que residem em Loulé, nenhum se desloca para fora do concelho para efeitos de trabalho ou estudo. O único residente em Albufeira em que foi possível delimitar o local de trabalho/ estudo, desloca-se diariamente para Loulé. No concelho de Tavira, os 5 jovens que aí residem e referiram o local de trabalho/estudo, nenhum se desloca para fora do concelho. Finalmente, no que concerne aos habitantes de Faro, apenas um referiu trabalhar em Loulé, quando os restantes residem e trabalham ou estudam nesse concelho.

Acrescem a estes movimentos, aqueles que são feitos regularmente para efeitos de lazer – de fim-de-semana para retorno ao lugar de origem e outros com destino a espaços de divertimento (caso das discotecas e bares – tendo sido mais referenciadas as deslocações para S. Brás de Alportel, Castro Verde e Tavira).

**Mapa 4. Movimentos pendulares dos jovens (casa- trabalho/ casa-escola)**



Fonte: Mapa da CCDR Algarve; Tratamento próprio dos dados

As acessibilidades e condições dessas acessibilidades são igualmente essenciais na análise das causalidades do abandono da freguesia por parte dos jovens. Um elemento central respeita aos meios de deslocação que utilizam no quotidiano. Um resultado interessante é revelado pelo estudo – a maioria dos jovens desloca-se através de viatura

própria (grande parte através de carro, mas outros de mota). Esta autonomia nos meios de deslocação torna-se, então, elemento central no abandono efectivado ou perspectivado. Curiosamente, no estudo de Machado *et al* (1998: 24), já se evidenciava igualmente esta modalidade de autonomização dos jovens como forma de garantir os seus movimentos pendulares frequentes:

“(…) a sua vida se organiza justamente na pendularidade diária e semanal entre os dois espaços, não só por razões profissionais e escolares, mas também nos tempos de lazer, em que se deslocam para o litoral para, por exemplo, frequentarem discotecas ou irem ao cinema. (…) essa pendularidade tem sido facilitada pela melhoria gradual dos acessos (…) e pela posse generalizada de meios de transporte próprios.”

O segundo meio de deslocação mais utilizado é o autocarro ou carrinhas da Câmara Municipal de Tavira. Tal é utilizado, essencialmente, senão mesmo exclusivamente, pelos jovens estudantes. Os que vivem na aldeia sede de freguesia apenas apanham o autocarro que os conduz directamente para Tavira (nalguns casos excepcionais para Martim Longo). Mas os jovens dos montes e aglomerados populacionais que circundam Cachopo têm sempre de aceder ao serviço das carrinhas da autarquia que os conduzem previamente até Cachopo. Tal faz com que os jovens estudantes desses aglomerados tenham de acordar mais cedo do que os de Cachopo, e tenham uma viagem igualmente mais morosa.

Uma parte importante dos jovens demora entre 30 a 60 minutos a efectuar as suas deslocações para o local de trabalho e/ou estudo e percorrer entre 30 e 50 quilómetros para efectuar esse percurso. Se considerarmos o movimento de ida e volta, verifica-se que os jovens perdem entre 1 e 2 horas por dia para as suas deslocações pendulares e percorrem entre 60 a 100 quilómetros. É, por isso, natural que na avaliação do percurso que têm de percorrer a resposta mais assinalada seja a de que esse é aborrecido, cansativo, porque também se trata de um percurso muito sinuoso, com muitas curvas. Se é certo que são adversas as condições por que estes jovens têm de passar, não é menos verdade que o hábito e a consciencialização da sua situação os faz ultrapassar facilmente este constrangimento do quotidiano.

“Tem muitas curvas e é tudo muito longe, mas já não estranho” (E4)

“(…) uma pessoa tem que se sujeitar aos horários e quando vamos fazer uma coisa depois de estarmos despachados ficamos duas ou três horas à espera de autocarro.” (E11)

“Há dias em que apetece ficar na cama. Levantar todos os dias às seis da manhã e quando temos de estudar à noite é muito duro.” (E14)

“A distância nunca vamos encurtar, a distância física e a distância a meios.” (E28)

“Os jovens de Cachopo, nessa matéria, foram e ainda são muito prejudicados. Apesar de há 3 anos para cá haver uma carrinha que à hora de almoço traz alguns jovens, a distância de casa para o local de estudo é muito grande. Demoram muito tempo.” (E31)

“(…) um bocadinho longe de tudo, mas o longe faz-se perto e a gente habitua-se.” (E59)

“Tem muitas curvas, só que eu já estou habituado.” (E69)

A procura de autonomização nas deslocações justificar-se-á pelo desânimo face à dependência de meios de transporte que pouco se coadunam com as necessidades de deslocação. Esta é a razão pela qual verificamos um número significativo de jovens a deterem viatura própria para deslocação para fora da aldeia. Ainda se regista um número importante de jovens que utiliza a boleia de familiares ou da entidade patronal para efectivar as suas deslocações.

#### **Quadro 10. Meio de deslocação utilizado no quotidiano**

<b>Meio de deslocação</b>	<b>Nº</b>
Desloca-se através de viatura própria – carro	41
Desloca-se de autocarro	24
Apanha boleia (da entidade patronal/ de um familiar)	13
Desloca-se através de viatura própria – mota	6
Desloca-se a pé	3
Desloca-se através de viatura familiar - carro	2
Desloca-se através de viatura própria – bicicleta	1
Não refere	4

Fonte: Própria

Assim, apesar do cansaço do percurso, muitos jovens admitem que hoje em dia as estradas estão melhores do que antigamente. É preciso referir que foram introduzidas melhorias na rede viária, sendo tal valorizado pelo público juvenil. Segue-se a referência à distância longa que têm de percorrer diariamente e aos maus acessos aos montes, por não estarem alcatroados. Tal é particularmente sentido em dias de chuva, onde nalguns casos os acessos se tornam intransitáveis ou muito difíceis de percorrer. Alguns jovens referem que as estradas não são muito boas, mas segue-se a referência a que o percurso é bom e rápido.

**Quadro 11. Avaliação da rede viária para fora de Cachopo**

<b>Avaliação da rede viária</b>	<b>Nº</b>
O percurso é aborrecido/ tem muitas curvas/ é cansativo/ é difícil	26
Está habituado ao percurso	17
As estradas estão em boas condições/ são melhores do que antigamente	15
O percurso é muito longo	11
O percurso nos montes é mau por não haver estrada alcatroada	8
As estradas não são muito boas	5
O percurso é bom/ Não é cansativo	4
O percurso é rápido/ é mais curto do que antigamente	2
Fazer o percurso, para fora da freguesia, em viatura própria comporta custos elevados	2
Se o percurso fosse melhor viveria em Cachopo e trabalharia fora	1
As pessoas de fora consideram o percurso complicado	1
Não se importa com o percurso que tem de fazer	1
No Inverno, o percurso torna-se perigoso	1
É preciso ter motivação para fazer o percurso	1
Não responde	19

Fonte: Própria

Concluindo-se por uma vontade maioritária em preconizar o abandono da freguesia, não deixa de ser interessante o facto desse ser mediado por uma vontade em manter relações de proximidade com o «território de identidade de origem». Tal pode ser visto como um «efeito amortecedor» face ao impacto que implica uma mudança residencial para espaços caracterizados por modos e estilos de vida bastante diferenciados daqueles que fizeram parte dos seus processos de socialização enquanto mais novos. Por outro lado, face ao risco associado a todas as esferas da vida moderna, a manutenção dessas redes sociais funciona como sistema de protecção social assente quer no suporte familiar quer nas redes de amizade. *“Uma particularidade de muitos jovens contemporâneos é, por conseguinte, a de viverem um tempo de instabilidade e de incertezas, de tensão entre o presente e o futuro, de laços persistentes de dependência e de anseios resistentes de independência.”* (Pais, 2003: 7)

#### 4. O urbano como apelo identitário

Os jovens são, regra geral, um grupo emblemático das culturas urbanas. “*Ao esvaziamento das classes associadas ao mundo rural (campesinato, proletariado rural e algumas franjas da pequena burguesia tradicional), constripôs-se uma juventude cada vez mais «urbana». Com a urbanização da juventude a sua problematização (social e sociológica) ganhou, também novos contornos.*” (Pais, 2005: 2). No entanto, a construção identitária dos jovens dos espaços rurais não deixa de ser feita sem que esses se deparem com um conjunto de referências.

A identidade não depende apenas da origem social ou espacial dos indivíduos, mas “*é um produto de sucessivas socializações*” (Dubar, 1997: 13). A identidade é, então, uma construção social, de carácter contextual e que se encontra em constante mudança. Guerra (1993: 69) assinala a importância da integração do campo das representações e das práticas na análise do conceito de identidade. É igualmente sublinhada a relação de ambiguidade no conceito: “*a identidade é pessoal nas dimensões construídas pelo sujeito como imagem de si e é social nas identificações que o sujeito integra como dimensões de pertença social a grupos.*”

Quando se dá a mobilidade dos jovens, sejam as espaciais que medeiam a gestão do seu quotidiano, sejam as residenciais quando se dá o abandono efectivo da freguesia, há um «transporte» de referências espaciais que têm repercussões nos modos como vão representando e se vão apropriando desses «novos» espaços. As mobilidades são centrais na forma como o espaço é representado pelos próprios jovens. “*A questão da identidade deixa assim de ser limitada ao espaço da comunidade em estudo (o lugar) para passar a integrar as interações que este estabelece com os espaços exteriores*” (Silvano, 1997: 6).

É nas práticas de lazer e nas formas de ocupação de tempos livres que mais se visualiza o entrecruzar da relação entre rural e urbano na construção identitária juvenil. Os jovens facilmente conjugam práticas que são caracteristicamente urbanas, ou que obrigam à deslocação aos espaços urbanos para as efectivarem, com práticas no espaço da freguesia ou de cariz tradicional (não exclusivamente rurais). Tal é uma situação que foi igualmente sublinhada no estudo sobre os jovens de Loulé: “*Particularmente interessante é o modo como os jovens que participam com satisfação neste tipo de actividades tradicionais as combinam harmoniosamente com práticas de lazer características da cultura juvenil urbana (por exemplo, saídas em grupo nas noites de fim-de-semana para discotecas e*

*bares), práticas que, de resto, se encontram plenamente difundidas na zona.” (Machado et al: 1998:23).*

Por exemplo, facilmente um jovem dança no rancho e vai aos bailes e festas populares, como se desloca aos fins-de-semana, para bares e discotecas do litoral. O mais curioso é que parte dos jovens – os que são residentes de fins-de-semana – vêm de concelhos mais próximos do litoral e quando saem à noite, descem a serra para aí novamente regressar ao fim de uma noite de divertimento. Parte dessas práticas, pela sua especificidade, são desenvolvidas fora da aldeia. Outras são desenvolvidas na aldeia, sem que tenham necessária relação com as características do território. A título de exemplo, refira-se que a ida ao centro comercial só pode ser feita nos contextos urbanos, mas andar de patins, apesar de ser uma actividade mais associada a esses espaços, pode ser praticada em qualquer lugar.

Uma das razões que une estes jovens está associada à forte ligação que mantêm com Cachopo. Tal é particularmente visível nas suas práticas de lazer. Embora existam algumas que satisfazem mais uns jovens do que outros, há um conjunto de actividades que os associam – o que é revelador dos laços sociais fortes existentes. Assim, no conjunto das actividades descritas pelos jovens, destacam-se aquelas que são desenvolvidas no próprio território: actividades de sociabilidade local e de expressão desportiva local. Curiosamente, no grupo das actividades desenvolvidas, destaca-se igualmente a importância das práticas de sociabilidade urbana. As actividades que envolvem mais jovens são as de prática colectiva, onde se destacam as seguintes:

- Ir ao café (em Cachopo ou fora) (41);
- Ir a discotecas/ bares (39);
- Ir a bailes/ festas (22);
- Jogar futebol (22), prática onde a presença feminina não é de menosprezar – 6 raparigas assumiram praticar futebol;
- Apoio às actividades domésticas (17);
- Sair ou conversar com os amigos (17);
- Ir à caça (15);
- Ver televisão/ filmes (15) – a única actividade mais referenciada que pode ser praticada individualmente pelos jovens;
- Ir à piscina – fonte férrea – (11);
- Jogar snooker (10);

- Ir à praia (10);
- Ir ao cinema (10).

**Quadro 12. Tipos de Ocupação dos Tempos Livres**

<b>Categoria<sup>33</sup></b>	<b>Ocupação</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Domésticos Comunitários	Jogar às cartas	2	2,5
	Apoio às actividades domésticas	17	21
	Apoio a familiares em actividades profissionais/ de subsistência doméstica	8	9,9
	Jogar snooker	10	12,3
	Jogar matraquilhos	4	4,9
	Visita a familiares	1	1,2
Domésticos expressivos	Escrever	2	2,5
	Pesquisa na Internet/ jogar computador	6	7,4
Domésticos receptivos	Ler	3	3,7
	Ver televisão/ vê filmes	15	18,5
	Ouvir música	6	7,4
De sociabilidade local	Ir ao café (em Cachopo mas também fora)	41	50,6
	Dar/ Ir à catequese	4	4,9
	Ir à missa	5	6,2
	Ir a bailes/ festas	22	27,2
	Sair ou conversar com os amigos (em Cachopo mas também fora)	17	21
	Sair com o namorado	3	3,7
De sociabilidade urbana	Ir à discoteca/ bares	39	48,1
De expressão artística	Fazer grafites	1	1,2
	Pintar/ Desenhar	2	2,5
	Tocar acordeão	1	1,2
	Dança (rancho)	9	11,1
	Tocar guitarra	1	1,2
	Fazer renda	3	3,7
De expressão desportiva local	Ir à caça	15	18,5
	Jogar futebol	22	27,2
	Jogar petanca	3	3,7
	Ir à pesca	3	3,7
	Jogar à malha	3	3,7

<sup>33</sup> Aplicação adaptada das categorias utilizadas em Gomes (2003).

<b>Categoria</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
De expressão desportiva sem especificidades locais	Andar de bicicleta	8	9,9
	Ir correr	3	3,7
	Andar de patins	1	1,2
	Andar de mota	5	6,2
	Fazer natação	2	2,5
	Ir ao ginásio	2	2,5
	Fazer rally	1	1,2
	Fazer pesca submarina	1	1,2
	Fazer mergulho	1	1,2
De expressão ao ar livre - endógenas	Ir à piscina – fonte férrea	11	13,6
	Ir à ribeira	4	4,9
	Passear	9	11,1
De expressão ao ar livre - exógenas	Ir à praia	10	12,3
	Acampar na praia	1	1,2
De expressão informativa	Ir à biblioteca	8	9,9
Espectaculares de participação expressiva	Ir ao centro comercial/ às compras; Ver lojas	5	6,2
Espectaculares informativos	Ir ao cinema	10	12,3
	Ver exposições de caça e pesca	1	1,2
	Ir ao teatro	1	1,2
De participação cívica	Organização de actividades associativas	3	3,7
	Participação nos Bombeiros voluntários	1	1,2
De abandono	Sem actividade de lazer regular	1	1,2

Porque os jovens têm o seu quotidiano mediado por referências espaciais diferenciadas, a sua identidade é construída pela multiplicidade de processos de socialização que vão preconizando. O que se verifica é que estes jovens «transportam» consigo o que se vão denominando de «identidades múltiplas». *“Os indivíduos identificam-se com uma multiplicidade de figuras e compõem, dessa forma, uma constelação identitária que é pessoal e, nesse sentido, única, movente e não necessariamente coerente.”* (Maffesoli, 1992 cit. in Silvano, 1997:2). O conjunto das relações sociais dos jovens são mediadas por uma relação entre as lógicas globalizantes da modernidade e o carácter localizado do quotidiano, traduzindo-se numa *“relação dialéctica e complicada entre o «extensivo» e o «intensivo».*” (Giddens, 1995: 102). A sobreposição entre diferentes modelos de desenvolvimento experimentados pelos jovens acaba por enquadrá-

los naquilo que pode ser denominado de “*confusão da pré e pós-modernidade*” (E. Prado Coelho cit. in Fortuna, 2003: 4). O sentimento de lugar é sempre exaltado de modo relacional e contextual. A referência relacional na construção identitária é evidente nalguns discursos quando os jovens se referem ao território como tendo características «medievais» ou «tradicionais». Tal como sugerido por Giddens, esse sentimento é cada vez mais descontextualizado ao nível espacio-temporal. Ou seja, nas suas práticas os indivíduos baseiam-se nas referências locais, mas igualmente em referências distantes.

“A primazia do local nos cenários pré-modernos tem sido largamente destruída pela descontextualização e pelo distanciamento espacio-temporal. O local tornou-se fantasmagórico porque as estruturas que o constituem já não estão organizadas localmente. O local e o global, por outras palavras, tornaram-se inextricavelmente interligados. Os sentimentos de ligação estreita, ou de identificação, com lugares ainda persistem. Mas eles próprios estão descontextualizados: não exprimem apenas práticas e envoltimentos baseados localmente, mas são atravessados por influências muito mais distantes.” (Giddens, 1995:89).

Pode então dizer-se que as práticas dos jovens residentes habituais estarão mediadas pelas suas experimentações em meios urbanos, da mesma forma que os jovens residentes de fins-de-semana terão as suas práticas sociais imbuídas de influência dos processos de socialização por que passaram na sua freguesia de origem. As suas identidades são construídas na base de múltiplas referências que os leva a adaptações constantes em função dos espaços em que vão socializando. Estes jovens vivem uma relação entre o *prescritivo* e o *performativo*, ou seja, entre percursos e estratégias regulados pela sociedade de origem e a vontade de viverem novas experiências e aventuras, características das culturas juvenis urbanas.

“Há duas diferentes maneiras de olharmos as culturas juvenis: ou através das socializações que as prescrevem ou das suas expressividades (*performances*) quotidianas. A distinção entre estas duas perspectivas pode ser aclarada tomando a «dualidade primordial» proposta por Deleuze ao contrapôr «espaço estriado» e «espaço liso». O *espaço estriado* é revelador da ordem, do controlo. É um espaço cujos trajectos aparecem confinados às características do espaço que determinam esses trajectos. Em contraste, o espaço liso abre-se ao caos, ao nomadismo, ao devir, ao performativo. É um espaço de *patchwork*: de novas sensibilidades e realidades. A ideia que ponho à discussão é a seguinte. Nos tradicionais *estatutos* de passagem da adolescência para a vida adulta os jovens adaptam-se a *formas prescritivas* que rigidificavam as modalidades de passagem de uma a outra fase da vida. Diríamos, então, que essas transições ocorriam predominantemente em *espaços estriados*. No entanto, entre muitos jovens, as transições encontram-se actualmente sujeitas às culturas *performativas* que emergem das ilhas de dissidência em que se têm constituído os quotidianos juvenis. Ou seja, as culturas juvenis são vincadamente *performativas* porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe.” (Pais, 2005: 7).

Ora as identidades múltiplas que se identificam nos jovens não são mais do que tradução da dialéctica vivida espacialmente e socialmente entre a passagem de uma situação não urbanizada para um rural em vias de urbanização, marcado pela difusão das características da modernidade (Voyé e Rémi, 1994). Se, no primeiro caso, é evidente o controlo social por parte dos demais residentes, visível quer pela observação ou comentários directos, no segundo tendem-se a gerar atritos pela procura de uma aproximação a um modelo em que o individualismo se sobrepõe ao projecto do grupo. Nesta linha de pensamento já Santos e Pais (1988: 79) referiam que *“os jovens rurais são os que mais confrontados se encontram com os fraccionamentos «normativos» que expressam as descontinuidades geracionais.”*

As identidades múltiplas são visíveis no que poderíamos, à primeira vista, denominar de incongruências discursivas. Um dos exemplos diz respeito à avaliação que os jovens fazem das dinâmicas sociais locais. Se, por um lado, valorizam as solidariedades locais e a coesão da comunidade, por outro, identificam constrangimentos no controlo dos adultos sobre as suas práticas. Um dos jovens refere: *“Aqui todos se conhecem, todos se ajudam.”* (E52). A ocultação das conflitualidades internas emerge, de acordo com Voyé e Rémi (1994) como uma das características das aldeias não urbanizadas, evidente na «opacidade para com o exterior». Discurso completamente oposto, e que demonstra as tensões locais existentes, é preconizado por um outro jovem: *“Aqui as pessoas não se ajudam. Quem quer fazer alguma coisa, aqui as pessoas não ajudam”* (E30).

A aversão a esse controlo social é demonstrada por um conjunto de categorias utilizadas para se referenciar aos mais velhos que os observam: «bufos»; «olheiros»; «detectives» ou «banco da má-língua». Aqui se evidencia a dialéctica entre o «indivíduo» e o «colectivo». É a tensão entre tradição e modernidade em acção. Vejam-se dois exemplos paradigmáticos de incoerências discursivas que traduzem as referências múltiplas identitárias dos jovens:

“Nós queremos fugir aos olheiros, como se diz na gíria... Se a mentalidade não mudar, os jovens vão-se embora de Cachopo.”

“(...) as pessoas em si... são todos muito unidos” (E25)

“São os olheiros (...) banco da má-língua. (...) Os velhos dizem logo que a gente anda a fumar um charrinho (...) compramos pastilhas e eles dizem logo que são mortilhas. [quando vão à noite para a Fonte Férrea] surgem comentários (dos «detectives» e «olheiros») pela aldeia toda, por parte da população mais velha: ‘O que é que eles vão ali fazer para o escuro?’ Isto é uma mentalidade medieval. Se um rapaz usa brinco chamam logo «mariquinhas» e «drogado».”

“Curto bué de viver aqui, porque se conhecem uns aos outros, apesar de alguns se tentarem lixar uns aos outros.” (E27)

São, no entanto, bem mais vastas as expressões que demonstram resistências face ao regramento que parece querer ser imposto pelos adultos. Se é evidente a proximidade existente neste meio, fazendo com que as pessoas vão estabelecendo relações constantes entre si – o que difere dos meios urbanos, onde os encontros casuísticos são bem mais frequentes – também se destacam as conflitualidades advindas dessa regularidade nas redes sociais estabelecidas.

“As pessoas conhecem-se bem e acabam por se meter na vida dos outros.” (E3)

“Nestes meios muito pequenos, é tudo muito calminho, mas toda a gente se conhece muito bem, bem demais. Depois há muitas intrigas. E eu não gosto deste ambiente.” (E14)

“(…) É aquilo a que a gente chama de «bufos», estão sempre a deitar abaixo, sempre a falar, a piorar a situação das outras pessoas, não tentam ajudar.” (E15)

“Como é um meio pequeno existe muita rivalidade entre a população, são as más-línguas.” (E17)

“Algumas pessoas são amigas, mas há outras que só pensam em dificultar a vida aos outros. Numa aldeia tão pequena era para não haver tanta rivalidade.” (E26)

“As pessoas dão-se um bocado mal umas com as outras.” (E30)

“As pessoas são muito intriguistas, estão sempre a falar mal umas das outras, os conflitos entre uns jovens e outros, discutem com qualquer coisa e depois estão algum tempo sem se falarem.” (E49)

“(…) ainda existem conflitos entre algumas pessoas e devíamos viver todos como uma família.” (E34)

Mas a multiplicidade de referências na construção identitária não se cinge à análise das redes sociais. São igualmente visíveis nos discursos contradições ao nível dos elementos de valorização dos espaços rurais e urbanos. Assim, tanto apreciam a «calma» e o «sossego» que a vivência na freguesia lhes proporciona, como se rendem à «movimentação» das cidades.

“Cachopo é um local calmo, diferente da cidade e bonito.”

“Lá há mais coisas para fazer, aqui não há assim tanta coisa.” (E20)

“Cachopo é calmo... é o barulho dos pássaros que eu adoro. Cachopo é muito bonito.”

“As pessoas fartam-se de tanta calma.” (E25)

Se há uma tendência de valorização positiva das características ambientais e paisagísticas, não é menos verdade que os jovens acabam por preconizar a transição de

uma sociedade «gastronómica» para uma «gastro-anómica»<sup>34</sup>. Ou seja, evidencia-se uma procura incessante dos jovens para os apelos consumistas da cidade. Também aqui a reflexão é feita em termos relacionais, tendo por base aquilo que é apreciado pelos jovens e o que a freguesia não lhes proporciona.

Gosta da cidade porque “existem mais coisas, tem o Fórum, posso ir gastar dinheiro.” (E43)

“Às vezes vou aos centros comerciais, também preciso dessas coisas.” (E51)

“(…) As pessoas também precisam de outras coisas: de ir às compras, ao cinema.” (E64)

Os jovens de hoje preconizam estratégias «labirínticas» ou «yô-yô», como Machado Pais (2003; 2005) lhes denomina, e os jovens de Cachopo não fogem a essa regra ao deixarem, muitas das vezes, os seus projectos futuros entreabertos e marcados por indefinições e inconstâncias. Mas, mais uma vez, joga na complexidade da estruturação dos modos de vida destes jovens a contínua relação entre «território de origem» e «território de referência». Alguns dos «jovens residentes habituais cépticos» são a clara evidência dessas dificuldades na projecção do futuro. Pese embora valorizem o contexto local vêem na vivência nas cidades a única alternativa de futuro (em muito mediada pelas oportunidades de emprego que aí vão sendo criadas ou pela existência de condições de vida que não conseguem ter na freguesia). Assim, facilmente encontramos jovens que dizem querer viver em Cachopo mas tencionam ou perspectivam uma vida fora. Os apelos da vida urbana são bastante atractivos para estes jovens. Se é verdade que se sentem identificados com a freguesia onde vivem, fora dela pode ter-se uma vida «melhor».

Gosta de viver em Cachopo “mas lá em baixo está-se mais perto das coisas”. (E7)

Gostava de continuar a viver em Cachopo mas também queria ter uma casa em Faro: “lá há mais contacto com a informação, sobre empregos”. (E12)

“Ao nível de construir a habitação não sei, depende da vida profissional. Mas gostava de ficar em Cachopo pois foi aqui que nasci, mas não há empregos.” (E40)

Numa mesma entrevista um jovem refere pretender continuar a viver e trabalhar em Cachopo. Foi em Cachopo que nasceu, cresceu, foi criado, que estudou, “é a minha

---

<sup>34</sup> “Podemos dizer que as sociedades tradicionais eram sociedades «gastronómicas», no sentido etimológico da palavra gastronomia: de gastro (estômago, máquina de consumo) e nomia (de nomos, regra). Nas sociedades tradicionais, o consumo estava regido por regras. E, por isso, o consumo era «regrado» - no sentido de moderado, prudente, orientado para a satisfação das necessidades básicas. (...) Em contrapartida, no limiar do século XXI, este modelo gastronómico parece estar a dar lugar a um modelo gastro-anómico. Ou seja, o consumo desregulou-se.” (Pais, 2005: 6).

freguesia”. No entanto mais adiante refere não querer continuar a viver em Cachopo para sempre. Prefere ir para Tavira, “tem as coisas mais à mão”. (E41)

“Se tivesse aqui trabalho ficava, foi aqui que eu nasci”, mas mais à frente adianta: “Poderia sair da freguesia por um emprego bom, com um ordenado bom.” (E60)

As estratégias de abandono, que comportam consigo a necessidade de adaptação aos espaços de acolhimento, levam os indivíduos a reforçarem o sentimento de pertença ao território de origem. “*O sentimento de pertença a um espaço específico é, deste modo, reforçado pela referência a outros espaços. Espaço de pertença e espaço de referência são duas das modalidades através das quais uma comunidade constrói o seu território.*” (Silvano, 1997: 8). Assim, a experimentação do quotidiano nos espaços urbanos tende a conduzir a uma valorização do território de origem. As opiniões mais favoráveis sobre a freguesia são, tendencialmente, preconizadas por jovens que aí já não residem.

“Eu antes dizia que gostava muito de viver na cidade, agora que estou lá adoro estar aqui. Gosto mesmo. Se calhar, antes de sairmos daqui achávamos que isto aqui era uma chatice e não havia nada para fazer. Mas agora que estamos lá em baixo achamos que isto é bom, não sei... é diferente.” (E5)

“É bom estar longe mas é melhor estar cá.” (E25)

Sente que cada vez dá mais valor ao sossego da freguesia. Quando foi para Loulé “no início como era novidade não dava muito valor ao sossego de Cachopo.” (E62).

Neste flutuar de vivências entre o rural e o urbano, este último emerge como o modelo de referência para os jovens. Não se querendo adoptar posições fatalistas, certo é que esse modelo é para alguns jovens o projecto futuro e para outros uma inevitabilidade, quase como se de um caminho se tratasse em que não «há voltas a dar». Uns parecem querer fazer da sua «identidade urbana projectada» uma «realidade objectivada». Outros vivem numa «corda bamba» em que de um lado se verifica uma forte relação identitária com o meio rural e, por outro, são fortemente atraídos pelas condições que o meio urbano lhes pode oferecer.

## 5. Visão e práticas amorfas sobre o desenvolvimento local

O desenvolvimento tem sido alvo de diferentes conceptualizações e são vários os paradigmas que vão suportando a sua reflexão. Nesta discussão tanto entram as formas – que instituições poderão ter um papel no despoletar de dinâmicas de desenvolvimento – como os conteúdos – quais as variáveis que podem apoiar à sua definição. Face à premente incapacidade do Estado em resolver todos os problemas sociais, reflecte-se cada vez mais sobre as áreas em que deve ou não existir uma intervenção pública e onde é que se deve deixar os agentes actuar livremente. Tal não é uma discussão fácil e as soluções estão longe de serem colectivamente partilhadas. Para os espaços rurais deprimidos colocam-se velhas e novas questões.

Nas diferentes abordagens ao desenvolvimento, o papel das várias instituições tem sido diferentemente ponderado. Se nas teorias da modernização cabia ao Estado uma intervenção nos casos em que a economia não gerasse equilíbrios, as teorias da dependência vêm reivindicar o seu papel mais activo. O Estado deve funcionar, de acordo com a Escola da Modernização, como actor facilitador e mediador da industrialização das economias. É através desse processo de industrialização que se garante o progresso, condição para o desenvolvimento à escala global. Sendo assim, cabe ao Estado o papel de regulação dos desequilíbrios económicos. À luz das teorias da dependência só a ruptura com o modelo capitalista permitiria a emancipação dos países subdesenvolvidos, pelo que se sugere a passagem de um modelo capitalista – dominante – a um modelo socialista, em que os Estados Nacionais adquirem um papel central nos processos de tomada de decisão. O Estado garante aquilo que não é assegurado ao nível económico (Almeida, 2002 e Pires, 1986).

O neoliberalismo, que ora é visto enquanto paradigma ora como ideologia, tem como pressuposto fundamental a diminuição da intervenção do Estado na economia. O Mercado deve então actuar de modo livre, com o mínimo de protecctionismos e de regulações. Aos indivíduos cabe o papel de serem competitivos e capazes de responder aos desafios colocados pelas empresas. Reconhece-se então que o neoliberalismo destrói

“todos os «colectivos» que servem para defender os indivíduos. A meta é deixar o indivíduo isolado no mercado, entregue às forças do mercado sem possibilidade de resistência. Daí o ódio contra o Estado e a vontade de destruir o Estado-nação. É um verdadeiro ódio. Como dizia Reagan: «Não temos problemas no Estado, o Estado é o problema». Trata-se de eliminar todas as intervenções do Estado na economia. O ideal neoliberal seria um Estado reduzido à função de polícia: o Estado que se limita a

defender os direitos de prosperidade e os contratos assumidos no mercado” (Comblin, 1999: 21-22).

São as abordagens populistas que vêm colocar a sociedade civil no seio desta discussão (Almeida, 2002 e Hermet, 2002). Através do conceito de desenvolvimento humano, reconhece-se o centralismo das tomadas de decisão como um dos grandes constrangimentos ao desenvolvimento<sup>35</sup>, e o crescimento económico como não sendo necessariamente coincidente com a satisfação das necessidades básicas dos indivíduos e com a promoção de bem-estar social. A territorialização dos processos de desenvolvimento, a par com a participação activa dos cidadãos na governança territorial passam a ser cada vez mais equacionados. O paradigma de desenvolvimento local, assente numa base comunitária, tem sido essencial na estruturação de um conjunto de iniciativas que, a partir dos recursos endógenos, ainda vai permitindo alguma sustentação aos territórios. Esse foi o caso de Cachopo, quando a partir de um método de investigação-formação-acção se geraram, no decurso dos anos 80, algumas iniciativas empresariais e outras de carácter solidário que ainda hoje são o ícone de referência institucional local<sup>36</sup>.

Há então três grandes grupos de questões que podem ser colocadas. Em relação ao Estado pergunta-se se este deve estar mais ou menos presente na intervenção sobre o desenvolvimento do território. Quanto ao Mercado, e em particular às empresas, deve a sua actuação ser liberal ou mediada pelo Estado? Por fim, à sociedade civil cabe um papel mais amorfo ou mais interventivo? E a sua actuação é mediada pelo Estado ou pelo Mercado? Qualquer resposta a estas questões tem por detrás referências ideológicas não menosprezáveis. Não cabe aqui postular por uma ou outra abordagem. O que se pretende é verificar qual a postura dos jovens face ao desenvolvimento. Nesse quadro interessa então interpretar as suas percepções sobre esse à luz dos diferentes paradigmas que têm, sem qualquer dúvida, mediado a forma e o conteúdo das intervenções públicas no território.

Não é de menosprezar o reconhecimento do potencial endógeno de Cachopo por parte dos jovens. Tal é evidente na vertente ambiental e paisagística e na vertente produtiva e turística. No conjunto de propostas no domínio económico são de destacar: a aposta no turismo rural que aproveite o potencial ambiental local ou em articulação com a criação de reservas turísticas de caça; a criação de uma salsicharia, queijaria ou padaria; a certificação

---

<sup>35</sup> Recorde-se a famosa frase de Daniel Bell: “os países se tornam demasiado pequenos para solucionarem problemas grandes, mas também demasiado grandes para solucionarem os problemas pequenos” (Giddens, 2000: 24).

<sup>36</sup> Refere-se, em particular, à intervenção do Radial e, posteriormente, da então fundada Associação In Loco. Para mais aprofundamento contextual deve ler-se Almeida, 2002.

e qualificação dos produtos locais (agro-alimentares como o mel, medronho, licores, enchidos, presunto) assim como a sua comercialização; o investimento na reflorestação ou apicultura. Apesar do reconhecimento deste potencial, os jovens não estão dispostos, na sua maioria, em investir no local. Tal foi visível nos fóruns realizados, em particular no dedicado ao emprego e actividades económicas<sup>37</sup>. Quando desafiados a investirem na criação do seu próprio emprego ou a referirem as suas expectativas profissionais, os jovens vêm com muito cepticismo um futuro na aldeia.

Apesar de, em geral, serem mais expeditos na identificação das debilidades do que das potencialidades locais, não deve deixar de se destacar alguns elementos positivos da freguesia. Assim, alguns reconhecem que a rede de transporte assim como as vias de acesso são hoje melhores do que há uns anos atrás. Por outro lado, existem várias actividades de lazer que são mobilizadoras dos jovens, de que são exemplo a caça, o futebol e o rancho. Outros, não descontentes com a situação actual em que a freguesia se encontra, referem que o potencial da freguesia tem sido bem aproveitado. A existência de instituições locais de apoio aos grupos mais vulneráveis é igualmente assinalado como factor positivo – caso do Centro Paroquial (que funciona como Centro de Dia) e do Centro de Animação Infantil (com a valência de pré-escola e ocupação dos jovens do 1º ciclo). Outros recursos são igualmente relevados: o caso do ambiente e da paisagem, já referenciados anteriormente, a gastronomia local e o museu.

Apesar de conseguirem identificar alguns elementos com potencial na freguesia, a tendência é, no entanto, para sublinhar os factores negativos.

Embora reconheçam a importância da sustentabilidade agrícola tal é uma actividade que não os seduz. O discurso de um dos jovens é emblemático a este nível: “*não vou ficar aqui para andar atrás das ovelhas*” (E11). Portela (2003; 2005), num estudo sobre Santa Marta de Penaguião, revelava igual situação paradoxal: neste território existem «*vinhas por todo o lado*», mas ninguém as quer trabalhar, quando esse é o motor da economia local. Reconhece-se a tendência de desprendimento face à terra e o desejo de estar fora dela como forma de subsistência e procura de melhores condições de vida. Na verdade, a população de Cachopo foi sempre vivendo directa ou indirectamente da agricultura. Quando a modernização se tornou um elemento de evolução e progresso social foi o modo de vida rural que se tornou obsoleto (Fragoso *et al*: 2004: 2).

---

<sup>37</sup> Ver anexo metodológico.

Os jovens querem ser livres para abandonar o território, à semelhança do que os seus amigos mais velhos fizeram, deixando à «mercê» dos «outros» a resolução dos problemas locais. Quando se pergunta o que acham que deveria ser feito para melhorar a situação da freguesia, a solução passa, na maior parte das vezes, por uma maior atenção pública ao território. Quando se pergunta sobre as debilidades da freguesia, a «culpa» é, na maior parte das vezes, centrada na incúria dos outros, por vezes personificados na figura do Presidente da Junta de Freguesia, outras deixando em aberto o campo das responsabilidades. Vejam-se alguns dos problemas identificados pelos jovens que exemplificam a necessidade de uma actuação pública sobre o território: falta de habitação para os jovens; rede de transportes escassa e condições débeis dos meios de transporte públicos existentes; estradas em mau estado de conservação, em particular no que respeita ao acesso aos montes; falta de postos de trabalho que não permitem a fixação dos jovens; débeis acessos ao sistema de saúde; desadequação da intervenção da Junta de Freguesia às necessidades da população; falta de água, mais sentida nos montes e durante a época de Verão; existência de poucas actividades de tempos livres para os jovens, etc.

Predomina então uma “*tendência excessiva para transferir a responsabilidade dos problemas e das assimetrias económicas e sócio-culturais (...) para um providencialismo do Estado*” (Mota *et al*: 2005). Tal não é uma característica específica dos jovens de Cachopo mas da sociedade portuguesa, em geral. Na verdade, enquanto cidadãos julgamos sempre ter um papel muito diminuto na mudança. Como nos refere Olson (1998), a grande parte da sociedade é constituída por grupos latentes que se caracterizam pela incapacidade de se organizarem em função de interesses comuns. A ideia subjacente aos indivíduos é a de que não é o seu comportamento individual que poderá contribuir para a mudança desejada. As perdas de investimento para alcançar uma dada causa serão substancialmente superiores aos benefícios trazidos sem que desenvolva qualquer acção. A partir do momento em que os membros de um grupo possam aceder a um dado bem, não priva outros elementos do grupo, mesmo que não tenham contribuído para esse bem, do seu usufruto. O amorfismo local assim como o reconhecimento de que as coisas feitas por outros – exteriores ao território – são mais mobilizadoras, é evidenciado por alguns discursos, a saber:

“As pessoas deixam-se «à sombra da bananeira» como se costuma dizer.” (E51)

“As pessoas acomodam-se, queixam-se que não há trabalho, mas as pessoas em Lisboa ou Porto fazem duas horas para chegar ao trabalho e mais duas para voltar para casa e

aqui têm que ter trabalho logo à porta. (...) As pessoas não aderem a nada, às coisas novas.” (E51)

“As pessoas aderem mais ao que vem de fora, que outra entidade traz do que ao que a gente faz.” (E8)

“São necessárias pessoas de fora, o que as pessoas chamam de estrangeiros, com novas ideias e com possibilidades de investir em turismo e zonas de lazer.” (E12)

A componente de intervenção associada a este projecto de investigação leva à conclusão de que aquilo que depende dos jovens para mudar o contexto local não os mobiliza. Foi o caso da disponibilização prestada para os jovens que quisessem criar o seu próprio emprego, não tendo havido qualquer concretização da sua parte. Outro exemplo diz respeito à oferta de terrenos por parte do presidente da autarquia e apenas dois jovens se mostraram interessados em construir casa aproveitando esta oportunidade. Os jovens foram desafiados a criar uma Cooperativa de Habitação. Para tal, além de disporem de terrenos gratuitos e infra-estruturados iriam beneficiar de apoio jurídico da autarquia. Não foi possível encontrar os cinco elementos mínimos para a criação dessa Cooperativa. Quando se procurou planear um fórum de actividades culturais e de lazer, os jovens foram desafiados a participar na sua organização. Apenas dois se disponibilizaram no apoio e, no final, teve de desmarcar-se o encontro por falta de inscrições.

Em tom de desabafo alguns jovens deixam, no entanto, escapar a sua quota parte de responsabilidade no rumo que a freguesia está a tomar:

“Não puxam pelos jovens, mas também não são nenhuns santinhos.” (E25)

“Nós é que somos culpados de Cachopo estar assim, nós é que deixamos morrer as coisas.” (E50)

“O que é que serve termos um campo de futebol se não há jovens para jogar, o que serve termos além uma piscina (...) se não há jovens para a usar? (...) [quanto a novas infra-estruturas desportivas] não vale a pena porque os jovens não participam.” (E59)

“Mesmo se existisse mais emprego os jovens acabavam por partir para a cidade.” (E63)

O que se verifica é que o contexto local deixou de seduzir a grande parte dos jovens que ainda aí permanecem. Da mesma forma que Portela (2003; 2005) ouvia os jovens de Santa Marta de Penaguião dizer «*nas vinhas não há futuro para ninguém*», o mesmo desalento face ao território é verificado no discurso dos jovens de Cachopo. Estas são algumas das expressões comumente utilizadas para se referirem à freguesia: «*aqui não há nada*»; «*aqui não há nada para fazer*»; «*a freguesia é um problema*»; «*aqui está fora de questão*»; «*aqui não invisto o meu dinheirinho*»; «*isto aqui é muito difícil*». As

condições do trabalho associadas à actividade agrícola explicam<sup>38</sup>, em muito, as suas expectativas profissionais – a procura de um trabalho que escape a essa actividade ou a estabilidade no emprego são apenas alguns dos exemplos. Uma das jovens chegava mesmo a culpabilizar os pais pelo mau investimento na construção de uma casa em Cachopo: “*acho que foi um bocado dinheiro mal gasto. Se tem sido noutra sítio teria sido muito melhor. (...) Para quem não quer ficar cá, ser obrigado a morar cá é um bocado... atrapalha mesmo. Se tivessem construído casa ao pé de uma cidade não tinha de fazer este esforço todo para estudar.*” (E14). Assim, a saída de Cachopo vai sendo alimentada de expectativas de se poder ter uma «vida melhor» ou uma «vida mais agitada», que não conseguem vislumbrar localmente.

“(...) se do campo *não se tira futuro nenhum*, se no agro *não há futuro para ninguém*, é forçoso concluir que, qualquer afastamento desse meio, por diminuto que seja, traduz uma subida dos degraus da escadaria social. Livrar-se das terras, largar a *fazenda, desenrascar um trabalho*, ou *ganhar a vida mais regalada em qualquer lado*, mesmo que o salário seja ainda baixo, representa uma ajuda, talvez só uma ajudinha, no combate às assimetrias sociais.” (Portela, 2005: 216).

A análise empreendida pelos jovens sobre o desenvolvimento local é a tradução de uma visão narcisista urbana sobre o território: “espelho meu, espelho meu, faz Cachopo ser como eu!”. “*Só se isto desenvolvesse muito*” (E17) ou “*Cachopo não tem nada de bom, não é como o litoral*” (E44) são apenas alguns exemplos de como os jovens transportam consigo uma visão sobre o desenvolvimento local muito diferente daquele que aí é preconizado. Tal é fruto das mudanças identitárias em curso, marcadas por uma multiplicidade de referências na sua estruturação, identificadas anteriormente. Dos jovens emana, algumas vezes, o discurso da modernização pela transposição do modelo urbano – o desenvolvido, o moderno – no modelo rural – o periférico, o tradicional. Estas são algumas das propostas lançadas pelos jovens e que mostram a sua referência urbana na reflexão sobre o modelo de desenvolvimento para Cachopo: criar um Centro Comercial; abrir uma livraria ou papelaria; criar indústria; criar uma clínica privada; construir um Hospital; construir uma piscina para a prática de natação; criar um bar e/ou uma discoteca; criar um cinema; construção de um pavilhão polidesportivo; criar um Cyber Café; criar um serviço de aluguer de DVD’s, etc. A comparação com o urbano é, no entanto, uma das características apontadas por Voyé e Rémi relativamente ao *rural em vias de urbanização*:

---

<sup>38</sup> Referindo-se às más condições associadas ao exercício da actividade agrícola, um dos jovens referia: “no campo, apanho chuva, apanho vento.” (E10).

“(…) só dificilmente as pessoas poderão abster-se de comparar o modo e o nível de vida que têm aos da cidade; são estes que servem de ponto de referência, de argumentos de reivindicação e de negociação: as mesmas vantagens, os mesmos equipamentos, as mesmas condições e modos de utilização; trata-se de tender para uma homogeneização da vida na cidade e no campo, e isso, nomeadamente para os agricultores.

Reivindicações deste tipo podem, aliás, levar a outra mudança significativa no meio rural. Com efeito, nesta busca de homogeneidade e de igualdade, as aldeias sentem-se muitas vezes todas em atraso em relação à cidade.” (1994: 155).

Se a intervenção desenvolvida há 19 anos atrás, pelo Radial e Associação In Loco, teve efeitos na geração dos pais destes jovens, o mesmo não acontece hoje. A lógica do desenvolvimento local poderia, na altura, funcionar enquanto resposta dado o processo de intervenção ter permitido criar alternativas reais de subsistência para algumas famílias. Fragoso e Lúcio-Villegas referem que as soluções de outrora – assente em pequenas iniciativas de desenvolvimento local – não são válidas para a nova geração e os projectos dessa altura morrerão com a sua geração (2004: 5). Por outro lado, as mudanças centrais trazidas pela modernidade e seus efeitos globalizantes faz com que se vislumbra uma vida melhor fora da freguesia.

Termina-se este capítulo agarrando num desabafo de um dos jovens. Se a situação actual se mantiver “*daqui a quinze anos não está cá ninguém, acabou!*” (E8).

## **6. O perfil dos que ficam e dos que vão**

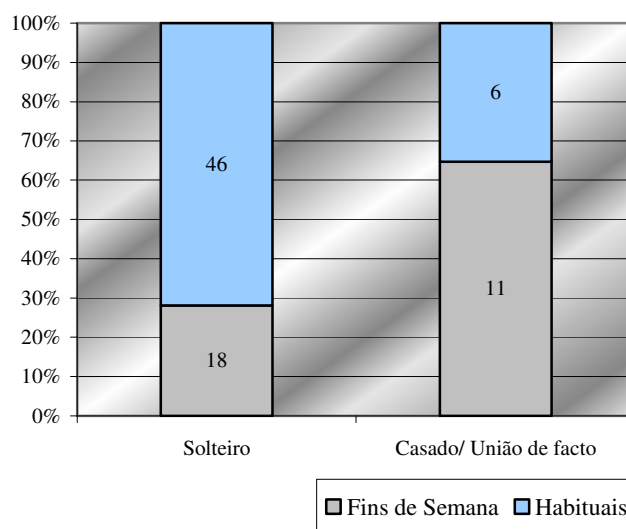
Elaborado todo este percurso sobre os processos de mudança em curso no território, resta sistematizar as variáveis que influenciam as estratégias de abandono e de permanência na freguesia. Associa-se o abandono da freguesia à procura de espaços que proporcionem condições que não existem no local, como por exemplo equipamentos de lazer e de divertimento, centros comerciais, praia. Mesmo para os jovens ‘resistentes cépticos’ esse é um factor de atracção para o litoral, pese embora as suas condições objectivas de subsistência actuais os façam permanecer na freguesia (a existência de um emprego estável). Mas há, sem dúvida, outras variáveis de peso que cabe aprofundar.

### *A família e a sua constituição como factor de estabilização da situação residencial*

O contexto familiar apoia, por um lado, no aprofundamento da análise sobre a estrutura juvenil e, por outro, na explicação do abandono da freguesia. O estado civil dos jovens é uma outra variável com influência na opção sobre o percurso residencial. Se para os jovens solteiros essa opção pode estar muito condicionada pelas diferentes variáveis analisadas, para os jovens casados a sua situação residencial actual tenderá a manter-se nos próximos anos.

Dos 17 jovens casados ou que vivem em união de facto, 11 são residentes de fins-de-semana. É bastante provável que apenas os 6 jovens casados que residem habitualmente em Cachopo sejam dos poucos para os quais se pode perspectivar, com algum grau de certeza, a permanência em Cachopo. Não quer dizer que os casais não possam efectivar outro tipo de mobilidades residenciais – ou de retorno ou de abandono – no entanto, essas serão tendencialmente menos prováveis. Essas já não dependerão, em exclusivo, das opções individuais, mas das estratégias do colectivo que é a família.

**Gráfico 6. Jovens segundo o estado civil e tipo de residência (V.A. e %)**



Fonte: Própria

A análise da distribuição dos jovens segundo o estado civil, tipo de residência e situação face ao trabalho, permite refinar a compreensão da importância que estas variáveis têm nas opções residenciais dos jovens. Assim, todos os jovens que são casados ou vivem em união de facto trabalham – factores que apontam para a perpetuação da situação residencial actual. Em contrapartida, dos residentes habituais solteiros, a maioria que persiste na freguesia não trabalha – pelo que será a sua inserção no mercado de trabalho eventualmente aliada ao casamento/ união de facto que marcará o seu futuro residencial.

Nos jovens solteiros residentes de fins-de-semana a maioria trabalha. Desses, poucos ou nenhuns serão aqueles que regressarão à freguesia. O atractivo em termos de mercado de trabalho local é muito reduzido para que possam regressar. Mesmo que venham a contrair casamento ou a viver em união de facto com um(a) jovem local, o mais provável é que se atraia esse(a) jovem para fora da freguesia. Dos jovens solteiros, residentes de fins-de-semana, que não trabalham são todos estudantes (7 jovens), nos quais se encontram 4 que residem fora com os pais, pelo que dificilmente virão viver para a freguesia de origem dos seus pais. Restam assim apenas 3 jovens que nunca trabalharam que podem regressar à freguesia de Cachopo.

**Quadro 13. Jovens segundo o tipo de residência, o estado civil e a situação face ao trabalho (valores absolutos)**

Tipo de residente	Estado Civil	Situação face ao trabalho		Total
		Trabalha	Não Trabalha	
Fins-de-semana	Solteiro(a)	11	7	<b>18</b>
	Casado (a)	11	0	<b>11</b>
Habitual	Solteiro(a)	21	25	<b>46</b>
	Casado (a)	6	0	<b>6</b>
<b>Total</b>		<b>49</b>	<b>32</b>	<b>81</b>

Fonte: Própria

A composição dos agregados familiares em que se enquadram esses jovens também difere em função do tipo de residência. Nos residentes de fins-de-semana a dimensão dos agregados familiares varia entre 1 a 4 elementos, quando nos residentes habituais essa dimensão varia entre 2 e 6 elementos. No primeiro caso, predominam as famílias de 1 e 3 elementos, quando no segundo, é mais frequente a família de 4 elementos.

A dimensão média das famílias dos jovens residentes de fins-de-semana é praticamente inferior a 50% da dimensão média registada nas famílias dos jovens residentes habituais. No primeiro tipo de jovens a dimensão média dos agregados familiares é de aproximadamente 2 elementos, quando no segundo tipo é de 4. Apenas existem dois jovens – residentes habituais – a se enquadrarem numa família monoparental.

A tipologia de famílias predominante em cada tipo de jovens é igualmente diferenciada. Nos residentes de fim-de-semana encontramos a maior parte dos jovens a viverem isolados. Segue-se, por ordem de importância, as famílias nucleares com filhos e as famílias nucleares. Apenas neste tipo de jovens emerge uma categoria de famílias diferenciada, a que denominamos de outras em que se encontra a família nuclear com um(a) irmã(o) de um dos elementos do casal e a família não conjugal composta apenas por irmãos.

É preciso referir que nos 8 jovens isolados que trabalham (dado que os que não trabalham vivem sozinhos porque estudam fora de casa, tratando-se de estudantes universitários) apenas 3 são raparigas. Os dois jovens que vivem em família não conjugal são igualmente do sexo masculino. Apesar de não ser um número significativo, estes dados parecem apontar para uma maior propensão para os jovens rapazes se aventurarem

sozinhos para uma vida fora da freguesia. Não têm necessariamente de se casar ou viver em união de facto para saírem da terra de origem.

Os jovens que abandonam a freguesia traduzem mais uma vez um dos exemplos das características da modernidade – nas suas estratégias de adaptação aos territórios urbanos reproduzem a família-tipo aí predominante. *“Uma vez constituído, o casal tem a sua história exclusiva, a sua própria biografia. É uma unidade baseada na ligação emocional e na intimidade.”* (Giddens, 2000: 63).

Constitui uma situação particular aqueles casos em que irmãos também são parte do agregado familiar. No entanto, tal funcionará como estratégia de integração e de protecção face aos novos espaços de acolhimento. Pode traduzir-se numa forma específica de protecção familiar face a riscos – o de viver num lugar que não se conhece, ter novas experiências e contactar com novas pessoas, etc. (Costa, 2001a).

Nos residentes habituais predominam as famílias nucleares com filhos e a família alargada. Outras relações de parentesco que não somente a de pais e filhos são mantidas no seio do agregado familiar – caso dos avós ou tios. Também por essa razão os outros jovens que já abandonaram a terra de origem regressam regularmente. Não encontram nos locais onde residem quaisquer relações de parentesco horizontais e verticais, que encontram em Cachopo. Também por essa razão não vão para muito longe – como se teve oportunidade de ver. Mesmo nos casos das famílias nucleares com filhos se mantêm relações com outros parentes, na medida em que esses se encontram no mesmo espaço – no mesmo monte ou noutra lugar da freguesia.

**Quadro 14. Jovens segundo o tipo de residência, a tipologia de famílias e o nº de elementos do agregado familiar**

TIPOLOGIA FAMILÍAS	DE	Residentes fins-de-semana					Residentes habituais					
		Nº de elementos do agregado				TOTAL	Nº de elementos do agregado					TOTAL
		1	2	3	4		2	3	4	5	6	
Elementos isolados		10				10						0
Família nuclear			6			6	2					2
Família nuclear com filhos				5	2	7		13	17	1		31
Família monoparental						0		2				2
Família alargada						0			4	4	9	17
Outros - família nuclear com irmão de um dos elementos do casal				4		4						0
Outros - família não conjugal			2			2						0
<b>TOTAL</b>		<b>10</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>2</b>	<b>29</b>	<b>2</b>	<b>15</b>	<b>21</b>	<b>5</b>	<b>9</b>	<b>52</b>

Fonte: Própria

É a família o elo de ligação à aldeia e quando essa deixar de existir então deixarão de se verificar os fluxos de fins-de-semana que se registam actualmente. Alguns jovens referem que esse regresso constante à aldeia se justifica, em muito, pela presença dos pais e de outros familiares, assim como dos próprios amigos.

Se alguns jovens associam o namoro à permanência na freguesia – nalguns casos, tratam-se de namoros locais pelo que os jovens não ponderam um abandono da freguesia, noutros casos, tratam-se de jovens que consideram que um namoro os faria ficar a viver em Cachopo. Verificou-se que a situação conjugal é realmente determinante no projecto de vida futura dos jovens. A terem relações amorosas locais, então tal será mais propício à fixação desses jovens, ou, pelo menos, à manutenção destes fluxos de fins-de-semana.

A maioria dos jovens mantém um compromisso seja de namoro, casamento ou de união de facto (44 jovens). É bastante interessante verificar que alguns jovens referem que o futuro na aldeia poderá passar pelas opções de «um futuro marido» ou de «uma futura mulher». Esta importância associada ao casamento, não é, no entanto, uma característica generalizada às culturas juvenis. Neste caso, o casamento continua a ser assumido como uma fase na autonomização individual. Mais uma vez, tradição e modernidade surgem entrecruzadas. Traduz-se, mais uma vez, numa tensão entre o *'prescritivo'* e o *'performativo'*, que emerge como uma forma dos jovens viverem em 'segurança' num contexto de incerteza e de risco.

“Na família tradicional, o casamento era semelhante a um estado de natureza. Tanto para os homens como para as mulheres era definido como uma fase da vida, uma experiência pela qual a maioria deveria passar. Quem permanecia fora dele era olhado com escárnio ou condescendência, em especial as solteiras, mas também acontecia com os homens que ficavam sem casar até tarde.” (Giddens, 2000: 63)

Do conjunto dos jovens que referiram namorar, serem casados ou viverem maritalmente, não se revelam diferenças significativas na origem do namorado ou cônjuge. Assim, praticamente metade desses jovens referiu que o seu namorado ou cônjuge é da freguesia e outra metade referiu que é de origem exterior à freguesia. Mas não deixa de ser curioso verificar que é no conjunto dos resistentes cépticos que se encontra um maior número de namoros ou casamentos com pessoas de fora de freguesia. Será que é esse convívio mais próximo com pessoas que são de fora que leva a que os jovens se considerem cépticos quanto a um futuro na aldeia? Do conjunto de informação analisada conclui-se que esta pode ser mais uma variável de influência nas opções de jovens. No

entanto, é de referir que se tratam sempre de compromissos com jovens da região e de concelhos limítrofes ao de origem.

**Quadro 15. Jovens segundo a origem do(a) namorado(a)/ cônjuge e tipos de posições face a um futuro residencial em Cachopo**

Origem do(a) namorado(a)/ cônjuge	Resistentes		Não resistentes		Total
	Convictos	Cépticos	Cépticos	Convictos	
Actual namorado(a)/ cônjuge/ companheiro(a) de Cachopo	2	7	7	5	21
Actual namorado(a) não é de Cachopo	1	13	6	2	22
Não refere	1	-	-	-	1
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>20</b>	<b>13</b>	<b>7</b>	<b>44</b>

Fonte: Própria

Outro elemento importante que foi possível aferir diz respeito à pertença do namorado ou cônjuge ao grupo de amigos. Isto porque tal permite compreender, igualmente, a relação entre as redes de amizade e os compromissos amorosos. Também a este nível não se registam diferenças significativas, havendo um conjunto ligeiramente inferior de jovens cujos namorados ou cônjuges pertenciam ao grupo de amigos (15) e outros que não pertenciam (17).

Sem dúvida que as redes de amizade e os compromissos amorosos locais podem ser um dos elementos de fixação ou de permanência regular dos jovens na freguesia, pela importância que esses têm no conjunto dos jovens entrevistados. No entanto, se nesses novos casais ambos os membros quiserem abandonar a freguesia, então a tendência será para que essa situação se mantenha. Como é óbvio o inverso é verdadeiro, mas o abandono emerge como sendo mais verosímível a partir dos dados que evidenciam uma tendência para que esse seja uma tendência entre os jovens da freguesia.

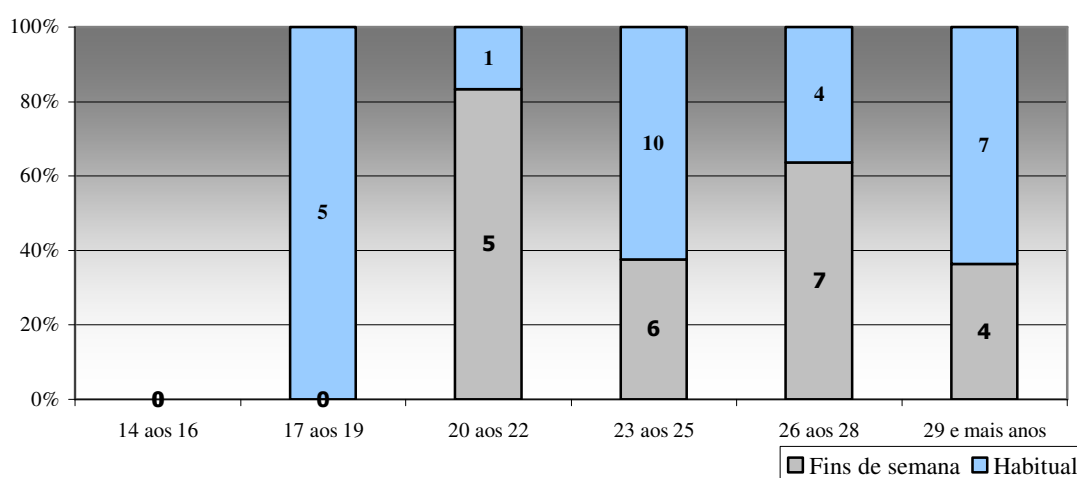
#### *As «idades» do abandono*

Dado que no conjunto dos jovens de fins-de-semana se encontram uns quantos que estudam fora da freguesia e outros que já residem fora com os seus pais, para se analisar os grupos etários em que se regista um maior abandono da freguesia ter-se-á de proceder a um cruzamento entre os jovens que trabalham, o tipo de residência e o grupo etário. A opção

pelo grupo dos jovens trabalhadores dá-se pelo facto do seu percurso residencial ser marcado por esse mesmo acesso ao emprego. Mais facilmente um jovem de Cachopo abandonará a freguesia por falta de trabalho, face às fracas expectativas em aí poder encontrar trabalho, do que um jovem residente de fins-de-semana regressará a Cachopo aquando de uma situação de desemprego ou de precariedade no emprego.

De acordo com os dados referenciados, conclui-se que só se identificam jovens trabalhadores a residirem fora de Cachopo, a partir dos 20 anos de idade. No grupo etário dos 20 aos 22 anos é possível encontrar um maior número de jovens de fins-de-semana do que residentes habituais. Pode considerar-se este como o grupo etário de risco. No entanto, tal como foi possível verificar através do discurso dos jovens face aos seus projectos residenciais futuros, a situação de permanência nos restantes grupos etários é sempre inconstante e imprevisível dado referirem que à falta de trabalho poderão, a qualquer altura procurar alternativas num qualquer outro local.

**Gráfico 7. Jovens trabalhadores segundo o grupo etário e tipo de residência (V.A. e %)**



Fonte: Própria

### *Educação e Inserção profissional numa relação paradoxal com o território*

Muito se tem discutido, nos últimos tempos, sobre a forma como a educação pode vir a funcionar no futuro, em particular no que respeita ao 1º ciclo do ensino básico nas escolas situadas em espaços de muito baixa densidade. A criação das condições de

equidade torna-se num debate aceso e as visões não são consensuais. Ao garantir a equidade territorial é a equidade nas condições de ensino que pode ficar comprometida. Ou seja, garantindo o funcionamento das escolas de 1º ciclo neste tipo de espaços, não estamos a garantir as mesmas condições de ensino que têm os outros jovens dos espaços urbanos. Mas garantindo a equidade nas condições de ensino, são as assimetrias territoriais que se tendem a acentuar. Não se trata, por isso, de uma mera discussão em torno da eficiência e da eficácia em torno dos recursos, mas requer uma profunda análise ao nível da qualidade de ensino. Vários estudos vão apontando para uma maior tendência de abandono escolar precoce nos jovens de espaços rurais (Portela, 2005 e Machado *et al*, 1998). No entanto, como se verificou essa não é uma tendência que se possa generalizar para os jovens de Cachopo.

Na análise das condições de equidade no acesso ao ensino e das possibilidades de mobilidade social, pode concluir-se que os jovens da freguesia não estarão em condições tão diferenciadas do que os jovens dos espaços urbanos. Como é óbvio, tal implica um esforço adicional dos jovens deste território na medida em que, desde cedo, têm de se deslocar vários quilómetros para garantir a continuidade dos seus estudos. No entanto, apesar deste investimento escolar por parte dos jovens, verifica-se um paradoxo. Durante muito tempo, foi-se assinalando uma relação quase que linear e inequívoca entre qualificações (educação/ formação) e desenvolvimento<sup>39</sup>. Hoje sabe-se, por um lado, que há um outro conjunto de competências que têm de ser mobilizadas para evitar a exclusão do mercado de trabalho. Por outro lado, em territórios cuja estrutura empresarial não está preparada para receber pessoal mais qualificado, a tendência é a de que as pessoas procurem outros espaços onde a inserção profissional seja adequada ao perfil de competências construídas no decurso dos processos educativos por que passaram.

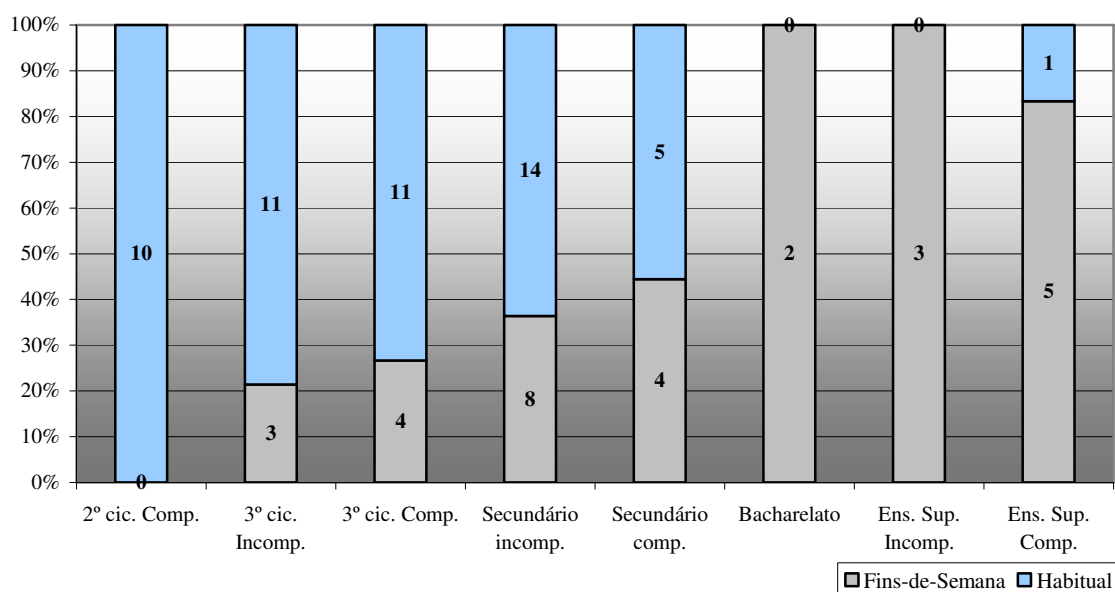
Esta última situação enquadra-se no caso dos jovens de Cachopo, pelo que emerge uma relação directa entre o nível de habilitações literárias e o abandono ou permanência na freguesia. Analisando a distribuição dos jovens segundo as habilitações literárias e o tipo de residência verifica-se que há uma tendência de abandono à medida que aumenta o nível de escolarização dos jovens. Tal não significa que os jovens menos escolarizados não

---

<sup>39</sup> Para maior desenvolvimento desta reflexão deve ler-se Pedrosa (1998). São as abordagens do capital humano que mais impacto têm nesta acepção. Considera-se que o investimento no capital humano pode ser rentável para o desenvolvimento da economia (Healy, 1998). Daqui vale a pena recuperar o conceito de desenvolvimento humano, utilizado pela ONU, que continua a utilizar a educação como elemento central na medida dos índices de desenvolvimento à escala mundial. Se se reconhece a importância da formação/ educação para o desenvolvimento, não existe entre ambas as variáveis uma relação de causalidade directa dependendo de outros múltiplos factores de ordem estrutural ou mesmo contextual.

equacionem o abandono da freguesia. O que acontece é que muitos deles encontram uma ocupação laboral local que os vai mantendo em Cachopo. Também não se pode esquecer que, sendo as raparigas aquelas que mais investem no seu percurso escolar, haverá, no futuro, uma maior propensão de abandono por parte destas do que por parte dos rapazes.

**Gráfico 8. Jovens segundo as habilitações literárias e o tipo de residência (V.A. e %)**



Fonte: Própria

Aqui colocam-se inevitavelmente duas hipóteses. Por um lado, os jovens poderão estar a investir cada vez mais nas suas qualificações de forma a poderem estar preparados para o mercado de trabalho que «os espera» no litoral. Por outro lado, o abandono pode ser tomado como uma inevitabilidade face a um mercado de trabalho que não corresponde às suas expectativas profissionais. O argumento da fatalidade do abandono, pela incapacidade de resposta do mercado de trabalho local, tem vindo a ser preconizado nalgumas análises sobre os jovens destes espaços (Fragoso *et al*, 2004 e Machado *et al*, 1998). Utiliza-se, neste caso, a expressão de que face às condicionantes locais os jovens são «forçados» a abandonar o território. É nestes contextos que se vê claramente que a relação entre educação ou formação e desenvolvimento pode ser uma falácia.

Tal perspectiva acentua os factores endógenos na explicação da situação de depressão. O nosso argumento é o de que não são apenas esses factores, mas os factores exógenos que mais explicam o investimento escolar feito por estes jovens. A garantia perspectivada em termos de futuro profissional fora da freguesia é, sem dúvida, a forma

dos jovens poderem vir a viver num espaço com o qual se sentem mais identificados, do qual se apropriam com facilidade, e onde podem gozar o usufruto de bens e serviços que não têm acesso na sua freguesia de origem. A dimensão simbólica associada aos espaços urbanos torna-se fundamental nas práticas de abandono do território. Isso foi evidente na análise dos discursos quer ao nível da sua construção identitária, quer nas percepções que têm sobre o desenvolvimento local.

O trabalho é uma das variáveis centrais na estruturação dos percursos juvenis. Se o acesso a esse pode ser adiado por estratégias de investimento na escolarização (Pais, 2005), a verdade é que mais tarde ou mais cedo os jovens se defrontam com os dilemas da inserção profissional. Na verdade, esse surge como o elemento central quer para o abandono quer para a permanência na freguesia. Isto porque é a partir do local de trabalho que se definem, em grande parte, os locais de residência.

Também não se pode esquecer que as expectativas não são construídas apenas pelos jovens, mas em grande parte são mediadas pelas experiências profissionais dos pais. Por um lado, estes jovens sabem as condições a que estão sujeitos se quiserem enveredar pela produção agro-alimentar, uma actividade que continua com importância e com potencial de emprego local. Noutras profissões locais também não vêm garantias de mobilidade social. Por outro lado, são os próprios pais que vão apoiando os filhos nestes projectos de vida fora da agricultura e fora da freguesia (Fragoso *et al*, 2004 e Portela, 2005).

No entanto, há outros factores associados ao trabalho igualmente ponderados. A estabilidade no emprego e as remunerações (que nalguns casos se refere como sendo mais reduzidos na freguesia do que no litoral), são outros dois factores levados em consideração no acesso ao mercado de trabalho. Destaca-se, igualmente, a valorização que alguns jovens dão ao encontrar trabalho adequado à sua área de formação ou que tenham prazer em desenvolver. Verifica-se então que grande parte dos jovens (35) pretende trabalhar ou manter trabalho fora de Cachopo. Tal é, mais uma vez, indicativo das vontades de abandono. É preciso notar que daqueles que pretendem trabalhar ou manter trabalho em Cachopo, a sua maioria enquadra-se no perfil dos resistentes cépticos, ou seja, podem, por diferentes ordens de razão, optarem por outras estratégias de inserção profissional no futuro.

**Quadro 16. Jovens segundo a expectativas quanto ao local de trabalho**

<b>Expectativas quanto ao local de trabalho</b>	<b>Nº</b>
Trabalhar ou manter trabalho fora de Cachopo	35
Trabalhar ou manter trabalho em Cachopo	22
Depende das ofertas de emprego que surjam	1
Não sabe	2
Não refere	21
<b>Total</b>	<b>81</b>

Fonte: Própria

*Em nota de síntese capitular*

Da análise empreendida se conclui que há, na verdade, um conjunto muito complexo e alargado de factores que podem influenciar as racionalidades dos jovens na definição do seu futuro.

Observa-se que os jovens solteiros são aqueles que poderão ainda vir a determinar um futuro de permanência na aldeia, principalmente a ser preconizado por jovens residentes habituais. Há ainda um conjunto importante de jovens casados ou a viver maritalmente (17), e desses não são de esperar mudanças significativas nas situações residenciais actuais – sejam dentro ou fora da freguesia.

Daqueles que têm autonomia em termos profissionais, o abandono verifica-se partir dos 20 anos de idade. No entanto, também não é possível delimitar com segurança quais os perfis de risco de abandono em termos de diferenciação etária – sabe-se apenas que a tendência é para esse vir a ser preconizado com cada vez mais fluência e que serão tendencialmente os mais jovens a fazê-lo (seja a partir dessa idade, ou mesmo antes).

Sem dúvida que a educação é um elemento central na explicação das estratégias dos jovens. À medida que aumentam as habilitações literárias aumenta o abandono. Tal é sinal, por um lado, de uma incapacidade de resposta do mercado de trabalho local. Mas tal pode ser, igualmente, uma estratégia preconizada pelos jovens e pelos seus pais para assegurarem que o seu futuro passa por uma vida fora da freguesia.

Na sua maioria, os jovens anseiam trabalhar fora de Cachopo. Mas tal é consequência do conjunto de variáveis aqui tratadas. O emprego é o garante de uma condição de autonomização dos indivíduos e do seu posicionamento na estrutura social.

Por isso, é o que pode assegurar que «todas as vontades» destes jovens possam ser concretizadas – viver fora, poder usufruir do modo de vida urbano, poder aceder livremente aos bens e serviços da cidade, etc...

## Conclusão

“Havia uma vez um homem que aspirava a ser o autor de uma «teoria geral dos buracos». Quando lhe perguntavam: «Mas que tipo de buracos? Buracos escavados na areia por miúdos? Por jardineiros? Buracos de construções? De sondas petrolíferas?», o nosso homem respondia, igualmente, que desejava criar uma teoria que todos esses buracos pudesse explicar, rejeitando *ab initio* o ponto de vista de que buracos escavados de maneira diferente exigiriam diferentes tipos de explicação. Perguntava então: «Porque é que temos nós um conceito de buraco?» (A. McIntyre, 1971 cit. in Pais, 1994: 37).

Se os problemas dos espaços rurais deprimidos fossem fáceis de resolver não se estaria aqui a equacioná-los. Se os dilemas que os jovens enfrentam encontrassem respostas unilineares então pouco se acrescentaria na sua reflexão. Junte-se a complexidade inerente à análise das culturas juvenis aos processos de reorganização territorial em curso e obtém-se um sistema de relações sociais de tal modo complexas que o olhar centrado num único campo disciplinar se torna demasiado frágil para a sua compreensão. Desde uma Sociologia do Território – bebendo dos contributos originais de uma Sociologia Urbana e de uma Sociologia Rural – aliada à Sociologia do Desenvolvimento, a uma Sociologia da Juventude ou a uma Sociologia da Família, passando pela Sociologia do Trabalho e pela Sociologia da Educação, ou ainda mesmo por uma Sociologia do Quotidiano, todos estes são campos que se entrecruzam e que apoiam uma tentativa de construir um olhar interdisciplinar sobre o objecto de análise. Isto para não falar de outras ciências de extrema importância como a Economia ou a Geografia.

Não podendo entrar em profundidade por todos estes domínios científicos, a análise empreendida procurou, no entanto, «beber» um pouco de cada um desses, de modo a perceber quais são os factores de atracção e de repulsão dos espaços rurais deprimidos. Para tal empreendeu-se uma análise centrada nas racionalidades e estratégias dos jovens, quer em termos do quotidiano quer em termos de projectos futuros. Este estudo tenta ser um contributo para a análise da juventude nos espaços rurais, que não tem sido central no conjunto das pesquisas sociológicas sobre estes territórios.

Em termos analíticos é sempre mais fácil procurar a homogeneidade do que explicar a heterogeneidade, mais confortante chegar à unidade do que contemplar a diversidade. Na verdade, nem os espaços rurais são todos iguais, nem as culturas juvenis são lineares. Mas também é certo que a Sociologia, apesar de cada vez mais enveredar pela contextualização das análises, não deixa de procurar sempre as tendências, as respostas globais aos problemas particulares. Tal começa logo a partir da angústia inicial num

processo de pesquisa por que qualquer sociólogo passa: a «já velhinha» discussão da passagem do problema social ao problema sociológico e a colocação de uma pergunta inicial de partida. Como se a sociedade actual se coadunasse com respostas simples e inequívocas e para todos os problemas conseguíssemos encontrar «solução». Como se uma só pergunta pudesse equacionar toda a ambivalência dos questionamentos inerentes à análise dos sistemas sociais complexos. Não são mais do que dúvidas epistemológicas que foram acompanhando neste «parto longo e doloroso» que é a produção do saber sociológico.

Mas de quem é, afinal, o problema da desertificação humana dos espaços rurais e de interior de que tanto se fala? E porque é que a desertificação pode ser entendida como um problema? Para os locais é o sentimento de perda que se vai sentindo e a identidade local que pode ser percebida como ameaçada. Mas qualquer um desses locais percebe e incentiva o abandono que se foi verificando nos jovens de Cachopo. Qual a legitimidade para fixar os jovens naquele e em qualquer território em situação de depressão? Se falamos em coesão social e na manutenção das condições de equidade social não estamos a promovê-la quando possibilitamos uma integração dos jovens nos espaços urbanos? Por outra, ao garantirmos que qualquer cidadão pode mover-se livremente no seu país ou para fora desse e ser livre nas opções de escolha residencial, afectiva, profissional, não estamos a contribuir para uma sociedade mais coesa?

A desertificação visível nos espaços rurais de interior é claramente um problema de ordenamento do território, de garantia de uma ocupação equilibrada do espaço, de sustentabilidade e subsistência dos meios urbanos. Vai sendo, por isso, um problema dos políticos, dos teóricos e de todos aqueles que teimam em que esse mundo rural não desvaneça. É, muitas vezes, um problema daqueles que não são rurais, e que, por vezes, também vão mantendo uma visão conservadora sobre esses mesmos espaços<sup>40</sup>.

O paradoxo que se identifica é que a equidade social não tem necessariamente correspondente na equidade territorial e para garantirmos a primeira poderemos eventualmente comprometer a segunda.

O argumento utilizado na defesa dos espaços rurais centra-se, geralmente, na disparidade existente na distribuição dos equipamentos e serviços, que coloca estes espaços

---

<sup>40</sup> Veja-se por exemplo a conflitualidade emergente entre jovens urbanos e rurais aquando da realização de um encontro de jovens da serra do Caldeirão. Os jovens urbanos tendiam a sobrevalorizar as características dos espaços rurais e a apelar a uma conservação daqueles espaços nas condições actuais de existência, quando os jovens rurais esforçavam-se por defender as mesmas condições de acesso a equipamentos e serviços existentes nos espaços urbanos.

numa posição periférica face aos meios urbanos. Na sequência desta ideia, não raramente se foi postulando a sua emancipação endógena. Mas não se podem defender funcionalidades e papéis aos espaços rurais que estes não têm capacidades de assumir. Ou seja, as suas funções têm de estar a par com os seus recursos e com as suas características demográficas. Por outro lado, alguns investimentos públicos, quando desproporcionados face às dinâmicas territoriais existentes, podem traduzir-se em desperdício de recursos.

Difícilmente os investimentos em equipamentos e serviços públicos mudarão as tendências em curso nestes territórios deprimidos. Por isso, aqui se argumenta que a perda de população pode equivaler a maiores disparidades em termos territoriais. Ou seja, havendo menos pessoas num dado território então justificar-se-á um menor investimento público. Tal não pode, no entanto, ser visto de modo linear. Isto porque se se pensar numa estratégia regional, alguns investimentos podem ser criados numa lógica de articulação inter-territorial. Esse é o exemplo da criação de parques de merendas ou de lazer, de revitalização do património construído e de investimento na qualificação da paisagem, de ordenamento do espaço florestal, etc.

Àqueles que abandonam estes espaços rurais garantem-se condições de vida que não seriam possíveis localmente. A partir do momento em que os «rurais» rumam para a cidade dão-se mudanças nos seus estilos de vida. Mudanças essas que são importantes em termos de melhoria das condições e da qualidade de vida, seja em termos de acesso a equipamentos e serviços, seja na realização profissional, ou mesmo ao nível da ocupação dos tempos livres tão valorizado pelos jovens.

Mas a consideração de legitimidade nas racionalidades e práticas juvenis conducentes ao abandono não significa postular-se uma posição de fatalidade face ao futuro dos espaços rurais. Muito pelo contrário, o que se tem é de se reflectir tendo em consideração os factos que são apresentados. E é um facto que os jovens destes espaços sentem-se mais seduzidos pelos meios urbanos, e mais tarde ou mais cedo acabarão por efectivar um abandono.

Não é de somenos importância lembrar alguns elementos considerados pelos jovens como justificativos do seu abandono do território. Através da leitura dos seus discursos e dos resultados dos fóruns (in)formativos realizados, foi possível identificar três dimensões estruturantes, a saber: habitação, acessibilidades e emprego. Reflectir sobre estas dimensões não significa trazer estes jovens de volta, mas apoia a reflexão sobre o futuro destes espaços.

Assim, em primeiro lugar, é um facto que há condicionantes claras à construção de habitação na zona serrana. O PROT Algarve, actualmente em discussão, pode aliviar parte da tensão existente mas não apoia a construção desregrada e dispersa que tem caracterizado a implantação do edificado nos últimos anos, no Barrocal e na Serra algarvia. A sustentabilidade ambiental tem de ser assegurada por um ordenamento do espaço, que nem sempre entra em consenso com a estratégia dos actores – autarquias, construtores e agentes imobiliários, etc. Por isso, à falta de regulação na componente da venda de habitação, a apropriação residencial nestes espaços poderá continuar a ser um nicho de mercado reservado à população estrangeira, dotada de maiores recursos económicos e que procura nestes espaços um reduto de paisagem e de clima que não encontra no país de origem.

Difícilmente se pode falar na possibilidade de construção ou aquisição de habitação como residência principal para aqueles que residem nas cidades se não se reflectir sobre a dimensão relativa às acessibilidades.

Foi bem discutida a dificuldade de acesso de Cachopo aos principais núcleos urbanos envolventes. Essa dificuldade é visível quer na escassez de transportes públicos, quer nas condições das deslocações. É verdade que as estradas têm registado melhorias significativas nos últimos anos. Por outro lado, o tempo de percurso da freguesia para as cidades mais próximas não é superior ao tempo médio que qualquer indivíduo da AML ou AMP<sup>41</sup> depende na sua deslocação de casa para o trabalho. Por exemplo, uma deslocação de Cachopo a Faro ronda uma hora, mesmo com condições climatéricas adversas. Há aqui duas dimensões que cabe levar em consideração, a saber: i) a sinuosidade do percurso – seja para Loulé, Tavira ou Faro, parte importante do trajecto faz-se atravessando a serra por estradas que acompanham a sua morfologia; ii) a necessidade de relativização da noção de tempo por relação ao contexto – o que é equilibrado para um indivíduo que reside numa metrópole pode ser excessivo para aqueles que ainda vão conseguindo ter uma casa nas imediações do trabalho.

Enquanto for possível para as pessoas adquirirem habitação a preços equilibrados nas cidades, dificilmente vislumbrarão na serra uma alternativa. É certo que a pressão sobre os preços da habitação se faz sentir em Faro e também em Loulé, mas é possível encontrar habitação a preços mais acessíveis em S. Brás de Alportel, Tavira ou Olhão. Por

---

<sup>41</sup> Área Metropolitana de Lisboa ou Área Metropolitana do Porto.

outro lado, o Algarve detém características únicas no que respeita ao perfil de ocupação do seu espaço.

Fruto da pressão turística que se foi registando no litoral, muitos estrangeiros viram a possibilidade de adquirirem uma segunda habitação na zona do barrocal a «preços convidativos». À custa disso criou-se um mercado de venda de terrenos com ruínas e de moradias especificamente destinado a esse público – maioritariamente constituído por indivíduos com origem nos países do Norte da Europa Ocidental (com particular ênfase na comunidade inglesa e alemã). Se por relação com o seu nível de vida, a aquisição de uma segunda habitação no Algarve ainda é uma oportunidade, o mesmo não sucede para os nacionais que queiram residir no campo. Por outro lado, aqueles que residem nos espaços rurais vêem o público estrangeiro como uma oportunidade de rentabilizar o seu património. A aquisição de uma casa no campo torna-se, no contexto regional, um luxo reservado a uma minoria. Se é certo que em Cachopo tal pressão ao nível dos preços da habitação ainda não é sentida de forma premente, é certo que poderá ser uma realidade nos próximos anos.

A melhoria das acessibilidades ao litoral, em particular no que respeita à rede viária, poderá ser importante como forma de articulação e de conectividade entre espaços. No entanto, não se podem excluir esses riscos ao nível da especulação imobiliária, muito visível na região.

Quanto à última dimensão referenciada, respeitante ao emprego, não haverá questões de fundo a retratar. São as cidades, por excelência, os espaços onde se dão as oportunidades de inserção profissional. Qualquer estratégia de investimento na criação de emprego local nunca poderá assegurar um efectivo significativo de trabalhadores. Se se registassem melhorias nas acessibilidades, talvez se conseguissem garantir relações equilibradas entre cidade e campo.

Agora há que ser realista: poder-se-iam melhorar as acessibilidades, criar espaços para a construção de habitações, mas dificilmente se fixariam os locais naquele território. O apelo do urbano é, por enquanto, muito mais forte para os jovens entrevistados. E no momento em que se criarem condições cativantes para a fixação de pessoas naquele território, serão provavelmente os locais os primeiros a colocarem as suas casas à venda e verem nisso uma oportunidade de rentabilização daquilo a que deram pouco valor! Restará saber quais poderiam ser os novos residentes destes territórios e se o futuro desses territórios passará por ter novos residentes...

Há uma outra reflexão que deve ser equacionada e que respeita às funções económicas que podem ter viabilidade neste tipo de espaços. Tradicionalmente, o rural foi sendo associado à produção agrícola pois essa era a sua função central. Hoje em dia, colocam-se novos desafios e alguns riscos que não podem ser menosprezados.

Refira-se, em primeiro lugar, a reflexão sobre a função agrícola. A subsistência dos meios urbanos pode ficar em risco se não se garantir a produção alimentar. A situação portuguesa é realmente preocupante a este nível. De um país essencialmente agrícola, passou-se a uma dependência em importações de produtos agrícolas que ultrapassa os 70%<sup>42</sup>. Também não é possível pensar que outros o farão por nós porque tal só pode prejudicar o país em termos económicos, quando se vê uma cada vez maior dependência face ao abastecimento em produtos alimentares vindos do exterior.

A função agrícola dos espaços rurais tem de continuar a ser pensada e equacionada. Não é menos verdade que as condições morfológicas e o regime de propriedade microfundário predominante da serra do Caldeirão não são as mais propícias para a produção em média e larga escala. Mas em todo o Algarve há um saber serrano que não pode ser esquecido ou menosprezado. Esta é a região do Continente com menos produtos de qualidade certificados, tendo a Serra do Caldeirão, no entanto, valias consideráveis no domínio agro-alimentar, como sejam: presuntos e enchidos, queijo de cabra, licores e aguardente de medronho, pão, mel, ervas aromáticas, doces e compotas, frutos secos (alfarroba e amêndoa), etc. De referir ainda que esta zona serrana inclui-se, igualmente, numa zona de produção de carne de porco alentejano (DOP)<sup>43</sup>. Há, sem dúvida, esforços que têm vindo a ser empreendidos na valorização destes produtos, de que são exemplo de excelência as Feiras da Serra<sup>44</sup>.

Sabendo que a concorrência da agricultura se faz, à semelhança de qualquer outra actividade económica, à escala global, as respostas têm de ser também a essas escalas<sup>45</sup>. Face ao actual quadro da actividade agrícola mundial, emergem dois modelos distintos de produção (Moreira, 2001b): i) mercado mundial de produtos massificados – que fazem uso de tecnologias para aumento da produção e conseqüente diminuição dos custos

---

<sup>42</sup> Fonte: CONFAGRI.

<sup>43</sup> Que comumente se vai denominando de carne de porco preto. Não se deve, no entanto, confundir dado que a carne de porco alentejano segue parâmetros de certificação de qualidade rigorosos, o mesmo não acontecendo com a carne de porco preto.

<sup>44</sup> Iniciativa lançada pela Associação In Loco, em colaboração com algumas autarquias do Algarve, e que visa a comercialização dos produtos serranos. Esta iniciativa foi agarrada por algumas autarquias, mantendo-se a Feira da Serra de Loulé, de Tavira, e a mais emblemática, a de São Brás de Alportel.

<sup>45</sup> Um caso de sucesso no Algarve é sem dúvida a Quinta do Freixo pela sua capacidade de enquadrar os seus produtos nas principais cadeias de distribuição e de comercialização de produtos de excelência.

associados<sup>46</sup>; ii) mercado de ‘nichos de produtos agrícolas’ e emergência de ‘novos actores’ – geralmente destinado a indivíduos com um elevado nível de compra traduzindo-se na procura de produtos de denominações locais ou de qualidade e que acabam por se tornar em alternativas aos agricultores que não conseguem competir à escala global numa lógica massificada (onde se enquadram o ‘consumidor-saúde’, o ‘produtor-verde’, o comércio justo, etc.). Se não é pela extensividade que se pode entrar neste processo terá de ser com certeza pela via da inovação e pela qualidade da oferta – tratando-se de um nicho orientado para grupos com maior poder de compra, mas que poderá dar algumas garantias de sustentabilidade a este tipo de territórios.

Mesmo que se equacione a produção para pequenos nichos de mercado é preciso lembrar que se está perante pequenos produtores, na sua grande maioria com idades avançadas. Alguns aproveitam as oportunidades trazidas por feiras ou mercados como forma de complemento às parcas reformas que recebem, pelo que são vendidos os excedentes da produção. Parte também não tem a sua actividade legalizada e outros nem sequer terão condições para o fazer<sup>47</sup>. Apesar destes constrangimentos não se pode esquecer que muitos já reconheceram as potencialidades dos seus saberes tradicionais e disso são exemplo algumas empresas ou empresários individuais que vão tendo sucesso neste ramo de actividade.

Pode desafiar-se Cachopo, como de resto outras zonas deprimidas do país, para a emergência de outras «localidades» que façam enquadrar estes territórios como agentes colectivos da mudança, beneficiando do que o processo de globalização pode significar enquanto campo de oportunidades. Aos desafios da redinamização global pode contrapor-se a passividade no processo de globalização (Fortuna, 1997: 16). Mas se tudo isto é fácil de dizer, como garantir a sustentabilidade agrícola ou a redinamização global destes territórios, se aqueles que lhes dariam sustentabilidade humana continuam a «abalar»? É aqui que está o verdadeiro problema.

Estes territórios têm recursos, que podem ser rentabilizados. Tais opções não devem, no entanto, ser tomadas sem olhar a consequências e sem ter em consideração os riscos associados à globalização em curso. Portela arrisca mesmo dizer que “*como sucede allures, há em Portugal – um lugarzinho da «aldeia global» - representação condigna de*

---

<sup>46</sup> Que se reflecte na «macdonaldização» do consumo enquanto expressão da cultura de massas (Covas, 2004: 80-82).

<sup>47</sup> Disso é exemplo a produção de queijos. Dado o nível de exigência ao nível de controlo de qualidade, dificilmente os pequenos produtores têm capacidade para investir na criação ou adaptação das suas queijarias.

*cúmplices, interessados, aliados e beneficiários do liberalismo imperante.*” (2005: 198).

Pierre Bourdieu (2002) vai mais longe chamando à atenção aos investigadores para a necessidade do seu empenhamento na desconstrução das consequências da globalização.

“Na cabeça da maioria das pessoas instruídas, e sobretudo na área das ciências sociais, existe uma dicotomia que me parece completamente desastrosa: a dicotomia entre scholarship e commitment – entre aqueles que se dedicam ao trabalho científico, que é feito segundo métodos eruditos para agradar a outros eruditos, e aqueles que assumem uma atitude de empenhamento e comunicam o seu saber ao exterior. Esta oposição é artificial e, de facto, só um cientista que trabalhe com autonomia e segundo as regras do scholarship poderá produzir um conhecimento empenhado, isto é, um scholarship with commitment. Para se ser verdadeiramente um cientista empenhado, justamente empenhado, é necessário empenhar-se num saber. E esse saber apenas pode ser adquirido no trabalho científico, submetido às regras da comunidade científica. (...) Parece-me que hoje em dia o investigador não tem grande escolha: se tem a convicção de que existe uma correlação entre as políticas neoliberais e as taxas de delinquência, uma correlação entre as políticas neoliberais e as taxas de criminalidade, uma correlação entre as políticas neoliberais e todos os sinais daquilo que Durkheim teria designado como anomia, então como poderia não o afirmar? Não deveríamos limitar-nos a não o censurar, deveríamos felicitá-lo por o fazer. (Talvez esteja a fazer uma apologia da minha própria posição...)”

No nosso caso, se sabemos que a globalização – sem olhar a meios para alcançar os fins – pode ser avassaladora para os territórios então não a podemos menosprezar. Foi mais do que evidente de que há um conjunto de factores a essa associados que são propiciadores do abandono do território por parte dos jovens de Cachopo. A visão de que «se não a vences, junta-te a ela» pode ser demasiado imprudente e ingénua.

O conjunto de políticas para estes espaços orienta-se para a sua revitalização económica pela via do turismo. Não deixam de equacionar a componente agrícola, mas são sublinhadas as diferentes oportunidades que o território apresenta enquanto alternativa ao modelo tradicional de desenvolvimento turístico de «sol e praia».

Seja ao nível agrícola, seja ao nível turístico, é mais do que evidente que estes territórios estão dependentes de uma intervenção externa. O amorfismo local não se coaduna com a possibilidade de criação de alternativas que não passem por este tipo de intervenção. Na verdade, qualquer pressuposto ideológico de actuação assente, meramente, nos recursos endógenos terá insucesso garantido nos seus resultados. É possível um aproveitamento destes territórios para fins turísticos desde que não se opte pela lógica «guetizada». Empresários, turistas e comunidade do território podem ser parte de uma estratégia concertada e que beneficie a todos.

Os locais podem não sair beneficiados se se promoverem actividades turísticas auto-centradas – ou seja, se no conjunto das actividades não for tida em conta a envolvente e a articulação com os recursos locais existentes como complementares a essas actividades.

O turismo encontra-se cada vez menos associado à exclusividade do alojamento e surge cada vez mais interligado com outras componentes, donde a dimensão cultural emerge com importância central. Sem dúvida que tal pode ser um incentivo à valorização das práticas culturais de cariz mais tradicional e, com isso, se conseguir preservar a identidade local. A tendência é, claramente, a de mercantilização crescente dos bens e serviços, como nos refere Castel (2001). A partir do momento em que aqueles que guardam nas memórias histórias de outros tempos e que apresentam práticas que fogem ao modelo «estandardizado» do modo de vida urbano virem que tal tem valor, e um valor económico traduzindo-se em algo que neste capitalismo global pode ser mercantilizado, então estes espaços mudarão, e muito. Tal pode ser positivo em termos da valorização dos seus modos de vida e um contributo para a auto-estima destas pessoas, que mediadas por um modelo de desenvolvimento dominante vão menosprezando aquilo que têm. No entanto, não é menor o risco da «folclorização» das suas práticas culturais.

Se são várias as opções que se colocam a estes territórios, também podem ser diversificadas as frentes de actuação. Não se pode reivindicar apenas pela intervenção turística como o único campo de oportunidades. O turismo tem surgido, muitas vezes, como a «solução para todos os problemas», quando tal é revelador de fragilidades em termos da criatividade sobre os territórios. Outro facto é que a sociedade ocidental não pode ser, como nos refere Touraine (*cit. in* Diaz e Frutos, 2003), uma mera sociedade do ócio porque assim será uma sociedade ficção. Ou seja, esta contínua tendência de terciarização dos serviços e, no caso específico do Algarve, de centramento nas dinâmicas associadas ao turismo e lazer, não subsiste por si só.

Já foram analisadas algumas das oportunidades e alternativas que estes territórios apresentam. Outra não menos importante diz respeito à sua função ambiental. Nem todos os espaços podem e devem ser urbanos – mesmo que tal correspondesse, hipoteticamente, ao modelo de referência de todos os cidadãos. Os espaços verdes, a paisagem natural, as reservas ecológicas, continuam a ser fundamentais enquanto «pulmão» e como reduto de descanso e de lazer para os cidadãos. Pensar nestes territórios pelo seu valor paisagístico não significa diminuir-lhes a sua importância. Muito pelo contrário, pode significar atribuir uma responsabilidade nem sempre tida em devida consideração.

Como se dizia no início, não é nossa intenção traçar uma visão futurista para os espaços rurais deprimidos e, em particular, para Cachopo. É tão válido traçar o «contínuo recomeço» (Fragoso *et al*: 2005), como o «a caminho do fim». Almeida (2002) demonstra que foi possível traçar projectos de vida sustentáveis na Serra para a geração dos pais destes jovens. Aqui argumentou-se que os jovens não se enquadram no que o rural tem para lhes oferecer e que, na sua maioria, optarão por projectos de vida nas cidades.

De todo este processo de pesquisa destacam-se quatro conclusões centrais, a saber:

i) *Centralidade das mobilidades espaciais na explicação das mudanças em curso*

Cada vez mais os espaços são abertos a influências do exterior. O fechamento que caracterizava as sociedades rurais tradicionais há muito que se vem esbatendo. Seja através de trocas comerciais, seja através do acesso a bens e serviços, ou pelo acesso a um emprego ou mesmo à educação, as mobilidades espaciais são centrais no quotidiano dos indivíduos. A partir do momento em que essas se tendem a acentuar reforça-se a mudança social. Uma mudança que não é apenas visível nos espaços rurais, e que tem vindo a conduzir a perdas populacionais significativas, mas uma mudança igualmente visível nos espaços urbanos, nem sempre preparados para receber as «massas populacionais» que chegam expectantes por melhores condições de vida.

Verificou-se que os jovens de Cachopo têm o seu quotidiano marcado por essas mobilidades espaciais. Desde a escola, às idas às discotecas, tudo passa por uma volta à cidade. Mais tarde, os seus percursos são em sentido contrário. Quando se efectiva o abandono os jovens regressam «às origens» como se de um «pouso seguro» se tratasse.

ii) *Reorganização territorial enquanto resultado de discontinuidades entre modelos de desenvolvimento*

Fruto dessas mobilidades crescentes, os jovens constroem as suas identidades a partir da multiplicidade dos processos de socialização por que passam. O «tradicional» e o «rural» travam então uma luta inglória com o «moderno» e o «urbano». E trata-se de uma luta inglória porque os jovens tomam, na sua maioria, este último como modelo de referência – é esse que responde aos «riscos» por que querem passar, aos consumos que querem efectivar, às profissões que anseiam ter, etc. Não dando o seu território resposta às suas vontades, então os jovens procuram «outras paragens».

No território predomina um modelo de desenvolvimento que não coincide com o modelo expectável pelos jovens. As mudanças que se estão a registar neste espaço rural são, em muito, justificadas por essa conflitualidade de modelos de desenvolvimento.

iii) *Carácter continuado do abandono por lógicas de reprodução das práticas efectivadas nos grupos de referência*

A partir do momento em que aqueles que já partiram demonstram experimentações positivas face aos novos espaços de residência, tal passa a motivar ainda mais os jovens que permanecem neste espaço. Por outro lado, a lógica de identificação com grupos também se faz pela reprodução das suas práticas. Dado que a maioria dos jovens ou efectiva ou ostenta a vontade de abandonar a freguesia, os outros jovens acabam por preconizar o mesmo daqueles que lhes servem de referência.

iv) *A criação de condições de fixação de jovens nos espaços rurais não é garantia da sua efectiva fixação*

Arrisca-se dizer que – mesmo que se criasse emprego e habitação destinados aos jovens; que se desenvolvessem novas actividades de tempos livres; que se melhorassem os acessos ao litoral – os jovens continuariam a abandonar a freguesia. Os espaços urbanos continuam a ser os que mais respondem às expectativas juvenis, quer em termos de trabalho, de lazer, de habitação, de acessibilidades.

Os jovens reivindicam o que querem para si no território, no entanto, o que querem para si não será preconizado naquele território. E o que querem para si nunca poderá ser para aquele território, porque os jovens o foram abandonando entretanto! Os jovens reivindicam para Cachopo o que encontram nas cidades, sabendo de antemão que desejam ir para as cidades. Querem reproduzir em Cachopo aquilo que encontram no urbano, mas mesmo isso não será suficiente para ali ficarem.

Agora, como se argumentou de início, é necessário captar a diversidade na unidade. E se a tendência é a de que estes e outros jovens vão continuando a abandonar os espaços rurais, ainda há aqueles que insistem em ficar. Não sabemos se os jovens que vão ficando por Cachopo serão a sua última geração, nem nos arriscaríamos a previsionismos nesta fase em que a mudança está a correr a um ritmo vertiginoso. O futuro poderá passar por esses

jovens e quiçá por outros. A coesão social passa, essencialmente, por criar uma relação harmoniosa entre cidade e campo. É este o grande desafio para estes territórios rurais e para todo o país, no geral.

## **Bibliografia**

AAVV (1990), “As noites de Sociologia”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, volume 8, 55-61.

Almeida, António Fragoso (2002), *Procesos de Desarrollo Local en la Freguesia de Cachopo (Portugal)*, Sevilha, Tese de Doutoramento – Universidade de Sevilha.

Baptista, Fernando Oliveira (2003), “Um rural sem Território” em Portela, José e José Castro Caldas (orgs.), *Portugal Chão*, Oeiras, Celta Editora, 47-66.

Barros, Afonso de (1990), “A Sociologia Rural perante a problemática do espaço”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, volume nº 8, 43-53.

Bastos, Cristiana (1993), *Os Montes do Nordeste Algarvio*, Colecção: Portugal e o Mundo Português, Lisboa, Edições Cosmos.

Beck, Ulrich (1998), *La sociedad del riesgo – Hacia una nueva modernidad*, Paidós, Barcelona.

Benot, Yves (1980), *Que é o Desenvolvimento ?*, Lisboa, Sá da Costa Editora.

Blume, Roni (2004), *Território e Ruralidade: A desmistificação do fim do rural* [versão electrónica], acessido em 25 de Fevereiro de 2006, em [http://www.ufrgs.br/pgdr/dissertacoes/mestradopgdr/mpgdr\\_roni\\_n037.pdf](http://www.ufrgs.br/pgdr/dissertacoes/mestradopgdr/mpgdr_roni_n037.pdf).

Borja, Jordi e Manuel Castells (2004), *Local Y Global – La gestión de las ciudades en la era de la información*, 7ª edição, Madrid, Taurus.

Boudon, Raymond (1990), *O lugar da desordem*, Lisboa, Gradiva.

Bourdieu, Pierre (1998), *Contrafogos*, Oeiras, Celta.

Bourdieu, Pierre (2001), *Contrafogos 2*, Oeiras, Celta.

Bourdieu, Pierre (2002), “Um saber comprometido” [CD-ROM], *Le Monde Diplomatique – 30 anos: Edição Portuguesa*, Novembro, Lisboa, Campo da Comunicação.

Boutinet, Jean-Pierre (1996), *Antropologia do Projecto*, Lisboa, Instituto Piaget.

Castel, Robert (2001), *As metamorfoses da questão social – Uma crónica do salário*, 3ª edição, Petrópolis, Editora Vozes.

Cassen, Bernard (1999), “Falaciosa teoria do mercado livre” [CD-ROM], *Le Monde Diplomatique – 30 anos: Edição Portuguesa*, Novembro, Lisboa, Campo da Comunicação.

Combin, José (1999), *O Neoliberalismo – Ideologia dominante na virada do século*, série IV: Desafios da Cultura, 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Vozes.

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (CCDRALG) (2006), *Plano Regional de Ordenamento do Território – Sumário Executivo*, Faro, CCDRALG.

Comissão Europeia (s/d), *A Europa das Cidades – Acções Comunitárias em Meio Urbano*, Luxemburgo, Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.

Correia, José Campos (2005), “A reflexão estratégica sobre o próximo período de programação: a perspectiva da região do Algarve” em *Painel “As regiões Portuguesas e os desafios da nova Política de Coesão Europeia”*, CCDRALG, documento policopiado.

Costa, Alfredo Bruto da (2001a), *Direitos Sociais e Políticas Sociais*, Lisboa, Ministério do Trabalho e da Solidariedade – PROFISS.

Costa, Alfredo Bruto da (2001b), *Exclusões Sociais*, 2ª edição, Lisboa, Gradiva.

Covas, António (2004), *Política Agrícola e Desenvolvimento Rural*, Lisboa, Edições Colibri.

Delegação Regional do Algarve – INE (2003), *Sócio-Demografia das Áreas de Baixa Densidade do Algarve*, INE, Lisboa.

Díaz, Antonio e Álvaro Frutos (2003), “La dimensión socioestructural del turismo” em Ángeles Rubio Gil (org.), *Sociología del Turismo*, Barcelona, Ariel Turismo.

Direcção Geral de Desenvolvimento Rural (s/d), *Programa Nacional Leader+*, Lisboa, DGDR – Ministério da Agricultura e das Pescas.

Dubar, Claude (1997), *A socialização – Construção das identidades sociais e profissionais*, Porto, Porto Editora.

Ferrão, João (1995), “Colectividades Territoriais e Globalização: Contributos para uma nova acção estratégica de emancipação”, *Inforgeo*, volumes 9-10, 65-75.

Ferrão, João (2000), “Relações entre o mundo rural e o mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, volume 33, 45-54.

Fortuna, Carlos (org.) (1997), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras, Celta.

Fragoso, António e E. Lúcio-Villegas (2004), “The Continuous Restart: a case study on young adults of societies in fast transition” em Darlene E. Clover (ed.), *Adult Education for Democracy, Social Justice, and a Culture of Peace*, Victoria, Faculty of Education – University of Victoria, pp. 160-165.

Frank, Andre Gunder (1986), “Capitalismo e Desenvolvimento do Subdesenvolvimento”, em António Figueiredo e Carlos Costa (orgs.), *Do Subdesenvolvimento: Vulgatas, Rupturas e Reconsiderações em torno de um conceito*, Vol II: Rupturas, Porto, Edições Afrontamento.

Freitas, Miguel (coord.) (2002a), *Plano Estratégico para as áreas de baixa densidade do Algarve*, volume 1, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

Freitas, Miguel (coord.) (2002b), *Planos de Intervenção das aldeias do Algarve*, volume 2, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

Friedberg, Erhard (1995), *O poder e a regra – Dinâmicas de Acção Organizada*, Lisboa, Instituto Piaget.

Giddens, Anthony (1995), *As consequências da Modernidade*, 2ª edição, Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony (2000), *O mundo na era da globalização*, Lisboa, Editorial Presença.

Gomes, Rui Telmo (2003), “Sociografia dos Lazer e Práticas Culturais dos Jovens Portugueses” in Pais, José Machado e Cabral, Manuel Villaverde (coords.), *Práticas Culturais e Atitudes Perante o Corpo – Resultados de um inquérito aos Jovens Portugueses*, Estudos sobre a Juventude – 5, Oeiras, Celta.

Grafmeyer, Yves (1994), *Sociologia Urbana*, Mem Martins, Publicações Europa-América.

Grupo de Acção Local ARRISCA+ (2001), *Candidatura ao Programa Leader + - ARRISCA+ no coração da Serra do Caldeirão*.

Grupo de Lisboa (1994), *Limites à Competição*, Mem Martins, Publicações Europa-América.

Guerra, Isabel (1993), “Modos de vida: Novos percursos e novos conceitos”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, volume 13, 59-74.

Guerra, Isabel (2002), “Cidadania, exclusões e solidariedades. Paradoxos e sentidos das «novas políticas sociais»” em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, número 63, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 47-74.

Guerra, Isabel (2003), “O território como espaço de acção colectiva: paradoxos e virtualidades do «jogo estratégico de actores» no planeamento territorial em Portugal”, em

Boaventura de Sousa Santos, *Democratizar a Democracia – Os caminhos da Democracia Participativa*, Porto, Edições Afrontamento, 289-308.

Guichard, François (1982), *Atlas Demográfico de Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

Healy, Tom (1998), “Investir dans le capital humain” em *L’Observateur de L’OCDE*, nº 212.

Hermet, Guy (2002), *Cultura e Desenvolvimento*, Petrópolis, Editora Vozes.

Hollands, Robert G. (1997), “As identidades juvenis e a Cidade: Newcastle e a cultura Georche” em Carlos Fortuna (org.), *Cultura, Cidade e Globalização*, Oeiras, Celta Editora, 207-229.

INE (2002), *Recenseamentos Gerais da População – Dados comparativos 1991-2001* [CD-ROM], Portugal, INE.

INE (2004), *Sistema Urbano: Áreas de Influência e Marginalidade Funcional*, INE, Lisboa.

Le Monde Diplomatique (2003), *Atlas da Globalização*, Lisboa, Campo da Comunicação.

Lima, Aida Valadas de (1990), “Agricultura de pluriactividade e integração espacial”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, volume 8, 55-61.

Machado, Fernando Luís e Rita Cheta (1998), *Situação social e perspectivas profissionais dos jovens do interior do concelho de Loulé*, Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.

Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional (2006a), *Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território – Programa de Acção*, Lisboa, Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional.

Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional (2006b), *Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território – Relatório*, Lisboa, Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional.

Moreira, Manuel Belo (2001), *Globalização e Agricultura – Zonas Rurais Desfavorecidas*, Oeiras, Celta.

Moreira, Manuel (2005), “As assimetrias da estrutura agrária portuguesa e a política agrícola comum. Análise da evolução recente” em Manuel Carlos Silva, Ana Paula Marques e Rosa Cabecinhas (orgs.), *Desenvolvimento e assimetrias sócio-espaciais – Perspectivas teóricas e estudos de caso*, Braga, Núcleo de Estudos em Sociologia/ Universidade do Minho e Inovação à Leitura, 167-194.

Mota, Isabel, Mário Pinto, Jorge Vasconcelos e Sá, Viriato Soromenho Marques e José Félix Ribeiro (2005), *Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável – ENDS – 2005-2015*, Lisboa, DPP.

Olson, Mancur (1998), *A Lógica da Acção Colectiva- Bens públicos e teoria dos grupos*, Oeiras, Celta.

Pais, José Machado (2003), *Ganchos, Tachos e Biscates*, 2ª edição, Porto, Âmbar.

Pais, José Machado (2005), *Alguns dados para uma reflexão sobre os Jovens Portugueses*, comunicação apresentada no Encontro de Jovens da Serra do Caldeirão, São Brás de Alportel, documento policopiado.

Pedroso, Paulo (1998), *Formação e Desenvolvimento Rural*, Oeiras, Celta.

Peixoto, Paulo (2002), “Os meios rurais e a descoberta do património” [versão electrónica], *Oficinas do CES*, Julho, nº.175, acedido em 25 de Fevereiro de 2006, em <http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/oficina/175/175.pdf>.

Petrella, Riccardo (1999), “O espoliamento do Estado” [CD-ROM], *Le Monde Diplomatique – 30 anos: Edição Portuguesa*, Agosto, Lisboa, Campo da Comunicação.

Pires, Rui Pena (1987), *Teorias do Subdesenvolvimento: uma introdução*, Lisboa, Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica: trabalho de síntese – ISCTE.

Portela, José e Chris Gerry (2003), “Dreams, pragmatism and employment outcomes among Portuguese rural youth: 6 paradoxes” em T. Dax e I. Machold (orgs.), *Voices of Rural Youth*, 122-157.

Portela, José (2003), “Portugal-Chão: que futuro futurível” em Portela, José e José Castro Caldas (orgs.), *Portugal Chão*, Oeiras, Celta Editora, 3-33.

Portela, José (2005), “Sonhos de pais e filhos, escola e assimetrias sociais. Reflexão em torno de Portugal rural” em Manuel Carlos Silva, Ana Paula Marques e Rosa Cabecinhas (orgs.), *Desenvolvimento e assimetrias sócio-espaciais – Perspectivas teóricas e estudos de caso*, Braga, Núcleo de Estudos em Sociologia/ Universidade do Minho e Inovação à Leitura, 195-248.

Reis, José (2003), “Observar a mudança: o papel dos Estudos Rurais” em Portela, José e José Castro Caldas (orgs.), *Portugal Chão*, Oeiras, Celta Editora, 37-45.

Reis, José (2005), “Globalização e inovação: Uma discussão sobre as densidades urbanas” [versão electrónica], *Oficinas do CES*, Maio, nº. 227, acedido em 25 de Fevereiro de 2006, em <http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/oficina/227/227.pdf>.

Remy, Jean e Liliane Voyé (1994), *A cidade : rumo a uma nova definição*, 3ª edição, Porto, Edições Afrontamento.

Rosa, Maria João Valente e Paulo Chitas (2000), “Unidade e pluralidades da demografia portuguesa: perfis e dinâmicas concelhias, 1960-1991”, em António Barreto (org.), *A situação social em Portugal 1960-1999*, Volume II, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 453-494.

Salgueiro, Teresa Barata (2001), *Lisboa, periferia e centralidades*, Oeiras, Celta.

Salmon, Jean-Marc (2002), *Um mundo a grande velocidade – A globalização, manual de instruções*, Porto, Âmbar.

Santos, Boaventura de Sousa e Leonardo Avritzer (2003), “Introdução: para ampliar o cânone democrático”, em Boaventura de Sousa Santos, *Democratizar a Democracia – Os caminhos da Democracia Participativa*, Porto, Edições Afrontamento, 35-69.

Silva, Manuel Carlos e António Cardoso (2005), “O local face ao global: por uma revisitação crítica dos modelos de desenvolvimento” em Manuel Carlos Silva, Ana Paula Marques e Rosa Cabecinhas (orgs.), *Desenvolvimento e assimetrias sócio-espaciais – Perspectivas teóricas e estudos de caso*, Braga, Núcleo de Estudos em Sociologia/ Universidade do Minho e Inovação à Leitura, 23-79.

Silvano, Filomena (1997), *Territórios de Identidade*, Oeiras, Celta Editora.

So, Alvin (1990), *Social Change and Development: Modernisation, Dependency and World-System Theories*, California, Sage Publications.

Sousa, Vanessa (2000), *O papel da formação na promoção do desenvolvimento local – Avaliação das Necessidades de Formação no concelho de Grândola*, Lisboa, ISCTE – dissertação de licenciatura em Sociologia e Planeamento.

Stör, Walter e Fraser Taylor (orgs.) (1981), *Development from Above or Below?*, Estados Unidos da América, John Wiley and Sons.

Wacquant, Loïc e Pierre Bourdieu (2000), “A nova vulgata planetária” [CD-ROM], *Le Monde Diplomatique – 30 anos: Edição Portuguesa*, Maio, Lisboa, Campo da Comunicação.

Wirth, Louis (1987), “O urbanismo como modo de vida”, em Octávio Velho (org.), *O fenómeno urbano*, 4ª edição, Rio de Janeiro, Editora Guanabara.

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1. Nota Metodológica referente ao trabalho de campo**

## **1. Da investigação à formação e acção**

O presente estudo visava perceber as razões de abandono de Cachopo por parte dos jovens que tem vindo a conduzir a um extremo envelhecimento da sua população. Por outro lado, visava-se imprimir uma estratégia de investigação-formação-acção (seguinte uma aproximação ao triângulo metodológico de Kurt Lewin). O trabalho desenvolvido com os jovens de Cachopo não tinha a pretensão de ser um mero estudo. Por um lado, visava dar pistas para a acção e, principalmente, incitar a própria acção a partir dos jovens.

Assim, numa primeira fase procurou-se entrevistar o maior número de jovens da freguesia procurando aferir das sociabilidades locais e externas, dos seus projectos futuros e da avaliação que fazem do próprio território. Essa incursão de terreno, articulou uma componente não participante de inquirição com estratégias de carácter etnográfico em que se pretendia uma participação activa dos elementos da equipa nas práticas e dinâmicas sócio-culturais locais. Esta abordagem permitiu um conhecimento prévio dos principais problemas e expectativas dos jovens. De forma a começar a estruturar a metodologia de trabalho com os Jovens, foi construída uma ficha de caracterização e sinalização que visava perceber algumas das características sociais deste grupo, os seus locais de residência e contactos, e algumas características de referência das redes de sociabilidade que estabelecem. Foi a partir dessa ficha que se distinguiram os jovens em dois grupos: residentes habituais e residentes de fins-de-semana.

Tal como previsto inicialmente, seguiu-se a realização de fóruns (in)formativos. Com estes fóruns pretendia-se reflectir sobre o contexto de acção e dar condições de autonomização aos jovens para a construção dos seus projectos de desenvolvimento. Para além da equipa do projecto foram mobilizadas várias instituições locais e exógenas para apoio aos diferentes fóruns.

## **2. As entrevistas e dimensões de análise**

O trabalho de inquirição iniciou-se após um conjunto de aproximações de terreno. Tais aproximações foram centrais na estruturação da metodologia de trabalho, e, em particular, na delimitação das dimensões de análise sobre as quais deveria incidir o guião de entrevista. Constituíu objectivo a realização de entrevistas a todos os jovens com idades compreendidas entre os 15 e 30 anos. Foram identificados 107 jovens, realizadas 81 entrevistas a que acrescem mais 3 não respostas. Apenas ficaram por entrevistar 23 jovens.

Tal deveu-se à impossibilidade de contacto com esses mesmos jovens. Para a inquirição foi necessária a deslocação frequente dos elementos da equipa a Cachopo – principalmente durante os fins-de-semana, em particular durante a noite. Apesar dessa permanência frequente não foi possível entrevistar esses jovens em falta, ou porque não tinham disponibilidade na altura solicitada ou porque não se encontravam em Cachopo nessa altura.

A entrevista foi estruturada a partir das seguintes dimensões de análise e questionamentos:

- ***Redes de Sociabilidade*** – procurar perceber se a vida de lazer destes jovens se centra na freguesia, ou se divide nos locais onde estudam ou trabalham; de que forma tomam contacto com os amigos de Cachopo; se os amigos que têm são ou não maioritariamente de Cachopo; se namoram ou não com jovens de origem de Cachopo ou de fora; perceber os seus próprios estilos de vida (as formas de ocupação do tempo e formas de apropriação diferenciada dos espaços locais...);
- ***Projectos de Vida Individuais*** – perceber a forma como os jovens têm vindo a moldar o seu percurso de vida; quais os projectos presentes e futuros (em termos de residência, qualificação, inserção, etc.); o que fará com que os jovens fiquem a viver permanentemente em Cachopo e o que fará com que nem sequer pensem nessa hipótese para o seu futuro; o que gostam mais e menos na freguesia, etc.;
- ***Dinâmicas sócio-culturais*** – por um lado, trata-se de inventariar os recursos locais e exógenos existentes direccionados para os jovens e aqueles em que há uma sua maior adesão. Por outro lado, procura-se perceber em que medida os jovens são promotores de iniciativas e onde se identificam grupos informais que visem a promoção de actividades de cariz sócio-cultural. Também se torna relevante identificar quais as práticas sócio-culturais características destes jovens, assim como eventuais iniciativas ou projectos que gostariam de ver dinamizadas para as quais ainda não existe uma resposta local.
- ***Percursos Escolares*** – interessa perceber de que forma é que os seus percursos são influenciados por essa necessidade em estudar fora, de que forma é que tal se torna como uma via de passagem para o mundo laboral fora da freguesia ou se mantêm uma vontade de permanecer na freguesia. Outra das dimensões a explorar diz respeito às suas próprias expectativas escolares e qualificacionais.
- ***Inserção Profissional e Dinâmicas de Emprego Local*** – interessa perceber o leque de ofertas e de potenciais de inserção profissional na própria freguesia, assim como

verificar a forma como os próprios jovens têm vindo a desenhar o seu processo de transição entre a escola e a vida profissional. Nos jovens também interessará reflectir sobre as perspectivas profissionais futuras. Também será fundamental inventariar todo o tipo de incentivos e outros recursos existentes que possam vir a ser potenciados para que projectos de inserção possam ser vir a ser implementados na freguesia.

- **Habitação** – neste domínio interessará perceber, por um lado, quais as perspectivas de residência futura dos jovens em Cachopo, inventariar os casos de jovens que já dispõem de propriedades ou de habitações para residência futura, assim como aqueles que têm em vista viver em Cachopo sem terem necessariamente quaisquer perspectivas no que respeita à aquisição de casa ou não dispõem de qualquer propriedade onde possam construir a sua própria habitação. Para as situações de jovens que não pretendem continuar a viver em Cachopo, interessará perceber quais as razões que levarão a tal opção. Mesmo que não pretendam residir permanentemente também será interessante perceber se tencionam ter segunda habitação em Cachopo.
- **Rede de Transportes e Formas de Acesso Locais** – As formas de mobilidade dos locais para fora da freguesia torna-se um elemento chave de todo este projecto, na medida em que tal pode ser assumido como uma condicionante à fixação dos jovens na freguesia. Como é óbvio, outros factores terão igual influência, como explicitado nas restantes dimensões de análise. Trata-se de perceber junto dos jovens as suas formas privilegiadas de deslocação para a escola, trabalho e para momentos de lazer fora da freguesia. Por outro lado, também inclui um trabalho de inventariação de recursos existentes ao nível do sistema de transportes.

Por fim, procura-se que os jovens revelem as suas representações sobre o território identificando quais os seus pontos fortes e pontos fracos, assim como o que poderia ser feito para melhorar as situações menos positivas.

## **ANEXO 2. Informação sobre a Base de Dados dos Territórios do Algarve**

## 1. Variáveis constantes da Base de Dados dos Territórios do Algarve

Dimensões	Variáveis	Categorias		Fonte	Observações
Equipamentos, Serviços e Infraestruturas	Serviços Públicos	1	>=7	INE: Carta de Equipamentos e Serviços, 2002	Repartição de Finanças, Cartório Notarial, Conservatória do Registo Civil, Conservatória do Registo Predial, Conservatória do Registo Comercial, Tribunal, Posto Policial (PSP, GNR), Corporação de Bombeiros
		2	2 a 6		
		3	1		
		4	Nenhum		
	Outros Serviços	1	>=7	Idem	(Agência Bancária, Caixa Multibanco, Agência de Seguros, Agência Imobiliária, Agência de Viagens, Posto de Turismo, Agência de Aluguer de Automóveis e outros Veículos, Escola de Condução, Escritório de Advocacia, Gabinete de Contabilidade / Consultoria de Gestão, Gabinete de Projectos de Construção Civil, Clínica Veterinária, Alojamentos e Cuidados com Animais, Agência Funerária, Serviço Privado de Ambulâncias)
		2	3 a 6		
		3	1 a 2		
		4	Nenhum		
	Serviços e Comércio associados aos transportes	1	>=8	Idem	Reparação de Motociclos e Ciclomotores, Reparação de Veículos Automóveis Ligeiros, Reparação de Veículos Automóveis Pesados, Reparação de Máquinas Agrícolas, Assistência e Venda de Pneus, Centro de Inspeção Automóvel, Stand de Bicicletas, Stand de Motociclos e Ciclomotores, Stand de Automóveis, Comércio de Sucatas, Posto de Abastecimento de Combustível, Posto de Abastecimento de Combustível 24 sobre 24h, Posto de Abastecimento GPL.
		2	5 a 7		
		3	1 a 4		
		4	Nenhum		
	Área infraestruturada para acolhimento empresarial	1	Com	Idem	
		2	Sem		
	Condições de distribuição de água	1	Com	Idem	
		2	Sem		
	Tratamento de águas residuais	1	91 a 100%	Idem	
		2	51 a 90%		
		3	1 a 50%		
		4	0%		
Acesso Público à Internet	1	Com	Idem		
	2	Sem			
Educação Pré Escolar Pública e Privada	1	Com	Idem		
	2	Sem			
Ensino Público e Privado	1	Superior	Idem		
	2	Secundário			
	3	2º e 3º ciclo			
	4	1º ciclo			
	5	Nenhum			

Dimensões	Variáveis	Categorias		Fonte	Observações
Equipamentos, Serviços e Infraestruturas	Serviços Complementares de Diagnóstico	1	4	Idem	Análises Clínicas, Radiografia, Ecografia e TAC.
		2	3		
		3	2		
		4	1		
		5	Nenhum		
	Desporto	1	>=6	Idem	Piscina, Campo de Jogos, Pavilhão Desportivo, Ginásio, Campo de Ténis, Pista de Atletismo, Centro de Equitação, Circuito de Manutenção, Campo de Golfe, Campo de Tiro, Pista de Karting, Pista de Motocross / Autocross, Ringues / Pista de Patinagem / Rampa de Skate, Pista / Caminho para Bicicletas, Sala de Squash.
		2	2 a 5		
		3	1		
		4	Nenhum		
	Cultura e Lazer	1	>=3	Idem	Sala de Espectáculos / Sala de Conferências / Congressos, Écran de Cinema, Recinto Aberto para Espectáculos ao Vivo, Biblioteca Aberta ao Público, Arquivo, Museu, Galeria de Arte e Exposição Temporária, Parque de Exposições, Clube Recreativo / Associação Desportiva.
		2	2		
		3	1		
		4	Nenhum		
	Alojamento Turístico	1	>=3	Idem	Hotel, Hotel-apartamento, Pensão (Pensão, Pensão-residencial, Albergaria), Estalagem, Motel, Pousada, Aldeamento Turístico, Pousada da Juventude, Parque de Campismo e/ou Caravanismo, Colónia de Férias, Turismo no Espaço Rural.
		2	2		
		3	1		
4		Nenhum			
Dinâmicas demográficas	Variação da população 1991/2001		Variável de escala	INE	(População 2001-População 1991)/População 1991*100
	Densidade2001		Variável de escala	Idem	População 2001/ Área da freguesia (em Km <sup>2</sup> )
	Índice de Dependência de Jovens 2001		Variável de escala	Idem	População residente com idade inferior a 15 anos/ População residente com idade compreendida entre os 15 e os 64 anos* 100
	Índice de Dependência de Idosos 2001		Variável de escala	Idem	População residente com idade superior ou igual a 65 anos/ População residente com idade compreendida entre os 15 e os 64 anos* 100
	Índice de Dependência Total 2001		Variável de escala	Idem	(População residente com idade inferior a 15 anos+ População residente com idade superior ou igual a 65 anos) / População residente com idade compreendida entre os 15 e os 64 anos* 100
	Índice de envelhecimento 2001		Variável de escala	Idem	População residente com idade inferior a 15 anos/ População residente com idade superior ou igual a 65 anos) *100
	Índice de Renovação da População em Idade Activa 2001		Variável de escala	Idem	População residente com idade compreendida entre os 20 e os 29 anos/ População residente com idade compreendida entre os 50 e os 64 anos* 100

<b>Dimensões</b>	<b>Variáveis</b>	<b>Categorias</b>	<b>Fonte</b>	<b>Observações</b>
<b>Qualificação da mão-de-obra</b>	Taxa de analfabetismo 2001	Variável de escala	INE	População residente que não sabe ler nem escrever (com mais de 10 anos) / Total da população residente (com mais de 10 anos)*100
	Taxa de analfabetismo feminino 2001	Variável de escala	Idem	População residente do sexo feminino que não sabe ler nem escrever (com mais de 10 anos) / Total da população residentedo sexo feminino (com mais de 10 anos)*100
	% de população com escolaridade igual ou inferior à escolaridade mínima obrigatória (9 anos) 2001	Variável de escala	Idem	Total da população com escolaridade igual ou inferior à EMO/ Total da população *100
<b>Sistema de Emprego</b>	Taxa de actividade 2001	Variável de escala	Idem	Total de população activa (empregada+desempregada)/ Total da população residente*100
	Taxa de actividade feminina 2001	Variável de escala	Idem	Total de população activa do sexo feminino (empregada+desempregada)/ Total da população *100
	Taxa de desemprego 2001	Variável de escala	Idem	Total de desempregados/ Total de população activa (empregados+desempregados)*100
	Taxa de desemprego feminino 2001	Variável de escala	Idem	Total de desempregados do sexo feminino/ Total de população activa do sexo feminino (empregados+desempregados)*100

## 2. Grupos de freguesias integrados em cada uma das tipologias territoriais

### *Territórios Urbanos Dinâmicos*

<b>Freguesia</b>	<b>Concelho</b>	<b>Tipologia</b>
Albufeira	Albufeira	APU
Parchal (Lagoa)	Lagoa	AMU
Lagos (Santa Maria)	Lagos	APU
Lagos (São Sebastião)	Lagos	APU
Vila Real de Santo António	Vila Real de Santo António	APU
Monte Gordo	Vila Real de Santo António	APU

### *Territórios Urbanos Densos e em Estabilização*

<b>Freguesia</b>	<b>Concelho</b>	<b>Tipologia</b>
Faro (São Pedro)	Faro	APU
Fuseta	Olhão	APU
Olhão	Olhão	APU

### *Territórios Urbanos Medianamente Densos e Dinâmicos*

<b>Freguesia</b>	<b>Concelho</b>	<b>Tipologia</b>
Ferreiras	Albufeira	AMU
Olhos de Água	Albufeira	APU
Altura	Castro Marim	AMU
Conceição	Faro	AMU
Faro (Sé)	Faro	APU
Montenegro	Faro	APU
Estômbar	Lagoa	APU
Ferragudo	Lagoa	AMU
Lagoa	Lagoa	APU
Carvoeiro	Lagoa	AMU
Quarteira	Loulé	APU
Loulé (São Clemente)	Loulé	APU
Quelfes	Olhão	APU
Alvor	Portimão	APU
Portimão	Portimão	APU
Armação de Pêra	Silves	APU
Tavira (Santiago)	Tavira	APU
Santa Luzia	Tavira	AMU

*Territórios de Transição*

<b>Freguesia</b>	<b>Concelho</b>	<b>Tipologia</b>
Guia	Albufeira	AMU
Paderne	Albufeira	APR
Aljezur	Aljezur	AMU
Odeceixe	Aljezur	APR
Castro Marim	Castro Marim	AMU
Estói	Faro	APR
Santa Bárbara de Nexe	Faro	AMU
Porches	Lagoa	APR
Barão de São João	Lagos	APR
Bensafrim	Lagos	APR
Luz	Lagos	AMU
Odiáxere	Lagos	APR
Almancil	Loulé	APU
Boliqueime	Loulé	AMU
Loulé (São Sebastião)	Loulé	APU
Tôr	Loulé	APR
Monchique	Monchique	APU
Moncarapacho	Olhão	APR
Pechão	Olhão	APU
Mexilhoeira Grande	Portimão	APR
São Brás de Alportel	São Brás de Alportel	APU
Alcantarilha	Silves	AMU
Algoz	Silves	APR
Pêra	Silves	APR
São Bartolomeu de Messines	Silves	APU
Silves	Silves	APU
Tunes	Silves	AMU
Conceição	Tavira	APR
Luz	Tavira	APU
Tavira (Santa Maria)	Tavira	APU
Santo Estêvão	Tavira	APR
Cabanas de Tavira	Tavira	APR
Barão de São Miguel	Vila do Bispo	APR
Budens	Vila do Bispo	APR
Raposeira	Vila do Bispo	APR
Sagres	Vila do Bispo	AMU
Vila do Bispo	Vila do Bispo	AMU
Vila Nova de Cacela	Vila Real de Santo António	APR

*Territórios Rurais em Situação de Risco*

<b>Freguesia</b>	<b>Concelho</b>	<b>Tipologia</b>
Alcoutim	Alcoutim	AMU
Martim Longo	Alcoutim	APR
Bordeira	Aljezur	APR
Rogil	Aljezur	APR
Azinhãl	Castro Marim	APR
Alte	Loulé	APR
Querença	Loulé	APR
Salir	Loulé	APR
Benafim	Loulé	APR
Alferce	Monchique	APR
Marmelete	Monchique	APR
São Marcos da Serra	Silves	APR
Santa Catarina da Fonte do Bispo	Tavira	APR

*Territórios Rurais em Situação de Depressão*

<b>Freguesia</b>	<b>Concelho</b>	<b>Tipologia</b>
Giões	Alcoutim	APR
Pereiro	Alcoutim	APR
Vaqueiros	Alcoutim	APR
Odeleite	Castro Marim	APR
Ameixial	Loulé	APR
Cachopo	Tavira	APR

## **ANEXO 3. Guião de Entrevista**

## FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS DE CACHOPO

Número de Ficha	Data de entrevista	Realizada por:
Nome do Jovem		
Data de Nascimento	Habilitações completas	
Situação escolar		
Dimensão do agregado (número e constituição)		
Local onde reside (morada completa de Cachopo)		
Lugar		
Telefones de contacto:	Local onde estuda	
Situação profissional		
Local onde trabalha		
O que faz (cargo/ função/ profissão)		
Situação profissional do pai		
Situação profissional da mãe		
Grupo de amigos com residência em Cachopo		
Locais de encontro entre amigos de Cachopo		
Alturas do ano/ dia em que há maior facilidade de contacto		
Outras observações		

## **GUIÃO DE ENTREVISTA AOS JOVENS DE CACHOPO**

### **1. REDES DE SOCIABILIDADE**

Procura explicar como é o teu dia-a-dia: trabalho, escola, actividades de lazer e outras ocupacionais, etc.

(Para os jovens que trabalham e/ou estudam fora da freguesia) Apesar de trabalhares/ estudares fora, ainda vais estando por Cachopo? Porquê? Os teus amigos são maioritariamente de Cachopo ou de fora? O que fazes com os teus amigos de Cachopo (actividades de lazer e ocupacionais)? Os encontros com os amigos onde se dão (cafés, bares, discotecas- dentro e fora de Cachopo)?

Namoras/ és casado(a)? Com alguém de Cachopo? Se sim, o(a) teu(tua) namorado(a)/ marido (mulher) pertencia ao teu grupo de amigos? Se não, como o/a conheceste? Apesar de estares com uma pessoa que é de fora, como vais conseguindo manter o contacto com os outros jovens de Cachopo?

### **2. PROJECTOS DE VIDA INDIVIDUAIS (educação e inserção)**

Quais são os teus projectos para o futuro – em termos de habitação, emprego, estudo?

Pensas continuar a viver no futuro em Cachopo? Se sim, o que pensas vir a fazer em termos de emprego? Se não, porquê?

(para aqueles que trabalham e/ou estudam fora de Cachopo) Gostarias de poder trabalhar/ estudar em Cachopo? Porquê?

### **3. DINÂMICAS SOCIO-CULTURAIS**

Que tipo de actividades sócio-culturais são promovidas para os jovens em Cachopo? Por quem são promovidas? Qual a tua opinião em relação às actividades sócio-culturais promovidas pelas várias instituições da freguesia?

Gostas do tipo de actividades que são promovidas? Que outro tipo de actividades gostarias de ver realizadas?

(para os que trabalham ou estudam fora de Cachopo) Como ocupas os teus tempos livres na zona de trabalho/ estudo?

#### **4. HABITAÇÃO**

Em Cachopo vives na casa dos teus pais, ou em casa própria? (No caso de viverem com os pais) Terás possibilidade no futuro de construir/ comprar/ arrendar/ dispor de casa em Cachopo? Se sim, pretendes que essa seja a casa para viver ou só para 2ª habitação? Porquê? Se não, quais as razões?

#### **5. REDES DE TRANSPORTE E ACESSOS LOCAIS**

Como é que te deslocas para o trabalho/ escola/ outras actividades ou serviços fora da freguesia? (Se o meio de deslocação for próprio/ viatura de amigos) E antes de teres viatura própria como te deslocavas para esses lugares? Como caracterizas os meios de transporte existentes para a freguesia?

(para os que trabalham ou estudam fora) Durante a semana regressas a casa depois do trabalho e da escola? Se sim, como avalias o percurso que tens de fazer? Quantos kms percorres diariamente? Se não, porquê? Quanto tempo em média demoras de Cachopo para o teu local de trabalho/ estudo/ espaços de lazer/ serviços de apoio público?

#### **6. PROBLEMAS E PONTOS FORTES**

Procura identificar alguns dos problemas que sentes que existe na freguesia. De que forma consideras que poderiam ser resolvidos?

Procura identificar o que de melhor tem a freguesia. Achas que se tem aproveitado o potencial da freguesia? De que forma?

(para os que pretendem vir a viver no futuro fora da freguesia) O que te faria ficar a viver em Cachopo? (para os que pretendem ficar a viver na freguesia) O que faz com que queiras ficar a viver em Cachopo?

## **ANEXO 4. Sinopses das Entrevistas**

**Variáveis de Caracterização Socio-Económica**

Entrevista n°	Sexo	Grupo Etário	Habilitações Literárias (Classes)	Situação Escolar (Classes)	Agregado familiar	TIPOLOGIA DE FAMÍLIAS	Lugar
1	Masculino	20 aos 22	10°	Não estuda	Próprio/a, irmã/o e cunhado/a	OUTROS - FAMÍLIA NUCLEAR COM IRMÃO	Cachopo
2	Masculino	26 aos 28	9°	Não estuda	Próprio/a	ELEMENTOS ISOLADOS	Cachopo
3	Feminino	23 aos 25	Licenciatura	Não estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
4	Feminino	26 aos 28	12°	Não estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
5	Feminino	17 aos 19	12°	Estuda	Próprio/a, irmã/o e cunhado/a	OUTROS - FAMÍLIA NUCLEAR COM IRMÃO	Cachopo
6	Feminino	29 e mais anos	9°	Não estuda	Próprio/a	ELEMENTOS ISOLADOS	Relvais
7	Masculino	17 aos 19	6°	Não estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Pulo de Cão
8	Masculino	26 aos 28	Bacharelato	Estuda	Próprio/a, cônjuge/ companheiro/a	FAMÍLIA NUCLEAR	Currais
9	Masculino	20 aos 22	10°	Não estuda	Próprio/a	ELEMENTOS ISOLADOS	Casas Baixas
10	Masculino	29 e mais anos	6°	Não estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Pulo de Cão
11	Masculino	23 aos 25	9°	Não estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
12	Masculino	23 aos 25	11°	Estuda	Próprio/a, pais e tio/a	FAMÍLIA ALARGADA	Alcarias Baixas
13	Masculino	20 aos 22	9°	Estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Feiteira
14	Feminino	17 aos 19	11°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Vale João Farto
15	Masculino	17 aos 19	9°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
16	Feminino	17 aos 19	8°	Estuda	Próprio/a, pais, tio/a e avó/ô	FAMÍLIA ALARGADA	Currais
17	Feminino	17 aos 19	10°	Estuda	Próprio/a, pais, irmã/o e avós	FAMÍLIA ALARGADA	Fonte Corcho
18	Feminino	17 aos 19	9°	Não estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
19	Feminino	23 aos 25	10°	Não estuda	Próprio/a, cônjuge/ companheiro/a	FAMÍLIA NUCLEAR	Vale João Farto
20	Feminino	14 aos 16	8°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
21	Feminino	17 aos 19	11°	Estuda	Próprio/a, mãe e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
22	Masculino	14 aos 16	10°	Estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
23	Masculino	26 aos 28	11°	Estuda	Próprio/a e irmã/o	OUTROS - FAMÍLIA NÃO CONJUGAL	Currais
24	Masculino	14 aos 16	8°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Garrobo
25	Feminino	20 aos 22	Licenciatura	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Vale João Farto

Entrevista n°	Sexo	Grupo Etário	Habilitações Literárias (Classes)	Situação Escolar (Classes)	Agregado familiar	TIPOLOGIA DE FAMÍLIAS	Lugar
26	Masculino	17 aos 19	12°	Estuda	Próprio/a, pais, irmã/o e avós	FAMÍLIA ALARGADA	Cachopo
27	Masculino	14 aos 16	10°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Currais
28	Feminino	26 aos 28	Licenciatura	Não estuda	Próprio/a, cônjuge e irmã/o	OUTROS - FAMÍLIA NUCLEAR COM IRMÃO	Cachopo
29	Feminino	17 aos 19	10°	Estuda	Próprio/a, pai, madrasta e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Vale João Farto
30	Feminino	26 aos 28	12°	Não estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Vale João Farto
31	Masculino	20 aos 22	12°	Estuda	Próprio/a	ELEMENTOS ISOLADOS	Cachopo
32	Feminino	14 aos 16	8°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o/s	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
33	Feminino	14 aos 16	9°	Estuda	Próprio/a, pais, irmã/o e avós	FAMÍLIA ALARGADA	Fonte Corcho
34	Masculino	14 aos 16	8°	Estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Mercador
35	Feminino	17 aos 19	12°	Estuda	Próprio/a, mãe e irmã/o	FAMÍLIA MONOPARENTAL	Cachopo
36	Masculino	17 aos 19	9°	Não estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Azinhosa
37	Feminino	29 e mais anos	6°	Não estuda	Próprio/a, pais, irmã/o e avós	FAMÍLIA ALARGADA	Relvais
38	Feminino	17 aos 19	11°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Relvais
39	Feminino	20 aos 22	11°	Estuda	Próprio/a	ELEMENTOS ISOLADOS	Relvais
40	Masculino	17 aos 19	11°	Estuda	Próprio/a, pais, irmã/o e avós	FAMÍLIA ALARGADA	Cachopo
41	Masculino	23 aos 25	6°	Não estuda	Próprio/a, pais, irmã/o e avó/ô	FAMÍLIA ALARGADA	Relvais
42	Masculino	23 aos 25	6°	Não estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Benafior
43	Masculino	20 aos 22	Licenciatura	Estuda	Próprio/a	ELEMENTOS ISOLADOS	Monte da Ribeira
44	Masculino	17 aos 19	8°	Estuda	Próprio/a, pais e avó/ô	FAMÍLIA ALARGADA	Valeira
45	Masculino	14 aos 16	9°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Alcaria do Cume
46	Feminino	14 aos 16	7°	Estuda	Próprio/a, pais, irmã/o e avós	FAMÍLIA ALARGADA	Grainho
47	Feminino	14 aos 16	8°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Carne de serva
48	Masculino	29 e mais anos	11°	Estuda	Próprio/a, cônjuge e filh@	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Currais
49	Feminino	14 aos 16	8°	Estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Portela
50	Feminino	23 aos 25	12°	Não estuda	Próprio/a, cônjuge/ companheiro/a	FAMÍLIA NUCLEAR	Vale João Farto
51	Feminino	23 aos 25	9°	Não estuda	Próprio/a, cônjuge, filh@s e sogros	FAMÍLIA ALARGADA	Vale João Farto

Entrevista n°	Sexo	Grupo Etário	Habilitações Literárias (Classes)	Situação Escolar (Classes)	Agregado familiar	TIPOLOGIA DE FAMÍLIAS	Lugar
52	Feminino	23 aos 25	10°	Não estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
53	Masculino	20 aos 22	7°	Não estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Mercador
54	Masculino	23 aos 25	11°	Não estuda	Próprio/a, cônjuge/ companheiro/a	FAMÍLIA NUCLEAR	Pulo de Cão
55	Masculino	29 e mais anos	9°	Não estuda	Próprio/a, cônjuge/ companheiro/a	FAMÍLIA NUCLEAR	Cachopo
56	Masculino	20 aos 22	12°	Não estuda	Próprio/a e irmã/o	OUTROS - FAMÍLIA NÃO CONJUGAL	Currais
57	Feminino	23 aos 25	Licenciatura	Estuda	Próprio/a, cônjuge/ companheiro/a	FAMÍLIA NUCLEAR	Currais
58	Feminino	23 aos 25	11°	Não estuda	Próprio/a, cônjuge e filh@	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
59	Feminino	29 e mais anos	6°	Estuda	Próprio/a, cônjuge/ companheiro/a	FAMÍLIA NUCLEAR	Cachopo
60	Masculino	20 aos 22	6°	Estuda	Próprio/a, pais e avó/ô	FAMÍLIA ALARGADA	Feiteira
61	Feminino	29 e mais anos	8°	Não estuda	Próprio/a, cônjuge e filh@	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
62	Feminino	23 aos 25	Licenciatura	Não estuda	Próprio/a, cônjuge/ companheiro/a	FAMÍLIA NUCLEAR	Cachopo
63	Feminino	20 aos 22	11°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Cachopo
64	Feminino	26 aos 28	Licenciatura	Não estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Currais
65	Masculino	29 e mais anos	12°	Não estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Medronheira
66	Masculino	23 aos 25	9°	Não estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Relvais
67	Feminino	26 aos 28	Bacharelato	Estuda	Próprio/a, pais	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Currais
68	Feminino	26 aos 28	8°	Não estuda	Próprio/a, pai e filh@	FAMÍLIA MONOPARENTAL	Relvais
69	Masculino	20 aos 22	11°	Não estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Feiteira
70	Masculino	23 aos 25	10°	Não estuda	Próprio/a, pais e avós	FAMÍLIA ALARGADA	Portela
71	Feminino	14 aos 16	8°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Grainho
72	Masculino	17 aos 19	9°	Não estuda	Próprio/a, pais e avó/ô	FAMÍLIA ALARGADA	Carne de serva
73	Feminino	29 e mais anos	6°	Não estuda	Próprio/a, pais e avós	FAMÍLIA ALARGADA	Mercador
74	Masculino	14 aos 16	9°	Estuda	Próprio/a, pais, irmã/o e avós	FAMÍLIA ALARGADA	Monte da Ribeira
75	Feminino	14 aos 16	7°	Estuda	Próprio/a, pais e irmã/o	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Monte da Ribeira
76	Masculino	23 aos 25	Licenciatura	Não estuda	Próprio/a	ELEMENTOS ISOLADOS	Portela
77	Feminino	29 e mais anos	6°	Não estuda	Próprio/a, cônjuge e filh@	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Mercador
78	Feminino	29 e mais anos	6°	Não estuda	Próprio/a, cônjuge, mãe irmã/o e filh@s	FAMÍLIA ALARGADA	Azinhosa

<b>Entrevista n°</b>	<b>Sexo</b>	<b>Grupo Etário</b>	<b>Habilitações Literárias (Classes)</b>	<b>Situação Escolar (Classes)</b>	<b>Agregado familiar</b>	<b>TIPOLOGIA DE FAMÍLIAS</b>	<b>Lugar</b>
<b>79</b>	Feminino	26 aos 28	Licenciatura	Estuda	Próprio/a, cônjuge e filh@	FAMÍLIA NUCLEAR COM FILHOS	Relvais
<b>80</b>	Masculino	26 aos 28	9°	Não estuda	Próprio/a, cônjuge e cunhado/a	OUTROS - FAMÍLIA NUCLEAR COM IRMÃO	Cachopo
<b>81</b>	Masculino	26 aos 28	10°	Não estuda	Próprio/a	ELEMENTOS ISOLADOS	Cachopo

(continuação)

Entrevista nº	Local onde estuda	Situação profissional (classes)	Local onde trabalha	O que faz (cargo/função/profissão)	Profissão	Situação profissional do pai	Situação profissional da mãe	Tipo de Residente	Local de residência actual (para residentes de fins-de-semana)
1	-	Trabalha	UNICOFA - Faro	Técnico de Informática	3.1. Técnicos e profissionais de nível intermédio das Ciências FQ, Engenharia e Similares	Bombeiro	Auxiliar de acção educativa	Residente Fins-de-semana	Faro
2	-	Trabalha	Faro	recepcionista	4.2. Pessoal administrativo e similares - Empregados de recepção e similares	Reformado	Reformada	Residente Fins-de-semana	Faro
3	-	Trabalha	Salir/ agora em Albufeira	Docente na EBI Salir	3.3. Profissionais de nível intermédio do Ensino	Motorista da Câmara Municipal	Auxiliar de Geriatria	Residente Fins-de-semana	Albufeira
4	-	Trabalha	Cachopo	-	5.1. Pessoal dos serviços e vendedores - pessoal dos serviços directos e particulares, de protecção e segurança	Reformado	Auxiliar Centro de Dia	Residente Habitual	
5	Faro - Universidade do Algarve: Escola Superior de Saúde	Não trabalha	-	-		Motorista da Câmara Municipal	Cozinheira na Escola	Residente Fins-de-semana	São Brás de Alportel
6		Trabalha	Concelho de Loulé	Vendedora (têxteis)	5.2. Pessoal dos serviços e vendedores - Manequins, Vendedores e Demonstradores	Reformado por invalidez	Empregada de Limpeza	Residente Fins-de-semana	Loulé
7	-	Trabalha	Loulé	Aprendiz de oficina	7.2. Operários, artífices e trabalhadores similares - trabalhadores da metalurgia e da metalomecânica	Agricultor	Doméstica	Residente Habitual	
8	Beja	Trabalha	Sul – Algarve e Baixo Alentejo	Empresário em nome individual: projectos agrícolas e florestais.	2.2. Especialistas de profissões intelectuais e científicas - especialistas das ciências da vida	Pedreiro	Auxiliar de Centro de Dia	Residente Fins-de-semana	Albufeira
9	-	Trabalha	Alentejo e Algarve	Trabalhador independente – transporte e venda de pão	9.1. Trabalhadores não qualificados - dos serviços e comércio	Reformado	Reformada	Residente Fins-de-semana	Fora da região (Beja?)
10	-	Trabalha	Nos montes	Agricultor	6. Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura	Agricultor	Doméstica	Residente Habitual	
11	-	Trabalha	Faro	Fiel de Armazém	4.1. Pessoal administrativo e similares - Empregados de escritório	Pedreiro Junta de Freguesia	Tecedeira – trabalhadora por conta própria	Residente Habitual	

Entrevista n°	Local onde estuda	Situação profissional (classes)	Local onde trabalha	O que faz (cargo/função/profissão)	Profissão	Situação profissional do pai	Situação profissional da mãe	Tipo de Residente	Local de residência actual (para residentes de fins-de-semana)
12	Tavira	Trabalha	Barranco do Velho	Sapador florestal	5.1. Pessoal dos serviços e vendedores - pessoal dos serviços directos e particulares, de protecção e segurança	Reformado	Desempregada (inserida num programa do IEFP)	Residente Habitual	
13	Loulé	Não trabalha	-	-		Comerciante de cortiça- trabalhador por conta própria	Doméstica	Residente Habitual	
14	Tavira	Não trabalha	-	-		Pedreiro	Desemprego- está a tirar um curso de geriatria	Residente Habitual	
15	Esteve a estudar em Martimlongo mas este ano vai estudar para Tavira	Não trabalha	-	-		Dono de café	Dona de café	Residente Habitual	
16	Tavira	Não trabalha	-	-		Comerciante de cortiça (por conta própria)	Doméstica	Residente Habitual	
17	Tavira	Trabalha	Faro	Empregada de Balcão/ mesa	5.1. Pessoal dos serviços e vendedores - pessoal dos serviços directos e particulares, de protecção e segurança	Baixa - Pré-reforma (antes guarda florestal)	Doméstica	Residente Habitual	
18	-	Não trabalha	-	-		Motorista da Câmara Municipal	Doméstica	Residente Habitual	
19	-	Trabalha	Cachopo	Secretária	4.1. Pessoal administrativo e similares - Empregados de escritório	Pedreiro	Doméstica	Residente Habitual	
20	Tavira	Não trabalha	-	-		Taxista	Taxista	Residente Fins-de-semana	Tavira
21	Tavira	Não trabalha	-	-		Comerciante (conta própria)	Comerciante (conta própria)	Residente Habitual	
22	Tavira	Não trabalha	-		Empregado de escritório	Animadora de Infância	Ricardo, Marisa, Gilda	Residente Habitual	
23	Tavira	Trabalha	Tavira	Nadador Salvador nas Piscinas Municipais de Tavira	5.1. Pessoal dos serviços e vendedores - pessoal dos serviços directos e particulares, de protecção e segurança	Pedreiro	Auxiliar do Centro Paroquial	Residente Fins-de-semana	Tavira
24	Tavira	Não trabalha	-			Pedreiro	Doméstica	Residente Habitual	

Entrevista n°	Local onde estuda	Situação profissional (classes)	Local onde trabalha	O que faz (cargo/função/profissão)	Profissão	Situação profissional do pai	Situação profissional da mãe	Tipo de Residente	Local de residência actual (para residentes de fins-de-semana)
25	Portalegre - Politécnico	Não trabalha	-			Motorista de uma empresa de construção civil	Baixa médica - é auxiliar de Centro de Dia	Residente Fins-de-semana	Portalegre
26	Tavira	Não trabalha	-			Comerciante	Funcionária da Junta de Freguesia de Cachopo	Residente Habitual	
27	Tavira-Escola Secundária de Tavira	Não trabalha	-			Pedreiro por conta própria	Auxiliar do Centro de Dia em Cachopo	Residente Habitual	Férias, finse de semana, semana à noite.
28	-	Trabalha	Tavira	Jurista da Câmara Municipal de Tavira	2.4. Especialistas de profissões intelectuais e científicas - outros especialistas	Motorista da Câmara Municipal	Auxiliar de cozinha na escola	Residente Fins-de-semana	São Brás de Alportel
29	Tavira	Trabalha	Algarve/ Alentejo/ Espanha	Canta aos Fins-de-semana e Verão num grupo musical	2.4. Especialistas de profissões intelectuais e científicas - outros especialistas	Pedreiro	Escriturária no Centro de Dia	Residente Habitual	
30	-	Trabalha	Junta de Freguesia	Auxiliar administrativa	9.1. Trabalhadores não qualificados - dos serviços e comércio	Agricultor	Doméstica	Residente Habitual	
31	Faro	Trabalha	Associação de Produtores Florestais - Barranco do Velho	Vigilante Florestal	9.1. Trabalhadores não qualificados - dos serviços e comércio	Motorista de transportes colectivos - funcionário público	Artesã, Lançadeira	Residente Fins-de-semana	Faro
32	Tavira - Escola D. Manuel I	Não trabalha	-	-		Director do Centro de Dia	Coordenadora do Centro de Dia	Residente Habitual	
33	Tavira	Não trabalha	-	-		Pediu reforma por invalidez (era guarda florestal)	Doméstica	Residente Habitual	
34	Almancil	Não trabalha	-	-		Pedreiro	Empregada de Limpeza	Residente Fins-de-semana	Loulé

Entrevista n°	Local onde estuda	Situação profissional (classes)	Local onde trabalha	O que faz (cargo/ função/ profissão)	Profissão	Situação profissional do pai	Situação profissional da mãe	Tipo de Residente	Local de residência actual (para residentes de fins-de-semana)
35	Estudava em Tavira. Candidatou-se ao curso de Professora de Matemática e Ciências para Faro.	Trabalha	Cachopo	Caixa	4.2. Pessoal administrativo e similares - Empregados de recepção e similares	-	Mãe - dona do supermercado	Residente Habitual	
36	-	Não trabalha	-	-		Agricultor	Auxiliar de Centro de dia	Residente Habitual	
37	-	Trabalha	Nora Velha - Tavira	Empregada de Limpeza	9.1. Trabalhadores não qualificados - dos serviços e comércio	Agricultor	Não trabalha (doente)	Residente Habitual	
38	Escola Secundária de Tavira	Não trabalha	-	-		Jardineiro (Tavira - Conceição e Cumeada)		Residente Habitual	
39	Escola Secundária de Tavira	Trabalha	Tavira	Assistente de vendas numa imobiliária	5.2. Pessoal dos serviços e vendedores - Manequins, Vendedores e Demonstradores	Agricultor/ trabalha na Junta de Freguesia, contratado	Contratada pelo lar.	Residente Fins-de-semana	Tavira
40	Escola Secundária de Tavira	Não trabalha	-	-		Mecânico em França	Doméstica	Residente Habitual	
41	-	Trabalha	Na zona (sem ser em local fixo)	Pedreiro por conta de outrem.	7.1. Operários, artífices e trabalhadores similares - Operários da Construção Civil	Agricultor	Doméstica	Residente Habitual	
42	-	Trabalha	Cachopo	Construção - Pedreiro	7.1. Operários, artífices e trabalhadores similares - Operários da Construção Civil	Pastor	Doméstica	Residente Habitual	
43	Faro	Não trabalha	-	-		Funcionário da Junta de Freguesia	Comerciante	Residente Fins-de-semana	Faro
44	Tavira	Não trabalha	-	-		Manobrador de máquinas	Doméstica	Residente Habitual	
45	Tavira	Não trabalha	-	-		Pensionista	Doméstica	Residente Habitual	
46	Tavira - Escola D. Manuel I	Não trabalha	-	-		Agricultor	Doméstica	Residente Habitual	
47	Tavira - Escola D. Manuel I	Não trabalha	-	-		Agricultor - pensionista por invalidez	Doméstica	Residente Habitual	

Entrevista n°	Local onde estuda	Situação profissional (classes)	Local onde trabalha	O que faz (cargo/função/profissão)	Profissão	Situação profissional do pai	Situação profissional da mãe	Tipo de Residente	Local de residência actual (para residentes de fins-de-semana)
48		Trabalha	Governo Civil de Faro	Assessor de Informática	3.1. Técnicos e profissionais de nível intermédio das Ciências FQ, Engenharia e Similares	Agricultor/Comerciante	Doméstica	Residente Fins-de-semana	Faro
49	Martim Longo	Não trabalha	-	-		Comerciante de roupa – trabalhador por conta própria	Doméstica	Residente Habitual	
50	-	Trabalha	Loulé	Escriturária - trabalhador por conta de outrem	4.1. Pessoal administrativo e similares – Empregados de escritório	Motorista de pesados – trabalhador por conta de outrem	Desempregada	Residente Fins-de-semana	Loulé
51	-	Trabalha	Cachopo	Secretariado (NORMEL)	4.1. Pessoal administrativo e similares – Empregados de escritório	Agricultor (imigrante)	Agricultora (imigrante)	Residente Habitual	
52	-	Trabalha	Cachopo	POC – IIEFP. Centro de Dia – auxiliar	9.1. Trabalhadores não qualificados – dos serviços e comércio	Mecânico – trabalhador por conta própria	Costureira no Centro de Dia	Residente Habitual	
53	-	Trabalha	Cachopo e outros locais	Servente de construção civil – trabalhador por conta de outrem	9.3. Trabalhadores não qualificados – da construção civil	Pedreiro	Doméstica	Residente Habitual	
54	-	Trabalha	Loulé	Condutor de pesados - trabalhador por conta de outrem.	8.3. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem – Condutores de veículos	Agricultor	Doméstica	Residente Fins-de-semana	Loulé
55		Trabalha	Pedrasmil, Lda – Almancil	Camionista	8.3. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem – Condutores de veículos	Agricultor	Doméstica	Residente Fins-de-semana	Loulé
56	-	Trabalha	-	Antes – recepcionista de turismo (queria sair do ramo daí estar desempregado por opção)	4.2. Pessoal administrativo e similares – Empregados de recepção e similares	Pedreiro – trabalhador por conta própria	Auxiliar do Centro de Dia	Residente Fins-de-semana	Tavira

Entrevista n°	Local onde estuda	Situação profissional (classes)	Local onde trabalha	O que faz (cargo/ função/ profissão)	Profissão	Situação profissional do pai	Situação profissional da mãe	Tipo de Residente	Local de residência actual (para residentes de fins-de-semana)
57	Universidade do Algarve – Faro	Trabalha	Faro e Almancil	Professora	2.3. Especialistas de profissões intelectuais e científicas – docentes do ensino secundário e similares	Técnico de enchimento de garrafas de gás	Auxiliar de acção educativa	Residente Fins-de-semana	Faro
58		Trabalha	Loulé	Escriturária	4.1. Pessoal administrativo e similares – Empregados de escritório		Trabalha no Centro de Dia	Residente Habitual	
59	São Brás de Alportel – In Loco	Trabalha	Cachopo	Trabalha no café – apoio ao negócio dos pais	5.1. Pessoal dos serviços e vendedores – pessoal dos serviços directos e particulares, de protecção e segurança	Dono de café	Dona de café	Residente Habitual	
60	Tavira	Não trabalha	-	-		Agricultor	Doméstica	Residente Habitual	
61	-	Trabalha	Faro e Montenegro (Faro)	Trabalha por conta própria – dona de sapatarias	1.3. Quadros superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa – Directores e gerentes de pequenas empresas	Comerciante de calçado – trabalhador por conta própria	Comerciante de calçado – trabalhador por conta própria	Residente Fins-de-semana	Faro
62	-	Trabalha	Loulé	Empregada de balcão em loja de roupa	5.1. Pessoal dos serviços e vendedores – pessoal dos serviços directos e particulares, de protecção e segurança	Construtor – trabalhador por conta própria	Auxiliar administrativa do Centro de Saúde de Cachopo	Residente Fins-de-semana	Loulé
63	Tavira	Não trabalha	-	-		Motorista de táxi – trabalhador por conta própria	Motorista de táxi – trabalhador por conta própria	Residente Fins-de-semana	Tavira
64	-	Trabalha	Vila Nova de Cacela	Professora de 1º ciclo	3.3. Profissionais de nível intermédio do Ensino	Agricultor e pedreiro por conta própria	Auxiliar do Centro de Dia	Residente Habitual	
65	-	Trabalha	Almancil	Pedreiro – por conta de outrem	7.1. Operários, artífices e trabalhadores similares – Operários da Construção Civil	Construtor – trabalhador por conta própria	Doméstica	Residente Habitual	
66		Trabalha	No Concelho de Tavira	Construção Civil	7.1. Operários, artífices e trabalhadores similares – Operários da Construção Civil	Desempregado	Desempregada	Residente Habitual	
67	Faro	Não trabalha				Fiscal – Reformado	Funcionária Pública – Finanças	Residente Fins-de-semana	Faro
68	-	Trabalha	Cachopo	Auxiliar de Centro de Dia	9.1. Trabalhadores não qualificados – dos serviços e comércio	Fabricante de Aguardente/ mel – agricultor	Falecida. Era doméstica	Residente Habitual	

Entrevista n°	Local onde estuda	Situação profissional (classes)	Local onde trabalha	O que faz (cargo/função/profissão)	Profissão	Situação profissional do pai	Situação profissional da mãe	Tipo de Residente	Local de residência actual (para residentes de fins-de-semana)
69	-	Não trabalha	-	Antes: distribuição de produtos de higiene		Condutor de Giratórios (máquinas de construção civil)	Auxiliar de Centro de Dia	Residente Habitual	
70	Não estuda	Trabalha	Junta de Freguesia de Cachopo	Condutor – conduz a carrinha pelos montes mas executa outros trabalhos sempre que necessário	8.3. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem – Condutores de veículos	Agricultor	Doméstica	Residente Habitual	
71	Escola Secundária de Tavira	Não trabalha				Pedreiro	Doméstica	Residente Habitual	
72	Não estuda	Trabalha	Tavira	Electricista	7.1. Operários, artífices e trabalhadores similares – Operários da Construção Civil	Comerciante de frutos secos	Doméstica	Residente Habitual	
73		Trabalha	Alcoutim (Martim Longo) e Mértola		6. Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura	Reformado por invalidez	Doméstica	Residente Habitual	
74	Escola Secundária de Tavira	Não trabalha				Pedreiro em França	Trabalhadora Agrícola	Residente Habitual	
75		Não trabalha				Funcionário da Junta	Comerciante	Residente Habitual	
76	Não estuda	Trabalha		Professor	2.3. Especialistas de profissões intelectuais e científicas – docentes do ensino secundário e similares	Agricultor	Doméstica	Residente Fins-de-semana	Faro
77	-	Trabalha	Cachopo	Auxiliar de Centro de Dia	9.1. Trabalhadores não qualificados – dos serviços e comércio	Empregado da JAE – condutor de máquinas	Doméstica	Residente Habitual	
78	-	Trabalha	Cachopo	Auxiliar de Centro de Dia	9.1. Trabalhadores não qualificados – dos serviços e comércio	Operário de Fábrica – imigrante em França (falecido)	Doméstica	Residente Habitual	

Entrevista n°	Local onde estuda	Situação profissional (classes)	Local onde trabalha	O que faz (cargo/ função/ profissão)	Profissão	Situação profissional do pai	Situação profissional da mãe	Tipo de Residente	Local de residência actual (para residentes de fins-de-semana)
79	Universidade do Algarve – Gambelas	Trabalha	Câmara Municipal de Tavira	Técnica Superior de educação e Intervenção Comunitária	2.4. Especialistas de profissões intelectuais e científicas – outros especialistas	Agricultor	Doméstica	Residente semana Fins-de-	Tavira
80		Trabalha	Bela Curral - Pechão - Olhão	Técnico Administrativo de Produção - OBEL Electro-oficina	3.4. Profissionais de nível intermédio – outros	Empresário em nome individual	Educadora de infância	Residente semana Fins-de-	São Brás de Alportel
81		Trabalha	Loulé		7.1. Operários, artífices e trabalhadores similares - Operários da Construção Civil	Manobrador de máquinas	Tem uma oficina de tecelagem	Residente semana Fins-de-	Loulé

## Redes de Sociabilidade

Entrevista n°	Redes de Sociabilidade
1	Durante a semana trabalha das 8h até as 19h em Faro. Por vezes sai à noite com um amigo. Às vezes vai ao cinema. Normalmente vai para Cachopo todos os fins-de-semana. Sexta e Sábado à noite costuma ir com os amigos para Castro Verde. Durante o dia joga <i>snooker</i> e futebol. Por vezes vai à caça no Domingo. Os amigos são, na maioria, da freguesia de Cachopo. Encontram-se nos cafés e nas discotecas. Não tem namorada. A antiga namorada era de Cachopo.
2	Durante a semana levanta-se para trabalhar às 8h e sai às 17.30h. Depois entra no outro emprego (LIDL) às 18.30h e sai às 22h. Durante a semana não tem tempos livres. Ao fim-de-semana vai para Cachopo. Encontra-se com os amigos, costuma jogar <i>snooker</i> , futebol e sai à noite para a discoteca. De Verão costumam ir para a praia. Os amigos são todos de Cachopo. A namorada não é de Cachopo. Conheceu-a por terem amigos em comum. A namorada vive perto da freguesia de Cachopo.
3	Durante a semana trabalha fora de Cachopo. No pouco tempo que tem livre vai ao cinema e lê. Durante o fim-de-semana está sempre em Cachopo. Participa nas actividades do grupo de cantares, do grupo de jovens da igreja, faz desporto (andar de bicicleta e correr), vai ao café. Nas férias vai sempre para Cachopo. Encontra-se com os amigos em casa, no café, vai a discotecas e bares, muitas das vezes para Castro Verde. A maioria dos amigos não é de Cachopo. Não namora.
4	Trabalha no Centro Paroquial de segunda a sábado de manhã. Faz parte do grupo de cantares de Cachopo, canta no coro da igreja. Gosta de correr e andar de bicicleta no fim-de-semana com duas amigas. Aos sábados sai à noite com os amigos para bares e discotecas fora de Cachopo. Costuma ir ao Zé Dias e para Castro Verde. Os amigos são, no momento, maioritariamente de Cachopo. Antes trabalhou nos correios em Faro durante 4 anos. Depois regressou a Cachopo, “voltei à base”. Encontra-se com os amigos no café, na sede do grupo de cantares, em casa de alguém. O namorado não é de Cachopo. Conheceu-o numa discoteca. O namorado vive numa freguesia próxima de Cachopo. Costumam encontrar-se ao fim-de-semana.
5	Durante a semana está a viver em S. Brás de Alportel. Tem aulas em Faro na Escola Superior de Enfermagem. Vai e volta de carro. Tem aulas durante praticamente todo o dia. Normalmente entra às 8h30m e sai às 18h. Depois vem para casa, está com a irmã e o cunhado, estuda, janta... Volta para Cachopo à sexta-feira à noite. Ao Sábado, normalmente, faz limpeza da casa, sai um pouco. No ano passado também dava catequese. No Domingo é dia de ir à missa e à tarde regressa para S. Brás, no tempo da escola. Agora não tem actividades de lazer. Nas férias está sempre em Cachopo, só está em S. Brás quando tem aulas. Gosta de estar em Cachopo porque nasceu na aldeia e sempre aí viveu. Para além de gostar das pessoas que estão na aldeia, sente-se bem em Cachopo. Os amigos são, maioritariamente, da freguesia. Agora faz muito pouco com os amigos. Nas férias sai com as amigas, vai até ao café. Não tem saído para bares ou discotecas. Namora com um rapaz de Cachopo que já pertencia ao seu grupo de amigos.
6	Passa algum tempo em Cachopo porque diz que não há nada que a atraia para lá ficar. Tem alguns amigos da freguesia de Cachopo, mas a maioria é de fora. Já participou em algumas feiras e festas. Encontra-se com os amigos nos Relvais, festas, missas, cafés, ... É solteira.
7	Durante a semana trabalha fora da freguesia mas continua a viver em Cachopo. Sai de casa por volta das 8h e chega ao fim da tarde. Nos tempos livres vê televisão e sai à noite com os amigos. Costuma ir para discotecas e bares, regularmente vai para o Zé Dias, em São Brás. Os amigos são da freguesia e de fora, “meio, meio”. Costuma encontrar-se com os amigos no café. Não tem namorada.
8	Durante a semana trabalha e desloca-se para vários sítios. Vive perto de Albufeira. Durante a semana não tem tempo para actividades de lazer. Jogou futebol durante muitos anos, parou por falta de tempo devido à sua actividade profissional, mas vai retomar em breve. Durante o fim-de-semana joga futebol, petanca, vai à caça. Quase todos os fins-de-semana vai a Cachopo. Se pudesse passava mais tempo em Cachopo, onde tem os seus amigos e família. Com os amigos vai ao baile e à caça, joga futebol e <i>snooker</i> . Raramente vai para bares e discotecas. Costuma encontrar os amigos nos cafés. A namorada é natural de Cachopo mas viveu 19 anos em França. À noite costuma sair com ela. A namorada não pertencia ao grupo de amigos.
9	Levante-se às cinco e meia da manhã para ir trabalhar. Trabalha na freguesia, em Cacula, Almodôvar, “por aí”. Os amigos são, na sua maioria, de Cachopo. Com os amigos conversa, bebe “uns cafés”. Costuma sair com os amigos para Almodôvar, Castro Verde, São Brás. A namorada não é de Cachopo.
10	Durante a semana trabalha na agricultura “no campo, apanho chuva, apanho vento”. Nos tempos livres gosta de ver televisão, ouvir música e de ir ao café. Os amigos são na maioria da freguesia. Costumam encontrar-se nos cafés e “às vezes lá bebemos um copo”. Não tem namorada.
11	Durante a semana trabalha. Aos Sábados joga futebol e ao Domingo vai à caça quando é época, senão “é para ficar em casa a descansar”. Trabalha em Faro mas vive em Cachopo. O dia-a-dia é cansativo mas está já habituado. Os seus amigos são na maioria de Cachopo. Com os amigos joga futebol, cartas, por vezes vão ao cinema, saem à noite. Costuma encontrar-se com os amigos no café. A namorada não é de Cachopo. Conheceram-se na escola. Mas a namorada vive perto de Cachopo, a 16 Km.
12	É bombeiro sapador no Barranco do Velho. Nos tempos livres gosta de jogar petanca e de fazer “versos em casa” sobre diversos temas. Trabalha das 8h até às 17h. Vai para o trabalho com mais quatro colegas. Os amigos são todos de Cachopo. Encontra-se para conversar com os amigos no café, joga petanca, por vezes saem à noite para Tavira e São Brás e para a Santa Loucura em Castro Verde. Não tem namorada.
13	Está a estudar. “Durante a semana vou à escola”, da escola volta para casa. A semana é dedicada aos estudos. No fim-de-semana sai com os amigos. Costuma ir para São Brás, ao Zé Dias, ou para Castro Verde para a Santa Loucura, onde encontra os seus amigos. Estuda em Loulé mas continua a viver na freguesia. Alguns amigos são da freguesia, outros são de fora. A namorada não é de Cachopo o que não faz com que passe menos tempo na freguesia.

Entrevista n°	Redes de Sociabilidade
14	<p>Só estuda. No momento está de férias. As férias são muito monótonas porque não há nada para fazer. Só saem ao fim-de-semana. Está em casa o dia todo – não há nenhum sítio para onde ir. Só têm a fonte férrea, mas aí é só um passeio, para conviverem uns com os outros “não é assim nada de especial”. Nas aulas levanta-se às 6h, às 7h parte para Tavira e chega lá às 8h. Depois fica lá até às 18h, chega a Cachopo às 19h. É assim todos os dias. Só quando tem tardes livres é que apanha uma carrinha da Câmara que a traz às 13h30m. Há outra às 16h30m, mas os alunos da Secundária não têm direito a aceder a essa – é só para os do ensino básico. Mesmo que tenham lugar, normalmente não trazem os alunos da Secundária. O horário até pode ser compatível, mas não podem utilizar essa carrinha. Faz parte do Rancho e da equipa de <i>footsall</i>. Treinam em Cachopo à quinta-feira. Já estiveram dois anos no Campeonato Regional mas depois deixaram porque são muito poucas – havia algumas juniores, outras seniores, mas não dava para formar equipa por cada grupo. Tem tantos amigos em Tavira como em Cachopo. Com os amigos de Cachopo está mais aos fins-de-semana, pois alguns trabalham fora. Na altura das aulas, com os que vão para Tavira, está todos os dias. Mas dá-se com os mais velhos – normalmente é ao fim-de-semana que saem. Vão a discotecas, festas. É muito raro ficar em Cachopo à noite. Encontra-se com os amigos nos cafés, na Fonte. Em Tavira, quando tem tempos livres nunca dá para muito. De vez em quando dá uns passeios com os amigos. Se tivesse tempo, inscrevia-se em actividades em Tavira: há o Ginásio, há o Pavilhão. Não dá, por incompatibilidade de horários. Vão dar uma volta, conversam, mas não podem estar muito tempo em Cachopo – não é que não possam é porque não há nada para fazer, não aguentam. Como leva as férias todas em Cachopo, já está saturada. Não namora.</p>
15	<p>Nas férias costuma estar em casa com os pais, encontra-se com os amigos, tem treino de futebol. Faz <i>graffiti</i> e por vezes vai “para fora fazer desenhos nas paredes”. Actualmente ganha dinheiro com o <i>graffiti</i>, faz trabalhos em casa das pessoas que lhe pedem. Estuda em Tavira. Acorda às 6:30h para ir para a escola de autocarro. Quando tem a tarde livre ou volta no fim das aulas para Cachopo no autocarro das 13h, ou fica em Tavira a praticar desporto, como natação. Inscreveu-se no curso de Gestão e Economia. Se entrar só volta para Cachopo no autocarro das 6h. Os seus amigos são maioritariamente de Cachopo, “de fora são conhecidos”. Com os amigos de Cachopo costuma jogar futebol, sair à noite. A namorada é de Cachopo e já pertencia ao seu grupo de amigos.</p>
16	<p>Na altura da escola levanta-se todos os dias às 6h da manhã. Todos os dias apanha de volta o autocarro às 13h30m, às 16h e às 18h. Nunca espera muito tempo à espera do autocarro para regressar para Cachopo ao fim do dia. Está a estudar em Tavira mas regressa todos os dias a Cachopo. Em Tavira está mais 'com outro pessoal' que não o de Cachopo. Com o pessoal de Cachopo está quando está na aldeia. À hora de almoço está junta com os jovens de Cachopo. Nas férias, durante o Verão, vão até às 'tantas da noite' para a fonte. Quando está mais frio, fica com os amigos na própria casa - ficam todos juntos a confraternizar. Está com os amigos, vai ao café com os pais. Também vai, por vezes, a casa do irmão em Faro - cuidar da sobrinha no mês de Agosto, que não tem infantário. Vê televisão, vê filmes. Para Cachopo vai sempre de carro com os pais, regressa de Cachopo de boleia com os amigos. Quando não tinham carro, os irmãos tinham bicicletas e aproveitavam esse meio para irem juntos. Os irmãos chegam a ir de bicicleta para a praia em Faro ou em Tavira. Joga futebol, está no Rancho, mas agora têm poucas actuações. Nos tempos livres também ajuda a mãe a preparar-se para as vendas nas feiras: a fazer os licores e a encher, com o mel e as velas. A maioria dos amigos é de Cachopo. Com os amigos saem à noite: vão até ao Zé Dias em S. Brás. Antes de irem ao Zé Dias, passam sempre pelo bar OK. A maioria das pessoas não gosta de ir ao Zé Dias 'porque é mais gente jovem: 17 anos, 18, 20'. Para o Anti-stress (a caminho de Tavira) foram umas duas vezes, mas já não apreciam tanto. Também vão a Castro Verde à discoteca. Namora?: 'Mais ou menos!' - mas não é com uma pessoa de Cachopo. Apesar disso continua sempre a estar com as pessoas de Cachopo.</p>
17	<p>Estuda em Tavira. Passa o dia quase todo em Tavira: “estou cá praticamente só à noite”. Nas férias vai trabalhar para Faro. Este ano trabalhou num café. Nos poucos tempos livres que tem vai tomar café com os amigos de Faro, vai ao cinema e à praia. Os amigos são de Cachopo e de fora. No fim-de-semana sai com os amigos de Cachopo. Encontram-se no café e vão à piscina. Não desenvolvem regularmente nenhuma actividade. Namora com um rapaz de Faro. Normalmente vai ao fim-de-semana em Faro ou mesmo durante a semana à noite. O namorado também vai a Cachopo. Conheceu-o neste verão no café onde trabalhou. Normalmente quando está com o namorado não está com os amigos.</p>
18	<p>Vão à praia, saem à noite com os amigos. Está no rancho. Estava a estudar em Tavira e vinha todos os dias. A maior parte dos amigos são da freguesia de Cachopo. Não namora.</p>
19	<p>No momento não está a trabalhar porque vai mudar para Tavira e não lhe renovaram o contrato. Vai para Tavira com o seu companheiro porque “aqui não há nada para fazer, não há emprego”. Durante o dia lê, escreve, “sei lá, mais nada”. Os amigos são maioritariamente de Cachopo. Não costuma sair para os cafés, prefere estar em casa. O companheiro também prefere ficar em casa, “ele só vai à bola”. Encontra-se com os amigos no café ou em casa. O namorado é de Cachopo e conheceu-o no café, trabalhava de “domingo a domingo e não tinha folgas, ele não era do meu grupo de amigos”. Veio do Brasil para Portugal porque o seu tio arranjou-lhe emprego no café em Cachopo e acabou por aceitar. Durante os sete meses que trabalhou no café não teve uma única folga.</p>
20	<p>Durante a semana vai para a escola, estuda, à noite “vou para a Internet”. Vive em Tavira e não tem qualquer actividade regular. Por vezes vai para Cachopo aos fins-de-semana. Encontra-se com os amigos nos cafés. Os amigos dividem-se por Cachopo e por fora da freguesia, “são dos dois lados”. Com os amigos costuma jogar futebol, conversar e passeiam de bicicleta e de patins. Encontram-se em casa deles e por vezes em sua casa. Não tem namorado.</p>
21	<p>No período de aulas levanta-se às 6:30, apanha o autocarro às 7h, chega a Tavira às 8h frequenta as aulas. Quando tem “feriados” vai ao café. Nos tempos livres trabalha no supermercado, vai à missa e sai com os amigos. Os amigos são na maioria de Cachopo, jogam futebol, vão à praia e piscina. Encontram-se no café e em casa em Cachopo, fora de Cachopo vão a discotecas em Almodôvar (sábado). Não namora.</p>
22	<p>Vai para a escola às 7h. Sai da escola por vezes às 12h e outras às 16h. Se sair às 12h chega às 13h, se sair às 16h chega a Cachopo às 17h. Vai à piscina, anda de mota, de bicicleta, vai jogar à bola. Estuda em Tavira, mas as actividades de lazer são essencialmente desenvolvidas em Cachopo. Os amigos são maioritariamente de fora de Cachopo - da escola de Tavira. Sai à noite com os amigos: fazem muitas coisas - 'asneiras'. Vão à piscina à noite com os amigos. Só sai à noite com o primo, mas só de vez em quando. Em Tavira, costuma estar com os amigos no café. Não namora.</p>

Entrevista n <sup>o</sup>	Redes de Sociabilidade
23	Durante a semana vive em Tavira, trabalha nas piscinas municipais. Faz manutenções de piscinas em <i>part-time</i> . No tempo que tem livre frequenta o ensino secundário nocturno e tem como <i>hobbies</i> tocar acordeão e pintar. Durante as férias, feriados e Fins-de-semana vai para Cachopo. Lá, pratica desporto com os amigos (jogos de futebol, petanca,...) e também caça. Tem férias no mês de Agosto, aproveita para descansar, e para trabalha em <i>part-time</i> para conseguir um ordenado um pouco melhor. Se não vai para Cachopo sente que lhe falta algo e gostaria de poder ir lá mais vezes, pois nasceu e cresceu na terra, se não fosse tão longe. Os seus grandes amigos são de Cachopo. Quando está lá, vão a discotecas em Almodôvar, Alcoutim, Martim Longo ou São Brás, já não frequentam tanto os bailes como antigamente. Convive com os amigos no café, jogos de futebol e petiscos da caça. Namora com uma rapariga de Alcoutim que conheceu numa festa em Martinlongo. Ela integra-se bem no grupo de amigos, mas encontram-se a maioria das vezes em Tavira. Porque ela estuda em Faro.
24	Estar com os amigos na altura das férias. Na altura da Escola, sai de manhã e volta à noite. Também na escola costuma estar com os amigos de Cachopo. Vai às 6h30m e volta às 16h30m/ 17h. Costuma jogar com os amigos futebol. A maior parte dos amigos é de Cachopo se bem que também tenha amigos de Tavira. O seu grupo de amigos é constituído por rapazes. Costuma encontrar-se com os amigos no café à tarde. À noite sai de vez em quando com os amigos - vão para bares de Tavira. Não namora.
25	Quando está de férias e Fins-de-semana não tem horas para se levantar. Apoia em casa porque a mãe está doente, durante a manhã. À tarde está sempre com os amigos. À noite geralmente saem: para Castro Verde ao Santa Loucura, a Tavira, a S. Brás ao Zé Dias. Ao Sábado, durante o Verão vão às festas - as que há durante o fim de semana – Martim Longo, Pessegueiro, Barrada, a de Cachopo. Na de Cachopo geralmente ficam a ver e depois vão-se embora. Na de Setembro ficam até mais tarde, a noite inteira. A feira de Agosto é muito fraquinha - ficam até às 2 da manhã e depois vão para outro lado. Na de Agosto, é ao Sábado e ninguém trabalha ao Domingo então podem ir até mais longe. Na de Setembro, tal não acontece porque é ao Domingo - as pessoas como trabalham à 2ª feira então optam por ficar por Cachopo. Vão à praia no Verão - normalmente todos os Sábados. Às vezes trabalha durante o Verão - o ano passado foi para um parque aquático; este ano era para ir para uma empresa jornalística, mas como a mãe está doente optou por ficar por Cachopo. É só mesmo para passar o tempo e para ganhar uns trocos, então vai para qualquer lado. Durante o tempo de aulas, levanta-se à hora da aula - mora a 250 metros da Faculdade. Está o dia inteiro com os colegas. À noite saem todos os dias, depois do jantar. Por vezes também fazem jantaras em casa de amigos e na própria casa. Em Cachopo tem o <i>footsall</i> e o rancho. Gosta muito de ficar em Cachopo - antes de ir estudar para Portalegre gostava de estar em Cachopo, mas ia muito para Tavira. Desde que foi estudar para fora, continuou a gostar de ir para Tavira, mas passou a gostar muito mais de Cachopo. Tem saudades, tem cá os seus amigos que moram todos em Cachopo. É bom estar longe mas é melhor estar cá. Os amigos são maioritariamente da freguesia de Cachopo, mas tem muitos amigos de Portalegre, pelo facto de lá estar há 3 anos. Não namora: 'Estou de férias'.
26	Durante o período escolar, levanta-se de manhã e vai para a escola. Umas vezes almoça na escola, outras almoça fora. Chega a casa, janta e algumas vezes fica a ver um pouco a televisão, mas outras vezes deita-se porque se tem de levantar muito cedo. Não dá para estar muito tempo com a família - é sair às 7 horas e voltar às 19 horas. Tem sempre este horário. Nos tempos livres - passeia por Tavira. Como estava a fazer o 12º ano, tinha mais disponibilidade e, por vezes, aproveitava para vir na carrinha da Câmara, outras vezes vinha de boleia. Em muitos dos Fins-de-semana vai com o pai à caça. Outras vezes fica em Cachopo - vai à bola, anda de mota. Está a pensar em ir estudar para Faro - e irá procurar um apartamento para alugar ou comprar em Faro. Os amigos são maioritariamente de Cachopo. Com os amigos joga à bola, vem à piscina, vai com alguns dos amigos à caça, anda de mota. Namora com uma rapariga de Cachopo que pertencia ao grupo de amigos. No Verão estão maioritariamente na piscina, quer durante o dia quer mesmo à noite, também jogam <i>snooker</i> e passeiam à noite. Ao fim de semana costumam sair - vão a São Brás ao Zé Dias, vão às festas que há no Verão.
27	Quando está de férias, dorme até tarde. Normalmente vem a Cachopo, para conviver com o pessoal. Também saem juntos à noite - às vezes vai para Tavira, outras vezes vai para São Brás para o Zé Dias. De dia costuma jogar futebol com os moços, vem para a piscina. No tempo da escola, levanta-se bastante cedo às 6h 30m para apanhar o autocarro às 7 horas. Tenta fazer o melhor: nalgumas aulas a dormir e noutras quase a dormir. Até agora ainda não reprovou, mas este ano ainda tem de fazer um exame de Técnicas Laboratoriais de Química porque se desleixou um bocado. Teve 8 e para passar tem de ter 10. Abala de Tavira às 18 horas, chega a casa janta, faz os trabalhos de casa e deita-se para no outro dia levantar-se novamente cedo. Há dias em que tem a tarde livre - nesses dias chega às 14 horas ou 15 horas. Nos tempos livres na escola está com os amigos, vai às casas de desporto comprar alguma coisa, ou ficam a jogar matraquilhos na escola. Ficam a conversar ou vão até à biblioteca. Nem sempre está na escola com os jovens de Cachopo. Está com as pessoas da turma, porque só tem duas ou três pessoas de Cachopo. Nos intervalos está com os amigos de Cachopo. Tem bons amigos em Cachopo, mas também tem bons amigos de Tavira. Em Tavira costumam ir à UBI, quando sai à noite com os amigos de Cachopo. Geralmente encontram-se no café, na bica (à saída de Cachopo), à tarde e à noite na piscina, no campo de futebol. Namora com uma rapariga que não é de Cachopo: 'não é bem namorada, andamos nas curtes'. Está em França, e é apenas de Verão. Conheceu-a em Cachopo. Acabam-se as férias e termina o namoro, os contactos... antes de haver a piscina iam para a ribeira a caminho de Cachopo. 'Fazem asneiras' dentro de casas fechadas. Os 'velhos' inventaram que são traficantes de drogas - já se chatearam por causa disso, porque não consomem. Vão chatear os pais... É uma aldeia pequena... A mesma coisa quando andam com motas ou com 'moças' e depois vêm logo inventar coisas na aldeia toda. São os 'olheiros'. A maioria das raparigas fumam - a maioria dentro do grupo dos jovens. À noite bebem, mas é só quando saem: vodka, <i>shot's</i> , ' <i>kalashnikov's</i> ', 'pastel de nata', ' <i>smirnov</i> '.

Entrevista n <sup>o</sup>	Redes de Sociabilidade
28	<p>Vive em São Brás e trabalha em Tavira. Chega a casado trabalho ao final da tarde, janta em casa, e depois costuma encontrar os amigos em casa deles. Uma vez por semana vai jantar a casa de um casal amigo e eles vão também jantar a sua casa. À sexta-feira, no fim do dia, ou no Sábado de manhã, vai para Cachopo para passar o fim-de-semana. Pertence ao RAC onde faz parte da direcção, o marido também. Faz parte da Associação de Cantares antigos. E ao fim-de-semana têm sempre actividades organizadas por estas associações, “como pôr a correspondência em dia”. “Acaba-se por juntar o útil ao agradável”, pois encontram os pais ao fim-de-semana e realizam as actividades nas associações a que pertencem. Mesmo residindo em São Brás vai todos os fins-de-semana para Cachopo: “por um lado é uma questão de hábito”. Quando esteve a estudar em Beja ia a Cachopo todos os fins-de-semana. “Em 5 anos só não vim a casa dois fins-de-semana mas os mesmos pais foram lá nesses fins-de-semana”. O facto de pertencer a duas associações contribui igualmente para ir sempre a Cachopo ao fim-de-semana. “São estas raízes que nos ligam”. A Associação de Cantares começou pois sentiu-se a necessidade de criar algo que ocupasse os jovens. Inicialmente eram 20 participantes, actualmente são 6. Pensa que a desistência deve-se ao facto de um dos rapazes ter falecido e os amigos começaram a sair, outros foram estudar para fora e não vão a Cachopo frequentemente passar o fim-de-semana. Mais tarde a associação começou a participar em actividades com o IPJ e depois surgiu o Rancho Etnográfico que pertence à mesma associação. O Real Amizade de Cachopo é um grupo desportivo que existe desde 1987. Esteve parado algum tempo pois não existia ninguém na direcção do grupo. Sentiram que existiam pessoas em Cachopo que gostava de praticar desporto e resolveram reiniciar as actividades do grupo. “Na Quinta-feira soubemos que tínhamos subido para a terceira divisão nacional o que é uma grande vitória para nós.” Sente que é necessário continuar o seu trabalho “ se não isto acaba por morrer”. Ao fim-de-semana costumam organizar almoços, torneios de petanca e jogos de futebol e pensa que se não continuarem a organizar este tipo de actividades, Cachopo acaba por não oferecer actividades de ocupação para os jovens e para a restante população. Por volta de Dezembro e Janeiro organizam as Janeiras e cantam as Janeiras pelos montes, o que permite, também, manter uma tradição. Fazem os Encontros de Poetas, “sempre no dia da Mulher”, um <i>rally papper</i> uma vez por ano. Existem festivais de folclore. Dão formação na área de informática a jovens (conseguiram através do programa a que se candidataram 4 computadores). Durante os fins-de-semana existem as actuações do grupo de cantares ou do rancho. A questão da participação dos jovens nas diversas actividades “é complicado”. Quando se inicia uma nova actividade “eles atiram-se de cabeça, mas depois...”. Os jovens participam enquanto “é novidade”. O futebol é a actividade que atrai mais os jovens. Outra razão que faz com que vá constantemente a Cachopo é o “gosto pela terra, gostar de estar cá mesmo se não tiver nada para fazer”. Considera que os “amigos, amigos” são todos de Cachopo. Os seus amigos estão ligados a estas actividades, já referidas. O marido é de Cachopo. São amigos de infância. Foram viver para São Brás pois não queriam viver num apartamento e em Faro não seria fácil encontrar casa.</p>
29	<p>Na altura da escola sai logo pela manhã de Cachopo. Às vezes, quando chega a Tavira vai tomar um café com as amigas de manhã. Depois vai para a escola, está o dia inteiro. Vem até ao café almoçar, não costuma almoçar na escola. Depois volta para as aulas e ao fim do dia apanha novamente o autocarro. Vem para casa, faz os trabalhos de casa. Deita-se cedo, nunca vê televisão. Durante o Verão, costuma acordar por volta do meio-dia. Isto porque tem actuações durante a semana nos hotéis e nos Fins-de-semana tem actuações até tarde. Então dorme a maior parte do dia e à tarde vê televisão, vai à praia, depende. Trabalha em alguns hotéis em Vila Real de Santo António. Tem sempre trabalhado por esta zona. Nos tempos livres canta, o que é igualmente o seu trabalho. Estuda em Tavira, mas regressa todos os dias a Cachopo. Considera que a maioria dos seus amigos é de Cachopo. Com os amigos de Cachopo costuma conversar, saem à noite: umas vezes vão à discoteca (ao Zé Dias), outras vezes vão até Tavira. Encontra-se com os amigos nos cafés, e às vezes no campo de futebol, mas isso é só quando têm treinos. Não namora.</p>
30	<p>Levanta-se às 6/7 horas. Toma o pequeno-almoço e vai para o trabalho. Depois sai, vem para casa ajudar os pais. Ao fim de semana sai com o namorado. Anda num rancho - têm os ensaios e as actuações. O namorado é de Cortelha - pertence ao Barranco do Velho. O namorado não pertencia ao grupo de amigos - conheceu-o nas festas de Martinlongo e Alcoutim. Diminuiu o contacto com os amigos de Cachopo. Está mais em Cortelha do que em Cachopo. 'Os moços de lá são diferentes dos daqui'. Gosta mais de lá. É diferente - os de Cachopo são mais intriguistas. Tem mais amigos fora do que em Cachopo. Com os amigos de Cachopo conversa, vão aos bailes e às festas. Também vai à discoteca com eles, ao Zé Dias, em S. Brás. Aos Fins-de-semana também vais estando com os amigos de Cachopo nos cafés.</p>
31	<p>No Inverno está a estudar em Faro, está na residência. Tem aulas de manhã, levanta-se cedo, vai às aulas. Quando chega vai estudar e depois também tem muitas actividades desportivas para ocupar o tempo. À noite vai dar uma volta para distrair. No Verão trabalha no Barranco do Velho. Tem dois dias de folga, mas não é ao fim-de-semana. Procura ajudar em casa quando os pais precisam. Sai à noite ao fim-de-semana, mesmo quando está a trabalhar. O horário é das 12h às 19h30m e portanto dá para dormir. Agora vai entrar numa competição federada de <i>footsall</i>, na 3ª divisão. Tem treinos à 3ª e à 5ª, em Tavira - tem de fazer 80kms para ir aos treinos. Há mais amigos de Cachopo que também estão na equipa (o Sérgio, o Celso, o Cardeira). O resto é pessoal de Faro, Tavira, de Alcoutim. Na altura de estudo, quando a carga de trabalhos e de estudos não é muito intensa, vem à sexta-feira à tarde para Cachopo e volta para Faro no Domingo à noite, para dormir lá e descansar bem. Gosta de estar em Cachopo pela natureza, pelos amigos. É completamente diferente da azáfama e do stress da cidade. Vem para recarregar baterias. Tem colegas de faculdade que considera amigos, mas a maior parte é de Cachopo. Com os amigos de Cachopo divertem-se. No Verão juntam-se e vão fazer maratonas de futebol pelo Algarve. É um convívio durante o fim-de-semana. Vão acampar à praia quando o tempo o permite - à praia de Mantarota. Vão à praia, à discoteca... também ao Zé Dias. Chegam a estar 20 a 30 carros de Cachopo. Quando vão 5 ou 6 é chato - vão aos 'parzinhos'. Encontra-se com os amigos de Cachopo nos cafés. Em termos de namoro - 'é assim: relação séria não tenho nenhuma' - com uma rapariga que não é de Cachopo.</p>
32	<p>Em tempo de aulas levanta-se às 6:30m apanha o autocarro às 7h, chega a Tavira às 8h, quando tem "furos" no horário fica com os amigos. Em tempo de férias joga futebol com os amigos, desenha, passeia, estuda, vai à praia, fica em casa e frequenta a biblioteca. Os amigos são na maioria de Cachopo. Sai com os amigos mas ficam por Cachopo na fonte férrea e no café. Não vai para discotecas os pais não deixam e bailes só em Cachopo. Namora com um rapaz de Cachopo e pertence ao grupo de amigos.</p>

Entrevista n°	Redes de Sociabilidade
33	Quando está de férias da escola costuma estar em Faro, em casa de um familiar. Vai à praia e ao Centro Comercial, ao “Fórum”. Quando não está de férias, acorda às 6:30h para ir para a escola. Apanha a carrinha para depois apanhar o autocarro para Tavira. Depois regressa às 18h para Cachopo, apanha novamente a carrinha e chega a casa por volta das 19:30h. Neste momento está a pensar em viver fora de Cachopo durante a semana e regressar só aos fins-de-semana. Pensa que vai ser mais fácil porque “isto é muito cansativo” e que poderá ter uma melhor desempenho escolar: “saíu de manhã e só chego ao fim da tarde e não tenho tempo para estudar (...) as notas têm vindo a baixar”. Em Cachopo participa no Rancho. Os seus amigos são maioritariamente de fora da freguesia. Pensa que se deve ao facto de passar muito tempo fora. Com os amigos de Cachopo não faz “grande coisa”. Não gosta muito de viver na freguesia. Prefere as “grandes cidades”. Gostaria de ir só aos fins-de-semana e de viver fora. Não tem namorado.
34	Durante a semana vive em Almancil com os pais. Está a estudar. Costuma estar com os amigos em Almancil para conversar e por vezes “sair, passear”. Gosta de estar em casa: ouve música, vê televisão, estuda. Aos fins-de-semana costuma ir a Cachopo para estar com os avós e “com a malta”. Viveu em Cachopo até aos doze/treze anos. Considera que os seus amigos estão em Cachopo e gosta de estar e sair com eles, o que o leva a passar os fins-de-semana em Cachopo. Os verdadeiros amigos são na maioria da freguesia. Os pais foram viver para Almancil por questões profissionais. Costuma encontrar-se com os amigos no café onde conversam, jogam matraquilhos e <i>snooker</i> . Por vezes jogam futebol. Por vezes joga futebol. Não tem namorada.
35	Durante as aulas, sai de manhã para ir para Tavira, para a escola e só volta ao fim da tarde a casa. Por causa do horário da escola raramente apanha a carrinha das 13h para Cachopo. Praticamente passa todo o dia em casa a ajudar a mãe nas tarefas domésticas, durante as férias. Os amigos são na maioria de fora de Cachopo. Os amigos não são colegas de escola, “são de vários sítios”. Com os amigos de Cachopo encontra-se para conversar. As actividades regulares em que participa e em que encontra os seus amigos estão relacionadas com a igreja. Vai à catequese e é acólita. Não tem namorado.
36	Recentemente abandonou a escola: “aborreceu-me dos estudos”. Começou a trabalhar “na mecânica” enquanto estudava e pretende dedicar-se exclusivamente à profissão. Vai começar a trabalhar numa oficina de motos em Faro. Tem família em Faro, o padrinho. Com os amigos costuma ir à piscina e “à fonte”. Quando está em casa ajuda os pais nas tarefas domésticas. Ao fim-de-semana à noite sai com os amigos para discotecas. Não tem namorada.
37	De manhã acorda às 6.45h. Prepara o almoço, dá o pequeno-almoço ao filho, prepara-o para a escola, dá o pequeno-almoço à mãe. Sai de casa às 8:30h para trabalhar em Tavira. Entra às 9:30h e sai às 17:30h. Quando chega a casa faz as tarefas domésticas. “Actividades de lazer? Muito pouco”. Trabalha também ao Sábado. No Verão trabalha também ao Domingo (de quinze em quinze dias trabalha ao Domingo). Os amigos são da freguesia e de Tavira. Com os amigos da freguesia costuma encontrar-se para conversarem. Por vezes vai à praia mas é raro, “este ano ainda não fui”. O marido é do Concelho de Loulé. Conheceram-se em Albufeira, quando lá trabalhou, no ramo da hotelaria. Trabalharam juntos no mesmo Hotel. Moraram uns meses em Albufeira e depois de ter nascido o filho voltou a viver com os pais em Cachopo. A mãe “é doente” (não especifica) e tem necessidade de apoio, o que a fez voltar a Cachopo. O marido emigrou recentemente para a Alemanha. Trabalha como auxiliar de cozinha. “Dá-me mais jeito ficar aqui.”.
38	Em tempo de aulas levanta-se às 6:15m vai de carrinha até ao monte da Ribeira onde apanha o autocarro para Tavira às 7:20m, chega a Tavira às 8:10m. Frequenta as aulas, quando tem tempo vai ao café, almoça com os amigos. Chega a casa por volta das 19h. Nos tempos livres vai ao café, fica em casa a jogar computador e visita os amigos. Os amigos são de Cachopo na sua maioria. Ocupam os tempos livres com brincadeiras, na ribeira, andam de bicicleta, ouvem música, e vão para a piscina. Encontram-se nos cafés, bares fora de Cachopo em Tavira. Não namora.
39	Enquanto tempo de trabalho levanta-se por volta das 8h, entra às 10h. Às 19:15 frequenta o ensino recorrente. Nos seus tempos livres corre, vai ao ginásio e sai com os amigos. Ao fim-de semana vai sempre a Cachopo. Porque é lá que tem a família, cresceu, e não é fácil deixar as raízes, o passado. Os amigos na sua maioria são de Tavira. Com os amigos de Cachopo encontra-se nos cafés, nas festas e nos bailes. Conversam e jogam bilhar. Não namora.
40	Em tempo de aulas levanta-se às 6:50m, por volta das 7:10m apanha o autocarro para Tavira. Assiste às aulas, fica na sala de convívio e por vezes dá uma volta pela cidade. Às 19h chega a Cachopo. Nos tempos livres joga futebol, esta com os amigos, vai à piscina e biblioteca, sai até Castro Verde, Faro, São Brás. Os amigos são na maioria de Cachopo. Com os amigos joga futebol e vai à piscina. Em Cachopo encontra-se com os amigos nos cafés, no largo. Quando saem para fora de Cachopo vão em grupo e encontram primeiramente em Cachopo. A namorada é de Faro, foi uma coincidência saíram e começaram a namorar. Consegue conciliar a namorada e o grupo de amigos saem todos juntos.
41	“Trabalho casa, casa trabalho”. Aos fins-de-semana gosta de descansar e costuma ajudar os pais nas tarefas domésticas. Trabalha fora de Cachopo e volta todos os dias. Os amigos são todos da freguesia. Com os amigos de Cachopo costuma conversar nos cafés. Por vezes vai à caça. A namorada não pertence à freguesia de Cachopo, mas pertence ao concelho de Tavira. Foram colegas de escola. Está regularmente em Cachopo mesmo com a namorada fora. “Ela vem cá e outras vezes vou eu lá”.
42	Acorda às 6:30h para começar a trabalhar às 8h. Regressa a Cachopo às 18h, vai ao café, e vai para casa por voltas das 20h. Depois não sai mais de casa durante a semana. Ao fim-de-semana sai com os amigos à noite para Tavira, para o Almirante, para o Zé Dias, em São Brás e vai a bailes. No tempo de caça costuma ficar pelos cafés em Cachopo. É caçador. Os amigos são todos da freguesia. Costumam encontrar-se nos cafés. Não tem namorada.
43	Estuda na Universidade durante o dia frequenta às aulas. Ocupa os tempos livres na biblioteca, em casa e com os amigos. Está em Cachopo (Monte da Ribeira) ao fim de semana. Por causa das saudades dos amigos, família e da terra. Os amigos na sua maioria são de Cachopo. Com os amigos anda de bicicleta, caça, frequenta festas em concelhos, freguesias e montes vizinhos (Alcoutim, Martim Longo), e sai à noite para São Brás, Castro Verde, Almodôvar. Namorada é de (Vaqueiros), não pertence ao grupo de amigos e conheceu num casamento. É fácil conciliar o namoro com os amigos saem juntos.
44	Enquanto tempo de aulas levanta-se por volta das 6h, sai do monte às 6.30m na carrinha chega a Cachopo às 7h, e sai para Tavira no autocarro, chega a Tavira às 8h, vai às aulas, na hora de almoço vai até ao café. Quando não tem aulas não faz nada. Regressa todos os dias para a Valeira. Os seus amigos são de Cachopo e "arredores". Geralmente vão para a piscina, andam de bicicleta, vão até Almodôvar, Alcoutim. Em Cachopo encontram-se em cafés. Não namora.

Entrevista n°	Redes de Sociabilidade
45	Em tempo de aulas levanto-me às 5:50m, às 6:30m apanho a carrinha, e às 6:45m apanho o autocarro na Portela da Corcha. Chego a Tavira às 8h. Frequento as aulas e regresso a casa por volta das 18h. Nos "furos" das aulas vou ao café. Os amigos são na maioria fora de Cachopo, Sta Catarina, Sta Maria e Luz de Tavira. Andam de mota e vão para a ribeira. Encontram-se em Cachopo nos cafés, e na cooperativa do Grainho. A namorada é de Sta. Catarina e não consegue conciliar às vezes depende das boleias e das saídas do grupo de amigos.
46	Em tempo de aulas levanta-se às 6h, apanha a carrinha e vai pelos montes buscar os outros colegas, às 7:10m apanha o autocarro e às 8:35m entra na escola para ter aulas. Almoça na escola ou no café. Passeia com as amigas e vai à biblioteca fazer trabalhos. Todos os dias depois das aulas volta para o Grainho. Os amigos na maioria são de cachopo mas também se dá com pessoal de Sta Catarina e Sta Maria. Geralmente saem vão a festas dentro e fora de cachopo como Santa Justa, Martilongo, Almodôvar e São Brás. Vão para bares e discotecas, encontram-se na cooperativa do Grainho. Também passa férias na casa da madrinha na luz de Tavira.
47	Em período de aulas levanta-se às 6h vai de carrinha até a Portela da Corcha, entra na escola às 8.10m. Assiste às aulas nos intervalos e "furos" vai ao café e castelo. Chega a casa por volta das 19h. Nos tempos livres sai pouco de casa. Os amigos são de cachopo e fora geralmente conversam, vão aos cafés e bares. Os encontros são fora e dentro da freguesia de Cachopo. O namorado é de Cachopo e pertence ao seu grupo de amigos foi assim que se conheceram (Azinhosa).
48	Durante o dia trabalha em Faro e à noite pratica futebol. Nos Fins-de-semana, feriados e férias vai para Cachopo pois tem um grande amor á sua terra e ás raízes, tem lá a família e amigos. Tem lá os verdadeiros amigos, praticam desporto e pesca nas ribeiras. A esposa é de Cachopo e fazia parte do mesmo grupo de amigos.
49	Acorda as seis e meia da manhã, toma o banho e o pequeno-almoço, para entrar na escola às nove. Sai às oito de casa para ir para Cachopo apanhar o único autocarro que há para chegar à escola às nove. No dia do fim chega a Cachopo, está "um bocado no café" e vai para casa. No fim-de-semana levanta-se por volta do meio-dia, depois vai até Tavira ou até Faro, "às compras". À noite costuma sair em Tavira com o "meu vizinho da vila, o Sérgio". Costuma estar mais com os amigos "fora de Cachopo". Mas apesar de estudar fora costuma ir com frequência ao centro de Cachopo.
50	Acorda de manhã, vai para o trabalho, almoça em casa e volta para o trabalho. Volta às sete ou "vou dar uma volta com o meu namorado. Ao fim-de-semana não venho sempre para a serra, ou na sexta-feira à noite ou no sábado depois do almoço e só volta domingo depois do jantar. Os seus amigos não são de Cachopo. Com os amigos de Cachopo costuma estar no café. Não gosto muito dos sítios que os amigos costumam frequentar. "Se eles forem ao Zé Dias só capaz de ir mas eles gostam é de ir para bailes e eu como não gosto prefiro ficar em casa." O namorado é da freguesia de Cachopo e não pertencia ao seu grupo de amigos porque estudava em Loulé. Foram colegas de escola. Apesar de o namorado residir perto da casa de sua avó raramente se viam. Começaram a namorar numa festa.
51	Trabalha cinco dias por semana. Tem a sua casa quase construída. Quando não está a trabalhar ajuda o companheiro com a casa. "Sobra muito pouco tempo e o que me resta é com os dois filhotes que tenho em casa." Por vezes dá "uma ajudinha lá na associação de cantares". Os amigos são, na sua maioria, de Cachopo. No momento não está muito com eles, às vezes sai com eles e costuma conversar com eles no café. Vive com o marido. O marido não pertencia ao seu grupo de amigos. O marido é irmão de um ex-colega de escola e foi assim que se conheceram.
52	O dia-a-dia é muito rotineiro. Trabalha durante a semana, depois do trabalho volta para casa. Às vezes não. Vai ensaiar, agora tem o presépio. Aos fins-de-semana sai com o namorado. Ao domingo vai à missa. Os amigos são de Cachopo. Não "fazemos nada de especial, conversamos, trocamos ideias". O namorado não é de Cachopo, não pertencia ao grupo de amigos, é do Alentejo. Conhece-o através do ex-namorado. Sente, por vezes, que se está a afastar dos seus amigos de Cachopo.
53	Acorda às seis e meia, toma um duche e vai para o trabalho. No fim do dia está com os amigos. Ao fim-de-semana costuma "dar uma voltinha". Os amigos são da mesma freguesia. Costumam ir à caça, saem à noite para se divertir. Habitualmente vão para São Brás e Tavira (Vão para a Ubi e Docas). Em Cachopo encontra-se com os amigos e na rua. Não namora.
54	Vai trabalhar de manhã, às vezes volta ao meio-dia para almoçar em casa, chega a casa ao fim do dia e toma um duche. Janta e vai beber café. E no dia seguinte volta a trabalhar... No fim-de-semana passeia com a esposa. Gosta de jogar computador, navegar na Internet, jogar futebol, andar no seu carro novo de rally, jogar <i>snooker</i> . Todos os fins-de-semana vai para Cachopo porque "gosto muito de vir para a serra, só é pena é ser tão longe". Vive em Loulé mas os seus amigos são todos da freguesia e tem a sua família, o que faz com que vá todos os fins-de-semana a Cachopo. Costuma ir ao café com os amigos e vão a festas, jogam futebol, vão a discotecas. A namorada é de Cachopo. Foram colegas de escola. Já tinham namorado.
55	Vem a Cachopo durante os Fins-de-semana porque trabalha de 2.ª a Sábado. Apesar da maioria dos amigos serem de fora de Cachopo, quando vem visitar os pais, encontra-se com os amigos "locais" nos cafés, bares, discotecas (dentro e fora de Cachopo). Vive maritalmente com uma rapariga que não é de Cachopo que conheceu através do grupo de amigos. Gosta de conversar, jogar à "malha", etc.
56	Durante a semana trabalhava em Tavira. Agora não trabalha. Ao fim-de-semana ajuda os pais e vai à caça. Costuma pescar. Já jogou futebol, agora já não. Os amigos são de Cachopo. Encontra-se com os amigos à noite no café, joga <i>snooker</i> e matraquilhos. A namorada é de Cachopo e pertencia ao mesmo grupo de amigos.
57	Durante a semana "o meu dia-a-dia é trabalho e casa". Por vezes vai ao cinema. Normalmente fim-de-semana sim, fim-de-semana não vai a Cachopo, onde aproveita para descansar, estar com a família e com os amigos. Gosta também de passear. Gostaria de ter mais tempo para poder fazer mais desporto como andar de bicicleta. Os amigos são na maioria da freguesia de Cachopo. Costumam encontrar-se em casa uns dos outros, vão tomar café, conversam. Vive com o namorado que não é de Cachopo "mas é da serra". Não vai tanto a Cachopo porque "tem que alternar, umas vezes cá e as outras lá".
58	Acorda por volta das 7:00 e despacha a filha, segue para Loulé, onde deixa a filha no infantário e vai trabalhar. Almoça em Loulé e às 17:30 vai buscar a filha. Chega a casa às 18:10 e faz as lidas da casa. Perdeu a ligação com os amigos de Cachopo e quando vai lá (todos os Fins-de-semana) passa maior parte do tempo com a família. O marido é também de Cachopo.

Entrevista n <sup>o</sup>	Redes de Sociabilidade
59	Trabalha num café durante a semana. Como voltou a estudar, de vez em quando vai a São Brás. Não costuma sair. O filho está na escola e o marido trabalha, por isso não sai. Só em Cachopo. Os seus amigos são de Cachopo e de fora da freguesia. Quando casou viveu em Loulé durante três anos. Agora voltou a viver em Cachopo. Costuma ir com os amigos e o marido a exposições de caça e de pesca. Só saem quando têm “um objectivo, ir ver qualquer coisa”. Por vezes encontra-se com as amigas de Cachopo em casa delas. O marido é de Cachopo. Não pertencia ao seu grupo de amigos porque têm 4 anos de diferença. “Eu andava no grupo dos mais novos porque para andar com o grupo dos mais velhos tinha que ter outra pedalada”. Mas sempre se conheceram. Mas foi numa festa de verão, no São João, que começaram a conversar e conhecerem-se melhor.
60	Durante o dia vai para o curso. Gosta de andar de mota, vê televisão, ajuda os pais em casa e “nas coisas do campo”. Estuda fora da freguesia mas vive na Feiteira. Os amigos, na sua maioria, pertencem à freguesia de Cachopo. Com os amigos passeia de mota, joga futebol, vai a bailes, raramente vai a discotecas. Encontra-se com os amigos em casa. Costuma estar mais na Feiteira mas por vezes vai a Cachopo. A namorada não pertence à freguesia. Conheceu-a no curso que frequenta, são colegas. Apesar de namorar com uma pessoa de fora não costuma sair da freguesia, “ela está todos os dias comigo”.
61	Acorda às oito, veste a filha, leva-a à escola, abre a loja às dez, almoça em casa, dá “uma voltinha lá pela baixa”, reabre a loja às 15h até às 19h. Aos fins-de-semana quando vão para Cachopo, o que acontece frequentemente, jantam em casa dos sogros e dos pais. De vez em quando vai ao café, às vezes ao cinema. Vai sempre para Cachopo porque “recarrego as energias” e para estar com a sua família e a de seu marido. Os amigos são de Faro, na maioria. Com os amigos de Cachopo costuma encontrar-se ou em sua casa ou em casa deles, em Faro. Em Cachopo às vezes saem à noite, vai ver os jogos de futebol. O marido pertencia ao seu grupo de amigos.
62	Durante a semana trabalha: “é trabalho casa, casa trabalho”. Ao fim-de-semana vai ao cinema e à discoteca. Vai a Cachopo, pelo menos duas vezes por mês. Vai a Cachopo porque gosta de estar “no campo” e porque tem a sua família em Cachopo, os seus pais. Os seus amigos são, na maioria, de freguesia. Costuma sair com os amigos de Cachopo à noite. Por vezes vão para bares e discotecas mas não gosta muito e não costuma muito sair à noite. “Aqui não há muita coisa para fazer.” Por vezes encontra-os “lá em baixo”, no local onde vive. Encontra-se com os amigos, geralmente, em sua casa. O marido pertencia ao seu grupo de amigos.
63	Durante a semana tem escola, estuda, vê televisão. Vive em Tavira. À noite encontra-se com as amigas, por vezes. Aos fins-de-semana vai para Cachopo. Encontra-se com os amigos no café ou em casa uns dos outros para conversar, jogar às cartas. O namorado é da freguesia mas não pertencia ao seu grupo de amigos. Actualmente pertence.
64	Durante a semana levanta-se às 6h da manhã para ir trabalhar em Vila Nova de Cacela. Volta para casa ao fim do dia. Ao fim-de-semana aproveita para fazer coisas que não tem tempo durante a semana. Sai com os amigos, às vezes para bares e discotecas em Tavira, Faro ou Castro Verde. Vive em Cachopo “por enquanto, está a tornar-se demasiado cansativo”. Os amigos são de Faro e de Cachopo. Além de sair à noite com os amigos de Cachopo costuma encontrar-se com eles, para “conversar, isto aqui não há muito para fazer”, em casa e por vezes nos cafés.
65	Durante a semana acorda às 6:30 h da manhã para ir trabalhar. Entra no trabalho às 7h e sai às 16h. Vai para casa, toma um duche, janta e depois vai a Cachopo para se encontrar com a namorada. Por vezes tem que trabalhar. Sai à noite, quando pode. Costuma caçar e pescar quando é época. Os amigos são maioritariamente da freguesia de Cachopo. Com os amigos sai à noite e vai à caça. Encontram-se no café. Actualmente não vai com frequência discotecas” agora pouco, já fui mais”. A namorada é de Cachopo. Foram colegas de escola.
66	O seu dia a dia é ocupado pelo trabalho, e quando pode vai à aldeia Cachopo. Tem amigos sobretudo de Cachopo, vão ao café, bares, discotecas, bailes etc, jogam à “malha”. Não namora.
67	Vive e estuda em Faro. Nunca viveu em Cachopo mas vai lá frequentemente desde sempre. Tem lá primos e alguns amigos, mas a maioria dos seus amigos são de Faro e outros locais. Gosta de viver em Faro, mas não põe de parte se soubesse que tinha oportunidade de trabalhar naquilo que estudou. Namora com um rapaz de Faro.
68	O dia-a-dia é muito “agitado”. Folga ao Domingo. De manhã acorda para ir trabalhar, muitas vezes nem tem “tempo sequer para tomar o pequeno-almoço”. Vai levar a miúda à escola e começa a trabalhar às 9 h. Quando chega a casa ao fim da tarde quando chega a casa faz o jantar. Costuma fazer as “limpezas” ao Domingo à tarde e por vezes vai passear com a irmã para Tavira. Tem um grupo de amigos “alargado”. Alguns são da freguesia, outros de fora, como da Fuzeta. Com os amigos de Cachopo encontra-se geralmente no café ou em festas quando saem à noite. O marido era de Santa Catarina. Apesar de o marido não ser da freguesia nunca saiu de casa dos pais em Currais.
69	Neste momento não está empregado. Por vezes faz biscates para amigos. Não tem nenhuma actividade de lazer regular. Nos tempos livres “descanso”. Os amigos pertencem à freguesia de Cachopo. Com os amigos encontra-se na rua para conversar. Não tem namorada.
70	Acorda às 6.30h e trabalha até às 16.30h. Almoça no café e de momento está a tirar o curso de informática. Ao fim de semana está com o irmão, vai à caça, e ajuda os pais no campo. Os melhores amigos são dos montes (Alcides e Bertino), vão aos bailes, jogam à malha, vão para Tavira, S. Brás. Saem em grupo encontram-se e jantam nos cafés. Não namora.
71	Vive no Graíño, acorda às 6.30h, apanha o autocarro até à Portela da Corcha (30minutos) e apanha o autocarro para Tavira. Nos tempos livres gosta de ver as montras, passeia, vai à biblioteca, faz os TPC. Nos Fins-de-semana vê TV, ajuda a mãe, vai à casa da avó, vai a Faro com a mãe. Às vezes vai a Cachopo ter com a Inês. Nas férias vai à praia, à ribeira. Os seus melhores amigos são de Cachopo, Santa Catarina, Santa Maria (serra). Vão para a piscina, encontram-se na casa uns dos outros. Vai com a mãe para as festas e bailes. Encontra-se nos cafés com os amigos. Não namora.
72	Acorda cedo todos os dias e vai para Tavira trabalhar.

Entrevista n°	Redes de Sociabilidade
73	Levanta-se às 5h, vai para o Monte da Ribeira tomar café, vêm buscá-la para o trabalho em Martinlongo, Alcoutim (plantação de pinheiros). Chega às 18h, janta e vai ao café. No fim-de-semana ajuda a mãe no campo e na casa. Nos tempos livres vai aos cafés com amigos/as. No sábado vai ao Baile da Cabeça Gorda até às 2/3 horas. Trabalha fora da freguesia e regressa todos os dias a Mercador. Não namora.
74	Acorda às 6.30h, toma o pequeno-almoço, às 7.20h apanha o autocarro. Às 8.10 chega a Tavira e quando tem aulas só à tarde vai na carrinha da CMT. Regressa às 19 h, faz os TPC, janta e vê TV. Aos Fins-de-semana ajuda os avós no campo, limpa sobreiros, ajuda nas plantações, ocupa-se na agricultura. Os seus melhores amigos são da mesma turma (são de Santa Margarida e Santo Estêvão), quando não têm aulas vão à biblioteca, não gosta de ir a cafés. Vai a bailes e festas com a família. Não namora.
75	Enquanto tempo de aulas levanta-se por volta das 6.30h, tem autocarro às 7.20h, e chega a Tavira às 8h, vai às aulas, sai às 17.30h e tem autocarro às 18.30h. Regressa a casa às 19h, faz os TPC e deita-se. Aos Fins-de-semana ajuda a mãe no café, faz os TPC, brinca. A sua melhor amiga é a irmã do Joel. Vai às vezes com o irmão para a aldeia, geralmente vão para a piscina, andam de bicicleta, passeia, vê TV, vai a festas bailes. Não namora.
76	Vive em Faro, acorda por volta das 8/9 horas, está de momento desempregado mas procura manter-se sempre ocupado. Os seus grandes amigos são de Cachopo. Vão à caça, à noite vão aos bailes na Cabeça Gorda, vão para Tavira, Castro Verde, S.Brás, Almodôvar. Encontram-se nos cafés. Não namora. Em Faro, nos tempos livres vai ao ginásio, vê TV, lê, mas é em Cachopo que se sente em "casa".
77	Trabalha "sempre, durante a semana aqui e ao fim-de-semana em casa". Não tem tempo para actividades de lazer. Sai somente para "ir às compras ou quando tenho falta de ir a algum lado". Os amigos são da freguesia de Cachopo mas "mais dos montes que é onde eu moro". Não costuma fazer nada com os amigos. "Só quando os encontro é que converso." O marido é da freguesia, do mesmo monte.
78	Durante a semana trabalha e ao fim-de-semana trabalha em casa, "fazer o trabalho da casa". Não tem actividades de lazer. Por vezes tem tempo para "ver um bocadinho de televisão". Os amigos são, na sua maioria, da freguesia de Cachopo. Encontra-se com os amigos no trabalho e por vezes quando vai a bailes. Com os amigos encontra-se "só para conversar, com aqueles que tenho mais confiança". Não desenvolve qualquer tipo de actividade de lazer com os amigos. O marido não pertence à freguesia de Cachopo. Conheceram-se num baile. Não pertencia ao seu grupo de amigos. Quando casaram ficaram a viver em casa da mãe (da entrevistada) e nunca saiu da freguesia. Gosta muito de trabalhar com idosos.
79	Durante o dia trabalha, cuida do filho e dos deveres da casa. Às sextas e sábados tem aulas e estuda no pouco tempo que tem disponível. As actividades de lazer não quase inexistentes. Vem para Cachopo todos os Fins-de-semana, alguns feriados e durante parte das férias porque os pais residem nos Relvais, tem lá amigos e uma paixão enorme pela serra. Sente-se muito bem lá. A maioria dos seus amigos são de fora de Cachopo, mas convive com os amigos locais em cafés, festas, feiras, na missa e matanças de porco. É casada, o seu marido residiu na freguesia até aos 15 anos mas não pertencia ao seu grupo de amigos.
80	o dia a dia é passado a trabalhar, não tem muito tempo livre durante a semana, contudo ao fim de semana em cachopo frequenta os cafés com os amigos e caça. É dirigente do RAC. Futuramente não pensa trabalhar em Cachopo. Os amigos são maioritariamente de Cachopo ou com raízes em Cachopo. É casado a esposa é de cachopo e pertenciam ao mesmo grupo de amigos.
81	Frequenta os cafés com os amigos e caça. Os grandes amigos são maioritariamente de Cachopo ou com raízes em Cachopo.

**Projectos de Vida (Educação e Emprego)**

Entrevista n°	Projectos de vida (educação e emprego)
1	Gostava muito de trabalhar na área da informática. Neste momento trabalha como canalizador. Primeiramente pensou que seria um trabalho temporário mas pensa continuar nessa área. Pretende continuar a viver em Faro porque em Cachopo “não há nada, não se aprende nada”. Se pudesse gostava de arranjar uma casa que tem e talvez ficasse. Não gostaria de trabalhar em Cachopo. Mesmo que tivesses todas as condições a nível profissional que tem em Faro não sabe se queria ficar a viver em Cachopo. Em Faro existem mais oportunidades.
2	Gostava de ter uma pastelaria e de viver em Cachopo. No momento não pensa voltar a estudar.
3	Não tem muitos projectos. Cada ano está num local diferente a trabalhar, é professora. Quando estiver efectiva quer fazer o mestrado. Gostaria de viver em Cachopo mas pensa que é complicado. Gostaria de viver mais perto do litoral mas em meio rural. Preferia trabalhar fora de Cachopo. Em Cachopo conhece toda a gente.
4	Gostava de encontrar um emprego mais estável para poder continuar a viver em Cachopo, “não há nada que fixe os jovens”.
5	Pensa acabar o curso, depois começar a trabalhar, casar, constituir uma família. Pensa viver fora de Cachopo - aí não há emprego. Há o Centro de Saúde, mas não é isso que quer para a sua carreira. Era capaz de vir a Cachopo fazer serviço voluntário, mas não fazer disso a sua vida. 'Não há muito cá para o pessoal mais novo se fixar. Há muito pouco. Cada vez acho que há menos.' Emprego não há. Também não há pessoal mais novo, só aqueles que ainda estão a estudar, que ainda estão com os pais, porque praticamente toda a gente que casa vai-se embora. 'Gosto muito de estar aqui, mas para trabalhar e viver, não dá'. Gostaria de trabalhar em Faro - só se tivesse uma melhor oportunidade de emprego é que se deslocaria para mais longe. Se houvesse condições em Cachopo - um hospital! - Gostaria de trabalhar em Cachopo.
6	Vive e trabalha em Loulé e não pensa sair de lá. Pensa concluir o 12.º ano (ensino nocturno) Não pensa voltar a viver em Cachopo actualmente saiu do monte dos relvais à 14 anos. Contudo não exclui a hipótese de viver em Cachopo um dia, gosta muito da serra e tem lá as suas raízes e familiares mais chegados (mãe, pai, tios,...), mas depende do futuro de cachopo.
7	Gostava de ter um emprego estável, dentro do mesmo ramo. Gosta de viver em Cachopo “mas lá em baixo está-se mais perto das coisas”. Existe, fora da freguesia, mais oportunidades a nível de formação: “pode-se tirar cursos”. Não pretende, de momento, continuar a estudar: “só o tempo o dirá”. Gostaria de trabalhar na freguesia porque ficaria mais perto de casa.
8	Alguns dos planos incluem Cachopo. Foi convidado para trabalhar numa empresa na área da apicultura em Cachopo mas não pretende abandonar a actividade profissional que desenvolve no momento. Tem planeado um projecto para desenvolver em Cachopo. Gostava de abrir a sua própria empresa. Este ano interrompeu o curso. Concluiu o bacharelato mas “faltam 6 cadeiras para a licenciatura”.
9	“Desenvolver a freguesia”, gostava de abrir uma padaria mas não tem forma de financiamento.
10	“Era ter uma vida melhor.” Gostava de ter outro emprego, não sabe o que gostaria de fazer. Na freguesia só encontra trabalho como servente de pedreiro ou “no campo”. Não gosta muito do que faz “mas a gente tem que ganhar a vida”. Não pensa continuar a estudar.
11	Pensa continuar a trabalhar em Faro mas gostaria de viver sempre em Cachopo: “estou agarrado à terra, gosto da serra”. Gostaria de trabalhar em Cachopo para estar em casa, com a família, perto da namorada e dos amigos mas não tem essa possibilidade.
12	Gostava de terminar o 12º ano e de tirar um curso superior “qualquer coisa ligado às florestas”. Gostava de continuar a viver em Cachopo mas também queria ter uma casa em Faro: “lá há mais contacto com a informação, sobre empregos”. Se possível quer continuar a trabalhar em Barranco do Velho.
13	Pretende terminar o curso e trabalhar numa empresa na área da informática. Por enquanto quer continuar a viver na freguesia mas não sabe no futuro. Depende do seu futuro emprego. Gostaria de trabalhar em Cachopo caso encontrasse emprego na sua área “mas é complicado”.
14	Pensa sair de Cachopo por vários motivos: tanto a nível pessoal como a nível profissional – “aqui não há nada”. Nestes meios muito pequenos, é tudo muito calminho, mas toda a gente se conhece muito bem, bem demais. Depois há muitas intrigas. E eu não gosto deste ambiente.” Pensa tirar a licenciatura em enfermagem. Era para entrar neste ano – candidatou-se, mas, provavelmente, deverá ter de fazer melhoria: “Mais um ano para Tavira. Levantar às seis da manhã e voltar às sete, sete e meia”. Não sabe para onde gostaria de trabalhar. Prefere hospitais a centros de saúde: quer movimento, “aquilo que não há cá”. Não gostaria de ficar a trabalhar em Cachopo – só nas férias para estar a ocupar o tempo e fazer qualquer coisa.
15	Pretende continuar com o negócio do pai: um café. Gostava de investir no ramo da hotelaria fora de Cachopo: “lá em baixo que isto aqui não dá muito”. Gostava de continuar a viver em Cachopo e se tiver essa possibilidade, continuando o café do pai, pretende ficar. Viver em Cachopo faz parte do seu projecto de vida.
16	Agora mudou de curso: vai dar equivalência ao 9º ano. Chumbou neste ano lectivo e vai tirar um curso de informática para ficar com o 9º ano. Para o futuro não sabe o que vai fazer. Vê o tempo correr bem rápido, mas não sabe mesmo o que quer fazer. O que mais gostaria de fazer era ser educadora de infância, mas acha que 'é baldas' e que dificilmente conseguirá. Vai para o curso de informática porque também gosta. Sente que vai para o curso com 17 anos, mas vai estar com 'mocinhos de 13, 14 anos'. Já chumbou no 5º, no 8º e no 9º ano. No 5º, o professor disse à mãe que era muito criança. No 7º ano sentiu imensas dificuldades...Em termos de continuação dos estudos, gostaria de seguir para educadora. Diz que todos os amigos que estão a estudar na Universidade, estão a querer ir para Faro, salvo algumas excepções. É mais perto.

Entrevista nº	Projectos de vida (educação e emprego)
17	Gostava de tirar o curso de enfermagem ou de psicologia, não sabe ainda muito bem. Gostava de estudar fora do Algarve mas o problema é que se torna mais caro. Gostava de ir para Portalegre ou Coimbra, "sítios diferentes". Este é o principal projecto que "me tornará uma mulher independente". Não quer viver em Cachopo. Pensa que não terá condições para exercer a sua profissão, quer enfermagem, quer psicologia. Gosta de "estar" Cachopo mas não gosta das pessoas, toda a gente sabe da vida uns dos outros. Gosta muito de Faro e de Tavira para viver. Se tivesse oportunidade gostaria de trabalhar em Cachopo. Pensa que o Centro de Saúde funciona mal "e gostava de poder ajudar mais as pessoas".
18	Está à espera de vaga num curso de estilismo em Lisboa - está a pensar em ir para Lisboa. É um curso técnico-profissional que dá equivalência ao 12º ano. Estava a acabar o 10º ano, mas desistiu em Março. Não esteve ocupada durante o período em que esteve parada. Pensa tirar o curso e gostaria de arranjar trabalho em estilismo. Gostaria de trabalhar fora, porque em Cachopo é tudo muito parado. Tem familiares perto de Lisboa, que será o local onde irá estar. O pai irá ficar em Cachopo, mas o irmão e a irmã poderão acompanhá-la, mas ainda não decidiram. Acha que sempre que possa há-de vir a Cachopo.
19	Quer encontrar um emprego depois de ter "o meu bebé". Não quer continuar a viver em Cachopo. O companheiro já tem uma casa alugada.
20	Gostava de continuar a estudar e gostava de ser "professora de educação física". Não quer viver em Cachopo porque pensa que não lhe oferece "futuro e não se faz nada". Não quer, também, trabalhar em Cachopo.
21	Ao nível de estudo não pensa frequentar a universidade "é muito tempo de estudo", a mãe gostaria que fosse cabeleireira, mas o seu sonho seria ser professora de desporto. Gostava de viver em Tavira actualmente e futuramente. Porque Cachopo está pouco desenvolvido, não tem actividades (desportivas) existem poucos jovens é isolado. Só ficaria a trabalhar em Cachopo se "isto desse uma volta".
22	No futuro pensa jogar à escola. Quer continuar os estudos até à Universidade, gostava de tirar Biologia Marinha. Gosta de viver em Cachopo. Acha que não vai ficar a viver em Cachopo - se for estudar e trabalhar não pode ficar a viver em Cachopo. Se tivesse oportunidade gostaria de ficar a trabalhar em Cachopo, mas o que gostaria de fazer não o conseguiria em Cachopo.
23	Pensa ficar a viver em Tavira pois está efectivo na CMT. Pretende acabar o 12º ano e tirar o curso de Engº. Civil ou Arquitectura. Se tivesse condições trabalharia em Cachopo, pois gostaria de poder fazer algo pela terra.
24	Não imagina o que vai ser o futuro. Quando chegar a altura logo verá. Em termos de estudos pensa, pelo menos, chegar ao final - 12º ano. Pelo menos já era bom. Não pensa ir para a faculdade porque é um pouco complicado. Quer tirar o 12º ano para ser alguma coisa capaz na vida. Diz que gostava de ser professor de educação física. Se fosse possível também gostava de ficar a trabalhar em Cachopo.
25	Está a estudar para seguir a carreira de Jornalismo - mas tem a noção de que não está nada fácil ainda para mais no campo do Jornalismo. Esteve a estagiar há pouco tempo durante 3 meses e foi aqui que se apercebeu, na prática, como as coisas estão e não está nada fácil. Quer ter uma vida mais ou menos segura, apesar de saber que jornalismo implica andar de um lado para o outro. Quer ter uma vida mais ou menos estável para poder dar uma vida à irmã de 8 anos, uma vida mais ou menos estável. Tem 13 anos de diferença e os pais já não são novos. Tem também uma irmã mais velha que já tem a vida constituída, e serão ambas que terão de ajudar a irmã mais nova. Como não tem namorado e não espera casar nos próximos anos - uma pessoa nunca sabe - então, espera ter uma vida mais ou menos estável para orientar a vida da irmã. Esse é o seu plano principal.
26	Quer acabar o curso da Universidade - vai fazer este ano para ver se gosta, senão muda de curso. Vai tentar arranjar trabalho - em Cachopo não porque é quase impossível, vai tentar arranjar lá em baixo. Primeiro quer acabar o curso da Universidade e depois logo terá tempo para pensar noutras coisas. Gosta de Análises Clínicas. Queria tirar Medicina Veterinária, mas já tirou da cabeça porque não tem notas para isso.
27	Tem coisas na cabeça - sair de Cachopo porque não há condições para seguir a vida em Cachopo, mas viria todos os Fins-de-semana. Gosta de estar em Cachopo mas acha que não consegue arranjar trabalho em Cachopo. Gostava de arranjar um trabalho bom. Se tivesse um emprego ficaria a viver em Cachopo. Gostaria de tirar engenharia agro-florestal. Ainda não tem ideia sobre o local onde irá trabalhar no futuro.
28	Não pensa voltar a viver em Cachopo devido à sua profissão. Para viver em Cachopo "teria que mudar de ramo". Preferia nunca ter saído de Cachopo.
29	Gostaria de ser professora de educação física, mas como há muitas pessoas desempregadas, porque há muitas professoras de educação física, então gostava de fazer outra coisa qualquer. Gostava de ser polícia, gostava de ir para a Força Aérea, gostava de tanta coisa!. Já se seduziu mais pela música, gosta de cantar mas acha que não é isso que quer realmente. O ficar a viver em Cachopo está dependente: não sabe se consegue arranjar casa em Cachopo. Não quer viver muito tempo em casa dos pais, daí que não sabe se vai continuar a morar em Cachopo ou se vai morar para outro sítio. Ainda não pensou no assunto. Gostava de ficar a viver em Cachopo. Em relação ao trabalho, acha que não há nada em Cachopo que possa vir a fazer. Só poderia trabalhar nos cafés e isso não a seduz. Se fizessem um posto da polícia em Cachopo não se importava de exercer a profissão na aldeia.
30	'Gostava de ficar por aqui'. Já está efectiva. Gostava de ficar a viver em Cachopo.
31	Tenciona acabar o curso e tentar seguir uma vertente do curso. Quer tentar viver da forma como está a viver. Pensa em trabalhar na parte litoral do Algarve: Albufeira, Vilamoura... Não pensa em montar o seu próprio negócio. Passa-lhe pela cabeça ficar em Cachopo: mesmo fazendo o sacrifício de ir para o trabalho e voltar para Cachopo. Por exemplo, se trabalhasse na zona de Tavira era capaz de ir e vir todos os dias. Em Albufeira, Portimão, Lagos já é mais complicado. Coloca nos seus planos viver em Cachopo. Se houvesse uma unidade hoteleira em Cachopo e pudesse dar o seu contributo - era o ideal.
32	Em termos de estudo gostaria de tirar arquitectura. Gostaria de ir estudar para fora. Não gostava de fixar residência em Cachopo, gostava de "vir cá só passear". Quero conhecer outras coisas.

Entrevista n°	Projectos de vida (educação e emprego)
33	Neste momento ainda não sabe se quer fazer um curso universitário. Sabe que não quer viver em Cachopo. Gostava de trabalhar em Faro, “aqui está fora de questão”. Em Cachopo não vai encontrar um emprego que a satisfaça. Caso existe a possibilidade de trabalhar em Cachopo poderia pensar de outra forma, “era diferente”. Mas, de qualquer forma, provavelmente, não quereria viver em Cachopo.
34	Quando terminar o 9º quer tirar um curso na área da hotelaria. O curso tem a duração de três anos. Depois de terminar o curso pretende encontrar um emprego na área. Pretende continuar a viver em Almancil. Não quer voltar a viver em Cachopo. Pensa que será mais fácil encontrar um emprego em Almancil. A escola também fica mais perto. Se encontrasse um bom emprego em Cachopo voltaria a viver na freguesia.
35	Gostaria de tirar um curso superior e ser professora. Poderia leccionar em qualquer escola: “tanto faz, por mim...”. Não quer viver sempre em Cachopo.” Isto aqui não tem futuro nenhum, está pouco desenvolvido.” Se tivesse oportunidade gostaria de trabalhar em Cachopo porque gosta da sua “terra”.
36	Por enquanto não tem projectos para o futuro. Vai trabalhar em Faro porque em Cachopo não tem oportunidade de trabalhar no que gosta: “quero trabalhar nas motas”. Não pretende continuar a estudar. Inscreveu-se num curso de mecânica no IEF, em Faro, e se for chamado volta a estudar. Não quer continuar a viver em Cachopo porque não tem emprego: “só nos fins-de-semana e nas férias”. Mas pensa que “talvez” gostasse de trabalhar em Cachopo pois iria ficar mais próximo de casa.
37	Gostava de comprar casa em Tavira quando o filho terminar o 4º ano. Pretende continuar com o seu trabalho. Não sabe muito bem qual a sua situação no emprego. Celebrou um contrato de seis meses, inscreveu-se no fundo de desemprego, fez novo contrato por mais seis meses renovável “mais dois ou três meses e depois não assinei mais nada”. Em princípio está efectiva. Preferia ficar a viver em Cachopo, não se importa de ir todos os dias para Tavira. Só iria viver para Tavira pelo filho, para não ter que andar sempre de autocarro para ir para a escola. Gostava de trabalhar em Cachopo pois ficava mais perto de casa.
38	Em termos futuros gostaria de frequentar a universidade tirar um curso de fisioterapia. Não pensa ficar a viver na freguesia de Cachopo (Relvais). Gostaria de construir uma casa para 2ª habitação (passar o fim de semana). Se tivesse todas as condições que tem no litoral gostaria de trabalhar e estudar.
39	Gostava de concluir o 12º ano e ingressar na Marinha se não conseguir gostava de tirar um curso universitário. Não pensa viver futuramente em Cachopo (Relvais) porque não tem emprego. “Mas gostava quem sabe dependendo é claro da situação afectiva no futuro se o marido ou namorado também o quisesse (quem sabe uma hipótese).”
40	Em termos de estudo gostaria de ser professor de desporto. Ao nível de construir a habitação não sei depende da vida profissional. Mas gostava de ficar em Cachopo pois foi aqui que nasci, mas não há empregos. Para estudar gosto de Tavira por causa do intercâmbio.
41	Continuar a trabalhar para pagar a casa que comprou recentemente (Tavira?) Pretende continuar a viver em Cachopo, até a casa estar pronta, e gostaria de continuar a trabalhar em Cachopo. Foi em Cachopo que nasceu, cresceu, foi criado, que estudou, “é a minha freguesia”.
42	Pensa em emigrar para França. Já esteve emigrado em França durante quatro anos. Tem familiares a residir em França. Trabalha na área da construção civil. Enquanto tiver trabalho quer ficar a viver em Cachopo. Viveu até aos 13 anos em Almancil e se, eventualmente, sair de Cachopo só pensa em ir para França, não para uma cidade no Algarve.
43	Gostava de concluir a licenciatura. E exercer a actividade profissional de professor e fixar residência no litoral. Futuramente pensa que não terá condições profissionais para trabalhar em Cachopo. Porque não existem muitas escolas nem condições sócio profissionais para desenvolver a actividade. Gostava de poder trabalhar em Cachopo se tivesse as condições que oferecem no litoral. Porque “é a minha terra e tenho amor aquilo”.
44	Ao nível dos estudos gostava de terminar o ensino alternativo, não tem ambições laborais. Não pensa nem quer viver na freguesia de Cachopo no futuro. Porque daqui a “alguns anos não está lá ninguém”. Mas se tivesse uma boa oportunidade de trabalho. Gostava de estudar em Cachopo pois era muito mais perto.
45	Em termos de estudo gostava de concluir o ensino recorrente, gostava de tirar o 10º ano profissionalizante. Quem sabe tirar um curso com equivalência ao 12º ano. Gostava de fixar residência em Tavira porque sabe que em Carne de Serva é quase impossível arranjar emprego. Mas se tivesse oportunidade de trabalhar em Cachopo, ficaria quem sabe a trabalhar como bombeiro sapador. Gostava de estudar Cachopo por um lado e outro não assim sempre vai conhecendo outras pessoas.
46	Projectos em termos de estudo gostava de tirar o 9º ano, o seu sonho era ser enfermeira ou fisioterapeuta, mas não consegue por causa de certas disciplinas. Gostava de fixar residência nos “arredores” de Tavira perto do campo. Não sabe se teria possibilidades de construir casa no Grainho, mas também não queria, só se fosse na aldeia em Cachopo. Adorava se tivesse oportunidade de estudar e trabalhar em Cachopo na aldeia. Porque gosto muito de Cachopo.
47	Em termos de estudos gostava de ser decoradora de interiores, pensa que será difícil porque não tem boas notas. Gostava de viver na cidade de Tavira porque é onde está tudo. Não quer ficar na freguesia. Gostaria de poder trabalhar em Cachopo se tivesse uma grande oportunidade de trabalho. E também gostava de estudar era mais perto.
48	Tem casa em Faro e na Serra tem a casa dos pais e dos sogros. A razão que o fez sair de Cachopo era a falta de emprego e se tivesse oportunidade voltaria para lá. Pretende fazer o exame ad hoc e tirar o curso de Património Cultural.
49	Gostava de ser psicóloga e de morar em Tavira porque gosta da cidade ou em Faro porque “existem mais coisas, tem o Fórum, posso ir gastar dinheiro”. Em Cachopo não quer viver “porque daqui a uns anos já não há cá ninguém, os jovens vão-se todos embora” e talvez todos pensem assim. Nunca lhe passaria pela cabeça viver em Cachopo mesmo que tivesse alguma oportunidade, emprego.
50	Voltava para Cachopo se encontrasse um trabalho que gostasse. Mas por alguns anos, “não gostava que os meus filhos passassem o que eu passei, ir para a escola, gostava de lhes dar mais”. Gostava de comprar uma casa em Loulé e ter filhos. Pensou em voltar a estudar este ano, “ir para a universidade”. Gostava de estudar Sociologia ou Economia.
51	Não sabe muito bem. Quer continuar a viver em Cachopo. Gostava de continuar a trabalhar em Cachopo.

Entrevista n°	Projectos de vida (educação e emprego)
52	Poucos. Gostava de ficar em Cachopo, arranjar emprego e casa. Tirou um curso de agente de geriatria.
53	“Para o futuro? Sei lá.” Não pensa ficar a viver em Cachopo mas também não pensa residir, no momento, numa grande cidade. Gostava de arranjar um emprego melhor e viver em Tavira.
54	Pensa em casar. Não sabe bem, depende. Se continuar em Loulé ou não. Gostava de ter o seu próprio negócio na serra, preferencialmente, relacionado com turismo rural, com restaurante e actividades desportivas: piscina, equitação, <i>motocross</i> . Mas pensa que é “quase impossível”. Gostava de viver em Cachopo “se fosse patrão”. A namorada não quer viver em Cachopo. Mas se tiver que trabalhar fora, “sendo empregado” e as deslocações fossem muitas preferia viver noutra local.
55	Gostaria de abrir um negócio próprio e voltar a estudar. Não pensa em voltar a viver em cachopo porque não tem casa própria e emprego efectivo.
56	Gostava de encontrar um emprego que pudesse ter folgas ao fim-de-semana. Não gostava mais de trabalhar na área do turismo para poder ir para Cachopo ao fim-de-semana. Quer viver em Cachopo: “daqui não quero sair!”. Tem o 12º ano de escolaridade e só pensa em continuar se necessário a nível profissional. Caso contrário não quer continuar a estudar. Fez um curso através do IIEFP que lhe deu a equivalência ao 12º. Os ordenados em Cachopo são muito baixos e há falta de emprego. O ideal seria trabalhar em Tavira. Preferia, se tivesse oportunidade, trabalhar em Cachopo porque “é uma terra calma, pelo menos em Currais”. Mas é sempre complicado.
57	Pretende terminar o mestrado. Continuar com a sua profissão: “dar aulas”. O namorado gostaria de criar um espaço de turismo rural. Não tem casas para recuperar e tudo depende dos apoios existentes.
58	Gostaria de seguir os estudos e um dia ir para a Universidade. Já não pensa viver novamente em Cachopo devido ao trabalho em Loulé embora gostasse de viver nos montes novos.
59	O seu sonho era construir uma casa, de preferência fora da aldeia, para turismo rural. Gosta de trabalhar no café, está habituada, mas preferia trabalhar com turismo rural. Pensa que não vai conseguir realizar o seu sonho: “aqui é complicado, cada vez há menos trabalho”. O marido fora de Cachopo tem outras oportunidades para trabalhar e pode ter um vencimento melhor. O marido não gosta do que faz actualmente, não gosta do café, não tem paciência para atender os clientes. Para realizar o seu projecto teria a casa da sua avó, que neste momento ainda a habita: “o dia que a minha avó morresse e a minha mãe fosse herdar a casa aí poderíamos fazer”. É necessário também um grande investimento. Por outro lado não sente nenhum apoio do pai: “ele é um bocadinho egoísta connosco”. Nem no café ajuda nada. Gostava de aprender a falar inglês para poder informar os clientes de sítios a visitar em Cachopo.
60	Gostava de encontrar um emprego. Gosta do curso que frequenta e gostava de trabalhar na mesma área (?). Não sabe se vai continuar a viver na Feiteira: “depende” se estiver empregado. “Se tivesse aqui trabalho ficava, foi aqui que eu nasci”. Um dia mais tarde quer ter a sua própria casa mas não sabe se na freguesia ou fora. Se tiver que viver fora gostava de ir para Loulé. Não gosta de Tavira.
61	Continuar com um trabalho que gosta e estável. Quer continuar a viver em Faro, “sem dúvida”. Em Faro habituou-se a ter tudo, “o supermercado que está aberto até à meia-noite, poder ir jantar fora, sei lá...”. Não gostaria de trabalhar em Cachopo, pelas mesmas razões.
62	Pretende continuar a viver “lá em baixo”, em Loulé, pois em Cachopo não há muito para fazer, quer a nível de emprego, quer ocupação de tempos livres. Tem um trabalho estável, já está como efectiva. Não pretende continuar a estudar: “aborreci-me de estudar, casei-me”. Gostava de voltar a viver em Cachopo. O seu marido também: “ele ainda quer mais que eu”. Mas pensa que é complicado porque ambos estão empregados e não iriam arranjar emprego na freguesia. Se tivessem uma oportunidade de trabalhar em Cachopo, voltavam para a freguesia.
63	Quer terminar o 12º mas não sabe se quer prosseguir os estudos. Se continuar quer “ser professora primária ou então educadora de infância”. Não pensa trabalhar nem viver em Cachopo. Gosta muito de estar em Cachopo mas só durante o fim-de-semana.
64	Pretende comprar casa: não sabe ainda onde mas quer casa na cidade. Gostava de ter o seu próprio negócio mas também não sabe bem o quê. Pretende continuar a estudar, fazer um mestrado. Não pretende continuar a viver em Cachopo principalmente pela dificuldade dos acessos. “Mas as pessoas também precisam de outras coisas: de ir às compras, ao cinema”.
65	O principal projecto é continuar a viver na freguesia. Pretende continuar a trabalhar em Faro. Tem um emprego estável: “é fixo”. Não pretende continuar a estudar. Gostaria de trabalhar em Cachopo caso tivesse um emprego estável e com um bom ordenado. “Em Faro o ordenado é melhor.”
66	Tem muitos objectivos para futuro relativamente ao emprego, habitação e estudos, mas acha muito difícil vê-los concretizados devido à situação que se vive, cada vez existe menos desenvolvimento local. Viveria futuramente não propriamente em Cachopo aldeia, mas sim nos arredores, se tivesse possibilidades de trabalho.
67	Está a concluir a Licenciatura em Reabilitação e Intervenção Social. Pretende ficar por Faro, mas como referiu anteriormente, se tivesse as mesmas condições que tem em Faro, tanto a nível pessoal e profissional, não se importaria de lá ficar.
68	Projecto tem muitos, sonhos também. “Mas infelizmente não tenho condições para os conseguir.” Gostava de fazer um curso de animação e de cozinha. Também não pode deixar a “miúda sozinha”, tem seis anos. Se encontrar trabalho fora da freguesia poderá sair de Cachopo.
69	Gostaria de entrar para a GNR. Gostava de exercer a profissão na freguesia porque ficaria perto de casa e “aqui também há poucos problemas”. Pretende continuar a viver “mais uns anitos” com os seus pais na Feiteira. Esteve emigrado durante seis anos em França. Regressou à freguesia há cinco anos.
70	Não pretende continuar a estudar, e gostaria de ficar na Junta de Freguesia (é contratado).
71	Pretende acabar o 12º ano, e ainda não sabe o que quer fazer no futuro. Gostaria de vir a trabalhar em Tavira.

Entrevista n°	Projectos de vida (educação e emprego)
72	-
73	Pensa continuar no mesmo emprego e não pensa voltar a estudar.
74	Quer fazer o 12º ano e tirar um curso profissional ligado à agricultura (tem terrenos)
75	Vai estudar para a Fundação Irene Rolo, gostava de tirar um curso de pastelaria, cozinha ou arranjo de flores.
76	Gostaria de poder dar aulas em Cachopo e ficar a viver na freguesia, mas sabe que não é possível exercer a sua profissão, se tivesse as mesmas condições que tem noutros sítios ficaria certamente em Cachopo. Pensa talvez dedicar-se à apicultura (tem curso). Tem esperança de um dia ficar a viver na terra.
77	Não sabe. Quer continuar a trabalhar em Cachopo. Mas não sabe se continua a viver na freguesia. Tem uma casa em Cachopo e outra em Tavira. Se um dia não tiver emprego em Cachopo vai viver para Tavira. Não pretende continuar a estudar: "isso está fora de questão".
78	Pensa em continuar a viver em Cachopo. Enquanto tiver o seu emprego no Centro vai "trabalhando, quando não tiver terei que ir para casa". Já pensou em continuar a estudar. Gostava de fazer" pelo menos o 9º ano mas se fosse cá em Cachopo".
79	Pretende seguir carreira na área da Educação e Intervenção Comunitária, no mesmo local de trabalho, concluir o mestrado e se tiver capacidade económica gostaria de ter casa própria. Actualmente não pensa em viver ou trabalhar em Cachopo, mas futuramente, se tivesse alternativas em termos de emprego similar gostaria muito. Gostaria de trabalhar em e para a freguesia. Tenta dar o melhor na tentativa de combater/minimizar as consequências naturais da desertificação.
80	Futuramente como referiu anteriormente não pensa trabalhar em cachopo devido às condições de trabalho existe pouca oferta. Quando se reformar um dia gostaria de voltar a viver em cachopo.
81	Já não estuda. Completou o 10.º ano e tirou um curso de Hotelaria e Restauração, para Empregado de mesa. Gosta do trabalho no bar e já pensou em investir num empreendimento do tipo de turismo rural, uma pequena pensão típica em Cachopo, com boa gastronomia, mas é um "grande risco"devido ás más condições de acesso e pouca divulgação da oferta da freguesia, mas um dia gostaria de voltar a viver em cachopo para poder ajudar a desenvolver a terra.

### Situação Residencial e Projectos futuros ao nível da habitação

Entrevista n°	Situação Residencial e Projectos futuros ao nível da habitação
1	Em Cachopo fica em casa dos pais. Se quisesse construiu uma casa sua em Cachopo não teria terreno nem casa para recuperar dos pais.
2	Em Cachopo vive em casa dos pais. Já pensou em construir a sua própria casa mas não necessita pois os pais têm casas. Caso tivesse possibilidade de trabalhar em Cachopo ficaria com uma das casas dos pais para primeira habitação.
3	Em Cachopo vive em casa dos pais. A família não tem terreno nem nenhuma casa que pudesse recuperar. O terreno não tem licença de construção. Mas gostava de fazer a sua casa.
4	Não sabe. Pensa que só poderá decidir quando encontrar um emprego estável. Se encontrar emprego fora de Cachopo “é lógico que não vou comprar casa aqui”. Mas gostava de continuar a residir em Cachopo, “mesmo que não vivesse cá, todos os fins-de-semana vinha cá, tenho cá a minha família”. Gosta de Cachopo porque “tem uma ar mais saudável, um estilo de vida diferente”. Tem uma casa dos pais que poderia recuperar. “Mais tarde, mesmo que não trabalhe cá já pensei em recuperá-la nem que seja para os fins-de – semana”. Mas tudo depende do sítio onde trabalhar.
5	Em Cachopo está na casa dos pais. Fora de Cachopo os pais têm terrenos. Nunca lhe passou pela cabeça vir a construir casa em Cachopo por estar na casa dos pais.
6	Tem casa em Loulé, actualmente com a ajuda dos pais tem investido na recuperação de "casas velhas de família" junto à casa dos pais, ficando assim com uma 2.ª habitação.
7	Vive com os pais. Os pais só têm uma casa mas se quisesse construir a sua própria habitação teria um terreno da família. Nunca pensou em construir uma casa para si. Por enquanto não sente necessidade.
8	Para viver tem preferência por Loulé ou São Brás de Alportel. Neste momento não quer viver em Cachopo. A namorada também não: “ela está habituada à cidade”. Mesmo que quisesse construir habitação não podia pois as suas terras não têm licença de construção. O facto de Cachopo estar isolado também não o faria ficar a viver pois “é tudo muito longe”. Em Cachopo vive em casa dos pais e quando a namorada está fica em casa dela. Quando tiver condições financeiras quer construir uma casa ou recuperar uma das casas dos avós “mas só devo ter essa possibilidade daqui a trinta ou quarenta anos”. Neste momento, mesmo com autorização para construir ou se tivesse possibilidade financeira, não o faria porque a namorada não quer.
9	Vive em casa dos pais. Pretende construir casa em Cachopo. A família tem terreno. “Ninguém me consegue tirar de Cachopo”.
10	Gostava de construir a sua casa para continuar a viver na freguesia. Tem essa possibilidade vista que a sua família tem terreno. Preferia viver numa cidade mas “lá em baixo as casas estão caras”. Se pudesse ter um emprego na freguesia preferia para poder estar mais perto de casa. A mãe também prefere que o filho fique a trabalhar na freguesia.
11	Vive em casa dos pais. A família não tem casas para recuperar ou terreno para poder construir a sua habitação. Gostava de construir a sua casa mas não tem possibilidades financeiras.
12	Vive em casa dos pais. A família tem terreno. Não pensa em construir em Cachopo pois tem a casa dos pais. Preferia comprar casa em Faro pois não sabe se vai trabalhar sempre na zona. Se for trabalhar para fora gosta de passar todos os fins-de-semana e férias.
13	Vive em casa dos pais. Caso quisesse construir a sua própria casa teria terreno dos pais para o fazer.
14	Não pondera vir a viver no futuro em Cachopo. Não pode dizer que não há essa hipótese, “mas é muito pequenina mesmo”. São os amigos que a prendem mais à aldeia. Se os amigos estivessem em Cachopo talvez por aí ficasse. Em Cachopo vive em casa dos pais. Tem terrenos dos avós. Nunca pensou em construir casa. Os pais compraram um terreno, construíram casa “mas acho que foi um bocado dinheiro mal gasto. Se tem sido noutro sítio teria sido muito melhor. Para quem não quer ficar cá, ser obrigado a morar cá é um bocado... atrapalha mesmo. Se tivessem construído casa ao pé de uma cidade não tinha de fazer este esforço todo para estudar”.
15	Vive em casa dos pais. Nunca pensou em construir uma casa em Cachopo. Tem a casa dos pais. Se quisesse construiria a sua casa fora da freguesia. A família tem terrenos e se gostaria de construir a sua casa para segunda habitação.
16	Não gostava de ficar a viver em Cachopo. Regressar aos Fins-de-semana, acha que não iria deixar de vir para a aldeia. 'Agora morar não!'. Em relação ao futuro, 'onde é que eu iria trabalhar aqui? Só no Lar. Não vejo outra coisa para trabalhar ou para fazer aquilo que eu gosto... ao fim de semana sempre cá.' Gosta de Montenegro (Faro) onde vive o irmão. Também gosta de S. Brás - onde mora uma amiga de S. Brás (Sílvia). Se tivesse emprego ficaria a viver em Cachopo e se o 'possível' marido também quisesse. Teria terreno no monte para poder vir a construir casa. Tem a casa onde dorme e os pais ficam noutra casa, mas gostava de construir a sua própria casa em Cachopo. Mas não seria para viver.
17	Vive em casa dos pais. Os pais têm terreno. Já pensou em construir uma casa para segunda habitação.
18	Pensa passar os fins-de-semana e férias em Cachopo, mas não viver. Farta-se de estar em Cachopo - porque é sempre a mesma coisa, não se fazem coisas novas. Os pais têm casa em Cachopo que poderia utilizar. Não sabe se gostaria de construir, no futuro, casa em Cachopo.
19	Não quer nem imagina construir uma casa sua em Cachopo. Mas com os terrenos dos sogros gostava de ter uma casa “na serra para passar férias, uma vez ou outra”. Gosta mais da cidade.
20	Se quiser construir casa em Cachopo teria essa oportunidade. Os avós têm terreno. Nunca pensou em construir casa em Cachopo.

Entrevista n°	Situação Residencial e Projectos futuros ao nível da habitação
21	Vive em habitação própria, com a mãe, irmã e avós. Se quisesse poderia futuramente construir casa em Cachopo tem possibilidades económicas, mas não o deseja.
22	Vive na casa dos pais. Não pensa viver em Cachopo, por isso também não pensa em vir a construir casa em Cachopo.
23	Quando vai para Cachopo fica na casa dos pais, no futuro, economicamente tem possibilidade construir uma casa em Cachopo pois têm terrenos e um moinho que pretendem recuperar (falou da dificuldade que se sente em obter informações em relação a projectos existentes e dos procedimentos a efectuar), mas seria sempre para 2ª habitação pois tem o trabalho em Tavira.
24	Quer continuar a viver em Cachopo. Vive na casa dos pais. Não imagina onde poderia ficar a viver em Cachopo. Os pais têm uma outra casa. Gostava de ficar mesmo a viver em Cachopo - é a terra onde nasceu e viveu.
25	Pensa ir viver em Tavira. Começou a gostar muito de Tavira. Apesar de não estrutura de trabalho na sua área de formação, tem a Via do Infante que no instante está em qualquer lado. Se tivesse de escolher entre ficar a viver no Algarve ou noutra sítio qualquer, escolheria o Algarve. Se tivesse de escolher um sítio do Algarve preferia Tavira. Em Cachopo é muito difícil. Se fosse noutra área talvez pudesse conciliar. Na área em que quer trabalhar tem de estar perto do acontecimento o mais rapidamente possível. Se houvesse estrutura na sua área não se importava de ficar em Cachopo. Tem espaço para construir e já tem o sítio pensado para construir uma casa em Cachopo. Pensa vir a construir uma casa para 2ª habitação.
26	Acha que não gostaria de ficar a viver em Cachopo - não tem perspectivas de desenvolvimento para aquilo que quer. É bonito para vir aos Fins-de-semana -sempre porque tem em Cachopo a sua família. Adora Cachopo para passear, para andar de mota - aos Fins-de-semana e férias estará sempre em Cachopo. Agora para trabalhar não vê futuro. Teria sempre possibilidade de estar em Tavira, mas na casa dos pais.
27	Se tivesse condições de emprego até gostaria de ficar a viver em Cachopo. Actualmente vive em casa dos pais. No futuro poderia construir pois têm um terreno. Passa-lhe pela cabeça em construir uma casa para 2ª habitação.
28	Em Cachopo fica em casa dos pais. Caso quisesse teria a casa dos avós, já falecidos, para recuperar. Já pensou em recuperar essa casa que seria para segunda habitação.
29	Os pais têm terreno, mas não sabe se poderiam dar para a construção de habitação. O pai é pedreiro, até poderia construir a casa. Por enquanto também não queria. Acha que não vai viver em Cachopo porque 'os mais jovens não ficam aqui'. Também pensa que não vai ficar por Cachopo, pelo trabalho. Mas pensa voltar, aos Fins-de-semana.
30	Estão a pensar em fazer um bairro ao pé do lar, 'mas isso nunca mais!'. Se fizessem, ficava a viver em Cachopo. Os pais têm terrenos onde poderia vir a construir habitação. Já lhe passou isso pela cabeça - mas o namorado não quer, quer na Cortelha. Vão ter de pensar. Se construísse casa era mesmo para viver. Pensa continuar a trabalhar onde está actualmente, 'senão mais logo não está aqui ninguém. Isto já é pequenino ainda fica mais!'. Gosta de Cachopo. Tem o irmão em Faro, aos fins-de-semana vai lá, mas não gosta de lá. Actualmente vive em casa dos pais.
31	Em Cachopo está na casa dos pais. Têm terrenos da família na freguesia. A construir casa uma das hipóteses seria a de construir num desses terrenos. A construir seria para primeira habitação.
32	Vive em habitação própria com os pais e irmãs. Se quisesse futuramente poderia alugar ou construir, tem possibilidade para isso, mas não deseja. Eventualmente se o fizesse seria para 2ª habitação (passar o fim-de-semana). Porque não há trabalho em Cachopo.
33	Vive em casa dos pais. Já pensou em construir uma casa, já conversou com a irmã sobre isso, mas seria uma segunda habitação: "para os fins-de-semana, para férias".
34	Em Cachopo vive em casa dos avós. Se quisesse construir casa teria oportunidade. Já pensou em construir a sua casa, um dia, mas seria para segunda habitação. Caso tivesse um emprego poderia ser para primeira habitação.
35	Vive em casa da mãe. Pensa que a família não tem terreno caso quisesse construir a sua casa. Para construir a sua própria casa "isto teria que mudar muito". Preferia viver numa cidade, "um sítio que tivesse mais desenvolvimento".
36	Vive em casa dos pais. Teria terreno da família para construir a sua própria habitação mas nunca pensou nisso. Tem a casa dos pais onde pode passar as férias e os fins-de-semana.
37	Vive em casa dos pais. Os pais têm terreno mas não sabe se é possível construir. Nunca pensou em construir casa pois tem a casa dos pais. Seria mais fácil recuperar uma casa antiga.
38	Vive com os pais em casa própria. Teria possibilidades económicas de comprar ou construir nos Relvais. Não faria uma 2ª habitação porque já tem a dos pais. Pensa viver no litoral quem sabe em Tavira.
39	Ao fim de semana fica em Cachopo em casa dos pais, teria possibilidade de construir casa nos Relvais mas só para segunda habitação, porque não tem emprego.
40	Tem possibilidade de construir uma casa, ao nível económico, possui terrenos. Essa casa seria uma 2ª habitação, uma vez ao nível profissional terá de ir trabalhar para Faro ou "arredores" não pode fazer aquele percurso todos os dias - trabalhar em Faro e viver em Cachopo.
41	Vive em casa dos pais. A família tem terreno e pensa que seria possível construir. Nunca pensou em construir casa na freguesia. Em Tavira seria melhor, mais perto de tudo. Vive com a namorada que trabalha em Tavira e seria mais fácil para ela se vivessem em Tavira.
42	Vive em casa dos pais. A família tem terreno e casas mas nunca pensou em construir pois não necessita. Se quisesse, neste momento, constituir família teria casa para habitar.

Entrevista n°	Situação Residencial e Projectos futuros ao nível da habitação
43	Vivo com os meus pais e irmã. Futuramente poderei construir casa em Cachopo no Monte da Ribeira. Gostaria que fosse uma 2ª Habitação, porque em termos de emprego não poderei exercer a minha profissão em cachopo e deslocar-me todos os dias para o litoral torna-se um trajecto cansativo.
44	Vive com os pais a casa não é deles, mas também não é arrendada. Futuramente mesmo que quisesse não teria oportunidade de construir casa em cachopo. Não deseja fazê-lo. Só quem sabe para fim-de-semana.
45	Vive com os pais em casa própria. Tem terrenos, mas não sabe onde são. Se trabalhasse futuramente em Tavira gostava de ter uma 2ª habitação para as férias e fim-de-semana. Porque aqui não há emprego, só dá para passar uns dias de descanso.
46	Vive com os pais em casa própria, tem possibilidade de construir casa. No Grainho se construísse seria uma casa para férias e fim de semana 2ª habitação. Porque lá não há nada para fazer, temos de ficar em casa.
47	Vivo com os meus pais e irmão em residência própria. Tenho terrenos posso fazer uma casa na serra até em outras freguesias (Sta Maria, Monte da Malhada). Se fizesse uma casa seria para 2ª habitação, não quero viver na serra "lá não há nada".
48	Em Cachopo tem a casa dos pais e dos sogros, tem terrenos mas se tivesse possibilidade construiria uma casa para 2.ª habitação.
49	Vive em casa dos pais e tinha condições para viver perto dos pais mas na sua casa mas esse não é o seu objectivo, só teria uma "casa ali só para férias e para descansar do trabalho e mais nada, porque aqui não há nada para agente fazer". Em casa vê televisão, ouve música, joga computador, "essas coisas básicas".
50	Os pais e avós têm casas e gostava de "quando fosse mais velha voltar, como se costuma dizer acabar cá os meus dias". Preferia reconstruir, recuperar uma das casas da família, "não deixar morrer". Não fazia uma casa nova. No momento essa casa seria para segunda habitação.
51	Neste momento vive em casa dos sogros enquanto a sua habitação não está acabada.
52	Para construir a minha família tem terreno. Gostava de construir uma casa para viver. "Não gostava de sair de Cachopo." O namorado não gostava de ir viver para Cachopo.
53	Vive com os pais. Tem terreno dos pais para poder viver na freguesia. As casas que tem estão em bom estado, não precisava de recuperá-las. Não pensa, no momento, em viver sozinho.
54	A família tem terrenos para poder construir. Se construísse casa seria para primeira habitação.
55	Tem casa própria fora de Cachopo, mas se tivesse possibilidade, gostaria de construir uma 2ª habitação em Cachopo (monte dos Relvais9).
56	Vive em casa dos pais. Tem terreno sem licença de construção. Não pensa em construir casa. Tem a casa dos pais para viver.
57	Neste momento vive em Faro mas gostaria de viver em Tavira e continuar a ir a Cachopo aos fins-de-semana. Viver em Cachopo "só quando for mais velha, tiver a minha reforma". Não num futuro próximo. Vive em casa dos pais em Cachopo. Teria possibilidade de recuperar uma casa, embora pequena. Se fosse possível para já seria segunda habitação, mais tarde seria para primeira habitação.
58	Sabe que no futuro, dificilmente conseguirá obter uma segunda habitação na freguesia, mas continuará a usar a casa dos pais.
59	Neste momento está a negociar um terreno para construir a sua casa fora de Cachopo: "Aqui não invisto o meu dinheirinho. Tenho casas suficientes para morar. Não se justificava." Quer ter a sua própria casa, a sua independência. O marido vai construir a casa enquanto tem o seu trabalho: "vai levar não sei quantos anos". A família e o pai tem terrenos e casas mas não sabe "como vai ser o futuro e é melhor". Não quer estar dependente da sua família e ter a sua própria casa. Se quisesse construir a sua casa teria que comprar um terreno. Vive com os pais. Têm uma outra casa mas não vive nela, nem a sua irmã, porque a casa dos pais é mais perto do café.
60	Vive em casa dos pais. Poderia construir a sua própria casa pois a família tem terreno.
61	Tinha possibilidade de construir uma casa. Os pais têm um terreno. Gostava de recuperar uma casa para segunda habitação.
62	Em Cachopo vive em casa dos seus pais. Por enquanto não pretende construir a sua habitação em Cachopo. Se tivesse um emprego em Cachopo seria diferente; construiria a sua casa em Cachopo para primeira habitação. A família tem casas na freguesia que poderia recuperar.
63	Poderia construir uma casa em Cachopo "mas só para os fins-de-semana". A família tem terrenos e casas.
64	Em Cachopo vive em casa dos pais. Tem a possibilidade de construir casa em terreno dos pais. Construiria uma casa para primeira habitação caso oferecesse o que a cidade oferece.
65	Está a pensar em construir a sua casa "só que isto aqui é muito difícil". Não existem muitas casas para venda e as que existem são muito caras. Só é permitido construir caso o terreno tenha uma ruína: "a câmara em vez de tentar que o pessoal se fixe aqui não deixa construir em lado nenhum se não houver uma casa velha". Se conseguir construir a sua casa será para primeira habitação. Vive em casa dos pais.

Entrevista n°	Situação Residencial e Projectos futuros ao nível da habitação
66	É solteiro e vive na casa dos pais.
67	Vive em casa dos pais em Faro. Pretende um dia, quando atingir alguma estabilidade financeira, adquirir habitação permanente em Faro, pois sabe que lá existe mais oferta de trabalho. Tem a casa dos avós em Cachopo, onde fica quando vai lá.
68	Neste momento pretende continuar a viver em Cachopo. Vive com o pai. Já pensou viver em Tavira mas não tem condições para suportar uma casa sozinha. O pai tem terrenos mas nunca pensou na hipótese de construir uma casa. Tem a casa do pai e gostava de ter um dia a sua casa em Tavira.
69	Caso quisesse construir a sua própria habitação teria um terreno dos pais mas nunca pensou nisso. Pensa que está bem em casa dos pais.
70	Vive com os pais. Gostaria de no futuro ter casa em Cachopo, tem terrenos mas é difícil construir devido ao PDM.
71	Vive em casa dos pais, mas tem oportunidade de um dia construir uma habitação porque tem terrenos. Se um dia trabalhar em Tavira, gostaria de comprar casa na cidade.
72	Vive em casa dos pais e se pudesse faria uma casa em Cachopo para lazer (2.ª habitação)
73	Não tem possibilidade de construir casa própria, pensa em reconstruir a casa dos pais um dia mais tarde.
74	Quer continuar a viver em Cachopo, no Monte da Ribeira, e tem possibilidade de construir casa pois tem terrenos. Vive em casa dos pais.
75	Gostaria de ter uma casa em Cachopo e outra noutra cidade.
76	Quando vem a Cachopo fica na casa dos pais, no momento não tem possibilidades de construir uma habitação mas tem possibilidades porque tem ruínas. Gostaria de ter uma casa (1ª habitação) em Cachopo, mas tudo depende da situação de emprego.
77	Vive na sua própria casa.
78	Vive em casa de sua mãe. Poderia construir casa própria pois a família tem terrenos. “Se me deixassem!” Os terrenos não têm licença de construção. Gostava de ter a sua casa mas “ainda não chegou a hora de a fazer”. Desde que o seu pai faleceu cuida da mãe que tem problemas de saúde. Tem possibilidade de recuperar uma casa, caso queira.
79	Em Cachopo fica na casa dos pais, gostaria de ter lá uma casa para viver, mas devido às dificuldades de empregabilidade na serra, seria muito difícil. Não pensa construir casa para 2ª habitação tem a dos pais.
80	em cachopo fica em casa dos pais ou sogros. Não pensa construir casa em Cachopo, uma vez que tem de família.
81	Comprou recentemente casa em Loulé. Tem a casa dos pais em Cachopo e um dia poderá servir para 2.ª habitação. Não pensa em adquirir outra residência em Cachopo devido às condições financeiras.

### Participação e Avaliação das dinâmicas sócio-culturais locais

Entrevista n°	Participação e Avaliação das dinâmicas sócio-culturais locais
1	Participa no futebol. O futebol é a actividade que mobiliza mais os jovens. Não tem conhecimento das actividades que são promovidas. Podia existir um espaço com Internet.
2	Não tem muito conhecimento acerca das actividades. Participa numas aulas de guitarra com alguma regularidade, com outros jovens de Cachopo. Existe o rancho mas nunca participou e o futebol. Pensa que os jovens não têm muita iniciativa, quer para organizar quer para dar continuidade às actividades que começam. Se as actividades foram organizadas por pessoas de fora funcionam melhor. No local onde vive não desenvolve qualquer actividade.
3	Pensa que as actividades por vezes não funcionam porque “não há muita gente e o mercado é restrito”. Pensa que as actividades, que tem participado, têm funcionado bem. Pensa que o rancho e o futebol têm funcionado bem, que as pessoas têm interesse em participar. A Junta de Freguesia deveria ter um papel mais dinâmico na promoção de actividades para toda a população, principalmente ao nível cultural.
4	As actividades promovidas são poucas. Existe o grupo de cantares e o futebol “e pouco mais temos para fazer”. Podia fazer-se algo relacionado com o desporto. “Sei lá, coisas que nos ocupassem o tempo e assim andamos ai à deriva sem nada para fazer”. Pensa que as actividades que têm sido promovidas têm sido bem conseguidas. Mas tem sido difícil manter as pessoas, como por exemplo no rancho. Há uma força de vontade na promoção das actividades por parte dos membros da direcção. Os jovens participam mas “chega a um certo ponto e acabam por saturar”.
5	Não tem ideia das actividades que vão sendo desenvolvidas para os jovens. Em Cachopo não há nada. Faria falta cinema. Para verem algum filme, em Tavira também não há grande oferta que é a localidade mais próxima. Agora não tem quaisquer actividades de tempos livres. Antes jogava futebol, mas entretanto foi operada e deixou de poder jogar. Começou a habituar-se a não ir e nunca mais foi. Tem o rancho - ensaios e actuações. É acólita na igreja. Deu catequese nos últimos dois anos, mas não sabe se vai dar no próximo ano. Gosta muito de dar catequese. Gosta mais de frequentar do que de dar. Acha que aprende mais.
6	Ocupa os tempos livres com cinema, teatro, convívio com amigos em casa, fazendo jogos e outros passatempos.
7	Não tem conhecimento das actividades promovidas para os jovens nem sabe o que poderia ser feito para os jovens ocuparem os seus tempos livres.
8	A equipa de futebol é composta, na maioria, por elementos de fora de Cachopo. Devia ter elementos de Cachopo. Existe também o grupo de cantares e o rancho. As actividades por vezes não funcionam muito porque as pessoas criam muitas inimizades. É mais fácil cativar os jovens “mas os mais novinhos” do que os adultos. As pessoas já não aderem como antigamente: “quando eu tinha 15 anos havia um baile e enchia agora nem enche meia casa”. As pessoas aderem mais “ao que vem de fora, que outra entidade traz do que ao que agente faz”. O facto de todos se conhecerem bem pode trazer problemas e nem todos aderem porque “a namorada de um já foi a namorada do outro e são coisas que as pessoas não esquecem, ou um não gosta da família do outro”. O Presidente da Junta também é “muito limitado e não faz nada”.
9	Construção de um polidesportivo. Criação de postos de trabalho. Criação de uma associação de jovens que promovesse o convívio na sede da mesma. Criar uma biblioteca: “aquilo que ali está não é nada, está sempre fechada”. A actividade de lazer que existe é ir para o café ou jogar futebol.
10	Não tem conhecimento das actividades promovidas para os jovens. Os jovens para ocupar os seus tempos livres saem à noite para discotecas. Às vezes vai a Cachopo aos bailes.
11	Não há actividades nenhuma para os jovens: “aqui? Aqui não há nada, não se faz nada”. Só se pode jogar futebol se não chover. O campo de futebol deveria ser coberto. Podia existir um parque público (jardim), piscinas para se fazer natação. Durante a semana joga futebol às terças e às quintas mas vai treinar para Tavira.
12	Não participa no futebol porque “não tenho jeito”. O rancho tem funcionado bem e permite dar a conhecer Cachopo. Joga petanca com os amigos mas são eles próprios que combinam.
13	Não tem conhecimento das actividades promovidas para os jovens. Podia existir em Cachopo um <i>cyber café</i> . Não tem qualquer actividade de lazer regular. “Nos tempos livres aproveito para descansar”.
14	Inscrive-se no programa de ATL, são 15 dias, durante 3 horas por dia. Não dá para nada. Esse ATL decorre em Cachopo. Há o Rancho e o Futebol. Há muita falta de apoio da freguesia em relação a estas associações. Em vez de tentarem ajudar, parece que tentam que as coisas corram sempre mal. “Há um grupinho que faz tudo por tudo, mas depois há muita gente que tenta prejudicar.” Deveria ser promovida qualquer coisa diferente. Já tiveram a aeróbica, foi muito giro mas depois a professora foi de férias e nunca mais voltou. Há as guitarras, mas dava para frequentar pois decorria durante as alturas das aulas e nunca estava em Cachopo nessa altura. É muito giro porque há campos de férias de pessoas vindas de muitos sítios – formam a Orquestra do Algarve. Gosta das actividades que pratica: “São poucas, mas acho que são boas”.
15	Só tem conhecimento da existência do Rancho. Podiam existir mais actividades na área do desporto como “BTT que já acabou”. O BTT já terminou porque inicialmente era da responsabilidade de particulares que investiram, depois passou para a Junta de Freguesia e depois para o Clube de futebol. Mas neste momento o clube está sobrecarregado e não tem possibilidade de organizar os passeios. Actualmente “a Junta já não se interessa por essas coisas” e não há ninguém para a organização da actividade.

Entrevista n <sup>o</sup>	Participação e Avaliação das dinâmicas sócio-culturais locais
16	Algumas actividades são promovidas, mas também os jovens não usufruem dessas. Durante o Verão só têm a piscina para passar o tempo. Só quando se juntam para saírem todos é que fazem alguma coisa, senão também não têm mais nada. Coisas que gostaria de fazer e que não há em Cachopo: ginásio - aeróbica, dança, um sítio onde alugar DVD's pois só têm videoteca. Entre amigos trocam os DVD's que cada um vai comprando. Para alugarem um DVD teriam de ir a Tavira ou a S. Brás. Fazia falta um bar para irem à noite. O Charrua fecha por volta da meia noite e meia. No Chaveca, as pessoas mais velhas ficam a jogar cartas até 'altas horas da noite', então fecha por volta da uma, uma e meia da manhã. Se houvessem mais bailes... os jovens 'não dançam, mas vão'. Em Tavira, quando têm algum 'feriado' (tempos livres) vão até ao café.
17	Existe o Rancho que tem funcionado bem e dá a oportunidade de fazer diversos passeios e de conviver. Participa no rancho. Existe o futebol. Houve um curso de informática mas não participou. Devia existir um bar para os jovens se encontrarem, sem ser no café. Deviam existir outras actividades desportivas como dança, aeróbica. Em Tavira encontra-se com as amigas no café, raramente vai à biblioteca.
18	Rally papper promovido anualmente pela Associação do Grupo de Cantares. Festival do Aniversário do Rancho. São actividades que trazem algumas pessoas mas não são suficientes para que as pessoas fiquem em Cachopo. Não sabe o que poderia ser feito de diferente.
19	Pensa que não muitas actividades. A maior é o futebol. Nunca pensou que tipo de actividades poderiam ser promovidas em Cachopo. Podiam fazer cursos interessantes para as mulheres, cursos de formação profissional. Fizeram um sobre espécies de caça mas isso não tem interesse nenhum." Não desenvolve qualquer actividade desportiva.
20	Das actividades promovidas tem conhecimento do futebol. Pensa que funciona bem mas que os jogos deviam ser em Cachopo: "antes, todos os sábados havia futebol e agora não, é sempre fora". Poderia existir um campo de ténis.
21	O rancho, os escuteiros, futebol, o grupo de acólitos (igreja). São promovidas pelo Sr. Albino e Sr. <sup>a</sup> Oflia. Gosto das actividades mas penso que são poucas. Gostaria que desenvolvessem actividades desportivas. Quando tenho tempo livre na escola vou ao café.
22	Actividades promovidas para os jovens: catequese (Centro Paroquial), futebol (RAC), rancho e violas (grupo Searas de Outono). Não gosta de ir à catequese - mas dizem-lhe para ir. Deviam lançar um grupo de escuteiros. Nas horas livres, anda pela cidade de Tavira (no período escolar).
23	Grupo de cantares, rancho. Não existe nada para os jovens. O campo de futebol não têm as condições requeridas pela federação e por isso jogam fora da terra. Estas actividades são promovidas pelo Clube e pela Associação de Jovens, e no seu ponto de vista, estas iniciativas não devem acabar, devem ser incentivadas e apoiadas. Gostaria que se construísse uma piscina em condições, pois a que lá existe apesar de longe, trata-se de um risco se a água não for bem tratada. Necessitam de uma sede desportiva onde possam conviver, e locais apropriados para praticarem desportos. As crianças mais pequenas, no Verão não têm actividades para praticar, usufruem apenas do Centro Infantil mas é como: "saírem de uma casa e irem para outra". Em Tavira, ocupa o seu tempo livre com o futebol, pesca submarina, mergulho e nos Bombeiros (é voluntário), todos os dias vai ao quartel. Pensa que em cachopo poderia trabalhar como bombeiro porque existe uma grande extensão de mato (no Inverno podia-se fazer a limpeza aos montes e no Verão a prevenção aos fogos - seria forma de se criarem postos de trabalho na serra). Refere também que se houvessem postos de trabalho, não faltariam candidatos para bombeiro.
24	A única actividade a que adere é o futebol porque convive com os amigos. Acha complicado pensar em actividades culturais que pudessem ser promovidas em Cachopo. Nos tempos livres em Tavira - durante o período escolar - vai para os cafés com os amigos, vai almoçar ao restaurante com eles. Na altura das férias está sempre por Cachopo.
25	O <i>Rally papper</i> é uma das actividades que vão sendo desenvolvidas para os jovens. Há o rancho e o <i>footsall</i> . A nível desportivo vão havendo torneios de petanca. As reservas de caçadores também vão puxando os jovens. Tudo funciona em cadeia - não há mais porque os jovens, se calhar, também não puxam por isso. Não puxam pelos jovens, mas também 'não são nenhuns santinhos'. Se tivessem ideias maravilhosas... mas vão deixando-se levar. Mas depois quando há qualquer coisa, como por exemplo o <i>rally papper</i> , eram só 5 a 6 equipas... o pessoal também não apoia aquilo que há. O pouco que há o pessoal também não apoia. Podia ser desenvolvido o escutismo pois podia puxar os mais novinhos. Se não agarrarem os mais novinhos, os maiores é mais difícil porque as mentalidades já estão mais ou menos construídas. Se forem criando as mentalidades dos mais novinhos com coisas que eles gostem já é diferente. No local da piscina funcionava antes um parque - tinham um parque em madeira com balouços, com rampas. A estrutura ainda está aí, mas a madeira foi apodrecendo e não foi tratada. No Verão há a piscina, mas no Inverno não há nada. Se desenvolvessem actividades para os mais novos, os mais velhos apiavam essas actividades, também ajudavam. Adora crianças e não se importava nada de ajudar a fazer qualquer coisa. Se pensasse em fazer qualquer coisa duvida que tivesse apoios monetários. Como agora há a desculpa - é verdade mas continua a ser uma desculpa - que o país está em crise, então há a ideia que não vale a pena fazer nada porque não nos vão apoiar. As pessoas 'deixam-se à sombra da bananeira, como se costuma dizer'. Acha que se poderia, já que os mais miúdos gostam tanto de futebol, começar com uma escolinha de futebol - futebol de 11 é difícil, mas pelo menos de futsal - para as miúdas e para os miúdos. Lembra-se, perfeitamente, quando era miúda e jogava futebol, apareceu aqui um mestre de Karaté e esteve a aprender karaté. Acha que tudo isso incentiva os miúdos a gostarem de desporto e a não irem por outros caminhos que é o que vai acontecer com alguns provavelmente e infelizmente. Acha que deviam agarrar nos mais miúdos.
26	São promovidas muito poucas actividades para os jovens. Têm agora a piscina e também o futebol. As outras actividades são os próprios jovens que promovem - andar de mota, passear por Cachopo, ir à pesca, ir à caça. São boas as actividades que são promovidas para os jovens mas são poucas. Acha que poderia ser dinamizadas outras actividades desportivas, criar condições para a prática das actuais modalidades desportivas. Deviam fazer coisas que cativassem os jovens. No Verão não há nada mais para fazer do que ir para a piscina. Em Tavira, estuda, passeia com o pessoal da turma, vão almoçar fora com os amigos, vão ver as lojas.

Entrevista n°	Participação e Avaliação das dinâmicas sócio-culturais locais
27	Dinamizam futebol. Se não houver alguém que faça alguma coisa então não havia nada aqui (fala do RAC). Poderiam dinamizar a petanca, pelo menos para juntar pessoas e conhecer pessoas novas. Têm catequese durante a semana - falta porque por vezes têm testes durante a semana. No entanto, se a fizessem ao fim de semana ninguém iria.
28	As duas associações em que participa organizam, praticamente, todas as actividades que existem para os jovens. Existe uma outra associação mas que acaba por trabalhar com crianças, não promovendo actividades para os restantes jovens, não integrados na associação. Pensa que é necessário "fazer muito mais por Cachopo" mas "não nos podemos esquecer dos recursos". O futebol, por exemplo, implica diversas despesas, mas, no entanto, só existem dois patrocínios privados em Cachopo e a Câmara Municipal. Existem muitas limitações financeiras, o que não permite que se organizem mais actividades fora de Cachopo, porque as actividades em Cachopo não implicam "muitos gastos". Para as diversas actividades anuais têm o apoio do IPJ em 30/40% do orçamento. A Câmara Municipal apoia em 20/30%. O restante é da responsabilidade das associações que têm que organizar actividades que garantam rentabilidade financeira "o que não acontece". A maior necessidade é a falta de apoios "porque ideias há sempre". Também existem as aulas de guitarra, em que se paga o professor e as deslocações. Pensa que o desenvolvimento da freguesia passa pelo desenvolvimento da indústria na zona. O Centro de Dia emprega, actualmente, cerca de trinta pessoas. As restantes instituições empregam, no máximo, duas ou três pessoas. A freguesia tem bastante madeira que poderia ser aproveitada, os produtos gastronómicos tradicionais, como o queijo, o chouriço e presunto, produção de aguardente, licores e mel. Se estas actividades fossem desenvolvidas iriam empregar muitas pessoas.
29	Poderiam fazer um bar para os jovens se divertirem, porque não há muita coisa. Também poderiam fazer mais piscinas. Nos tempos livres que tem na escola vai jogando matraquilhos na escola e fora dela. Quando tem algum tempo faz os trabalhos de casa, assim quando chega a casa já não os tem de fazer.
30	Em Cachopo não é feito nada. Está num rancho mas é da Cortelha não é de Cachopo. 'Aqui as pessoas não ajudam. Quem quer fazer alguma coisa aqui as pessoas não ajudam.' Acha que em Cachopo não há nada que seja promovido para os jovens. Anda nas piscinas de Martinlongo - podiam por piscinas, ginásio. Os jovens assim já se juntavam mais. Tem de ir para Martinlongo. Acha que haveria número suficiente de pessoas - dado que actualmente vão muitas de Cachopo para Martinlongo. Faz renda, vê televisão, ouve música, também vai à horta ('gosto de ir à horta'). À quarta feira tem ensaio do rancho e encontra o namorado.
31	Agora vai haver as "misses". No Carnaval fazem desfile. Há um programa de guitarras. Pensaram nos escuteiros mas isso parece que não irá para a frente. Há desporto: havia uma equipa masculina e outra feminina, agora acha que esta última já não há. Há os juniores, há os seniores, há o <i>footsall</i> . Deveria haver mais actividades que cativassem os jovens - em termos desportivos, culturais. Na Universidade há o programa ERASMUS - devia haver na mesma óptica um programa assim na aldeia. Há uns bons anos, os jovens de Alte vieram para aqui e os jovens de Cachopo iam para Alte, mas isso já acabou há uns 10 anos. Isso era interessante - o convívio. Mas isso era mais na fase de adolescente. As actividades que são promovidas são estimulantes em termos sociais, acima de tudo promovem o convívio que é muito importante. 'Um Centro Comercial! Era bom haver aqui!(risos). Cinema... mas já aqui a videoteca...' Devia haver um espaço com maior facilidade de acesso à Internet. Está muito ligado ao mundo da Internet: se fica um dia sem ver a Internet 'pronto...'. Em casa tem computador, mas ficou três meses sem Internet em casa. Em Faro, pratica desporto na Universidade, vai à praia, ao cinema, mas nem sempre há tempo para isso.
32	As actividades promovidas são o futebol (raparigas), rancho, "Miss jovem". Quem organiza é o Sr. Albino. Concorda e gosta das actividades, é engraçado. Mas gostaria de ter muitas mais como: cinema, biblioteca maior, "coisas" para o pessoal novo.
33	Existe o futebol e o rancho. O futebol atrai muitas pessoas a Cachopo. Não participa no futebol porque não gosta de jogar mas gosta de ver. No Rancho tem a oportunidade de fazer passeios, fazem o festival e várias festas na freguesia. Não sabe que actividades poderiam ser promovidas para os jovens. Nos poucos tempos livres que tem quando está em Tavira vai para o café ou fica na escola com as amigas a conversar.
34	Em Cachopo existe o rancho, o futebol "e acho que é só". Podiam existir umas piscinas para se fazer natação, um parque público (jardim).
35	As actividades existentes são poucas. Não diz quais. Pensa que funcionam "mais ou menos". Quando tem tempos livres costuma participar em <i>chats</i> na Internet.
36	"Actividades? Para os jovens? Só o futebol." Existe também o Rancho. "Eu acho bem". Não sabe que actividades podiam ser promovidas para os jovens. Quando estudava em Tavira costumava encontrar-se com os amigos no café.
37	Não sabe.
38	As actividades são o rancho e grupo de cantares. Quem organiza é o Sr. Albino e Sr.ª Otilia e a Junta de Freguesia. São boas as actividades fazem bem, mas deviam desenvolver mais. Gosto das actividades. (Não sabe o que poderiam desenvolver mais). Ocupa o tempo livre enquanto está nas aulas no café.
39	As actividades são o futebol, Miss jovem e <i>rally papper</i> . Quem organiza é a junta de freguesia e as Comissões. A opinião segundo as festas é positiva, mas podiam fazer mais. Ter computadores um <i>cyber-café</i> nem todos os jovens tem computador ou <i>net</i> em casa. Podiam aproveitar a Primavera para passeios, ajudar as pessoas mais desfavorecidas e ocupar os jovens em empregos de Verão.
40	As actividades são os encontros de jovens, caminhadas, acampamentos e rancho. Quem organiza é da Sr.ª Otilia e o Sr. Albino. As actividades são boas e incentivam os jovens. Gosto das actividades. Podiam realizar outras relacionadas com desportos radicais, <i>rappel</i> . Nos tempos livres da escola ouve música joga bilhar.
41	Não existem muitas actividades além de "trabalhar e estudar". Não tem conhecimento das actividades promovidas em Cachopo. Não sabe que actividades poderiam ser promovidas para os jovens. Quando chega do trabalho gosta de ver televisão e depois do jantar vai ao café.
42	Como actividades para os jovens tem conhecimento do futebol. Pensa que o campo poderia ter melhores condições. Deveria existir um campo próprio para os jovens poderem jogar petanca Não existe actividades para os jovens. Nem espaços de convívio para os jovens "sem ser os cafés, não há aí um bar tão pouco.

Entrevista n°	Participação e Avaliação das dinâmicas sócio-culturais locais
43	As actividades promovidas são o futebol, rancho, Carnaval, curso de guitarras, "Miss Jovem". Quem promove é o Sr. Albino e a Sr.ª Otilia. Gosto das actividades, mas penso que podiam ser promovidas mais como: passeios pedestres pela ribeira, monumentos arqueológico, actividades de turismo rural. Na zona de estudo ocupo os tempos livres com os amigos, na biblioteca, sobretudo convivemos na casa uns dos outros.
44	As actividades são festas, futebol. Não sabe quem promove. Estas são boas. Mas não gosta pessoalmente do rancho nem do futebol. Gostava que tivessem actividades ligadas com o <i>motocross</i> , gosta de acelerar com os amigos (o pior é a GNR). Nos tempos livres da escola passa o tempo no café.
45	As actividades são o rancho, futebol e Carnaval. Não sabe quem organiza. Estas actividades são positivas, gosta mas não participa. Gostava que desenvolvessem actividades relacionadas com ralis, pistas de bicicletas, motas de todo o terreno para alugar. Em Tavira no tempo livre entre as aulas vai ao café.
46	as actividades são o futebol, rancho e <i>rally papper</i> . Quem organiza é a Sr.ª Otilia. São boas estas actividades mas deviam fazer mais. Não gosta pessoalmente de nenhuma só do <i>rally papper</i> . Gosta que promovessem actividades desportivas diferentes como capoeira, coisas mais movimentadas e radicais.
47	As actividades promovidas são o futebol, rancho, <i>rally papper</i> . Quem promove é a Sª Otilia e o Sr.ª Albino. As iniciativas são boas. Gosto mas deviam realizar mais actividades ligadas com desportos radicais. Em Tavira nos furos das aulas vou ao café e ao castelo passear.
48	A Real Amizade de Cachopo promove as actividades desportivas e a Seara de Outono as recreativas e culturais. Dever-se-ia investir mais no turismo rural e na população, por falta de conhecimento não usufruem dos projectos existentes para a Serra.
49	Com os amigos de Cachopo não faz qualquer tipo de actividade, "costumamos só falar e conversar, agora sou mais crescida". "Ainda andei no rancho algum tempo mas depois desisti." Desistiu por causa dos transportes, não tem deslocação própria. Não tem namorado. Aqui era "bom que houvesse uma biblioteca, ali já há uma videoteca, sei lá, um grupo de jovens talvez" e podia haver um maior convívio entre os jovens. Em relação às actividades existem os jogos de futebol, há o rancho e "não estou a ver mais nada". Na altura da escola ocupa os tempos livres na Internet.
50	Neste momento não está participa em nenhuma actividade ocupacional. Agora que partiu o pé não participa em nada. Esteve na aeróbica, deu catequese aos miúdos mas como trabalha fora teve que deixar também. Já esteve no Rancho e jogou futebol. Pensa que existem muitas actividades promovidas mas que "os jovens não lhes dão o devido valor". Costumam dizer que Cachopo "é uma seca" mas quando há actividades ninguém faz nada. "Se não for o futebol não querem saber de mais nada." Antigamente o Rancho contava com muitos participantes, actualmente não. "Nós é que somos os culpados de Cachopo estar assim, nós é que deixamos morrer as coisas." Fazia falta em Cachopo um bar, onde nem todos poderiam entrar, "onde pudéssemos conversar e namorar sem que nenhum espião fosse contar tudo, o que acontece nos cafés". Há falta de privacidade.
51	"As coisas às vezes são feitas em cima do joelho". As actividades para os jovens, na maior parte das vezes, não agradam aos jovens mas àqueles que as organizam, como os bailes. É mais fácil alguém de fora fazer qualquer coisa. As pessoas chateiam-se umas com as outras. Os tempos livres, neste momento, são ocupados a trabalhar.
52	O coro de Natal e o presépio." É possível que muita gente venha a Cachopo nesse dia." Podiam existir mais cursos e mais projectos. Nos tempos livres convive com os amigos.
53	"Aqui em Cachopo? Isto aqui não há nada!" Além do futebol podiam ser promovidas outras actividades ligadas ao desporto. Não participa no futebol porque não gosta. Está envolvido noutras actividades com os amigos de Cachopo: caça e <i>motocross</i> . Podiam ser promovidas actividades como tiro aos pratos.
54	Pensa que o futebol tem muitos participantes mas que não são habitantes de Cachopo. "Acho que só o nome é que é de Cachopo, de Cachopo são só dois ou três jogadores". Existe também uma equipa feminina. Existe o centro de aprendizagem. A biblioteca. Não sabe muito bem o que há: "não sei, não conheço". Podiam fazer uma piscina "em condições, não é uma piscina ligada a uma fonte". O campo de futebol precisa de balneários com condições. Para treinar os jogadores têm que ir para Tavira. Podiam fazer uma cobertura no campo de futebol. O projecto está feito há muitos anos: "quando há eleições falam sempre nisso e depois quando passa a febre das eleições esquecem-se".
55	Gosta de ocupar os tempos livres fazendo desporto, ir ao cinema, ...
56	Existe o futebol. Não sabe bem. Já jogou futebol. Agora prefere a pesca e a caça.
57	Existe a petanca e o futebol mas são "actividades machistas". Primeiro deveria saber-se as actividades os jovens gostariam de participar. Poderiam fazer-se passeios de jipe, de cavalo ou de bicicleta.
58	As actividades sócio-culturais que são promovidas para os Jovens são o Rancho, Grupo Seara, jogos de futebol (acabaram com o futebol feminino). Estas iniciativas estão a cargo da D. Otilia e do Sr. Albino.

Entrevista n <sup>o</sup>	Participação e Avaliação das dinâmicas sócio-culturais locais
59	As actividades que os jovens fazem não dão benefícios à aldeia. O futebol “é uma vergonha, de doze jogadores nem metade são de Cachopo, são quase todos de fora”. A culpa é da organização porque convida sempre jogadores de fora e “não vê que nós temos bons jogadores”. Na associação dos cantares participam pessoas de Cachopo. Participou nas marchas de Cachopo, na altura do São João. Mas as marchas terminaram porque alguns dos jovens que participavam foram viver para fora de cachopo. Participou numa peça de teatro feita pelos jovens. Prepararam a peça com o Duarte, que trabalhava na In Loco e vinha a Cachopo 3 vezes por semana, à noite, para construírem o cenário e ensaiarem a peça. Não chegaram a apresentar a peça. Na altura o Duarte saiu e “o pessoal começou-se a aborrecer”. “A peça tinha a ver com as raparigas aqui da aldeia, era mesmo popular.” Era a história de uma rapariga que vivia com a mãe. O pai emigrou e nunca mais voltou. A tia “olhava por elas” e a rapariga ia todos os dias para a escola em Tavira de autocarro. Para os jovens fazem falta empregos. “O que é que serve termos um campo de futebol se não há jovens para jogar, o que serve termos além uma piscina, que é uma vergonha de piscina, se não há jovens para a usar?”. Nas eleições prometeram que iam arranjar a piscina, pôr relva no campo de futebol, fazer a cobertura e novos balneários para o campo. Mas não vale a pena porque os jovens não participam. As actividades são mal organizadas, não há participantes. Existem coisas mais importantes como criar projectos para que os jovens tenham o seu emprego. As pessoas fazem cursos de doçaria, mel e depois não podem fazer os seus projectos. Fez um curso em Salir através da In Loco (NOW) mas era muito nova “e não tinha objectivos na vida e não aproveitei (...) havia era de ser agora”. Pensa que não existe muita possibilidade de fazer o seu projecto pois é um investimento muito grande e os projectos que existem não permitiriam: “nos projectos temos que fazer o que eles querem mas se tivessem um projecto meu queria que fosse à minha maneira”. Pensa que seria importante para os jovens ser-lhes facultada habitação própria. Não existem terrenos urbanizáveis. Deveria existir um maior investimento em novas empresas para existirem novos postos de trabalho. “A casa e o trabalho é o mais importante porque eles pegam no carro e em 40 minutos estão na discoteca em Tavira.” Podia existir um gabinete da câmara em que estivesse em Cachopo um funcionário uma vez por semana para as pessoas tratarem dos seus assuntos sem terem que se deslocar. Nos “raros” tempos livres que tem gosta muito de “fazer rendas”, ler o jornal de Cachopo. Não tem disponibilidade de tirar férias: “ao tempo que não sei o que são férias”.
60	Os jovens não têm muitas actividades de ocupação dos tempos livres: “jogam futebol e <i>snooker</i> .” Não pratica nenhuma actividade de lazer regularmente.
61	Pensa que não existe nada. “Nem o futebol, eles nem têm um campo coberto e têm que treinar fora”. Um campo coberto é um investimento muito caro. Podia existir um ginásio. Podia existir um bar para as pessoas não precisarem de sair de Cachopo à noite. Uma associação para as pessoas se juntar. Ocupa os tempos livres a trabalhar em casa: “limpando, passando a ferro, não tenho empregada de limpezas”. Como os amigos não têm filhos juntam-se sempre em sua casa para jantar, ver um filme, conversar. Em Cachopo fica sempre em casa dos pais.
62	“Aqui não há praticamente nada”. Podiam existir mais actividades desportivas, como um campo de ténis. Na zona de trabalho e em Cachopo não desenvolve, regularmente, nenhuma actividade de lazer.
63	Tem conhecimento do futebol. Gostava que as raparigas participassem mais. Na videoteca podem ver filmes e jogar computador. Existiam mais actividades mas acabaram porque falta de participantes. Em Tavira não se ocupa com nenhuma actividade regular. A escola e as explicações ocupam o seu tempo.
64	Existe uma piscina mas na maioria das vezes não tem condições para ser utilizada. Existe o futebol mas o campo também não oferece as melhores condições. Deveriam existir locais onde os jovens da freguesia e de fora se pudessem encontrar. Na zona onde trabalha aproveita para “ir às compras”.
65	Pensa que são poucas as actividades promovidas para os jovens. E as que existem é para um grupo restrito, “os outros ficam excluídos”. Existe o futebol mas nunca participou. Pensa que deveria ser uma actividade mais dinâmica. A freguesia de Cachopo tem muitas potencialidades que não são aproveitadas como a natureza. Podiam ser organizados passeios todo-o-terreno, moto 4, passeios de cavalo. Na sua zona de trabalho, Faro, não tem nenhuma actividade: “é trabalhar e voltar”.
66	As actividades sócio-culturais promovidas são apenas para os jovens que residem em Cachopo mas dever-se-ia intervir também junto dos jovens que habitam fora da aldeia nos montes da freguesia. Nos tempos livres vê televisão e vai ao café.
67	Como vive fora da freguesia de Cachopo, mantém o contacto com algumas amigas por telefone. Vai frequentemente para Cachopo.
68	As actividades para os jovens são poucas. Sabe que existe em Cachopo o grupo de cantares. Não participa em nenhuma actividade das que são promovidas em Cachopo.
69	Tem conhecimento da existência do futebol de salão. Já jogou futebol. Desistiu porque causa do seu trabalho. Sabe que existe aulas de guitarra e computadores para os jovens poderem utilizar mas não sabe como têm funcionado estas actividades. Não participa em nenhuma destas actividades porque “não calha”. Os tempos livres são dedicados do descanso.
70	As actividades como o futebol, rancho são boas mas deviam ser mais apoiadas. Fazem um convívio de música (guitarras) que junta jovens de outros concelhos, é promovido pela Seara de Outono.
71	Rancho, futebol, grupo de cantares, grupos de caça – são actividades promovidas pela D. Otília e gosta das actividades
72	Gosta de jogar <i>snooker</i> com os amigos. O rancho, o futebol, a petanca são boas actividades mas poderia haver mais. Falta uma associação de jovens onde eles possam conviver, jogar jogos, etc.
73	Não liga ao futebol, e acha que as actividades são bem organizadas.
74	Gosta de futebol, rancho. Sabe que existe curso de informática, mas não aprecia. Podia fazer-se projectos ligados à limpeza de florestas.

Entrevista nº	Participação e Avaliação das dinâmicas sócio-culturais locais
75	Andou no Rancho, participo nas Misses, gosta de participar e gostaria que houvesse mais actividades. Também andou no grupo de cantares.
76	Já não joga á bola desde que foi para a universidade. Adora a caça, apesar do desporto é um bom convívio. As actividades como a petanca, futebol, rancho são muio importantes mas talvez podessem ser melhores.
77	Não tem conhecimento das actividades que existem nem que actividades poderiam ser promovidas. Quando tem tempo livre ajuda a sua mãe no café.
78	Deveria existir um ginásio para a toda a população, uma piscina também. Quando tem tempo faz “um bocadinho de renda e estou na galhofa com as minhas amigas, vamos conversando da vida”.
79	São promovidas para os jovens de Cachopo actividades sócio-culturais como: Intercâmbio de grupos de cantares tradicionais, de ranchos folclóricos, de grupos catequistas, coros religiosos, actividades realizadas na cidade e promovidas pela CMT., Centro Paroquial, Seara de Outono, Rancho folclórico, etc. Estas actividades são realizadas com muito esforço, é necessário muita força de vontade, tempo, dedicação e amor pela causa. Gosta das actividades desenvolvidas e gostaria que houvessem mais actividades que envolvessem os jovens dos montes, conjuntamente com os das aldeias. Ocupa os seus tempos livres como a maioria dos jovens da mesma idade.
80	As actividades dinamizadas em cachopo são: RAC, futebol, caça o grupo de cantares, <i>Paint Ball</i> . Estas actividades são promovidas pelas Associações Locais. As actividades são poucas mas devido ao número diminuto de indivíduos para dinamizar mais actividades podemos considerar que são suficientes. Gosta do tipo de actividades desenvolvidas. Ocupa os seus tempos livres sobretudo em Cachopo.
81	As actividades dinamizadas são a caça, futebol, o grupo de cantares, <i>Paint Ball</i> .

**Meios de deslocação e Avaliação da Rede de Transportes/ da Rede Viária**

Entrevista n°	Meios de deslocação e Avaliação da Rede de Transportes/ da Rede Viária
1	Tem transporte próprio. Antes deslocava-se com os pais, de autocarro e com os amigos com transporte. Actualmente pensa que os meios de transportes estão melhores do que quando andava na escola em Tavira. Está habituado ao percurso. Pensa que as estradas estão boas.
2	Tem viatura própria. Antes deslocava-se para fora de Cachopo de autocarro, com o pai ou com amigos. Quando utilizava o autocarro tinha que acordar às sete da manhã para ir para a escola: “se calhar também deixei de estudar por causa disto”. Agora existem mais meios de transporte como as carrinhas. Para Faro faz cerca de 50 km: “é chato”. Se o percurso fosse melhor poderia pensar em viver em Cachopo e ir todos os dias para Faro trabalhar.
3	Como está muito habituada ao percurso pensa que é bom. Antes de ter transporte próprio deslocava-se de autocarro ou com amigos com viatura própria. De Cachopo a Faro são 50 km e não acha o percurso mau.
4	Tem transporte próprio. Antes deslocava-se com o pai. Para sair à noite ia com as amigas mais velhas com carro. Pensa que os transportes que existem são insuficientes. Em termos de qualidade não sabe porque não os utiliza. O percurso “tem muitas curvas e é tudo muito longe mas já não estranho”.
5	Vai de carro próprio para a faculdade. Antes de ter viatura própria ia de autocarro ou de boleia com uma colega de faculdade. Também ia com o cunhado que trabalha perto da faculdade. Para a freguesia há muito poucos meios de transporte. Só têm esporadicamente um autocarro para Tavira e outro para Faro. Todas as semanas regressa a Cachopo. As pessoas de fora acham o percurso complicado - tem muitas curvas. Mas como está tão habituada não sente dificuldades de maior no percurso que tem de fazer. Acha que é rápido. Faz cerca de 40 kms. Demora cerca de 30 minutos a chegar a Cachopo vinda de S. Brás.
6	Actualmente possui viatura própria, anteriormente deslocava-se de autocarro, táxis e boleias com amigos. Sabe que existe poucos meios de transporte para a serra, mas compreende que não há necessidade de existirem mais porque as pessoas têm viatura própria e só lá vão Domingo.
7	Tem transporte do emprego. Os autocarros são insuficientes: “o autocarro só venha de manhã e depois só chega quase à noite”. Pensa que as estradas, actualmente, estão em boas condições. Para ir para o trabalho faz 6 Kms.
8	Tem viatura própria. Antes ia para a escola em Tavira de autocarro. Também aproveitava a boleia dos amigos mais velhos com carro. As estradas não são muito boas e têm muitas curvas.”A estrada é o nosso ponto mais fraco”. Os meios transportes têm vindo a melhorar desde há sete anos para cá. Há mais autocarros e uma carrinha que leva as crianças à escola e “vai buscar os velhotes aos montes”. “Antes era raro um dia sem ver um velhote andar no burrinho aí por cima, agora é raro vê-los.”
9	Tem viatura própria. Antes “andava à boleia com os amigos”. As estradas estão em bom estado mas com muitas curvas.
10	Desloca-se de mota, “de bicicleta”. Antes deslocava-se de autocarro: “era melhor, era menos perigoso”. Actualmente as estradas estão em bom estado.
11	Desloca-se para Faro diariamente no seu carro. Actualmente a estrada está boa mas “é chata”. Já está habituado ao percurso. Antes de ter viatura própria deslocava-se para fora de Cachopo de autocarro ou de táxi. Os autocarros são insuficientes (um de manhã e outro à tarde) e as cidades do litoral são longe: “uma pessoa tem que se sujeitar aos horários e quando vamos fazer uma coisa depois de estarmos despachados ficamos duas ou três horas à espera do autocarro”. De Cachopo para Faro demora cerca de 50 minutos na viagem.
12	Desloca-se com transporte do trabalho e por vezes com o transporte próprio. Já está habituado ao percurso. Para chegar a Barranco do Velho demora cerca de 30 minutos.
13	Tem viatura própria. Vai para a escola de carro. Antes deslocava-se para fora da freguesia de autocarro: “é chato”. As estradas estão em boas condições. Diariamente percorre cerca de 60 Kms. Demora, na viagem até Loulé, cerca de trinta minutos.
14	O percurso que tem de fazer é muito cansativo: “há dias em que apetece ficar na cama. Levantar todos os dias às seis da manhã e quando temos de estudar à noite é muito duro.” Desloca-se todos os dias de autocarro. Não tem viatura própria. Está a tirar a carta. Há um autocarro que os costuma vir buscar, que de Inverno chove por dentro. “De Verão é um calor que não se pode”. É mesmo de extremos. Por vezes o autocarro não tem lugares sentados para todos – porque o autocarro transporta os alunos, mas também as pessoas dos montes, algumas idosas. É complicado terem de ir em pé ao longo do caminho que têm de percorrer. Ainda apanha uma carrinha em Vale João Farto para Cachopo. Quando chega a Cachopo ainda tem de esperar 30 minutos. Vai para Tavira de autocarro. A carrinha chega a Cachopo meia hora antes da partida do autocarro.
15	Desloca-se para a escola, em Tavira, de autocarro. Sai de Cachopo às 7h e chega a Tavira por voltas das 8h. Actualmente a viagem é melhor, o percurso está melhor. O motorista é da freguesia e conhecem-se todos.
16	Para a escola, vai numa carrinha dos Currais para Cachopo e aí é que apanha uma camioneta para Tavira. No início do período escolar adormece facilmente pelo cansaço, mas ao longo do ano lectivo vai-se habituando. Apanha a carrinha às 7 menos 5 minutos, depois apanha o autocarro em Cachopo e apanha o autocarro às 7h, 7h 10m e chega por volta das 8h10m a Tavira. Quando regressa a Cachopo também tem meio de transporte até aos Currais. Demora cerca de 1h15m. Quando começou a ir para Tavira não gostava do caminho - ficava enjoada, depois acabou por se habituar e hoje já sente que o tempo passa depressa. De carro fica muito mais rápido - 45 minutos. Na camioneta arranja um 'protegido' porque os outros estão sempre a fazer 'malandrices'. Não dá para as pessoas dormirem - há sempre animação.

Entrevista nº	Meios de deslocação e Avaliação da Rede de Transportes/ da Rede Viária
17	Para a escola desloca-se na carrinha da Câmara até Cachopo, depois de autocarro até Tavira. O percurso é longo e muito cansativo. Acorda às 6h, apanha a carrinha às 7:40h e o autocarro às 7h em Cachopo. Chega a Cachopo às 19h e a casa às 19h30 ou às 20h, depende do percurso da carrinha. Raramente vem no autocarro da tarde, que chega por voltas das 15h a Cachopo. Alguns autocarros estão em bom estado “e têm música e depois há outros completamente podres”, sem condições nenhuma, chove no Inverno dentro do autocarro. As viagens são sempre divertidas, todos se conhecem.
18	Em Tavira, porque estava a fazer poucas disciplinas tinha muito tempo livre - passeava, andava às compras, ia pouco a cafés. Tinha praticamente todas as aulas de manhã - nesses dias vinha no autocarro das 13 horas. Quando tinha alguma disciplina da parte da tarde então tinha de ficar a aguardar até às 18 horas.
19	Neste momento tem viatura própria. Antes não se deslocava de autocarro porque “estava sempre a trabalhar”.
20	Desloca-se para Tavira com a sua irmã que tem viatura própria. Deslocava-se de autocarro. É um meio de transporte “cansativo”. Tinha que acordar muito cedo para apanhar o autocarro e chegava sempre muito tarde a casa. De carro o percurso não se torna tão cansativo porque é mais rápido.
21	Desloca-se para a escola e para outras actividades e serviços fora da freguesia de autocarro. Os transportes não são muito bons, paga-se muito mas estão a melhorar. Regresso todos os dias depois das aulas, é cansativo faço cerca de 80km que demoram 1 hora.
22	Desloca-se de autocarro para a escola, fazendo o percurso de 40 km. Não lhe importa o percurso, o que lhe custa é ter de se levantar de manhã mas não dorme no autocarro - há sempre animação entre aqueles que vão no autocarro.
23	Desloca-se em viatura própria, mas antes utilizava o autocarro. Os alunos futuramente irão estudar em Martinlongo até ao 9º ano e deixará de haver tantos jovens a ir para Tavira e receia que acabem com o autocarro diário. Desde pequenos que se habituam a esse trajecto (1 a 2 horas de percurso).
24	Vai de autocarro à escola. Acha o percurso até Tavira chato porque é muito longe – demora 1 hora em cada viagem para percorrer 40km.
25	Vai de autocarro para Portalegre - a viagem dura cerca de 6 horas: faz cerca de 700 kms ida e volta. Apesar de ter muito orgulho em ser de Cachopo e mesmo quando andava na escola... enche-lhe de orgulho: muitos professores diziam que os alunos de Cachopo eram os melhores alunos, apesar de se levantarem mais cedo, deitarem-se mais tarde, terem menos tempo para estudar - chegavam sempre a horas às aulas, não faltavam às aulas - era muito raro, e tinham sempre as melhores notas. Isso deixa-a cheia de orgulho - porque significa que o sacrifício dá frutos. Fala não só desse tempo, como de agora que está em Portalegre. É um sacrifício muito grande estar fora. Foi para lá sozinha, não conhecia ninguém. No início achava tudo maravilhoso, mas com o tempo foi vendo que não era bem assim, que não era nenhum mar de rosas. A pessoa pensa que vai estar longe e fazer tudo aquilo que lhe apetece, mas não é bem assim. É com os sacrifícios que aprendemos. Ir para Tavira no autocarro... o autocarro é péssimo. Passei frio, chuva dentro do autocarro, calor... Na altura em que foi para Tavira, no 8º ano faziam uma fogueira ao pé da paragem enquanto não vinha o autocarro. Deu na RTP... a RTP veio cá por causa disso... quando chegavam iam à procura de lenha, para de manhã poder estar na paragem - para não estar molhada. A freguesia é grande... dependia das voltas que o autocarro dava, mas se fossem os primeiros a serem trazidos para a paragem tinham de esperar entre 30 minutos a 1 hora pelo autocarro que os levava até Tavira. O autocarro tinha péssimas condições... quando subia a marés não passavam a Asseca. Chegavam à estrada e não passavam - ficavam ali horas, quando não tinham de voltar para trás e iam por S. Brás. Quando foi para Tavira não tinham a carrinha que têm agora. Passavam o dia inteiro em Tavira - tinha 12 a 13 anos e vinham à boleia até Cachopo. Tinha autocarro à tarde, não tinham à hora do almoço que era quando saíam das aulas. Desejando vir para casa vinham à boleia. Na altura aquilo era uma brincadeira. O autocarro à tarde era às 18h15m, o de manhã era às 7h... Chegavam às sete e tal e ainda tinham de esperar pelas carrinhas... até aos montes.
26	No Verão vai de mota para a escola - mas fica muito caro, não compensa. No Inverno vai de autocarro. É um percurso longo, mas não pode ser de outra maneira! De autocarro demora uma hora. Agora de mota demora menos tempo pois não tem de parar. As condições de deslocação não são as melhores. De Inverno fica muito frio, às vezes chove dentro do autocarro, vão todos amontoados uns em cima dos outros - não tem condições nenhuma. Mas às vezes até é divertido - 'estamos sempre a variar uns com os outros! O pessoal quer é disso.' Vão cerca de 30 a 40 jovens até Tavira.
27	O rio de vez em quando sobe por cima das pontes. No autocarro é um gozo, não dormem. 'Há porrada quase todos os dias'. Já chegaram a estar todos envolvidos na confusão - entre pessoal de Cachopo e de Martim Longo. Às vezes também põem 'bombas de mau cheiro'. Às vezes também 'dá-se uns beijinhos', à tarde porque são menos.
28	Actualmente desloca-se com viatura própria. Quando estava a estudar deslocava-se de autocarro. Pensa que, actualmente, as estradas estão em boas condições, se comparadas com alguns anos atrás “em que nem tinham condições para se circular”. “A distância nunca vamos encurtar, a distância física e a distância em meios”. Cachopo oferecesse os “meios essenciais e básicos”. O médico vai a Cachopo duas ou três vezes por semana, o que se torna insuficiente visto que a freguesia apresenta uma população envelhecida, que necessita de cuidados médicos diariamente. São feitas três marcações de consulta por dia, o que obriga “as pessoas a estar ali às 6 da manhã para guardar a vez” (...) e às vezes pessoas de 70 ou 80 anos). De São Brás para Tavira percorre cerca de 40 km, 30 minutos, praticamente o mesmo que de Cachopo a Tavira. O que difere são as condições do percurso, das estradas.
29	Para ir à escola sai por volta das 7h e chega por volta das 8h a Tavira. Avalia de forma positiva o meio de transporte, assim como o novo motorista que os transporta. Já está habituada ao percurso - é muito divertido.
30	Actualmente desloca-se para o trabalho em viatura própria. Para a escola ia de autocarro. Acha que há muito poucos meios de transporte para a freguesia. Para Tavira só há um às 6 da manhã e outro às 7 da tarde. Quando andava de autocarro a situação era pior - agora os jovens já têm carrinhas que vêm buscá-los, têm a tarde livre então vêm levá-los. Não tinham nenhuma dessas condições. 'Tínhamos a tarde livre ficávamos lá ou vínhamos à boleia. Era chato - saíamos à 1 da tarde e só regressávamos às 7 da tarde'. Até ao local de habitação são 1,5kms - demora cerca de 5 minutos a deslocar-se para o trabalho.

Entrevista n°	Meios de deslocação e Avaliação da Rede de Transportes/ da Rede Viária
31	Utiliza carro da família. Para a faculdade às vezes vai de carro outras vai a pé. Antes ia de transportes públicos. Os acessos são difíceis - os jovens a partir do 7º ano têm de ir para Tavira, acordar às 6h da manhã... 'é um crime!. Depois só têm um autocarro de volta às 19h. Chegam a casa só querem comer e dormir. Mas ainda têm de estudar. Os jovens de Cachopo, nessa matéria, foram e ainda são muito prejudicados. Apesar de há 3 anos para cá haver uma carrinha que à hora de almoço traz alguns jovens, a distância de casa para o local de estudo é muito grande. Demoram muito tempo. O percurso até Faro tem muitas curvas, tem muito trânsito. Para além do trânsito em Faro, ainda apanha trânsito para chegar a Faro. A residência onde está em Faro é longe da Universidade - demora 15 minutos a pé, e 15 minutos de carro!!! Só regressa, sempre que pode aos fins-de-semana. De Cachopo para Faro demora em média entre 50 minutos a 1 hora.
32	Desloco-me de autocarro para a escola, e para outras actividades ou serviços vou com os meus pais. Os autocarros são bons. Regresso todos os dias a Cachopo depois das aulas, o percurso é chato tem muitas curvas, faço 84km diários que demoram cerca de 1hora.
33	Nunca consegue apanhar o autocarro das 13h para Cachopo por causa do horário da escola. Regressa a casa sempre ao fim da tarde. E não lhe resta tempo "para nada, nada mesmo". O percurso é muito cansativo. O autocarro não oferece muitas condições: "por vezes chove dentro do autocarro e não é nada agradável", os bancos são desconfortáveis e as pessoas optam por fazer a viagem de pé.
34	Vai para a escola a pé (em Almancil). Quando vivia em Cachopo estudava em Tavira e tinha que acordar às 7h para apanhar o autocarro: "Agora acordo às 7:45h e estou na escola às 8h".
35	Desloca-se para a escola de autocarro. O percurso é cansativo, "são muitos Kms".
36	Para a escola ia de autocarro ou na carrinha da Câmara. O percurso até Tavira é um pouco longo. São cerca de 40 Kms e tinha que acordar sempre às 6h para poder apanhar o autocarro. Pensa que as condições do autocarro são razoáveis. Tem mota e quando for para Faro quer comprar um carro.
37	Desloca-se para o trabalho com viatura própria. O percurso é muito cansativo, são "trinta e tal Kms" e demora cerca de trinta, quarenta minutos. Com o tempo torna-se um hábito. Depois de um dia de trabalho cansa muito. No Inverno o percurso torna-se perigoso "têm que se vir muito devagar".
38	Desloca-se de autocarro para a escola e para as outras actividades ou serviços desloca-se com o pai. Os meios de transporte tem horários muito maus saem muito cedo e regressam muito tarde , em termos de conforto agora já são um pouco melhores. O trajecto é muito "chato", o regresso é sempre cansativo. Faço cerca de 90km diariamente que demoram cerca de 1hora.
39	Desloca-se para o trabalho diariamente de carro porque não trabalha mesmo dentro de Tavira. Tem viatura própria. Desloca-se anteriormente de autocarro. Os transportes da freguesia no seu entender são péssimos em tempos chovia, e os bancos eram desconfortáveis, sabe que estão melhor. O percurso dos Relvais ao monte da Ribeira é péssimo sobretudo de Inverno, não está alcatroado.
40	Desloca-se para a Escola de autocarro, para os outros serviços e actividades de carro (boleia com amigos). Não tem viatura própria. Os meios de transporte estão melhores reúnem as condições. Para fazer este percurso diariamente é preciso ter motivação. Faz cerca de 80km diários em tempo de escola que demoram cerca de uma 1:15m a percorrer.
41	Desloca-se com viatura própria. O percurso "é mau, muitas curvas, caminhos muito ruins de terra batida". Antes de ter o seu carro apanhava boleia para o trabalho.
42	Desloca-se com viatura própria. Está habituado às estradas.
43	Desloco-me para a universidade de carro e para outras actividades ou serviços. Tenho viatura própria. Anteriormente deslocava-me de autocarro. Os transportes eram bons os horários é que são maus (Manhã e Tarde). Durante a semana fico em Faro e ao fim-de-semana venho para Cachopo, no 1º ano vinha de autocarro era cansativo, aborrecido o percurso tem muitas curvas, depois com o saco ...
44	Desloca-se para a escola de carrinha e autocarro. Volta todos os dias para cachopo depois das aulas. O autocarro é bom, as carrinhas são velhas e as estradas ruins até à Mealha. O percurso é muito longo. Faz cerca de 110km diariamente que demoram aproximadamente 1h20m..
45	utiliza o autocarro e as carrinhas da CMT. Para os outros serviços e actividades desloca-se à boleia ou de motorizada. Os transportes que temos são bons, tem é uns horários maus. Regressa todos os dias para Carne de Serva, divertem-se no autocarro, não é cansativo, faz um percurso de 50km diários em cerca de 30/40m.
46	Para a escola desloco-me de carrinha ou autocarro, as vezes vai com o irmão. Para outras actividades e serviços desloca-se com os pais e irmão. Os transportes são razoáveis os horários é que não são muito bons sobretudo no Inverno. O percurso custa sobretudo nas carrinhas é aborrecido tem muitas curvas. Regressa todos os dias ao Graminho. Percorre cerca de 100km diários em aproximadamente 1h30m.
47	Desloco-me para a escola de carrinha da CMT e de autocarro, para outras actividades vou com o meu irmão e pai de boleia. Regresso todos os dias para Carne Serva depois das Aulas. Os transportes são bons. O trajecto depende dos dias às vezes é cansativo outras vezes é engraçado. Faço cerca de 50km diariamente que demoram em média 40m até a Portela da Corcha e depois mais 20 até Carne de Serva.
48	Tem viatura própria, mas quando estudava utilizava a rede de autocarros. Apesar de ser muito cansativo, pois os jovens passam mais de 12 horas fora de casa, mas habituam-se e desde cedo aprendem a ter de se esforçar mais que as outras crianças.
49	Desloca-se para a escola de autocarro. Apanha o autocarro para em Portela às sete da manhã e chega a Cachopo por volta das sete e um quarto. E depois sai de Cachopo às oito, e "depois chego a Martinlongo por volta das nove". "À noite abalo de lá às cinco horas, chego às cinco e meia espero até as seis e um quarto". Chega por volta das sete e meia a casa. Pensa que o meio de transporte da vila "é bom". O percurso que faz é cansativo, é "muita mudança de uma lado para o outro", percorre diariamente 40 km.
50	Tem transporte próprio. Antes de ter carro ia com o primo de boleia para Loulé. Pensa que as redes de transporte são insuficientes. Era bom que houvesse uma carrinha para as pessoas mais idosas irem ao médico. Faz, por semana, 86 Km para ir para Cachopo de Loulé e voltar. O percurso não é mau.

Entrevista n°	Meios de deslocação e Avaliação da Rede de Transportes/ da Rede Viária
51	Tem transporte próprio. É complicado em Cachopo não se ter carta de condução e carro. Antes de ter viatura própria não vivia em Cachopo. Os transportes não são maus, mas são insuficientes. “Mas não se pode pedir mais. A camioneta nas férias da escola vai vazia.” De carro, de casa para o trabalho são dois minutos. A pé são dez minutos.
52	Para o trabalho desloca-se a pé. Quando precisa de sair da freguesia desloca-se de carro. Antigamente deslocava-se de autocarro. Pensa que de carro é mais fácil porque há poucos autocarros, “é chato”. O percurso também é “chato”.
53	Desloca-se sempre de mota. Pensa que os percursos que faz estão bons. Os transportes são insuficientes: só há um autocarro.
54	Antes de tirar carta e ter carro ia para a escola de autocarro. Quando decidiu estudar à noite e trabalhar durante o dia começou a utilizar o carro no início. Mais tarde optou por alugar um carro em Loulé “porque era muito aborrecido, chegava a casa só à meia-noite”. Pensa que os meios de transporte “são péssimos”. Existe um autocarro às sete da manhã e um às sete da tarde. Sem viatura própria só de táxi e é muito caro. A estrada é boa mas tem muitas curvas.
55	Desloca-se em viatura própria, mas quando estudava andava de autocarro. Actualmente os autocarros são bem melhores que na altura, contudo o percurso é penoso devido aos 40km e as estradas de terra.
56	Tem viatura própria. Antes deslocava-se de autocarro. Pensa que as condições dos transportes são boas mas são insuficientes. As vias de acesso são boas até Tavira. Dos Currais a Cachopo estão péssimas.
57	Neste momento tem viatura própria. Antes deslocava-se de autocarro. Só existia um autocarro de manhã e outro à tarde. O autocarro não era muito confortável e o caminho também não ajudava: “eram muitas curvas”. Actualmente o percurso é melhor, “são razoáveis”. Para Faro leva uma hora de viagem, são cerca de 50 km. “Já estou habituada”.
58	Os transportes são poucos
59	Tem viatura própria. Pensa que está “um bocadinho longe de tudo mas o longe faz-se perto e agente habitua-se”. Como não costuma sair muito da freguesia não sabe muito bem. Antes de ter carro próprio andava com o pai. Estudou em Cachopo e nunca necessitou de utilizar o autocarro. Quando estudava em Loulé já tinha transporte. Raramente utilizava o autocarro.
60	Apanha o autocarro em Cachopo para ir para a escola em Tavira. São cerca de 50 Kms de Cachopo a Tavira e o autocarro leva cerca de uma hora na viagem. Da Feiteira a Cachopo são 12 Kms e demora cerca de trinta minutos. Sai da Feiteira às 6.30h. O autocarro para Tavira sai às 7h, chega a Tavira às 8h e começa na escola às 9h. Nessa hora não faz nada, “espero”. Pensa que o percurso “é muito cansativo”. As estradas estão “um bocado ruins”.
61	Tem transporte próprio. Antes utilizava o autocarro e muitas vezes ia com os pais. Neste momento os percursos parecem mais curtos, já está habituada.
62	Tem viatura própria. Antes deslocava-se para fora da freguesia de autocarro: “é um bocado chato”. Tinha que acordar às 6:30h para ir para a escola, apanhar o autocarro para Tavira e só tinha autocarro de volta às 18h: “saía às 7h da manhã e voltava às 19h, é um bocado chato, passava o dia todo fora”. Quando foi estudar para Loulé não vinha dormir a Cachopo, só voltava ao fim-de-semana. De Cachopo a Loulé são cerca de trinta km e demora no percurso quarenta minutos. Já está habituada ao percurso.
63	Desloca-se para Tavira de viatura própria. Antes deslocava-se de autocarro. Pensa que é muito cansativo porque o autocarro faz muitas paragens. Actualmente as estradas estão em boas condições.
64	Desloca-se com viatura própria. Para chegar ao trabalho faz cerca de 50 km, uma hora de viagem: “cada vez parece mais longe”. Antes deslocava-se de autocarro. O maior problema deste meio de transporte é o horário.
65	Desloca-se com viatura própria. Antes ia com o pai, começou a trabalhar cedo nas férias. Para sair ia com os amigos com carro próprio. Para o trabalho nunca teve necessidade de se deslocar de autocarro. Para ir para a escola utilizava o autocarro. Saía muito cedo, de manhã, e só voltava ao fim do dia. Estudava em Tavira. Actualmente o percurso é mais fácil porque está alcatroada. Demora cerca de quarenta e cinco minutos para chegar ao trabalho. São cerca de 50 Kms de distância de Cachopo a Faro. Gasta por semana em combustível (gasolina) cerca de 60/75€. Os autocarros são insuficientes. Deveria existir um autocarro por volta do meio-dia para as crianças, para as pessoas que se deslocam para ir tratar de alguns assuntos, não ficarem o dia inteiro à espera do autocarro para regressar a Cachopo.
66	Utiliza o transporte da empresa onde trabalha. Os meios de transporte existentes da freguesia são poucos.
67	Os meios de transporte são ainda muito escassos e cansativos, apesar de terem melhorado o trajecto ainda é muito cansativo.
68	Desloca-se para fora de freguesia com transporte próprio. Dentro da freguesia fica tudo perto. Para sair acaba por gastar muito combustível porque “fica tudo longe”. As estradas não estão em perfeitas condições. No Inverno é pior porque existem muitos caminhos. São 12 Km de casa a Cachopo e faz o percurso em cerca de meia-hora. Antes deslocava-se para fora da freguesia com amigos e de autocarro. O autocarro “é chato, aborrecido” porque há poucos autocarros e tinha que se esperar muito.
69	Neste momento tem transporte próprio. Antes deslocava-se com os amigos, com a mãe e com “as senhoras do Centro de Dia”. Nunca teve necessidade de utilizar o autocarro. Os meios de transporte são insuficientes. Para se deslocar dentro da freguesia ou “arranjo boleia ou chamo um táxi”. A estrada “tem muitas curva, só que eu já estou habituado”.
70	Existe autocarro às 7h e para regressar às 19h. Tem que se passar o dia todo fora, mas também compreende que não há população suficiente para alterar os circuitos. Os transportes estão muito melhores que no tempo em que andava na escola.

Entrevista n°	Meios de deslocação e Avaliação da Rede de Transportes/ da Rede Viária
71	Considera os transportes bons, mas é muito cansativo ter de se levantar tão cedo e percorrer cerca de 90km diários. Quando quer vir para Tavira, vem com os pais ou apanha o autocarro.
72	Vai de motorizada todos os dias mas está a tirar a carta de condução. Faz cerca de 45 km por dia.
73	Tem viatura própria, antes ia de bicicleta ou autocarro. Considera os transportes bons. Quando tem de se deslocar utiliza a viatura própria.
74	Considera os transportes bons excepto os horários. Quando sai às 6h já é de noite. Os motoristas são simpáticos e o ambiente durante a viagem é agradável. Faz cerca de 65 Km diários, o percurso não é muito cansativo porque já está habituado.
75	Vai de autocarro para a escola, é muito cansativo, sai de casa às 7h e regressa às 19h.
76	Hoje em dia tem viatura própria mas quando estudava andava na carrinha da EVA e tinha que pagar, considera que tudo melhorou desde então e que os jovens hoje em dia têm tudo mais facilitado e não dão valor. As carrinhas passam 1 vez por semana, mas deviam passar mais vezes. Todos os Fins-de-semana faz 120km de Faro para Cachopo, mas há 7 anos que está fora da freguesia e todos os Fins-de-semana regressa à terra.
77	Tem transporte próprio e transporte do trabalho. As vias de acesso são “complicadas, são estradas ruins, estradas de terra”. Antes de ter viatura própria deslocava-se com o pai e mais tarde com o marido. Poucas vezes utilizou o autocarro. De sua casa a Cachopo são 13 km e em média faz o percurso em vinte minutos.
78	Desloca-se com viatura própria e do trabalho. Antes deslocava-se de autocarro ou com o irmão. Quando utilizava o autocarro tinha que acordar às seis da manhã e andar meia hora a pé até à paragem. O autocarro saía às sete da manhã. “Era muito chato”. Pensa que as estradas estão em mau estado de conservação, “são péssimas, pelo menos para o lado onde eu vivo”. São caminhos “de terra batida”. No Inverno “é à sorte, está ali um barranco que quando enche fico trancada no monte”. São 12 km do seu monte a Cachopo. De carro leva cerca de vinte minutos.
79	Tem viatura própria e dos pais. Considera a Rede de autocarros insuficiente para aqueles que vivem lá. Durante muito tempo utilizou este meio de transporte o percurso era penoso.
80	os transportes são suficientes para a população que existe no seu entender, as carrinhas tem melhorado muito as acessibilidades dos idosos em relação a Tavira e mesmo em relação aos estudantes , no seu tempo era bem pior tinha de se cingir ao horário do autocarro de manhã e da tarde.
81	Pensa que os acessos melhoraram apesar de ainda ser muito cansativo e demoroso. A carreira do autocarro também melhorou.

### Identificação dos problemas e debilidades do território

Entrevista n°	Problemas/ Pontos Fracos
1	Não tem noção dos problemas porque está fora.
2	A divulgação das actividades é má, falta de informação vária. Pensa que os jovens abandonam Cachopo por não terem formas de ocupar os tempos livres: “lá em baixo se quiserem ir ao cinema vão”. Não existem postos de trabalho. “Os mais novos tomam como exemplo o que os mais velhos fazem e quando chega a altura vão-se embora”. Pensa que as pessoas se sentem desmotivadas.
3	Falta de postos de trabalho, o que não permite a fixação dos jovens. Existem estradas em mau estado de conservação que deveriam ser arranjadas. Falta de privacidade, as pessoas conhecem-se bem e acabam por “se meter na vida dos outros”. A autarquia podia aproveitar melhor o potencial da região.
4	Falta de postos de trabalho, o que acaba por implicar na saída dos jovens da freguesia. Falta de espaços para a construção das habitações.
5	Em primeiro lugar, há falta de condições para viver em Cachopo – falta de emprego. Em relação à saúde, se uma pessoa está doente tem de ir para Tavira ou tem de ir para Faro. A escola - as crianças vão muito pequenas para fora. Este ano ainda há o 6º ano, mas não se sabe se para o ano que vem vai haver. Uma criança com 9 ou 10 anos é muito pequenina para sair de Cachopo. Não há ajuda entre as pessoas – ‘não há mesmo nenhuma... algumas pessoas são amigas, mas há outras pessoas que só pensam em dificultar a vida aos outros. Numa aldeia tão pequena era para não haver tanta rivalidade’. Não sabe porque tal ocorre. Em relação à escola acha que é impossível resolver, porque há cada vez menos crianças. Em relação à saúde, era possível melhorar, porque há muitas pessoas que precisam - médico há uma vez por semana e enfermeiro acha que há 3 vezes por semana. Acha que devia haver todos os dias. As pessoas têm de fazer fisioterapia, as pessoas têm de se deslocar. Há o Centro de Dia que também precisa constantemente de consultas. Em relação às pessoas - à forma como lidam umas com as outras - acha que não é possível fazer nada.
6	estradas, falta de água, e o desemprego.
7	A falta de postos de trabalho. Falta de formação.
8	Falta de empregos e de melhores vias de comunicação.”Se as estradas fossem melhores não era tão grande o problema do emprego.” Sem estas condições as pessoas continuam a sair de Cachopo “e daqui a 15 anos não está cá ninguém, acabou!”
9	As pessoas são intriguistas, principalmente na aldeia. As pessoas são pouco unidas. Não existem postos de trabalho “e assim Cachopo vai acabar por morrer”.
10	Falta de iluminação: “não há luz na rua”. Falta de postos de trabalho.
11	Falta de postos de trabalho. “Aqui há falta de tudo.”
12	Falta de médico:”o médico só vem cá duas vezes por semana, é uma vergonha, coitados dos velhotes que têm que dormir ali para conseguirem uma consulta”. Deveria existir um posto médico com atendimento permanente ou uma clínica privada.
13	Sente que têm o problema de falta de água no monte onde vive e os carros que recolhem o lixo deveriam passar com mais frequência.
14	“Falta de apoio aos jovens”. Não se promovem actividades para os jovens. Não há incentivos aos jovens para se fixarem na freguesia. A população não tem acesso facilitado a diferentes serviços: “o técnico da segurança social só vem uma vez por mês ou o médico duas vezes que por semana”. Se as pessoas quiseram uma informação têm que esperar um mês para tê-la, visto que o técnico só volta um mês depois da informação ter sido pedida. Se uma pessoa for a Tavira tem a informação na hora. Pensa que deveriam existir outros estabelecimentos comerciais: “aqui só há cafés, cafés e mais nada, não há uma loja”. Mas também pensa que seria complicado abrir uma loja em Cachopo que funcionasse bem. Tinha que ser uma loja em que “as coisas não fossem muito caras”. Pensa que a população não tem muito apoio por parte da Junta de Freguesia: “só pensam em fazer estradas”. Podiam fazer um festival de folclore mas não apoiam. Pelo menos podiam apoiar o que já existe.
15	Falta de ocupação dos tempos livres durante a semana. “Há muita má-língua.” As pessoas não são unidas e existem muitos conflitos entre as pessoas mais velhas. As pessoas mais velhas criticam os mais novos. “As pessoas são estúpidas e levam tudo para o mal.” Não existe informação de locais a visitar para os turistas. Não existe um polidesportivo coberto e os jogadores de futebol têm que ir treinar para Tavira. Na altura das eleições a Junta de Freguesia promete sempre e faz os projectos para o polidesportivo “mas depois estão quatro anos sem se ver nada, só vimos projectos mas não acontece nada”.
16	Se tivesse de começar por dizer mal de Cachopo começava pelo ‘Presidente da Junta’. Acha que as pessoas deviam perceber quem pode fazer alguma coisa pela freguesia. Nunca está na Junta. Se alguém o quer apanhar, apanha-se na horta de alguém a lavar. Só está na Junta quando o chamam para assinar papeis. Acha que não faz mesmo nada pela freguesia. Também acha que as pessoas de Cachopo são muito invejosas. Faria falta um Presidente de Junta que tomasse mão na freguesia: arranjar as estradas que ‘estão uma porcaria’, por exemplo a estrada para os Currais. Nunca há nada em Cachopo, nem há ninguém o puxe. Sta. Catarina já tem o bairro: puxa imensa gente nova - pensavam em ir para fora, mas como tinham ali um apartamento barato acabaram por ficar ali a viver. Em Cachopo iam fazer... não fazem nada ‘é só língua’. Na festa do imigrante que deveria chamar mais gente nunca há nada de especial.
17	Deviam existir mais actividades de lazer. Como é um meio pequeno existe muita rivalidade entre a população: “são as más-línguas”.

Entrevista n°	Problemas/ Pontos Fracos
18	Vê muitos problemas... Deviam fazer mais coisas para os jovens. Um exemplo: os escuteiros. Estavam muitos inscritos, mas não avançaram. Julga que era o Centro Paroquial que estava a dinamizar o processo, mas não sabe muito bem.
19	Não gosta de Cachopo pois pensa que é “limitado em todos os aspectos”. “Para mim está tudo mal. De momento nada me faria mudar e ficar a viver aqui.”
20	Pensa que as pessoas falam “muito umas das outras”. Não há postos de trabalho. Não há um jardim público. Poderiam existir mais actividades “para os jovens se entreterem”, como a natação. Existe uma piscina mas não oferece condições.
21	Falta de actividades, desertificação e falta de jovens. As pessoas são muito ciumentas. Podiam construir um campo coberto para realizar actividades desportivas.
22	Não sabe. Ficaria a viver em Cachopo se fosse maior e se tivesse mais condições de vida. Se tivesse trabalho as pessoas ficavam, mas como não há trabalho as pessoas vão-se embora. Se tivessem construído uma escola maior e um Centro de Saúde maior, para empregar as pessoas assim elas ficariam em Cachopo, não se iam embora.
23	Desertificação, mau acesso aos montes, necessidade de melhoria em algumas estradas, falta de emprego e falta de água.
24	Falta de meios - bombeiros. Os bombeiros deviam ser mais rápidos. Saúde - deviam existir mais médicos. As pessoas têm de estar muito tempo à espera para serem atendidos. Quando vai ao médico vai ao Centro de Saúde de Tavira por causa da falta de meios.
25	Não se está a desenvolver. Se se estivesse a desenvolver até podia não trabalhar em Jornalismo, mas poderia trabalhar na área da comunicação. É uma freguesia que está a ficar muito envelhecida. É verdade que se todos pensarem como ela nunca vai melhorar, sabe disso perfeitamente. Todos querem procurar trabalho fora. Se calhar se a autarquia, o Presidente da Junta, as Associações pensassem mais no local talvez os pudessem agarrar. Pensam muito pouco nos jovens. Se dessem mais apoio nas suas coisas – ex. de <i>footsall</i> : se dessem mais apoio tinham uma equipa mas têm pouco apoio. Tinha o clube mas o clube não suporta um campeonato se não houver vitórias, porque tinham um treino por semana. Um treino por semana não é nada, principalmente para quem não faz exercício físico nenhum. Precisavam de ser mais apoiados até psicologicamente, não era só com dinheiro. Se as pessoas puxassem mais dos jovens, os jovens davam mais de si. Ninguém puxa e os jovens também 'desligam'. Não há nada significativo - há o rancho mas mais do que o rancho. Se houvessem mais actividades, mais coisas para os jovens, pelo menos nos Fins-de-semana... Mais postos de trabalho. Não há postos de trabalho, agora não há em área nenhuma. Se houvesse mais desenvolvimento talvez houvesse mais postos de trabalho, mas está tudo parado aqui. Há 4 cafés, depois há uma taberna ou outra. A piscina se tivesse sido feita como inicialmente estava prevista, teriam de ter um nadador salvador. Menos um posto de trabalho. Era para ser maior - a piscina estava rota e tiveram de pôr mais uma camada sendo que ficou mais estreita e mais pequena. É um bocado negativa quanto à freguesia. É muito directa – com qualquer pessoa diz o que pensa. No outro dia estava com a Otilia e disse-lhe: 'Enquanto a freguesia for governada ou pelo Sr. Amílcar ou por si, ou por outro partido, isto não vai para a frente'. O Presidente da Junta é velho para puxar os jovens para qualquer coisa - tem outra mentalidade. É verdade que ajuda muito a agricultura - isso não se pode negar, mas os jovens não querem saber da agricultura. Ele não tem culpa, mas se vê que não dá devia puxar por outra coisa. A Sra. Otilia é mais pela Associação - quer fazer tudo e acaba por não fazer nada porque não consegue. Pensa em muita coisa e não faz nada. Acha que a freguesia tem muitos problemas: tem problemas de envelhecimento, promessas que não são feitas - têm problemas de falta de água há uns anos, procuraram resolver o problema há uns anos fazendo um furo mais alto mas só os que moram perto é que têm água de resto ninguém tem. No seu caso tem o seu furo próprio, mas de resto ninguém tem. A bomba trabalha durante todo o dia, mas evapora-se... desaparece. Já disseram que deste Verão não passava e que iam todos ter água... desde Abril ou Maio que não têm água... O desporto não está apoiado: o clube não tem verbas, o dinheiro que ganha na Maratona é gasto na Maratona - lucros não vê muitos. Estão a ter muito sucesso no que estão a fazer - estavam no distrital, agora estão no regional... mas como é que se vão aguentar se têm fazer viagens para fora do Algarve? Têm bons atletas, mas se também ninguém ajuda é um bocado difícil. Outro problema grande na freguesia e porque estão na maré de incêndios – 'nada foi limpo este ano'. O ano passado tiveram um fogo grande. Se arder um bocado arde a freguesia toda porque não está nada limpo. As bermas não estão limpas - as pessoas fumam nos carros, deitam as beatas para a estrada e ninguém se preocupa com isso. Ninguém está muito preocupado com isso, estão mais preocupados com a festa do fim de semana - que no seu entender não irá dar lucros nenhuns pois não vem ninguém de especial. 'Eu acho que a freguesia é um problema, sinceramente!'. Para resolver os problemas: 'Mudem o Presidente da Junta! Ponham uma pessoa jovem, uma pessoa que dinamize...' As pessoas não votam pelas pessoas que se candidatam, mas votam pelos partidos. Dá o exemplo de Tavira que sente que está mudada e em que se denota dinâmica: tem muito a ver com o Presidente que fala com qualquer pessoa e nota-se a mudança. Quando era mais jovem pensou em candidatar-se, mas agora já não: 'O quê? Uma rapariga? Fora! Jovem? Fora!'. Precisavam de um bar para dinamizar Cachopo - só que há um problema: iam os jovens para lá mas depois iam os outros para olhar e o pessoal mais jovem não gosta disso. Vão para fora por causa disso: 'Nós queremos fugir aos olheiros, como se diz na gíria...' Se a mentalidade não mudar, os jovens vão-se embora de Cachopo.
26	Para a nova geração não vê, em Cachopo grandes perspectivas de emprego. Se criarem emprego acha que não será nada que o cativa para ficar a viver em Cachopo. Se calhar, se houvesse em Cachopo aquilo que gostaria de fazer em termos profissionais, se calhar até ficaria a viver em Cachopo. Acha que à falta de dinheiro da Junta de Freguesia para dar mais condições a toda a gente. Nas festas não vem ninguém de jeito. Fazem duas festas, mas é o mesmo que não fizessem nenhuma. Nos arredores fazem festas que convidam pessoas de nome, ao passo que em Cachopo não vem ninguém de jeito. À festa só vem 'velhada'. Acha que deviam agradecer a todos: faziam um dia de festa para agradecer aos mais velhos e outro para agradecer aos mais jovens. Também acha que, se calhar, se fizessem festa só para os jovens, também só eles é que participariam. Vão porque não há mais nada.

Entrevista n°	Problemas/ Pontos Fracos
27	O presidente não faz nada. Promete alcatroar estradas, na altura das eleições, mas não faz nada. É mais voltado para os mais velhos. Outro ponto negativo é o “banco da má-língua”. Existem alguns conflitos entre gerações: “os velhos dizem logo que a gente anda a fumar um charrinho (...), compramos pastilhas e eles dizem que são mortalhas”. Por vezes vai à noite para a fonte férrea com os amigos e surgem comentários (dos “detectives” e “olheiros” (expressão referida por outro entrevistado) e dos “má-língua”) “pela aldeia toda”, por parte da população mais velha: “o que é que eles vão ali fazer para o escuro”. “Isto é uma mentalidade medieval”. Se um rapaz usar brinco “chamam logo mariquinhas e drogado”.
28	O envelhecimento da população. A distância em relação à sede de Concelho. Falta de incentivos para a fixação na população na freguesia, como trabalho, indústria. A indústria em Cachopo aproveitaria os vários recursos da freguesia. O desenvolvimento passaria pela certificação de produtos como o mel, medronho, aguardente, licores e produtos regionais como os enchidos e presunto. Podia existir uma salsicharia ou uma queijaria, o que criaria novos empregos para os jovens. Existem muitas mulheres na faixa estaria dos 30 e 40 anos que também precisam de emprego. Não trabalham porque estão desempregadas e não por opção. Pensa que a taxa de desemprego na freguesia é elevada.
29	Problemas: ‘O Presidente é um deles!’ Acha que o trabalho não é visível. O que pedem para que ele faça ele não faz.
30	‘Não há actividades nenhuma para os jovens. As pessoas dão-se um bocado mal umas com as outras... É a política.’ Isso acontece apenas entre os adultos. Há falta de casas – os jovens que querem ficar em Cachopo não têm habitação. As pessoas que querem vender pedem preços exorbitantes pelas casas. Por isso os jovens saem de Cachopo. Deveriam fazer habitação – como está previsto no bairro, mas não avança. Podiam fazer uma escola, já trazia mais jovens - aquela vão retirar, os jovens não ficam na terra então vão retirar as escolas. Podiam vir indústrias. Não há nada. Não há emprego.
31	É uma freguesia que está a envelhecer e os jovens não se estão a fixar. Vão procurar outras oportunidades fora. Deviam existir mais incentivos para fixar os jovens na freguesia. Há muitos jovens que deixam de estudar e vão para fora ganhar a vida. Devia haver mais postos de trabalho, mas a crise sente-se em todo o lado e mais particularmente nos meios interiores. Deviam eliminar muita política... para fazer qualquer coisa são anos e anos à espera. Isso acaba por prejudicar. Não se tem potenciado nada o potencial da freguesia: ‘é mesmo dinheiro para jogar fora’. Gastaram um ‘balúrdio’ na rotunda. O Polidesportivo está ao abandono. O campo de futebol de 11 está ao abandono. Diziam que iam fazer um campo de basket mas não vê nada. Diziam que iam fazer um bairro social, mas também não vê nada. ‘Enfim...’
32	Desertificação e o facto de não existirem muitos jovens na freguesia. O desenvolvimento económico é pouco, não há emprego nem construção.
33	O acesso à saúde é um problema. A freguesia tem uma população muito envelhecida que necessita frequentemente de cuidados de saúde. Só há médico duas vezes por semana. E as pessoas têm que se deslocar a Tavira ou a Faro e “é uma viagem longa para quem está doente”. A freguesia deveria ter um médico todos os dias. As estradas não estão em boas condições, os caminhos deviam ser alcatroados. Não há incentivo para a fixação dos jovens mas não sabe o que se poderia fazer.
34	Os caminhos para os montes deviam ser todos alcatroados. Poderiam existir parque de merenda nas bermas das estradas. Pensa que a habitação é um problema para os jovens o que os faz “ir lá para baixo”, há falta de habitação para os jovens.
35	Falta de médico. Inexistência de um campo de futebol para os jogadores. Já participou na equipa de futebol feminina mas acabou por desistir pois não tinham local para os treinos. Não existem actividades de lazer para os jovens.
36	“O maior problema são as pessoas que falam coisas que não devem”.
37	Falta de postos de trabalho. Os restaurantes e cafés não empregam ninguém, “põem a família a trabalhar”. As estradas estão “péssimas”. Não existem actividades de lazer para os jovens, nem programas que as promovam. Podia existir turismo rural na freguesia, o que iria oferecer vários postos de trabalho. Os problemas poderiam ser resolvidos caso existissem “mais verbas” ou mesmo por iniciativa de privados. Falta de médico, as pessoas têm que se deslocar para Tavira para ir ao médico, se for uma situação de emergência. As consultas médicas em Cachopo são poucas e se uma pessoa tiver uma emergência, muitas vezes não é atendido porque não há vagas e tem que ir para Tavira. É melhor, também, ir a Tavira fazer as compras de supermercado, calçado e vestuário, porque em Cachopo é tudo muito mais caro.
38	Não existe médico, nem sempre dá consulta. O centro de saúde mais próximo é Tavira ou o Hospital de Faro. Os acessos são maus, as estradas estão ruins. Não há emprego sobretudo para quem vive nos montes mais afastados. Pensa que estes problemas poderiam ser melhorados se a Junta de Freguesia e CMT tivessem mais atenção, arranjar as estradas, criar actividades de emprego, comercializar produtos de Cachopo e abrir uma livraria.
39	São as grandes zonas de mato, o elevado número de idosos que necessitam de apoio, a falta de água nem todos tem acesso a esta, as estradas em mau estado e a falta de emprego em Cachopo. Podia-se arranjar as estradas, maior apoio aos idosos.
40	os problemas são o desemprego, o isolamento social, não existirem infra-estruturas que criem empregos. Não há uma escola em condições, lar e um pavilhão desportivo.
41	As estradas são más. Por vezes há falta de água, e de luz mais raramente, em alguns montes. Inexistência de serviços, como bancos ou um mercado, o que faz com que a população tenha que se deslocar a Tavira. Esta situação é mais complicada para a população mais idosa.

Entrevista n°	Problemas/ Pontos Fracos
42	O maior problema é a utilização das ambulâncias (?). Falta de água. Em Cachopo faz falta um campo de tiro, um campo de futebol, uma piscina e um jardim público. Falta de postos de trabalho o que leva com que os jovens saiam de Cachopo para as cidades. Se houvesse mais postos de trabalho pensa que muitos jovens não saiam de Cachopo. O problema dos jovens é, por um lado, a sua falta de iniciativa e união, e por outro, a falta de apoio financeiro da autarquia. As pessoas deveriam arranjar/recuperar as suas casas e aproveitar melhor as suas terras: "têm as terras e não as lavram, deviam cuidar mais das coisas".
43	Falta de emprego, falta de oportunidades para fixação em Cachopo, não há habitação social., as casas são muito caras, não se pode construir, as acessibilidades aos montes, falta de água no Verão, falta de apoio da Junta de Freguesia. Os problemas poderiam resolver-se alcatroando as estradas, construindo habitação nos montes e aldeia (com planeamento).
44	"Os problemas é o enfraquecimento demográfico e a desertificação" (não há pessoas).
45	Os problemas são as estradas, os buracos, o pouco emprego, não sabe que actividades poderiam ser desenvolvidas para melhorar a freguesia,
46	Os problemas são a falta de contentores do lixo, os arruamentos nos montes, a falta de emprego, a desertificação. Precisavam de mais carrinhas para vir a Tavira e de uma fábrica que desse emprego. Tem a cooperativa mas não fazem nada.
47	Os problemas é falta de baldes do lixo, contentores de reciclagem, e as estradas que estão em mau estado.
48	População envelhecida, as pessoas não aproveitam o que a terra lhes dá, vivem com a reforma e estão conformadas. As pessoas de fora têm receio de investir na Serra, com "receio que não dê frutos". Em relação às acessibilidades, sabe que não se pode exigir muito, gostaria apenas de ter os acessos mínimos a alguns montes. Refere ainda o problema da falta de água sobretudo no Verão.
49	Pensa que "as pessoas são muito intriguistas, estão sempre a falar mal umas das outras, os conflitos entre uns jovens e outros, discutem com qualquer coisa e depois estão algum tempo sem se falarem". Podia existir um bar para a juventude, um grupo de jovens. Se fosse Presidente fazia um centro comercial, uma discoteca, mais apartamentos, um hospital, uma papelaria.
50	Os jovens estão desempregados. "Se tivessem trabalho não se iam embora daqui." As estradas não estão boas. Falta de apoio médico mais frequente. A distância, isolamento, no caso de acontecer alguma coisa. Devia haver uma forma de incentivar as pessoas. As pessoas vão para fora trabalhar mas voltam ao fim-de-semana porque gostam.
51	O maior problema são as pessoas. A falta de privacidade. As pessoas são muito tradicionais. As pessoas acomodam-se, queixam-se que não há trabalho, "mas as pessoas em Lisboa ou no Porto fazem duas horas para chegar ao trabalho e mais duas para voltar para casa e aqui têm que ter o trabalho logo à porta".
52	Falta de emprego para os jovens e habitação. Incentivos para os jovens ficarem em Cachopo.
53	"Tantos". "Gastam o dinheiro mal gasto". As estradas poderiam ser arrançadas. Podiam fazer uma discoteca.
54	A estrada perto da sua casa está em mau estado. "Todas as estradas da freguesia foram arrançadas com uma máquina niveladora e aquela não foi". Pensa que a estrada tem que ser arrançada mesmo que sejam poucos a utilizá-la. Os caminhos deviam ser alcatroados. Pensa que os jovens abandonam a freguesia por estarem num local isolado, longe dos grandes centros onde existe tudo o que se necessita. Falta de emprego. O emprego que existe tem baixos ordenados comparativamente às cidades. Os jovens acabam por não quer ficar sozinhos porque os amigos vão todos embora: "é um ciclo e vão todos embora". O principal é criar postos de trabalho estáveis e permanentes: "os projectos florestais e a cortiça são só para uns meses". O potencial da freguesia tem sido bem aproveitado.
55	As estradas, a falta de emprego.
56	As obras do lar de terceira idade estão muito atrasadas e podem criar novos postos de emprego. Um bar onde os jovens se pudessem encontrar.
57	Na generalidade os jovens que vão embora de Cachopo não planeiam voltar "e os velhotes estão a morrer". Os jovens que passam os fins-de-semana em Cachopo vão para estar com a família mas pensa que quando esses familiares falecerem Cachopo fica despovoado (desertificação). Isto poderia ser contornado com a criação de novos postos de trabalho. O potencial da freguesia não tem sido aproveitado. Poder-se-ia fazer publicidade ao local para atrair turistas e possíveis futuros moradores "que dêem valor à qualidade de vida que temos cá". Criações de alguns serviços básicos como correios e finanças para as pessoas não se deslocarem constantemente "a Faro ou Tavira para resolver os seus problemas". A freguesia não oferece meios de transporte para a população idosa que vive mais isolada. A dificuldade de acesso à saúde.
58	Não existem condições (trabalho/habitação) em Cachopo. As estradas são más, não existe emprego, população envelhecida.
59	Falta de habitação e de emprego. Não existem os "grandes hipermercados nem as lojas de comprar a roupa" mas existem outros estabelecimentos comerciais que são suficientes. Pensa que o não ter estes grandes estabelecimentos "é bom porque assim sempre vamos dar uma voltinha a Faro". Existem os bombeiros, médico, enfermeiro todos os dias, o Centro de Animação Infantil, uma escola. Pensa que Cachopo tem falta de crianças "porque idosos temos com fartura".
60	Falta de postos de emprego para os jovens. As casas dos montes deveriam ser arrançadas. Poderia existir uma discoteca. Deveriam existir alojamentos turísticos para atrair pessoas para a serra.
61	Pensa que o presidente da Junta nunca faz nada, é uma pessoa muito pouco formada e que não faz nada por Cachopo porque pensa que Cachopo tem tudo. "Se ele não faz nada como é que nos conseguimos?" Não existem actividades nenhuma ao fim-de-semana.

Entrevista n°	Problemas/ Pontos Fracos
62	O maior problema é a “falta de jovens”. Não há postos de trabalho para os jovens.
63	O maior problema é a falta de emprego. Mas mesmo se existisse mais emprego os jovens acabavam por partir para a cidade.
64	As acessibilidades, falta de ocupação nos tempos livres, falta de emprego. Poderia existir um ponto de encontro para os jovens.
65	“Muitos, falta de amizade entre as pessoas.” Pensa que a falta de união e a inveja entre a população é o principal problema. Pensa que este problema nunca vai ser ultrapassado. Pensa que a caça também é um problema por causa das reservas: “é só para meia dúzia deles, o resto são os coitadinhos que andam a ver navios”. O futebol também não é para todos: “é só para meia dúzia deles”. Os sócios pagam as cotas mas quando recebem apoios gastam o dinheiro “em grandes almoçadas e em jantares”. Existe o problema de falta de água no Verão. Quando falta a água da rede a população dos montes utiliza água dos poços. Os caminhos não estão em boas condições.
66	Cada vez mais, os jovens sentem-se sem condições para residir na freguesia. Gostaria que se fizesse mais pela freguesia e se promettesse menos.
67	Trajecto, desertificação.
68	Existe falta de emprego o que leva os jovens a sair de Cachopo para as cidades. A falta de ocupação dos tempos livres também.
69	“Falta de jovens”. Falta de postos de trabalho para os jovens.
70	Não existem investimentos por parte das empresas e maus acessos.
71	Percursos maus, dificuldade em arranjar emprego.
72	Os maiores problemas que refere são os acessos para os montes, falta de um espaço para convívio para os jovens, e gostaria que os jovens tivessem uma pista de <i>cross</i> .
73	Maus acessos, problema da água, falta de emprego, os jovens já não querem trabalhar na agricultura.
74	O problema da água no Verão, quando escasseia vão buscar água na ribeira, mas esta não é própria para beber. Deviam fazer mais estradas, falta de emprego, devia haver mais apoio para os idosos. Dificuldades para construir casa (PDM). Sugere, para criar emprego, a construção de um Lar em Cachopo e lavar o mato.
75	O percurso Cachopo – Tavira deveria ser melhorado. Faz falta uma padaria
76	Maus acessos aos montes, podia-se investir na reflorestação/apicultura que daria frutos a longo prazo, a Junta de Freguesia não dá informações/divulgações à população e estes acabam de não beneficiar de certos apoios que poderiam ter (ex.: Programa AGRIS). Existe também o problema da água, em certos montes têm que lavar a roupa na ribeira, algumas pessoas abusam pois utilizam a pouca água que existe para a rega das hortas em vez de ir á ribeira. A medida AGRIS contempla furos e a Junta deveria pensar numa rede de abastecimento de água aos montes. Os idosos são esquecidos. Enquanto estes problemas não forem resolvidos, as pessoas não se irão fixar na freguesia, é essencial o bom acesso e conforto que as pessoas teriam muito gosto em ficar lá.
77	As condições das estradas (estão em mau estado: “no Inverno é uma porcaria, é só lama”. Dificuldade de acesso à saúde: “Ir ao médico é outro problema”. O médico tem um dia marcado para ir a Cachopo mas nem sempre vai ou vai só na parte da manhã. A população tem que se deslocar a Tavira para ir ao médico. Pensa que há pouca água. Vai utilizando a água do tanque e pedindo à mãe.
78	As estradas estão em mau estado. Gosta de viver “no monte, não o trocava pela aldeia”. Por vezes não têm água. Foi aberto um furo mas por vezes seca. Pensa que o potencial da freguesia tem sido bem aproveitado.
79	Falta de união entre os residentes, apatia e conformidade relativamente ao fenómeno da desertificação, população extremamente envelhecida, saída dos jovens, falta de emprego, grande distância aos serviços públicos... Estes problemas poderiam ser resolvidos conjugando esforços por parte dos poderes públicos, associações e entidades privadas com capacidade de investimento.
80	Os principais problemas é a desertificação, a incapacidade da freguesia se regenerar em termos populacionais, a falta de trabalho. Poderiam resolver-se alguns destes problemas se criassem postos de trabalho, tipo empresas rurais, micro empresas, ...
81	Tempo que se perde no trajecto para Cachopo, Falta de emprego, etc.

### Identificação das potencialidades e recursos do território

Entrevista nº	Pontos Fortes
1	Continua a ir a Cachopo pela família e pelos amigos de infância. Pensa que poderia existir outras actividades sem ser o futebol. Podia existir um cinema, uma discoteca, um ginásio, um campo coberto, uma piscina em condições (com tratamento da água), uma pista de <i>motocross</i> , campeonatos de <i>snooker</i> , de jogos tradicionais (como jogos de cartas). Ficaria a viver em Cachopo se tivesse uma namorada. Mesmo assim tentava que ela quisesse ir para a cidade.
2	A gastronomia e a população. O potencial da freguesia não tem sido bem aproveitado. Falta de investimento “mas lá em baixo há mais pessoas para comprar, cá só ao fim-de-semana”. Ficaria a viver em Cachopo se tivesse um emprego estável, “recebo sempre ao fim do mês e pago as minhas despesas”.
3	Paisagem, os fumados, é um sítio calmo. Existe um museu, a igreja. Ficaria em Cachopo pela família e amigos.
4	Cachopo tem um “bocadinho de tudo o que é essencial para as pessoas viverem”. Tem uma biblioteca, uma videoteca, um museu, mesmo que pequenos. A freguesia é mal aproveitada. Podiam fazer mais cursos para os jovens, incentivar os jovens na criação do seu próprio emprego.
5	Ser calmo - não tem nada a ver com a cidade: ‘eu antes dizia que gostava muito de viver na cidade, agora que estou lá adoro estar aqui. Gosto mesmo. Se calhar, antes de sairmos daqui achávamos que isto aqui era uma chatice e não havia nada para fazer. Mas agora que estamos lá em baixo achamos que isto é bom, não sei... é diferente’. Se houvesse mais emprego ficaria a viver em Cachopo - é esse factor que a está a ‘empurrar’ para viver na cidade.
6	A paisagem, a família e os amigos.
7	Não responde. Quer continuar a viver na freguesia se continuar a ter emprego.
8	No geral, as pessoas são simpáticas, são boas, a simplicidade humana, a gastronomia, a zona é muito bonita. O potencial da freguesia não tem sido aproveitado, “nada, zero”. Podia-se fazer uma pensão, podiam organizar percursos. Podia fazer-se um Centro de Acolhimento para crianças. Pela namorada ficava em Cachopo. Quando tiver filhos pensa que lhes poderá dar uma maior qualidade de vida fora de Cachopo. As cidades oferecem mais serviços: “preciso de ir a correr a um Centro de Saúde e fica logo ali.”
9	O clima. “O amor à terra” faz com que queira continuar a viver em Cachopo. Pensa que o potencial da freguesia não tem sido bem aproveitado. A criação de empresas não tem sido facilitada: “já tentaram fazer padarias e uma salsicharia e não deixam”.
10	Não responde. Enquanto tiver trabalho continua a viver na freguesia “mas amanhã não se sabe”.
11	“O ar puro, o descanso, o sossego”. O facto de estar isolado, “longe de tudo”. Não gosta da cidade. Pensa que o potencial da freguesia “podia ser melhor” aproveitado. Deveria haver um maior esforço dos “presidentes que por aí têm passado”. Podia existir um roteiro turístico que mostrasse “tudo aquilo que a serra tem de bom”. As autarquias deviam recuperar as casas antigas e os moinhos. Ficaria a viver em cachopo se tivesse um emprego estável e que gostasse. “Não vou ficar aqui para andar atrás das ovelhas.”
12	O ar puro. O convívio entre os jovens. Pensa que são necessárias pessoas de fora, “o que as pessoas da serra chamam estrangeiros” com novas ideias e com possibilidades de investir em turismo e zonas de lazer. Se fosse Presidente da Junta tentaria apostar no turismo, dar a conhecer as potencialidades de Cachopo, “mostrar os moinhos antigos, tentar arranjar as ruínas”. Podia existir turismo rural, um campo de ténis, uma discoteca para os jovens não terem que se deslocar para outros locais. Gostava de organizar pesca desportiva, na barragem que fica na zona do Monte da Ribeira, o que iria atrair novas pessoas para a região. Nas zonas com uma população envelhecida podiam-se dar estímulos para os jovens se fixarem: “podiam ajudar a pagar as casas”. Podia-se organizar o Motoclube de Cachopo. Pretende continuar a viver em Cachopo se tiver um emprego.
13	É um sítio calmo, bom para viver. Pensa que o potencial da freguesia tem sido bem aproveitado. Ficaria a viver em Cachopo se trabalhasse na sua área (informática).
14	O ar puro, a família e os amigos. Acha que a freguesia poderia estar mais desenvolvida em termos turísticos. Podiam existir roteiros turísticos para mostrar o que a freguesia tem de bom. Só ficaria a viver em Cachopo pela sua família e amigos. Só exercia em Cachopo a sua actividade profissional “em último caso”.
15	A freguesia tem bons locais para se poder fazer diversos desportos radicais. A natureza, os amigos. O potencial da freguesia não é bem aproveitado. Não permitem o investimento privado na freguesia, “dizem que está fora da dinâmica da freguesia”. O tio tentou fazer um Centro de Inspeções e não autorizaram, uma tecelagem também não foi autorizada. A própria Junta de Freguesia faz parte daqueles pessoas que estão sempre a criticar os jovens. As actividades em que participa são organizadas por si e pelos seus amigos: “os passeios de BTT”. Ficaria a viver em Cachopo caso a freguesia “crescesse”. O seu sonho era abrir um bar, “mas uma coisa grande mas isto não dá mesmo para fazer”. Pensa que vai ser complicado realizar este sonho pela população da freguesia: “é aquilo a que a gente chama de bufos, estão sempre a deitar a baixo, sempre a falar, a piorar a situação das outras pessoas, não tentam ajudar”. Estes problemas não existem entre os jovens. Os jovens são mais unidos.
16	Cachopo é sossegado. Ao fim de semana adora, porque está junta com os primos e amigos. De bom tem o ar puro. É uma aldeia simples. Foi criada na aldeia e acha que isso é bom. Mesmo que tivesse muitas coisas más acha que iria sempre gostar da aldeia. Se tivesse um emprego e uma casa ficaria a viver em Cachopo.

Entrevista n°	Pontos Fortes
17	Não existe o stress da cidade, é mais calmo, “dá para descansar”. Sente que há uma união grande com os seus amigos e na cidade não é assim pois as pessoas não se conhecem. O potencial da freguesia tem sido “mais ou menos aproveitado”. Existe a biblioteca com computadores e música mas raramente a população a frequenta. “Tem sido mal aproveitada.” Podia-se fazer sessões de cinema na biblioteca o que iria chamar as pessoas, por exemplo. Só ficaria a viver em Cachopo caso conseguisse ter um “consultório de psicologia ou dar assistência às pessoas” mas pensa que será difícil, “só se isto desenvolvesse muito”.
18	O que há de melhor agora é a piscina. No Inverno não há grande coisa. Acha que nada a faria ficar a viver em Cachopo.
19	Pensa que é uma zona produtiva, “ao nível das hortas”. Não tem lidação com muitas pessoas mas “algumas são fixe, outras querem saber de tudo, e assim prefiro ficar no meu canto”.
20	Cachopo é um local calmo, “diferente da cidade” e bonito. Aconselharia aos amigos uma visita à fonte férrea. Ficaria a viver em Cachopo pelos amigos. Mas como pode estar com eles durante o fim-de-semana preferia viver fora. “Isto só aos fins-de-semana”. A cidade oferece coisas que Cachopo não oferece, “lá há mais coisas para fazer, aqui não há assim muita coisa”.
21	O que Cachopo tem de melhor é o ar puro, sossego, os recursos como a piscina que está mal aproveitada. Ficava a viver em Cachopo se tivesse uma “estrada boa”.
22	É uma zona mais calma.
23	Existem sítios lindos que poucas pessoas conhecem, paisagens, gastronomia (enchidos, pão, carnes, bebidas), pessoas acolhedoras. Dever-se-ia divulgar o que existe de melhor na Serra, tipo um “Posto de Turismo”. Se houvesse trabalho para ele e para a namorada e condições para viver em Cachopo, sem dúvida, que ficaria na Serra.
24	O convívio entre as pessoas - essencialmente é isso. Quer ficar em Cachopo por essa mesma razão.
25	Cachopo é calmo... ‘é o barulho dos pássaros que eu adoro’. Cachopo é muito bonito - foi-se apercebendo disso depois de estar muito tempo fora. Pensaram uma vez em criar escuteiros - houve inscrições mas nunca mais. Fizeram uma coisa boa – a ponte: está muito giro. A piscina também um factor positivo. Acha que a paisagem é linda. O que puxa um pouco as pessoas é a paisagem, a paz que tem... É bom estar em Cachopo uns tempos ‘porque as pessoas fartam-se de tanta calma...’. As pessoas em si - são todos muito unidos. Quando saem são logo 6 a 7 carros juntos e vão rodando - os carros vão sempre cheiros, são sempre vinte e tal pessoas a 30 que saem. É disso que sente falta – vai-se embora em Outubro e vai sentir falta. Nada lhe vai fazer ficar em Cachopo - só o desenvolvimento e em 2 anos, como vai acabar o curso em breve... talvez num futuro mais longínquo venha morar em Cachopo. É muito difícil o desenvolvimento em Cachopo - há muito pouco espaço para construção de casas. É muito difícil comprar terreno na freguesia porque as pessoas não vendem. Também está muito difícil para construir - parece-lhe que o Governo não incentiva os jovens a construir casa, mas a construir já feita.
26	O que há de melhor em Cachopo é o ambiente - adora os caminhos, o ar, andar de mota. Gosta da serra. Todos se conhecem - é diferente de uma cidade grande. Aqui todos se falam - é divertido. Há desvantagens: há intrigas, falam mal uns dos outros. Ficaria em Cachopo se tivesse trabalho, uma vida mais ou menos estável, e sentir-se realizado.
27	‘Curto bué de viver aqui’ - porque se conhecem uns aos outros, apesar de alguns ‘se tentarem lixar uns aos outros’: às vezes são capazes de ‘lixar um gajo’ por causa de uma rapariga - ‘raparigas há muitas, amizades há poucas, não é?!’. Mas também são problemas que passam rápido. Podiam ter alguma coisa, tem um salão por exemplo na Casa do Povo, não estão a fazer nada, compravam 3 ou 4 mesas de <i>snooker</i> , 3 ou 4 mesas de <i>ping pong</i> , mais uma ou duas mesas de matraquilhos e os jovens estavam lá uma tarde inteira e ainda lucravam com aquilo. Não fazem nada disso - ninguém quer aquilo para nada, porque não hão-de fazer coisas assim?! Gosta da paisagem de Cachopo. É uma terra pequena dá para se estar mais à vontade. Vive-se ‘sem regras’, faz-se aquilo que dá na cabeça.
28	O sossego, a fonte, as diversas actividades aos fins-de-semana, o ar “fresco”, a gastronomia. Existe uma escola que foi transformada e onde os visitantes podem ficar a dormir. Se tivesse trabalho ficaria a viver em Cachopo: “sem dúvida”.
29	Fonte Férrea, Centro de Dia, o novo centro que estão a construir, a escola – mas dizem que vai fechar e não sabe porquê (‘deve ser por haver menos crianças’); o Centro Infantil, a Igreja. Poderia haver uma casa em que os jovens pudessem conviver, com computadores. Se fizessem em Cachopo um posto da polícia, se conseguisse entrar, ficava em Cachopo. Até fazia falta, só há em Martinlongo.
30	De melhor - ‘o ambiente... calmo’. Acha que não se conseguia adaptar à cidade. Como gosta de estar em Cachopo não consegue identificar mais pontos fortes. Quer ficar a viver em Cachopo, pois tem aí as suas raízes - gosta. Já conhece as pessoas.
31	O que gosta em Cachopo é da natureza: água, árvores. Para si funciona como uma terapia: sai de casa vai andar pelo campo, como uma terapia para “ <i>destressar</i> ”. A fonte é uma coisa boa. Quer ficar em Cachopo para estar perto da família, é muito agarrado à família.
32	O meio ambiente, paisagem, a verdura poderia ser aproveitado para turismo. Ficaria em Cachopo a viver se tivesse “alguém muito especial”.
33	“É mais sossegado que as cidades. Mas não vejo grandes vantagens em morar cá.” Pensa que o potencial da freguesia não tem sido bem aproveitado mas não sabe explicar. “Isto é muito monótono”. Não ficaria a viver em Cachopo, nada a convenceria.
34	Não há a criminalidade que existe nas cidades, não há poluição, as pessoas convivem mais umas com as outras. Mas ainda existem muitos conflitos entre algumas pessoas “e devíamos viver todos como uma família”. Ficaria a viver em Cachopo caso tivesse um bom emprego.

Entrevista nº	Pontos Fortes
35	É um local calmo. Existem diversos locais para visitar, “as paisagens”. Não sabe se o potencial da freguesia tem sido bem aproveitado. Ficaria a viver na freguesia porque é a terra onde nasceu, conhece muitas pessoas.
36	A piscina para tomar banho no Verão e passar as tardes com os amigos. Pensa que o potencial da freguesia tem sido bem aproveitado. Existe um museu, foram recuperadas “várias coisas antigas”. O campo de futebol não tem sido bem aproveitado. Ficaria a viver Cachopo se tivesse um emprego.
37	A fonte férrea, a ribeira, as paisagens. Pensa que o potencial da freguesia não é bem aproveitado. Há falta de iniciativa, de vontade de fazer novas coisas, de dinheiro. Ficaria a viver em Cachopo se tivessem (o marido também) um trabalho estável. O problema dos jovens é a falta de trabalho. Mas não só, há muitos jovens que não gostam da freguesia, preferem viver nas cidades. Mesmo que tivessem emprego não ficavam.
38	Aspectos positivos são a fonte férrea (que está mal aproveitada podiam reformular o café); a paisagem. Ficaria em Cachopo se tivesse “um trabalho e um marido que quisesse ficar em Cachopo”.
39	O melhor da freguesia de Cachopo é a tranquilidade, o ar, o sossego, e a calma. Podia-se aproveitar estes recursos para turismo, safaris e passeios à ribeira aos monumentos históricos (precisa de divulgação ao nível histórico). Ficaria a viver em Cachopo se tivesse boas condições vida, depende das circunstâncias da vida.
40	O melhor de Cachopo são as pessoas (algumas), a beleza da serra. É preciso investir na serra. Não tem aproveitado bem o potencial da freguesia. Ficaria a viver em Cachopo se tivesse “boas condições de vida um emprego fixo.”
41	O ar puro e o sossego. Pensa que o potencial da freguesia não tem sido bem aproveitado mas não sabe o que se poderia fazer... Não quer continuar a viver em Cachopo para sempre. Prefere ir para Tavira, “tem as coisas mais à mão”.
42	Um dos cafés de Cachopo. O potencial da freguesia “tem sido muito mal aproveitado”. A fonte férrea, houve verbas para fazer um campo “e não o aproveitaram e não sei onde é que esse dinheiro foi”, houve verbas também para fazer “um clube e também não sei para onde é que esse dinheiro foi”.
43	O melhor são as pessoas acolhedoras, a natureza a beleza da paisagem, a gastronomia. Ficaria a viver em Cachopo por tudo o gosto pela família pelos amigos e se tivesse as condições que existem no litoral
44	Os aspectos positivos pouca coisa, “Cachopo não tem nada de bom, não é como o litoral”. Ficaria em cachopo se tivesse um trabalho.
45	o que cachopo tem de bom é que as pessoas estão à vontade. Se tivesse um emprego que gostasse ficaria a viver em Cachopo.
46	o que tem de bom é a biblioteca, a fonte, a piscina, o museu, as associações de caçadores. A piscina não é bem aproveitada, não tem luzes. “Esquecem-se de cachopo”. Ficaria a viver em Cachopo pelos pais.
47	O que tem de melhor as pessoas, os amigos, a piscina e a fonte férrea. Ficaria em Cachopo se tivesse um emprego na aldeia, não no monte de Carne de Serva.
48	A sua geração dá-se muito bem, as pessoas são hospitaleiras. Tem uma natureza magnífica e gastronomia muito boa, que poderia aproveitar-se melhor. Se tivesse as mesmas condições que usufrue em Faro, e possibilidades de ensino para a filha, iria viver em Cachopo com certeza.
49	O lar dos idosos, o centro de dia, “mais nada”. A ponte férrea é bonita.
50	É uma freguesia muito calma. Devia-se aproveitar mais o que existe. Podia haver um posto de turismo para dar a conhecer, “há coisas muito bonitas cá para ver”.
51	É um local calmo e mais barato. Não se tem aproveitado o potencial da freguesia, “as pessoas não aderem a nada, às coisas novas”. Gosta de viver em Cachopo pois é calmo. Como tem carro “às vezes vou aos centros comerciais, também preciso dessas coisas”.
52	Gosta das pessoas, “do dia-a-dia, apesar de ser sempre a mesma coisa”. Gosta do ambiente, da terra. Já trabalhou em Faro mas quis voltar, “aquilo era o inferno”. Aqui todos se conhecem, todos se ajudam. A família faz com que queira continuar a viver em Cachopo e o namorado.
53	É um sítio calmo.
54	Ficaria em Cachopo se o seu negócio tivesse sucesso: “anda tudo à volta do dinheiro e do bem-estar”.
55	Paisagem, as pessoas, a gastronomia.
56	Cortiça, a natureza, a calma. Para ficar a viver em Cachopo precisa de um emprego com um ordenado “de jeito”. Mas em princípio só quer viver em Cachopo ao fim-de-semana. A cidade oferece “mais coisas, posso ir ao cinema, à praia, isto aqui não há nada”.
57	A paisagem, a hospitalidade da população, os laços entre a vizinhança. Ficava a viver em Cachopo pelo “sossego mas era complicado ficar cá”. Pensa que são tantas as coisas que fazem falta na freguesia (a saúde, os amigos que já partiram, actividades de lazer como o cinema? que dificilmente ficaria a viver em Cachopo.
58	Nasceu e sempre esteve em Cachopo. A calma, tranquilidade, poder estar junto da família. Gostaria de poder contribuir para o aumento da população.

Entrevista n°	Pontos Fortes
59	A gastronomia, a hospitalidade da população. Cachopo é muito bonito. Mas devia existir uma informação turística, um roteiro “para as pessoas verem como isto é bonito e bom”. Existe o museu, a fonte férrea, as Pedras Altas (?) na Mealha. O café do parque de merendas na fonte férrea está mal aproveitado: “tem cadeiras de plástico, toldos, um painel luminoso, aquilo fica horrível”. O material deveria ser em madeira para ser mais tradicional. Existe uma rivalidade entre os donos dos cafés: “porque eles falam e falam e depois falam mal de nós”.
60	O sossego. Não sabe se o potencial da freguesia tem sido bem aproveitado. Se tiver trabalho não quer sair da freguesia. Poderia sair da freguesia por um emprego bom, com um ordenado bom.
61	Cachopo “tem boa gente”, o ar é bom, tem a fonte férrea.
62	“O descanso”. Sente que cada vez mais dá valor ao sossego da freguesia. Quando foi para Loulé, “no início como era novidade” não dava muito valor ao sossego de Cachopo. Pensa que o potencial da freguesia não tem sido aproveitado. O essencial é a criação de novos postos de trabalho para as pessoas não saírem de Cachopo. Ficaria a viver em Cachopo se tivesse um trabalho que gostasse. O marido trabalha num restaurante. Mas pensa que não seria viável abrir um estabelecimento comercial pois “isto é um sítio tão pequeno e depois não dava”.
63	A tranquilidade. Não sabe se o potencial da freguesia tem sido bem aproveitado. A biblioteca estava “ali abandonada mas agora já arranjaram”. Existe um museu, uma videoteca. Pensa que nada a faria ficar a viver em Cachopo, “todos os dias não sei”. Já está habituada a viver na cidade.
64	A simpatia “das pessoas do campo”. Pensa que o potencial da freguesia não tem sido bem aproveitado tanto que os jovens acabam por ir embora. Ficaria a viver em Cachopo se as acessibilidades fossem melhores. O percurso para o seu trabalho tornar-se-ia mais fácil. E se tivesse mais formas de ocupar os tempos livres.
65	O melhor é o sossego. Pensa que o potencial da freguesia não tem sido bem aproveitado: “acho que se podia fazer muito mais”. Facilitar a fixação da população residente e tentar atrair pessoas de fora da freguesia. Quer continuar na freguesia porque foi nela que foi criado e porque gosta muito de viver na freguesia.
66	A freguesia tem muito de bom, principalmente as pessoas, mas não tem sido bem aproveitada. Dever-se-ia trabalhar em conjunto. Gostaria que houvesse possibilidades de emprego para que pudesse lá trabalhar.
67	Gastronomia, ambiente, as pessoas, a natureza, o convívio.
68	É uma aldeia grande mas mais calma que a cidade, oferece uma melhor qualidade de vida: “vive-se melhor que na cidade”. As pessoas não sofrem de stress como nas cidades. A gastronomia é boa. Iria para Tavira porque tem a irmã e pensa que poderá ser melhor a nível profissional porque tem mais possibilidades de encontrar um melhor emprego ou fazer um curso profissional de animação ou cozinha. Mas para já não pensa sair de Cachopo.
69	A paisagem, o ar puro, o sossego: “há pouco barulho”. Pensa que o potencial da freguesia tem sido bem aproveitado. No futuro, ficaria a viver em Cachopo se tivesse um emprego que o satisfizesse. Se tivesse uma namorada fora poderia pensar em viver fora de freguesia. Por enquanto quer continuar a viver com os pais.
70	Não existem problemas com a droga, o ar puro, gastronomia, produtos biológicos, charcutaria, natureza,...
71	As pessoas são boas, calma e beleza da terra, mas o que a prende a Cachopo é a família.
72	A amabilidade das pessoas, a gastronomia.
73	Paisagens, gastronomia, convívio das pessoas, nas cidades é diferente, as pessoas não se ajudam umas às outras. Gosta de viver em Cachopo
74	Ar puro, monumentos históricos mal aproveitados, percursos pedestres, gastronomia e doçaria. Gostaria de futuramente viver em Cachopo e dedicar-se á agricultura porque lá há mais sossego e maior qualidade de vida.
75	Paisagem, gastronomia, piscina, jogos de futebol.
76	Natureza, sensação de liberdade, espaço, pessoas acolhedoras, gastronomia e enchidos. Podia-se explorar melhor apostando na qualidade dos produtos. A caça ajuda a desenvolver a freguesia pois se não fosse por isso não haveria esse convívio, trazem a família e fazem almoços, etc. Poder-se-iam criar Reservas Turísticas em que as pessoas que quisessem caçar teriam que pagar. As reservas tratam dos terrenos, criam mini barragens que previne os incêndios.
77	A simpatia da população, “o ar puro”, as relações de vizinhança. Pensa que o potencial da freguesia tem sido bem aproveitado.
78	A simpatia e as relações entre a população, “a convivência das pessoas umas com as outras”.
79	A freguesia tem ar puro, silêncio, boa gastronomia, artesanato, grande capacidade cinégetica, associativismo relevante apesar de pouca actividade, entre outros. Julga que actualmente existem boas possibilidades para se aproveitar o potencial da freguesia, considerando o projecto das aldeias de baixa densidade uma delas. Não é o seu sonho viver entre quatro paredes, rodeada de betão ou pedras de calçada, sem ter a possibilidade de pisar terra, respirar ar puro, desfrutar da calma e sossego, onde é possível ouvir e distinguir o som dos pássaros, no entanto, por enquanto não lhe é possível desfrutar a tempo inteiro das “maravilhas” da freguesia.

Entrevista n°	Pontos Fortes
80	“Os pontos fortes sem duvida é a própria serra, os seus produtos, as pessoas pela sua genuinidade e os costumes serranos raros por outras paragens serranas”.
81	Gastronomia, as pessoas, o ambiente, a natureza. Voltaria a viver em Cachopo se tivesse oportunidade de trabalhar no que gosta de fazer,